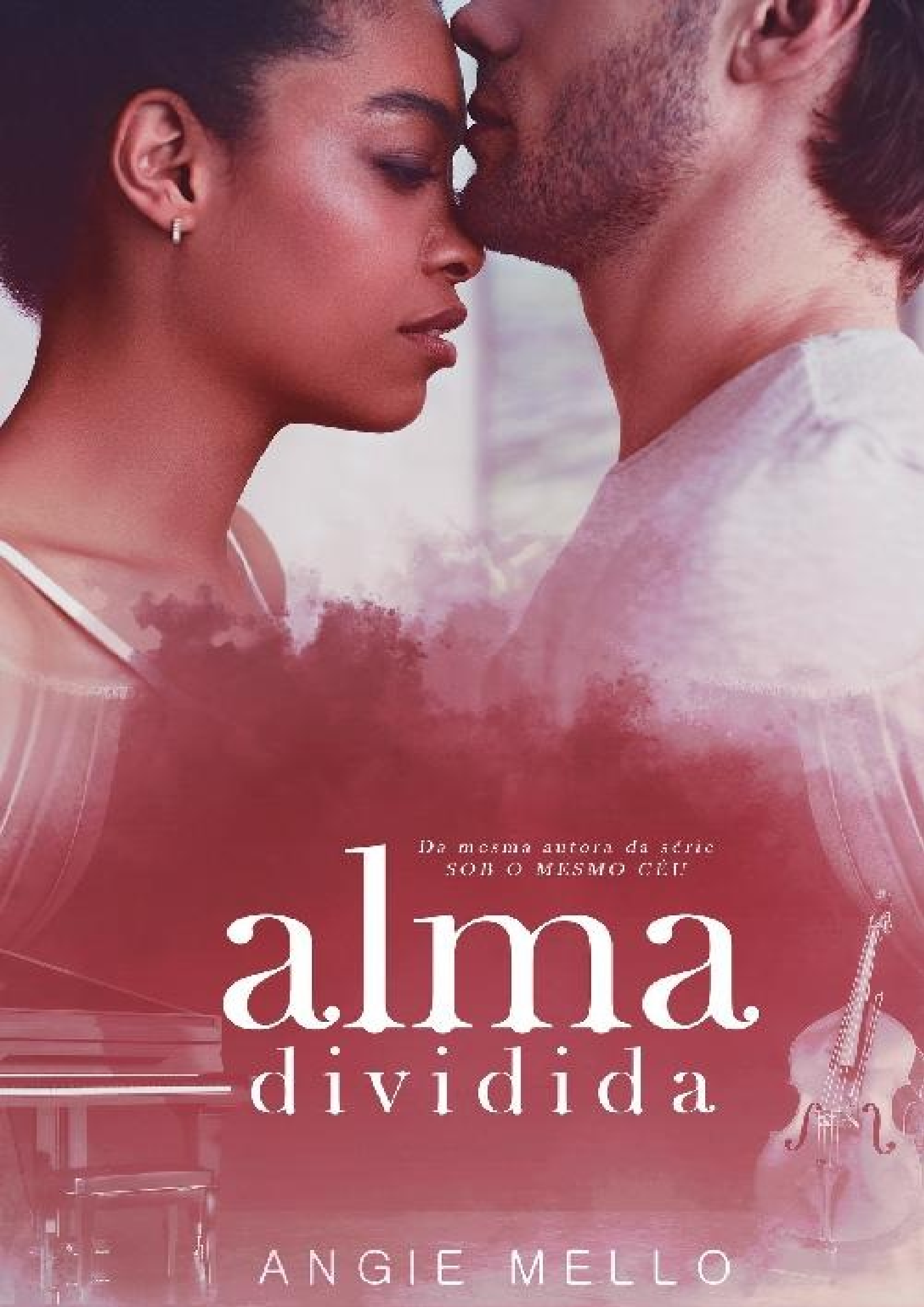




Da mesma autora da série
SOB O MESMO CÉU

alma dividida

ANGIE MELLO



Um Romance de
Angie Mello


alma

 dividida

Outras obras da autora

Amor de Valentina >> goo.gl/5PGirJ

Laços de Pedra >> goo.gl/QtBAKJ

Do que são feitos os sonhos >> <https://amzn.to/2M6MPu5>

Sonhos Enlaçados >> <https://amzn.to/2u9uyVy>

Série Sob o Mesmo Céu

Grant (Volume 1) >> <https://amzn.to/2Xd49n5>

Aaron (Volume 2) >> <https://amzn.to/2Ej6xkO>

Theo (Volume 3) >> <https://amzn.to/2Xa9Fqt>

Leon (Volume 4) >> <https://amzn.to/2Xdj5S1>

Drake (Volume 5) >> <https://amzn.to/2EkG0nk>

Ficha Técnica

1ª Edição. Brasil. 2019



Todos os direitos desta edição são reservados à **ANGELA MARIA DE MÉLO**

E-mail: angelina1071@gmail.com

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Autor: Angie Mello

Título original: Sonhos Enlaçados

Revisão e copidesque: Luhana Andreoli

Capa: L.A. Design de capas

Ilustração: Freepik

1ª EDIÇÃO — ANGELA MARIA DE MÉLO — SÃO PAULO — 2019

Copyright © 2019 Angie Mello

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes — tangíveis ou intangíveis — sem autorização da autora. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº 9.610/98, punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos, são produtos da imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Edição digital – Criado no Brasil

Prefácio

Ainda me lembro da noite em que enviei um vídeo para o WhatsApp da Angie com a mensagem: “Assisti a esse vídeo no YouTube e achei a sua cara, daria para criar um de seus casais inspirado nele”.

Tratava-se de um dueto, uma pianista e um violoncelista, Lola e Hauser. No entanto, a Angie encontrava-se imersa na escrita de *Sonhos Enlaçados* e, apesar de ter gostado do vídeo, não se inspirou.

Um belo dia, porém, para minha surpresa, ela me contou, animada, que tinha começado suas pesquisas para um casal de músicos. Acompanhei seus desafios nessa empreitada, que foram muitos, e ajudei com meus pitacos de revisora até onde me cabia.

Longas foram as nossas conversas sobre os musicistas que popularizaram a música clássica entre o público jovem mesclando-as com o rock e o pop. E inspirando-se nelas, Angie presenteia seus leitores com *Alma Dividida*, um romance lindo, leve e cheio de paixão.

Luhana Andreoli

Agradecimentos

Em primeiro lugar, um muito OBRIGADO aos queridos leitores. Vocês são a razão de eu poder fazer da escrita o meu ofício. E são vocês que me impulsionam a seguir contando histórias. Muito obrigada! De coração!

Uma menção especial às leitoras que acompanharam as postagens desta obra na plataforma gratuita e que comentaram em cada capítulo, tornando-se assim, centenas de leitoras betas.

Agradeço a minha família e meus amigos, que me apoiam e que são minha rede de segurança.

Todos vocês são peças fundamentais nessa minha jornada e sou infinitamente grata por fazerem parte deste meu sonho.

Sinopse

Livro único

Scarlet é uma jovem musicista que, após uma vida de lutas, estudos e sacrifícios, está prestes a realizar seu sonho de menina: ela acaba de ser contratada para acompanhar o **Duo Ulinov** em sua mais recente turnê.

O **Duo Ulinov** adquiriu fama internacional pelo talento inegável e pela proposta musical inovadora, onde mesclam a música clássica, o pop e o rock, arrastando dezenas de milhares de fãs para assistirem aos seus shows pelo mundo.

Tudo estaria perfeito se Dimitri, um dos violoncelistas e o cabeça do grupo, não despertasse em Scarlet sentimentos inesperados e contraditórios.

Entre a tão sonhada carreira de pianista e sua própria segurança, ela se verá obrigada a enfrentar não apenas um passado que a persegue, mas também a paixão avassaladora que nasce entre ela e o músico carismático e de temperamento difícil.

Alma Dividida é um romance intenso, encantador e romântico. Uma história envolvente, emocionante e que conquistará o seu coração.

Da mesma autora de **Amor de Valentina** e da série **Sob o Mesmo Céu**.

***Contém cenas não recomendadas para menores de 18 anos.*

Sumário

[Prefácio](#)

[Agradecimentos](#)

[Sinopse](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Epílogo](#)

[Sobre a autora](#)

[Conheça outros títulos da autora](#)

Capítulo 1

Diante do espelho de corpo inteiro, Scarlet admirou sua figura. Podia ver, através do tecido do minúsculo vestido azul-escuro de paetê, de manga três-quartos, cujo decote nas costas chegava quase à sua cintura, agarrando-se a cada curva do corpo esbelto, que ela não usava calcinha e os seios, naturalmente empinados, dispensavam o uso do sutiã. Sua pele parecia ainda mais fresca e sedosa essa noite. Os cabelos castanho-escuros, volumosos e macios ao toque, chegavam até seus ombros. Tudo isso, aliado à sua beleza natural, faziam-na sentir-se incrivelmente sexy.

Aplicou um pouco do seu perfume favorito nos lóbulos das orelhas e na parte interna dos pulsos. Borrifou uma nuvem dele diante de si e fechou os olhos ao inalar o inebriante aroma de melancia. Notou que, ao se arrumar, seu ânimo aumentava. Quando Camila, sua amiga e com quem dividia o apartamento de dois quartos, a chamou para sair naquela noite, ela não ficou muito empolgada, contudo, a garota insistira tanto que acabou cedendo, afinal, iriam comemorar o aniversário de Jonas, namorado dela, e Scarlet pensou que depois da semana estressante que tivera, uma noitada viria a calhar, e precisava mesmo socializar um pouco.

Há quatro meses, ela tinha colocado um anúncio no mural do shopping próximo ao apartamento quando, após fazer e refazer suas contas, percebeu que seu salário não estava sendo suficiente. O dinheiro acabava, o mês continuava e ela entrava no cheque especial. Com os juros cobrados, Scarlet afundava bem rápido, por isso, duas semanas depois, Camila mudava-se de mala e cuia para o quarto ao lado do seu.

Desviou os pensamentos para a noite, convencendo-se de que ver gente e dançar poderia melhorar seu estado de espírito por algumas horas, pois nos últimos tempos tinha estado mais ansiosa e preocupada que o normal. Recordou-se da audição que fizera durante a semana, onde concorria à vaga de pianista em uma pequena sinfônica e acabou deixando o local, desanimada. Além de estar disputando com vários profissionais com anos de vivência na área, Scarlet não estava cem por cento certa se fazer parte daquela orquestra era o que realmente queria, mas como tinha contas a pagar, não estava em situação de escolher. Já tinha procurado uma colocação em algumas escolas de ballet, soubera de musicais que entraram em cartaz e um que ainda iria estreiar. Chegou a ir até os locais para verificar se poderia se candidatar a uma vaga, mas recebera a informação de que as equipes já estavam fechadas.

Precisava arrumar um novo emprego o mais rápido possível, e tudo o

que sabia fazer bem era tocar piano. Não que Scarlet não gostasse do que fazia, era exatamente o contrário. Amava a música e o piano com todas as suas forças. Passara a maior parte dos seus dezenove anos de vida dentro de um conservatório. Tinha apenas cinco quando se interessou pela música. Na época, ainda nem estava alfabetizada.

A garota do interior de São Paulo, cresceu numa família modesta, de poucas posses, e que frequentava uma igreja evangélica, em cujo altar, entre outros instrumentos, havia um piano. Era dele que vinha o som que animava os cânticos do culto e que a motivou a estudar música. Seus pais levaram-na a um professor que dava aulas em sua própria casa e que era perto de onde moravam e Scarlet aprendeu a ler partituras antes de aprender a ler e escrever as palavras.

Quando ingressou na escola normal, entrou também para uma escola de música e, lá, Scarlet passava de quatro a cinco horas, todos os dias, durante vários anos, tomando lições do instrumento e se aperfeiçoando, até que, após concluir o ensino médio, decidiu, por falta de perspectiva, sair da sua cidade de pouco menos de cento e vinte mil habitantes para se aventurar na capital, contudo, ao chegar, as coisas, nem de longe, foram como imaginou.

Mesmo em uma cidade grande como a capital de São Paulo, as oportunidades para uma musicista eram limitadas e a concorrência, acirrada. E ainda havia a predileção para o profissional do sexo masculino, afinal, desde sempre existira a tradição de que a música clássica era um reduto de homens. Uma tradição machista, mantida por homens e até por algumas mulheres do meio e ainda tinha o fato de ela ser negra. Na hora de informá-la sobre a recusa às poucas vagas as quais conseguia se candidatar, sua cor não estava entre as razões, mas, embora não pudesse dizer com certeza absoluta, imaginava que, em várias ocasiões, sua cor havia sido um fator decisivo, afinal, modéstia à parte, talento e preparo não lhe faltavam.

Diante das dificuldades que encontrou, outra pessoa poderia ter desistido, aceitado o fracasso e voltado para casa com o rabinho entre as pernas, mas não ela. Scarlet possuía uma vontade férrea, era teimosa e orgulhosa, desta maneira, enquanto não conseguia uma oportunidade na área, acabou por aceitar um ou dois empregos não relacionados com a música para poder se manter.

Depois de seis meses da sua chegada, finalmente, Scarlet conseguiu um trabalho para tocar três noites por semana em um piano-bar. O que ganhava mal cobria o básico, mas ao menos era o que ela amava fazer. Porém, agora que o contrato de seis meses findara, sem chance de renovação por conta da crise, conforme foi informada pelo gerente, ela teria que correr atrás de outro emprego, e rápido, uma vez que o que restara em sua conta bancária

dava para sustentá-la por mais um mês.

Em meio a frustração de ver a carreira estagnada, ela sentia que sua vida se tornara monótona e ansiava por sair da rotina, seguir outros rumos. Estava à míngua de um novo horizonte. Talvez o que precisasse mesmo fosse de um bom desafio.

— Então? Como estou? — indagou para a amiga dando uma voltinha no meio da sala.

Ao ouvi-la, Camila levantou o olhar da tela do celular e passou a observar a bela mulher à sua frente.

— Se não fosse minha amiga e gente boa, eu até ficaria com raiva e inveja por você ser tão bonita e ficar sempre bem em qualquer roupa que use — elogiou, um pouco a contragosto, mas Scarlet sabia que ela só dizia isso para provocar.

— Exagerada! Então quer dizer que estou bem? — insistiu, só para devolver a provocação, e a viu torcer a boca, contrariada.

— E você ainda pergunta? O que foi que eu acabei de falar? — Scarlet fez uma careta e mostrou a língua para a amiga. — Isso é mesmo muito maduro da sua parte, Scar! — criticou Camila, levantando-se. — Terminou? Já estamos atrasadas. Fiquei de encontrar com o Jonas às onze, e só faltam quinze minutos.

— Relaxa! — disse Scarlet, dando uma última ajeitada nas laterais dos cabelos. — Todo mundo sabe que as baladas começam a bombar depois da meia-noite. — Passou a alça transversal da bolsinha de couro pela cabeça e ombro. — Pronto, agora podemos ir — concluiu com um sorriso enquanto seguia a amiga ranzinza, e logo ambas deixavam o apartamento.

Horas mais tarde, naquela mesma noite, a boate ainda encontrava-se lotada e a música tocava no volume máximo pelo DJ do momento. Scarlet tomou o último gole de sua bebida, colocou o copo sobre o balcão e caminhou em direção à saída. Pediu licença e foi se enfiando no meio da multidão, esbarrando em uns e sendo empurrada por outros, mas, no fim, conseguiu chegar ao seu destino.

Ela gostava de festas, comemorações e baladas, mas algumas vezes, como naquela noite, tudo o que mais queria era sossego e poder ouvir os próprios pensamentos. Desejava chegar em casa, tomar um banho relaxante, colocar seu pijama favorito, deitar em sua cama e se enroscar nos lençóis recém-lavados e com cheirinho de lavanda.

Alcançou o ar livre sentindo a brisa gostosa tocar seu rosto, um

verdadeiro bálsamo depois do ar denso e viciado do ambiente fechado de onde acabara de sair. Parou por alguns instantes, a fim de observar o céu limpo e estrelado. A madrugada estava linda. Fez um gesto de despedida para o segurança e andou em direção ao estacionamento, parando ao lado de seu carrinho popular. Nem se despedira de Camila, que se encontrava envolvida numa conversa em uma rodinha com mais três pessoas, uma garota de uns vinte anos e dois rapazes. Um deles chamou sua atenção, contudo, daquela distância, Scarlet distinguia pouco do homem em si, exceto que possuía uma compleição musculosa, quadris estreitos e ombros largos. Embora não pudesse ver suas feições, algo nele mexera com ela.

Ignorou o sentimento novo e resolveu ir embora. Do jeito que Camila se pendurava no pescoço do namorado, dificilmente notaria sua partida.

Passava das três e meia da madrugada e Scarlet encontrava-se de banho tomado, metida dentro de um pijama e prestes a deitar em sua querida cama. Afofava o travesseiro quando ouviu o som característico da chave girando na fechadura da porta de entrada. Levantou-se e chegou à sala, amarrando o cinto do robe que pegara aos pés da cama antes de deixar o quarto, a tempo de ver Camila entrar e se jogar no sofá, onde tirou os sapatos de saltos altos, passando a esfregar os dedos dos pés sem ocultar o alívio que o gesto lhe dava.

— Ué, o que você está fazendo aqui? — indagou Scarlet, intrigada.

Camila ergueu a cabeça e olhou para ela sem parar o que fazia.

— Eu vivo aqui, esqueceu? — questionou e encarou a amiga com estranheza. — Que raio de pergunta é essa?

— Ei, para de bancar a boba! Eu sei disso. É que eu pensei que você fosse passar a noite com o Jonas — esclareceu Scarlet.

O rosto de Camila se iluminou.

— Ah, tá! Ele foi dormir na casa dos pais. A família dele vai pegar a estrada para Poá cedinho e o Jonas prometeu para a mãe que ia com eles dessa vez.

Confusa, Scarlet parou para refletir por um instante.

— Poá? O que tem em Poá? Pensei que eles fossem daqui mesmo.

— O Jonas nasceu aqui, mas a família é do interior e estão indo visitar o avô dele, que mora com uma tia e não anda muito bem de saúde.

— Entendi. Então eu vou voltar para a minha cama. Boa noite.

Scarlet virou-se e começou a andar, mas se deteve quando ouviu a

amiga.

— Eu não te vi sair da boate... Se tivesse ficado, teria conhecido um amigo do Jonas. Dizem que é o suprasumo do violoncelo. Ele contou que a pianista que o acompanharia numa turnê pela Europa precisou voltar às pressas para a cidade dela. Parece que o pai sofreu um infarto, ou um derrame, não entendi direito. Bem, agora ele está procurando alguém para substituí-la.

— Nossa, que triste... — Scarlet se condoeu. Havia passado por algo parecido quando seu próprio pai havia sofrido um acidente vascular cerebral no ano anterior. Por sorte, ele se recuperou logo e não ficou com sequelas.

— Triste mesmo. — Camila bateu com o salto do sapato na palma da mão, pensativa. De súbito, seu rosto se iluminou como o céu na noite de Ano Novo. — Olha aí! — exclamou, animada, e agora apontava com o sapato na direção dela. — Você não comentou que queria fazer algo diferente? Essa pode ser a sua oportunidade. Por que não se candidata à vaga?

Scarlet pensou por alguns instantes sobre o que ouvira. Por que não? O que tinha a perder?

— Hum, isso me parece interessante, mas, antes, defina “*algo diferente*” — pediu, indo sentar-se ao lado de Camila no sofá, preparando-se para escutar o que a amiga ouvira sobre o tal violoncelista e sua turnê.

Capítulo 2

Semanas depois

— Eu fui uma das escolhidas? Ai! Que maravilha! Estou tão feliz! — exclamou Scarlet, agitada. *Até que enfim um pouco de sorte*, pensou, dando pulinhos sem sair do lugar. Não conseguia descrever o sentimento de alívio e alegria que faziam a ansiedade e a agonia que sentira enquanto aguardava por uma resposta, desaparecerem em um passe de mágica.

— Isso mesmo, você está entre as quatro finalistas — confirmou Micaela Moreira, a assistente do diretor artístico e responsável pela organização das apresentações. — E tem uma segunda audição marcada para o próximo sábado. Esteja aqui às oito da manhã em ponto. Como eu te avisei antes, o senhor Alberto é totalmente intolerante quanto a atrasos. Tolerância zero!

— Entendi. Eu estarei aí no horário. Prometo! — assegurou Scarlet, sem conseguir frear o entusiasmo.

— E antes que eu me esqueça, preciso dizer que essa apresentação será na presença do senhor Dimitri Ulinov. Ele tem a palavra final, portanto, venha disposta e preparada para impressioná-lo. Já sabe, não é? Uma das músicas deverá ser clássica, e a outra, rock ou pop. Vou te enviar a segunda lista de sugestões por e-mail, ou, se preferir, você pode escolher as que vai apresentar. Fica a seu critério. Mas, pelo que eu soube, você arrasou na primeira audição. Mesmo o senhor Alberto, criterioso e reservado do jeito que é, admitiu que ficou maravilhado com a sua técnica e encantado com a emoção que você colocou na apresentação. Palavras dele.

Scarlet foi capaz de ouvir o som de uma risada do outro lado da linha assim que Micaela terminou de falar. Imaginou a mulher jogando a cabeça para trás, fazendo a massa de cabelos lisos e longos moverem-se por suas costas. Notara assim que se conheceram que o riso vinha fácil nela. E se deram bem logo de cara.

No dia em que se inscrevera, ficara sabendo que o estilo que o tal Ulinov estava propondo era conhecido como *Cello Rock* ou *Cello Metal*, um subgênero do [Heavy Metal](#) e do [Metal Sinfônico](#), cujo principal [instrumento musical](#) era o [violoncelo](#), e quase sempre [amplificado](#). Ela já ouvira falar e até assistira vídeos de algumas bandas na internet.

Cello Rock não era algo recente, inclusive uma das bandas mais antigas a tocar esse estilo fora fundada no início dos anos 1990, contudo, não apareciam muito na mídia. Possuíam um público cativo, mas a popularidade

era de baixa para média. Talvez o que Ulinov queria era popularizar mais o instrumento, aproveitando o fato de ser um violoncelista famoso, já ter seu próprio público e ser um roqueiro assumido. É claro que os clássicos seriam tocados, mas intercalados com o pop e o rock contemporâneo.

Na primeira apresentação, Scarlet tocou *Rhapsody In Blue*, de Gershwin e o tema de Mia e Sebastian no filme *La La Land*. Para a próxima, ela planejava tocar *Moonlight*, a sonata para piano nº 12 de [Beethoven](#), também conhecida como *Sonata ao Luar*, que recebeu esse apelido em 1832, cinco anos após a morte do famoso compositor, quando o crítico Rellstab comparou a música a um luar junto ao Lago Lucerna, na Suíça. Junto a ela, emendaria com a música *November Rain*, um clássico da banda Guns N'Roses.

Sentiu um friozinho na barriga por conta da advertência de Micaela, mas estava feliz demais para se deixar contaminar por um sentimento inoportuno de insegurança. Tinha consciência do seu talento e de que todos aqueles anos de preparação e estudos não haviam sido em vão, pelo contrário. De qualquer maneira, a prova de fogo seria no sábado, teria três dias para se preparar. Era tudo ou nada. Já participara de várias audições antes, contudo, essa seria a de maior importância na sua, ainda curta, carreira profissional. Uma turnê pela Europa com um violoncelista famoso era uma oportunidade única. Precisava ser a escolhida.

Suspirou, sentindo o peso da responsabilidade sobre os ombros, e procurou conter a ansiedade, pois não via a hora de o tempo passar. Planejava ensaiar muito nos dois primeiros dias e relaxar um pouco no terceiro.

— Ok, pode deixar! Eu vou me preparar e dar o meu melhor. Obrigada, senhorita Micaela.

— Já te falei que você pode me chamar só de Micaela ou Mikki, Scarlet. Bem, nesse caso, eu só posso te desejar boa sorte. Nós nos vemos no sábado — a assistente despediu-se, e Scarlet levou alguns segundos para sair do transe em que se encontrava, mesmo após a chamada ter sido cortada.

Primeira fase concluída com sucesso, pensou, mal podendo acreditar que tinha conseguido passar para a segunda e última fase.

— Cami? — chamou, cruzando a sala e indo até seu quarto. Deu uma batidinha na porta e entrou sem esperar por uma resposta. Aproximou-se da cama e viu que a amiga ainda dormia, mesmo assim, colocou uma mão em seu ombro e começou a sacudi-la. Camila resmungou e virou-se para o outro lado, cobrindo a cabeça com o lençol, tentando livrar-se da mão que a balançava. — Cami! Acorda! — insistiu.

— O que foi? — indagou Camila, a voz rouca e abafada pelo travesseiro.

— Vamos, acorda! Preciso falar com você.

— Ah, me deixa dormir! — choramingou.

— Vai ser rapidinho. Prometo!

Com um gemido de rendição, Camila se virou para o lado da amiga, tirando o lençol do rosto com um gesto brusco e impaciente. Suspirando, falou:

— Está bem! Você venceu! Já estou acordada! O que foi? O mundo está acabando, por acaso?

— Nossa! Que mau humor! — provocou Scarlet.

— O que você esperava? Fui dormir às quatro da manhã, e agora são... — Camila esticou o braço para ver as horas no celular que estava em cima da mesinha de cabeceira. — Oito horas da manhã?! — Deixou a cabeça cair novamente no travesseiro, gemendo de frustração. — É praticamente de madrugada, Scarlet! Aliás, o que está fazendo acordada? Você é pior do que eu, só levanta depois do almoço.

— O toque do celular me acordou. É isso que eu quero contar para você. Eu passei! — anunciou Scarlet, sem conter a alegria.

Camila enrugou a testa, olhando para a amiga com cara de quem não fazia a menor ideia do que ela estava falando.

— Hã?! Passou onde, criatura?

— A Micaela, assistente do diretor de arte, acabou de me ligar. Estou falando da audição para a vaga de pianista na turnê do Ulinov, Cami! Sou uma das finalistas!

— Uau, você é boa mesmo! — Camila exclamou, boquiaberta. — Meus parabéns! Precisamos comemorar e vai ser esta noite! — determinou, entusiasmada.

Pesarosa, Scarlet fez um sinal negativo com a cabeça.

— Eu bem que queria, mas não vai dar. A audição é no sábado de manhã. Tenho pouco tempo para ensaiar. — Viu o sorriso da amiga murchar até se tornar um bico. — Nada disso! Faz o favor de desamarrar essa tromba. Nós vamos comemorar quando eu conseguir a vaga. Aí, a gente enche a cara. Prometo!

— Está certo. É melhor mesmo não comemorar antes da hora.

Mudando de humor com uma velocidade incrível, Camila soltou uma gargalhada diante da expressão de indignação da amiga.

— Caramba! Bom saber que você confia no meu taco e torce por mim! — reclamou Scarlet, chateada.

— Que boba! Estou só brincando, mas foi você mesma que disse que era melhor esperar. Relaxa, vai conseguir, e nós vamos tomar todas na comemoração — finalizou Camila, ainda rindo e esfregando as mãos uma na outra.

Na manhã de sábado, a chuva resolveu apertar justo no momento em que Scarlet colocou o pé na calçada, a cerca de cem metros do teatro onde faria a segunda audição. Apressou o passo e tentou se proteger sob as marquises dos prédios.

Estava quase chegando quando, de repente, um carro passou perto demais da guia do asfalto, bem do seu lado. Num instante, Scarlet soube o que ia acontecer, mas não tinha para onde correr. Mal teve tempo de colocar a bolsa diante do rosto no exato momento em que a roda traseira passava sobre a poça, espirrando água para todo lado. Viu o automóvel indo embora rápido e a deixando para trás, molhada dos pés à cabeça. Só conseguiu proteger o rosto e os cabelos.

— Merda! Bosta! Merda! Bosta de novo! — xingou em voz alta, balançando as mãos ao lado do corpo para se livrar do excesso de água. Nem queria pensar no estrago que os respingos fizeram em suas roupas.

Para aquela audição, ela optara por um visual clássico e profissional. Escolhera um elegante terninho rosa com blazer acinturado e de corte moderno, uma blusa branca de malha fria por baixo e, nos pés, um par de sandálias de tirinhas e saltos altos. Uma bolsa grande de couro branco, um colar de duas voltas e um par de brincos de prata compunham o visual.

— Que filho de uma... — Emputecida, Scarlet reprimiu o xingamento mordendo a ponta da língua, contudo, não conseguiu evitar mostrar o dedo do meio e fazer cara feia na direção do carro. Conseguiu ver o rosto do homem quando este girou a cabeça rapidamente na direção dela. Indignada, observou o Lexus preto sumir dentro do estacionamento subterrâneo do mesmo prédio em que estava prestes a entrar.

Pouco depois, Scarlet adentrava pingando no saguão, os pés escorregando dentro das sandálias molhadas. Sem a menor condição de se apresentar do jeito que estava, dirigiu-se ao local onde ficavam os banheiros. Precisava tentar reparar os danos que a água havia causado à sua aparência.

De pé, de frente para a pia, ela olhou para o próprio reflexo no

espelho. A maquiagem que fizera com todo cuidado estava arruinada, e os olhos estavam vermelhos por conta de algumas lágrimas de pura raiva e frustração que soltara. Chorara não só pela sua aparência, mas por tudo que vinha acontecendo em sua vida. Aquele banho na calçada havia sido a gota d'água. Sorriu sem humor do trocadilho fora de hora. Seria engraçado, se não fosse trágico. Estava colocando todas as suas fichas naquela audição.

Puxou várias folhas de papel toalha de um suporte afixado na parede e passou a retirar o resto do batom e a se secar como podia. Para sua sorte, a cor clara da roupa disfarçava um pouco a umidade. A blusa não fora atingida, e só as pontas dos cabelos volumosos e cacheados estavam molhadas. Vasculhou o interior da bolsa à procura do estojo de maquiagem. Retocou o batom e o blush, pois não tinha tempo para fazer mais do que isso, e dando uma última olhada na sua imagem, colocou tudo de volta na bolsa, amassou e jogou os papéis usados no lixinho ao lado da pia e deixou o local, apressada.

Passava das oito da manhã quando, finalmente, Scarlet entrou na saleta onde deveria esperar. Olhou ao redor e viu duas outras pianistas aguardando a vez de se apresentarem. Sabia disso porque as tinha visto no dia da audição anterior. Nem teve tempo de se sentar e um homem magro, de aparência austera e no início da casa dos cinquenta anos, juntou-se a elas. Scarlet o reconheceu. Era Alberto Menezes, o diretor artístico e responsável pela primeira seleção. Fora com ele que ela fizera o primeiro teste, agora retornava para o segundo, e este último seria na presença do seu futuro empregador, caso obtivesse a vaga.

— Senhorita Pires! Pelo que vejo, decidiu nos agradecer com sua presença — ironizou Alberto, tocando com uma das mãos a gravata borboleta.

Agradar? Em que século essa pessoa pensa que vive?

Scarlet respirou fundo, clareou a garganta e andou até ele, preparando-se para se explicar:

— Senhor Menezes, eu sinto muito pelo meu atraso, mas tive um contratempo...

Porém, o homem não estava nem um pouco disposto a escutar e foi logo cortando-a, sem o menor remorso.

— Por favor, não é necessário que prossiga. Seu nome já foi chamado, mas como a senhorita não se encontrava, iniciamos os trabalhos com o nome seguinte da lista. Pagamos este espaço por hora e não podemos tolerar atrasos. Perdeu sua chance. Eu sinto muito.

Mentiroso! Esse empertigado de uma figa não sente muito coisa nenhuma! Scarlet sentia que ele não tinha ido com a sua cara desde o primeiro

momento em que se viram, e isso não era nada bom. Tinha sido só uma sensação, contudo, era forte demais para ser ignorada. *Droga! Droga! Droga!*, praguejou. *Eles não podiam ter feito isso por ordem alfabética, como na escola? Ser uma das últimas na lista de chamada seria útil ao menos uma vez na vida. Que dia! Pior que isso não pode ficar. Ou pode?*, perguntou-se, inconformada com sua falta de sorte.

— Eu entendo que alugam por hora, mas perder minha chance só por causa de dez minutos? Não me parece justo. Por favor, reconsidere! Eu preciso muito me apresentar, e tenho uma boa justificativa para o meu atraso — insistiu Scarlet, sentindo um temor crescente por ver sua oportunidade, a esperança de dar um salto na carreira, esvaindo-se diante de seus olhos.

O senhor Menezes a olhou de cima, apertando os lábios finos em desagrado e parecendo possuir um rei na barriga. Seu ar superior a fez sentir o gosto amargo do asco, mas o pior ainda estava por vir.

— Senhorita, eu prezo muito pela pontualidade e não costumo abrir exceções. Faça uma vez e acaba se tornando rotina — decretou Alberto num tom de voz solene e monótono.

Scarlet tentou a muito custo controlar seu mau gênio, embora isso não fosse uma tarefa fácil. Um temperamento explosivo a perseguia desde a infância e parecia não querer abandoná-la nunca.

— Como pode ser tão inflexível? O senhor viu que o mundo está desabando lá fora? Eu me atrasei por conta de um...

Ele levantou a mão, interrompendo-a mais uma vez e a deixando com a palavra na boca.

— Eu vi, mas não considero a chuva uma justificativa para o seu atraso.

Scarlet bufou, sentindo que perdia a paciência. Aquilo estava cheirando a desculpa esfarrapada. Seu sangue subiu e o rubor se espalhou por seu rosto pelo constrangimento da situação.

— Perder a chance de me apresentar por causa de um atraso de dez minutos e por algo que nem foi culpa minha, e sim de um motorista descuidado?! É injusto! Eu não mereço! — desabafou, irritada.

De repente, os dois pares de olhos femininos, que até então estavam sobre ela e o diretor, se desviaram para a porta que acabara de ser aberta. Scarlet observou as expressões das duas mulheres mudarem de curiosas para deslumbradas. Ainda se perguntava qual seria a razão da súbita transformação quando o “motivo” se pronunciou logo atrás dela.

— Alberto, eu te avisei que tenho um compromisso importante esta tarde, e ainda temos três audições. — O dono da voz pareceu hesitar por um instante. — Você pode me dizer o que está acontecendo aqui?

Scarlet viu o homenzinho irascível e afetado esticar o pescoço e olhar por cima do seu ombro. Curiosa, ela se virou para ver quem era o dono da voz que tivera o poder de arrepiar os pelinhos de sua nuca. Um lampejo de reconhecimento passou por seu rosto no instante em que encontrou um par de olhos castanho-esverdeados com pontinhos dourados. Seus próprios olhos arregalaram-se e o coração quase saiu pela boca. Reagindo por instinto, Scarlet trincou a mandíbula, apertou os lábios e encarou-o, mal podendo acreditar que estava diante do filho da mãe descuidado responsável pelo seu atraso.

— Foi você! — acusou, colocando o dedo na cara do desconhecido. — A culpa é sua! E não adianta me olhar desse jeito, porque eu tenho certeza de que foi você que enfiou a roda do carro naquela poça e me molhou inteira! — emendou diante do ar de surpresa do sujeito.

Surpreendido, tanto pela acusação quanto pelo rompante da moça, Alberto lhe dirigiu um olhar de repreensão.

— O que está dizendo não é possível! O Dimitri nem veio de carro hoje, e ele é — começou a dizer, contudo, foi prontamente cortado por uma Scarlet irritada.

— Culpado por eu ter perdido a chance de me apresentar! — concluiu ela, bufando e batendo o pé.

— Mas como...? — Alberto levou o olhar para Dimitri e tratou de tentar, mais uma vez, esclarecer a situação, porém, Scarlet estava tão brava que sequer ouvia o que saía da boca do homenzinho.

Dimitri fez um gesto com a mão, pedindo que Alberto se acalmasse ao vê-lo ficar vermelho por ter sido interrompido pela segunda vez. Dirigiu o olhar para a mulher exaltada e tratou de chamar sua atenção para si.

— Senhorita...?

— Scarlet. Meu nome é Scarlet — repetiu ela, nervosa e com os braços cruzados sobre o peito.

— Creio que está havendo um engano aqui. — A voz profunda e grossa ecoou pela pequena sala, a mesma que fizera sua pele se arrepiar há apenas alguns minutos.

Scarlet fixou os olhos nele e, mesmo irritada como estava, não pôde deixar de notar as maçãs altas do rosto largo e anguloso, o nariz um pouco

largo na ponta e que lhe conferia personalidade à sua fisionomia, o maxilar forte e quadrado, e o queixo levemente pontudo, um sinal claro de determinação e teimosia.

Foco, Scarlet, foco!, recomendou-se, pensando que, com certeza, aquele cara faria sucesso como ator, pois a expressão confusa com a qual ele a encarava parecia tão genuína que ela quase titubeou.

— Não houve engano nenhum! Eu não sou cega, nem preciso de óculos. Era você dirigindo aquele carro enorme que, agora, eu não consigo lembrar o modelo, mas eu o vi entrar na garagem subterrânea deste prédio!

Dimitri, que até então não havia entendido o que estava acontecendo, deixou escapar um suspiro ao descobrir do que se tratava, porém, antes que pudesse começar a falar, ouviu a voz do irmão, vinda do corredor, e, segundos depois, o viu colocar metade do corpo no vão da porta.

— Que porra, Dimitri! Me pediu para esperar, porque estaria de volta em cinco minutos, mas já se passaram vinte e você ainda está aqui! Eu só preciso que você faça a merda da transferência da grana para a minha conta, para eu dar o fora!

Diante da cena, Scarlet abriu a boca e arregalou os olhos.

Isso não está acontecendo! São dois deles, e iguaizinhos? Que merda é essa? Eu nem bebi e já estou vendo em dobro? – perguntou-se, abalada.

— Tem dois de vocês... — balbuciou, levando o olhar de um para o outro e ao perceber o que de fato acontecia. Tinha acabado de dar uma bronca federal no homem errado. Mas como ela podia saber que ele tinha um irmão gêmeo idêntico? — Eu... eu... — tentou falar, porém, era como se estivesse com a língua presa.

Dennis desatou a rir da gagueira e da expressão de Scarlet, que logo se controlou o suficiente para admoestá-lo.

— Está rindo do quê? Isso não tem a menor graça!

— Ah, sim, tem! — retrucou ele, balançando a cabeça e rindo.

Que cara mais babaca!, xingou a musicista, mentalmente.

— É um engano totalmente plausível, e se não foi ele, foi você! — A cada instante que passava, Scarlet ficava mais irritada.

Dennis apontou para si mesmo.

— O que foi que eu fiz? — indagou, fazendo cara de injustiçado. — Acabo de chegar, e seja qual for a acusação, eu sou inocente. Eu juro.

Scarlet o fuzilou com os olhos.

— Engraçadinho! Agora vai me dizer que existe um terceiro igual a vocês dois... — comentou, sarcástica. E foi então que Dimitri resolveu intervir. Aquela discussão sem sentido estava indo longe demais, e ele não tinha tempo a perder. Procurou ver as horas no relógio de pulso e brindou os dois com um olhar duro.

— Ok. Já chega. Vamos sair daqui e esclarecer esse equívoco na outra sala — decretou, apertando a testa com dois dedos, prevendo que uma dor de cabeça se aproximava. — Alberto, por favor, peça desculpas para as demais candidatas. Teremos que atrasar as audições em alguns minutos — instruiu, saindo da sala e esperando ser seguido pelo irmão e pela garota linda, mas tão brava quanto uma gata selvagem.

Scarlet deu de ombros, fingindo indiferença.

— Eu não vou com vocês para lugar nenhum! Já perdi minha chance mesmo, não tenho mais nada a fazer aqui. — degastada e constrangida pelo engano, ela se dirigiu à porta, embora soubesse que sua parcela de culpa fosse mínima, mas ainda assim, ficara chateada por ter se precipitado e tê-lo atacado sem lhe dar chance de se defender.

Dimitri estacou e lhe dirigiu um olhar indagador.

— Quem disse que você perdeu?

— O seu diretor artístico. Por quê? — Scarlet piscou, confusa. *Ai, ai, meu Pai! Será que nem tudo está perdido?*, perguntou-se, olhando-o, esperançosa.

— Só me dê um minuto — Dimitri afastou-se alguns metros, a fim de conversar a sós com Alberto. Não demorou muito para os dois estarem de volta.

— Eu não deveria, ainda mais depois desse escândalo todo, mas vou abrir uma exceção, afinal, eu sempre procuro ser justo, e considero que a culpa não foi sua. Bem, você terá sua chance de se apresentar. Isso se ainda estiver interessada, é claro.

Scarlet sentiu um baque no coração, seu rosto se iluminou e um sorriso se abriu.

— Se estou interessada? Nossa! É claro que estou! E me sinto tão feliz que seria capaz de beijá-lo. — Foi só depois que as palavras escaparam que Scarlet percebeu o que dissera. — Esquece o que eu falei, me empolguei — *e, pelo jeito, hoje é o dia do “não posso ver uma vergonha que já quero passar”* — emendou em pensamento, sentindo o rosto fervendo e desejou que

ali tivesse um buraco onde ela pudesse se enfiar.

Dimitri balançou a cabeça e, embora tentasse ocultar por trás de uma expressão séria e sisuda, o divertimento que a situação o fazia sentir — esse tipo de confusão já acontecera muitas vezes antes, devido à irreverência do irmão, portanto, estava acostumado —, foi incapaz de evitar que este chegasse aos olhos, mas logo se recompôs. Scarlet viu a frieza anterior retornar. *Uma pena*, pensou ela, ainda sem jeito.

Depois de alguns segundos constrangedores, Dimitri quebrou o silêncio:

— Bem, agora que está tudo esclarecido, podemos continuar. Alberto, chame a próxima candidata — comandou, virando-se, porém, estacou e como se tivesse lembrado de algo, voltou a girar o corpo e pousar o olhar sobre ela — Ah, a senhorita Scarlet será a última. Não é justo com as outras, que chegaram no horário, que ela passe na frente.

Scarlet abriu a boca para protestar, mas fechou-a quando o encarou. Pelo olhar de advertência e pela expressão de Dimitri, percebeu que não adiantaria discutir. Melhor mantê-la fechada, vai que o homem resolvesse mudar de ideia e com a sorte que estava, era melhor não arriscar.

— Está bem. Ficarei aqui, quietinha, esperando a minha vez.

Dimitri meneou a cabeça, consentindo.

— Alberto, estarei no auditório. Dennis?

— Fala, irmãozinho!

— Eu não sou seu *irmãozinho*. Já esqueceu que sou o mais velho?

Dennis torceu a boca, demonstrando um profundo desagrado.

— Por meros quinze minutos — respondeu, mastigando as palavras.

Dimitri não estava nem aí para quem tinha nascido primeiro, mas o irmão sim, e gostava de contradizê-lo, pois sabia que o irritava. Sempre que podia, ele o fazia. Era como uma pequena vingança pelas situações constrangedoras em que Dennis o colocava, aproveitando-se do fato de serem gêmeos. Era assim desde crianças, e Dennis seguia sendo o imaturo, um eterno *Peter Pan*, recusando-se a crescer, e, pelo que Dimitri podia ver, o irmão não parecia ter a menor intenção de mudar.

— Que seja! Mas, ainda assim, eu sou o mais velho. Agora, peça desculpas para a moça — comandou Dimitri, sério. Entre os dois, dava para notar só de olhar quem liderava e quem seguia.

Dennis empertigou-se, abespinhado, olhando para o irmão com cara

de poucos amigos – provavelmente, se perguntando se Dimitri tinha perdido o juízo.

Pelo jeito, esse não faz o tipo que se desculpa com facilidade e leva tudo na brincadeira..., deduziu Scarlet, abrindo a boca para dizer que não precisava, mas mudando de ideia a seguir, afinal, por pouco não perdeu a chance de se apresentar, e ele ainda teve a cara de pau de negar o que havia feito.

— Peça desculpas e não faz essa cara de que não sabe do que estou falando. A mim, você não engana. E anda logo, porque não temos o dia todo.

— Como quiser, *irmãozinho!* — provocou Dennis.

Dimitri dirigiu um olhar ameaçador para o irmão.

— Se me chamar assim de novo, vai levar a porrada que está pedindo. Quer parar de gracinha e andar logo? — exigiu, perdendo a pouca paciência que lhe restava.

Olhando-a diretamente nos olhos e com um sorriso zombeteiro nos lábios, Dennis fez uma medida na frente da moça. Scarlet mastigou um sorriso, pois o filho da mãe, além de bonito, era uma figura.

— Minhas sinceras desculpas, Scarlet. Eu não tive a intenção de te molhar — disse ele, medindo-a de cima a baixo. — Pelo contrário, se eu tivesse visto você e imaginado que estava vindo para cá, eu teria te oferecido uma carona e...

De cara fechada, Dimitri interveio outra vez.

— Já é o suficiente. Eu acho que ela não está interessada no que você teria feito ou não. E agora que o mal-entendido foi devidamente esclarecido, precisamos ter uma conversinha sobre aquela transferência para a sua conta. Com licença — pediu, virando-se e pegando o caminho até o palco.

— A gente se vê depois, Scarlet — despediu-se Dennis, piscando e sorrindo descaradamente para ela.

Dimitri puxou o irmão e colocando uma mão grande no meio de suas costas, incentivou-o a andar mais rápido.

Uma hora depois, a mais longa da vida de Scarlet, diga-se de passagem, chegou à sua vez de se apresentar. Ao ouvir chamarem o seu nome, ela deixou a saleta e atravessou o pequeno corredor. Notou que a conversa sussurrada cessou assim que a viram aparecer e subir no palco. Tentando demonstrar uma segurança maior do que de fato sentia, ela se aproximou e se sentou no banquinho preto em frente ao piano.

Naquele curto espaço de tempo, enquanto caminhava, um filme passou pela sua cabeça: as imagens da mãe corrigindo provas e trabalhos dos seus alunos até de madrugada, pegando aulas de reforço, fazendo bicos nos fins de semana, enfim, se matando de trabalhar; recordou-se do pai, pegando cargas e percorrendo trechos extras, chegando a ficar semanas longe de casa, e tudo isso para poderem conseguir dinheiro suficiente para a manutenção da casa e para pagar a mensalidade da escola de música que ela frequentava. Foram muitos os sacrifícios feitos por eles enquanto ela crescia, tudo para que a filha tivesse a chance de perseguir o sonho de se tornar uma pianista famosa.

E eu me tornei uma pianista. E das boas!, reafirmou para si mesma, sem falsa modéstia. *Só não sou famosa. Ainda!*

Um brilho de orgulho passou por seus olhos e um pequeno sorriso surgiu em seus lábios. Estufou o peito, colocando suas esperanças e futuro nas pontas dos dedos. Inspirou o ar denso do teatro, ele pareceu quente e difícil de tragar. De olhos fechados, sentiu como se sua alma fosse sair do corpo. Voltou a abrir os olhos e notou que Dimitri olhava diretamente para ela, enquanto Dennis checava algo no celular e o diretor artístico consultava o relógio de pulso.

Você tem que conseguir!, uma voz vibrou dentro dela, mas o silêncio ao redor era ensurdecedor, sendo apenas cortado pela sua respiração ofegante e pelas batidas fortes do coração, que faziam a veia em seu pescoço pulsar, e ela podia jurar que era possível serem ouvidos do lado de fora.

— Bom dia. — Sua voz levemente rouca e suave ecoou pelo teatro vazio, com exceção dos três homens que aguardavam sentados na primeira fila. — Hoje eu vou tocar *Sonata ao Luar*, de Beethoven, e, em seguida, *November Rain*, da banda Guns ‘N Roses. — Não precisava dizer, pois Dimitri e Alberto já haviam sido informados de suas escolhas, mas gostava de anunciar o que estava prestes a tocar. Fez uma pausa, olhando para baixo e traçando suavemente as pontas dos dedos longos sobre as teclas de marfim. — Obrigada por esta oportunidade — agradeceu e deu uma respiração profunda antes de começar a tocar.

Em um segundo, as primeiras notas da música ecoaram pelo ar e Scarlet pareceu entrar em transe. Sua expressão e linguagem corporal mudaram, permitindo que o som da música tomasse conta de seu corpo e a transportasse para outra dimensão. Durante aqueles minutos mágicos, Scarlet vivia, respirava e absorvia cada nota, os ouvidos sensíveis a cada acorde. Possuía uma técnica considerada por seus professores como sendo única, e seu diferencial eram a entrega e a paixão inegável que deixava fluir enquanto tocava. Havia algo de doce e sexy no movimento dos dedos sobre as teclas,

no modo como fechava os olhos, movia o tronco e a cabeça ao sentir a música.

— Ela é boa — opinou Dimitri, pensativo, enquanto fazia anotações num caderninho, com a letra “d”, em maiúscula e estilizada, na cor dourada e bem ao centro da capa de couro marrom.

— De fato — concordou Alberto, mantendo uma expressão neutra e circunspecta no rosto.

Dennis olhou descrente para os dois.

— Boa? Ela é muito mais que boa! Para o que você quer fazer, a Scarlet é perfeita, Dimitri. É linda, apaixonada, tem presença de palco, e dá para perceber que se transporta quando interpreta a música — disse, com genuína admiração.

— Tenho que concordar com você. Sei bem como é essa sensação — admitiu o mais velho dos gêmeos Ulinov.

Quando Scarlet tocou a última nota, o silêncio prevaleceu por um minuto inteiro, então, quando pareceu que saíra do transe, girou o corpo na direção da sua pequena plateia e viu Dennis se levantar e começar a aplaudir.

— Isso foi simplesmente fantástico! Parabéns, Scarlet! — elogiou, com um largo sorriso. — Até o azedo do meu irmão ficou impressionado — emendou, provocativo.

— Obrigada. — Scarlet sorriu de volta, aliviada por ter se saído bem. Deu uma olhada furtiva para Dimitri, que estava com o rosto virado e falava algo com o diretor artístico. Deixou o sorriso morrer e esperou que os dois terminassem e se dirigissem a ela.

Atento, Dennis pareceu notar o quanto ela estava tensa.

— Relaxa, Scarlet, pode ficar tranquila. Se o meu irmão não te escolher, eu mando interná-lo, porque ele pirou de vez! — Ouvir isso fez com que seu coração angustiado se acalmasse, contudo, este voltou a acelerar um minuto depois, quando Dimitri deixou seu lugar e se aproximou.

— Como estamos com o tempo curto e depois de conversar com o Alberto, decidimos que, das candidatas que se apresentaram hoje, você foi a melhor, a que mais se encaixa no que pretendo fazer nesse meu novo show. — Ele parou de falar e limpou a garganta, mantendo um certo suspense no ar. — Bem, você foi a escolhida, Scarlet. Prepare-se, porque teremos muito trabalho pela frente. Começaremos os ensaios com os demais membros da equipe na próxima quinta-feira, a minha assistente entrará em contato com você e passará todos os detalhes. Finalizamos por hoje — concluiu, dando a audição

por encerrada.

Scarlet sentiu o coração chegar à boca. Ela tinha conseguido a vaga mesmo ou estava sonhando acordada?

— Eu consegui? — indagou, procurando por confirmação na expressão do rosto de Dimitri, e antes de obtê-la, exclamou: — Eu consegui! — Virou-se e deu um abraço em Dennis. — Obrigada! — disse, eufórica. E dando um passo à frente, tascou um beijo no rosto de Dimitri. — Obrigada! — repetiu e deixou o teatro, parecendo não ter se dado conta do que havia acabado de fazer.

Capítulo 3

Amsterdã, Países Baixos

Os dois meses que se seguiram foram uma verdadeira loucura. Após ligar para os pais e dividir sua conquista, ouvindo-os agradecerem aos céus pela oportunidade e desejarem sucesso nessa nova fase da sua carreira, Scarlet se viu envolvida em um período de ensaios diários e intensivos. Nesse tempo ela seguiu os trâmites necessários a fim de obter o passaporte e o visto para a Holanda. Providenciou a devolução do apartamento, já que Camila não teria condições de pagar o aluguel sozinha e mudou-se para uma pensão que ficava a dois quarteirões da faculdade que frequentava. Ela o devolveu poucas horas antes de se dirigir para o aeroporto a fim de se reunir com os demais membros do grupo e pegarem o voo com destino a Amsterdã, cidade escolhida por Dimitri para a pré estreia da turnê.

Scarlet olhou através de uma fresta da cortina vermelha e pesada. Suspirou e arregalou os olhos ao ver que o teatro estava lotado. Sentia-se inquieta e ansiosa, mudando o peso de um pé para o outro. Estava a menos de meia hora de se apresentar para um público seletivo. Uma nova temporada se iniciava, e de acordo com os organizadores, somente a nata da sociedade tinha sido convidada para a pré-estreia da turnê, além das principais mídias, escrita, falada e virtual. Constatar a real magnitude daquilo tudo fez seu coração bater mais forte e as palmas das mãos ficarem úmidas. Muita coisa estava em jogo naquela noite, como seu futuro como pianista, por exemplo.

Estavam em um dos teatros mais importantes e imponentes da cidade, e sua mente foi preenchida com as informações que tinha lido no trajeto até ali. Construído no século XIX, o prédio possuía uma maravilhosa mistura de estilos, um verdadeiro coquetel da arquitetura holandesa, renascentista e clássica. Era único, com suas galerias em arco pintadas na cor de ouro velho, teto abobadado, assentos revestidos em veludo vermelho escuro, candelabros de cristal suspensos e pontos de luz distribuídos por toda parte. Era de uma beleza ímpar, de tirar o fôlego e possuía uma acústica perfeita.

As montagens faziam seus espectadores se transportarem para outras épocas e algumas delas raramente estavam disponíveis em outros lugares, como *Antígona* e *Ali Babá e os Quarenta Ladrões*.

Além das peças, o Royal Theater Carré recebia companhias de ballet clássico, concertos e musicais. Também acolhia vários festivais ecléticos, fascinantes e prestigiados, onde os artistas nacionais e internacionais exibiam sua arte, muitas vezes inovadora, para públicos ansiosos.

Scarlet observou cada detalhe, guardando-os na memória, afinal, aquele era um momento inédito para ela, e esperava que fosse o primeiro de muitos. Soltou a cortina e passou as mãos pelos cabelos a fim de certificar-se de que todos os fios permaneciam no lugar.

Precisava se sair muito bem, e para isso bastava manter a calma e colocar em prática tudo o que aprendera e treinara durante todos aqueles anos de dedicação exclusiva à música. Horas e horas de estudo, repetições e mais repetições, incontáveis ensaios... Mas tudo tinha valido a pena, o resultado de tanto esforço era fazer parte daquele grupo liderado por um músico famoso e bem relacionado. Ela conversara apenas o essencial com ele durante todo aquele tempo, contudo, sabia da sua reputação.

Estava esperançosa com relação ao impulso que aquela turnê poderia dar em sua carreira, e a nível internacional. Respirou fundo, atingida pela atmosfera de expectativa que a rodeava.

Olhou para os músicos que se ocupavam em preparar os instrumentos e ler as partituras colocadas em suportes na frente deles. Emma, a violinista ergueu a cabeça e sorriu, simpática. Eram colegas de quarto, e por terem várias coisas em comum, além da idade próxima e da música, tornaram-se amigas.

— E aí, muito nervosa? — perguntou a ruiva de olhos verdes, pele quase transparente e sardas sobre o nariz afilado.

— Um pouco — Scarlet mentiu. Na verdade, estava uma pilha de nervos.

A garota lhe deu um sorriso encorajador.

— Não se preocupe, você vai se sair bem. Está tudo certo?

— Sim. Cheguei mais cedo justamente para me preparar com calma — Scarlet afirmou e girou o pescoço na direção da porta. — Por acaso você sabe do Dimitri e do Dennis? — indagou, mordendo o lábio, apreensiva. — Já era para eles terem chegado.

Emma seguiu o olhar da amiga antes de responder.

— Não sei deles, mas devem estar a caminho. Como andou nevando por esses dias, as estradas estão escorregadias. Tem que se ter cuidado ao dirigir.

Scarlet acenou afirmativamente com a cabeça, pousando o olhar uma última vez na plateia antes de se afastar.

Andou até o piano e passou a mão pela cauda, apreciando o contato da superfície fria e lisa nas pontas dos dedos. Sentou-se na banqueta e iniciou

seu ritual de aquecimento. Enfim, tudo parecia caminhar para uma apresentação perfeita, num teatro deslumbrante e numa cidade fantástica.

Mergulhada em pensamentos, Scarlet demorou em reparar nos dois homens altos e na metade da casa dos vinte anos que entravam por uma das portas laterais. Seu olhar foi capturado de imediato pela aura magnética da presença de Dimitri. Enquanto o observava através dos cílios curvados e espessos, não pôde deixar de pensar em como ele era um cara grande e muito forte, metido em um blazer marrom-escuro sobre uma camisa da mesma cor, porém, alguns tons mais claros e que ele havia deixado para fora da calça social preta.

No último mês, Dimitri deixara a barba crescer, cheia e fechada, do tipo que estava na moda e que o diferenciava do irmão gêmeo. Possuía cabelo ruivo mesclado com tons acobreados, com a frente naturalmente bagunçada e as pontas na nuca, pairavam em ondas sobre o colarinho da camisa. Uma variedade enorme de pequenas sardas adicionava um charme extra ao seu rosto bonito. O nariz era ligeiramente torto como se tivesse sido quebrado em algum momento. Seu charme era inegável; rústico e elegante ao mesmo tempo. O semblante fechado, a barba cerrada e as tatuagens, que ela conseguiu ver no dia em que ele apareceu usando uma camiseta de mangas curtas e que envolviam o ombro direito, parte dos braços e do peito, no momento, escondidas sob o blazer, lhe davam um ar meio selvagem e típico dos *bad boys*.

Dimitri Ulinov era um figurão da música e já havia se apresentado nos Estados Unidos, Canadá, México, Reino Unido, Alemanha, Israel, Brasil, Argentina e alguns países da antiga União Soviética. Atuara como violoncelista principal de orquestras sinfônicas nos Estados Unidos até se decidir por criar o dueto de cordas que batizou de *Duo Ulinov*. Dennis, apesar do jeitão de quem não estava nem aí para nada, era um músico tão talentoso quanto o irmão, só não tinha levado a profissão a sério, até que Dimitri o convidou para tocarem juntos.

O violoncelo, para Dimitri, era o mesmo que o piano para Scarlet, um complemento de alma, e nesse momento ela realizava um sonho. É claro que sempre sonhara, dormindo ou acordada, contudo, não tinha nenhuma garantia de que aconteceria algum dia. Mas aconteceu. De verdade. E agora era integrante da equipe de um duo famoso, que lotava teatros e até mesmo estádios.

Eles vinham ensaiando há várias semanas, e durante todo esse tempo, ela pôde comprovar o quanto Dimitri era econômico nas palavras, quase a ponto de ser rude. Vivía tenso e mal-humorado, sempre com uma expressão de quem havia acabado de chupar um limão. E era extremamente

perfeccionista. Parecia que só se soltava quando encaixava o violoncelo entre os joelhos e se deixava levar pela melodia que produzia e preenchia o ar. Enquanto tocava, parecia possuído. Definitivamente, não era a mesma pessoa sisuda, arrogante e que parecia se achar melhor que os demais.

Raramente, Dimitri demonstrava seus verdadeiros sentimentos e isso a irritava e a incomodava um pouco. Sua presença mexia com ela, com seus desejos, os quais tentava reprimir, por não saber bem como lidar com eles. Ele fazia o tipo calado e distante. Ela tentava ignorar esses sentimentos, mas a vontade de ultrapassar as barreiras que o homem erguera ao redor de si, de desvendar os mistérios e descobrir seus segredos, só aumentava com o passar do tempo. Sentia-se atraída e não conseguia tirá-lo da cabeça. Sentia uma necessidade pungente de ficar perto e estava complicado ocultar seu interesse. O tempo passava e ela não sabia ao certo o que esperar ou fazer.

Resolveu desviar os pensamentos para um terreno mais seguro. A profissão de ambos, o amor pela música. Como o violoncelista, Scarlet costumava respirar fundo, fechar os olhos por um momento e deixar os primeiros acordes da música se apoderar de todos os seus sentidos; era quando ela viajava para uma dimensão paralela e seus dedos pareciam ter vida própria.

Como se adivinhasse que estava sendo observado, Dimitri virou-se na direção dela, estreitou os olhos e a encarou com tanta intensidade que Scarlet precisou engolir a pouca saliva que tinha. Não foram muitas as vezes, contudo, como nas anteriores, ela sentiu uma onda de calor se espalhar pelo corpo em conjunto com um enroscos na boca do estômago. Respirar se tornou algo subitamente difícil e seus joelhos ficaram moles. Ficava impressionada com o que apenas um olhar do músico era capaz de fazer com ela.

Piscou algumas vezes para sair do transe e desviou os olhos, rápido demais para quem tentava disfarçar, mas de que adiantava? Era um esforço inútil, já que havia sido pega em flagrante. Forçou-se a se concentrar no programa, fingindo ler os nomes das obras que seriam interpretadas – como se ela não soubesse quais eram, de cor e salteado.

Cerca de quinze minutos depois, Scarlet sentiu o coração dar um salto quando as cortinas se abriram num movimento fluido e uma onda de aplausos entusiasmados tomou conta do teatro. Então, a apresentação teve início, e ela sentiu-se em completo êxtase no instante em que sua alma e a música uniram-se numa fusão perfeita e as duas tornaram-se uma.

A plateia assistia atenta ao concerto, e seguindo o programa, os gêmeos Ulinov intercalavam a música clássica, o pop e o rock.

Enquanto Scarlet e Dimitri interpretavam a versão instrumental da

música *Where do I Begin?*, (Por onde começo?) tema do filme *Love Story* (Uma história de amor), clássico dos anos 1970, em um dueto harmônico e sensual, evidenciando a química de palco entre os dois, o teatro encontrava-se tão silencioso que era possível ouvir o ruído de um alfinete caindo.

O show se encerrava ao som das últimas notas da belíssima composição de Francis Lay, e havia em Scarlet uma sensação de sonho realizado. Segundos se passaram e dava para sentir a tensão e a expectativa no ar instantes antes das centenas de pessoas ficarem de pé como se fossem um só corpo e aplausos entusiasmados ecoarem, mudando a atmosfera e tomando conta do lugar.

Uma força irresistível fez Scarlet girar o pescoço na direção de Dimitri e o viu agradecer ao público inclinando-se em uma reverência elegante. A cada vez que o olhava, sentia que seu coração perdia uma batida. Além de bonito e talentoso, o homem era dono de um carisma inegável. Por uma fração de segundo, seu olhar se prendeu no dele, profundo, intenso, potente. Havia no fundo de seus olhos um calor, um desejo indomável, latente, apenas esperando o momento para se libertar, mas nenhum dos dois ousava admitir que a química visível enquanto tocavam lado a lado também existia fora do palco.

Dimitri desviou o olhar e varreu o público, o semblante sério. Scarlet precisou de toda sua força de vontade para conseguir desvencilhar os olhos de cima dele e esforçou-se para lograr ocultar o que sentia.

Respirando fundo e envolvida por um sentimento maravilhoso de orgulho, Scarlet levantou do piano com um sorriso que parecia grudado em seu rosto. Visivelmente emocionada, relembrou os momentos difíceis que vivera até chegar ali, perseguindo um sonho que, para ela, era tão inalcançável e distante quanto segurar uma estrela com as mãos. Pensou nos meses de ensaios contínuos, nas noites de insônia por conta da ansiedade, na insegurança que por vezes se assomava, abalando sua autoestima, desestruturando-a e colocando em dúvida sua capacidade de enfrentar os desafios e transpor as dificuldades. Aquela ovação era a confirmação de um talento puro, lapidado por anos de estudos, provando que todos os esforços despendidos, da luta e dedicação à música, tinham valido a pena.

Quando a cortina se fechou, músicos sorridentes deixaram seus respectivos lugares e passaram a cumprimentar uns aos outros pelo sucesso da apresentação. A tensão que reinara, principalmente nas duas semanas que antecederam aquela noite, diante da reação positiva e entusiástica do público, se esvaía, transformando-se em manifestações de alegria e satisfação, sentimentos que podiam ser vistos nas feições de cada um dos membros da orquestra que os acompanhava, bem como nas expressões dos integrantes do

quarteto composto por ela, pelos irmãos Ulinov e por Emma.

Scarlet teve o perfeito entendimento do que a música era capaz de fazer com uma pessoa: torná-la feliz e realizada. Pois era assim que ela se sentia. Sorriu sozinha ao pensar que só estavam começando a turnê e que ainda teriam muitos concertos pela frente. Conforme Dimitri dissera numa das reuniões que tiveram, a agenda estava lotada até o fim do ano. E Scarlet não via a hora de colocar o pé na estrada e voltar a se apresentar, mas só por hoje ela não pensaria nisso. Seu único desejo era comemorar. Sentindo o nível de adrenalina nas alturas, ela não podia simplesmente voltar para o hotel, tomar banho, pedir algo para comer e dormir.

Como o próximo concerto seria somente dali a dois dias e com o ensaio marcado para a tarde do dia seguinte, Scarlet teria a manhã livre e podia se dar ao luxo de relaxar um pouco e se divertir. Boa parte dos músicos da orquestra, a maioria composta por solteiros, resolveu esticar a comemoração regada a champanhe e canapés, iniciada nos bastidores do teatro, em um badalado bar da região.

Após receber e devolver os cumprimentos dos colegas, com exceção de Dimitri, pois este, por alguma razão, havia desaparecido do seu campo de visão, deixando-a curiosa sobre o motivo de ter ficado ali por apenas uns poucos minutos, Scarlet despediu-se dos demais e entrou no camarim. Andou até uma bancada, sentou-se na banquetta e observou sua imagem no espelho. Elevou as mãos, afofou os cabelos e inclinou-se ligeiramente para frente a fim de verificar sua maquiagem.

Decidiu retocar o batom e percebeu as mãos um pouco trêmulas. Culpou o redemoinho de emoções que acabara de vivenciar, pois aquela apresentação em particular tinha sido especial e feito seu coração disparar mais do que todas as anteriores. A noite tinha sido fantástica e ela nunca estivera tão feliz, sentindo uma euforia a consumir por dentro.

— Scarlet?

Distraída, ela assustou-se e virou-se na direção da voz conhecida. Era Emma, que acabara de entrar no camarim segurando um lindo buquê de flores.

— Olha só o que acabou de chegar. — A violinista se aproximou. — São para você — emendou, lhe estendendo o arranjo.

Scarlet não ocultou a surpresa, afinal, não estava acostumada com esse tipo de gentileza.

— São para mim? Uau! — exclamou, aceitando o buquê. — Quem será que me mandou? — Curiosa, pegou o cartão que veio junto com as flores

e abriu o envelope. — Que estranho... Tem um cartão, mas não há nada escrito nele, só o meu nome no envelope.

De súbito, um pensamento inesperado cruzou sua mente e ela sentiu um arrepio gelado descer pela espinha. *Não pode ser ele. Não pode!*, negou com veemência, esforçando-se para colocar suas suspeitas de lado, mas não era tão simples assim. *Um buquê de rosas azuis e um cartão em branco*, compilou com uma expressão preocupada. Poucas pessoas tinham conhecimento de que aquelas eram suas flores favoritas, e quem as enviou fez questão de permanecer anônimo. Uma emoção forte a dominou. *Eu devo estar paranoica. É isso! Só pode ser isso! Ele não sabe onde estou*, pensou, recusando-se a deixar o passado invadir o presente e estragar sua noite, embotando sua alegria.

O balançar da cabeça de Emma chamou sua atenção e tirou-a de seus devaneios. Piscou algumas vezes para clarear a mente e colocou as flores sobre a bancada.

— Isso quer dizer que você tem um admirador secreto! — Emma bateu palmas, encantada com a possibilidade. — Isso é tão instigante e romântico! Seja quem for, uma coisa é certa: essa pessoa tem um excelente gosto para flores — elogiou, brindando a amiga com um sorriso e olhar cúmplices.

— Você tem razão — admitiu Scarlet, e havia uma certa apreensão na forma como as admirava. — Elas são lindas — emendou, com um sorriso forçado.

— Concorde. E então, você vai para o bar com a gente? O Bernardo foi pegar o carro e vai nos esperar na entrada do teatro — Emma avisou, mudando de assunto e a meio caminho da porta.

Scarlet pegou sua bolsa e começou a remexer dentro dela.

— Sim, eu vou. Só preciso de cinco minutos para trocar de sapatos. Os que estou usando estão me matando — disse e contraiu o rosto numa careta.

Emma assentiu e em poucos minutos as duas alcançavam a calçada diante do teatro, com o vento gostoso e frio da noite dando-lhes as boas-vindas, fazendo as mechas soltas de seus cabelos esvoaçarem. Scarlet correu o olhar ao redor e percebeu que parte do público deixava o local. Determinada a ignorar o que aquele arranjo poderia significar, atravessou a avenida com a amiga em seus calcanhares.

— Onde está o carro? — indagou, passando as mãos nas laterais dos quadris e alisando a saia do elegante vestido preto com o qual tinha se

apresentado. — Você disse que o Bernardo nos esperaria na frente do teatro — recordou-a, olhando para os lados.

— Desculpa, eu me esqueci de te avisar. Ele me mandou uma mensagem dizendo que não conseguiu estacionar onde pretendia e disse que está nos esperando numa ruazinha lateral e pertinho daqui — contou Emma, no mesmo instante em que as duas dobravam a esquina. — Olha, ali está ele! — anunciou, empolgada.

Scarlet olhou na direção que a amiga apontava e localizou o automóvel grande e escuro parado junto a uma árvore e a meio quarteirão de distância de onde estavam.

— Estou vendo — disse e se parabenizou mentalmente por ter se lembrado de trocar os sapatos. Precavida, naquele mesmo dia, colocara um par mais confortável dentro da bolsa antes de deixar o quarto do hotel que dividia com Emma. Se ainda os tivesse usando, com certeza já os teria arrancado dos pés e ficado descalça.

Em questão de minutos, estavam ao lado do carro luxuoso. Emma deu a volta e abriu a porta do carona, enquanto Scarlet fazia o mesmo com a porta traseira.

— Olá, Bernardo — Scarlet saudou o namorado da amiga, entrando e se acomodando no assento.

— Oi, Scarlet — respondeu o rapaz loiro e simpático. — E meus parabéns pelo sucesso! — cumprimentou-a com um sorriso aberto.

— A Scar foi a estrela da noite — comentou Emma, sem o menor sinal de ressentimento. Ela tinha as bochechas coradas e um sorriso radiante nos lábios.

— Todos nós fizemos sucesso esta noite — retificou Scarlet, não desejando a glória só para si, afinal, havia sido um trabalho de equipe e cada um tivera sua parcela no triunfo da estreia.

— Eu sei, mas você e o Dimitri deram um show à parte e sabe disso. Mereceram todos aqueles aplausos. Eu vi o quanto você estava ansiosa, ainda mais por ser sua primeira vez em um teatro enorme, luxuoso e lotado como aquele, mas eu tinha certeza que você conseguiria — assegurou a violinista.

— Obrigada pela confiança e pelo apoio, Emma — agradeceu Scarlet.

— Disponha. — Emma sorriu e ajeitou-se no assento, colocando o cinto de segurança. Logo Bernardo pôs o carro em movimento, entrando na avenida quase vazia naquele horário.

Relaxando no encosto do banco de couro, Scarlet aproveitou os

minutos que levariam até chegarem ao bar para relembrar e saborear o que vivera naquela noite e de como tinham sido ovacionados. Com aquela turnê, ela ia se apresentar nos maiores palcos do mundo, e ter consciência disso lhe dava um frio na barriga. Sabia que era uma coadjuvante no show dos gêmeos Ulinov, mas, ainda assim, sentia que sua vida começava a entrar nos trilhos.

Pensou nos meses de ensaios exaustivos e no êxito que tiveram, que veio coroar o trabalho de muitos, dizendo-lhe que estava no caminho certo para atingir o que tanto almejava, o reconhecimento pelo qual lutara durante grande parte de sua existência. E por isso, nas próximas horas, Scarlet estava decidida a se divertir, farrear, comemorar, abrir os horizontes e, quem sabe, conhecer alguém que a ajudasse a espantar um certo violoncelista fechado e misterioso dos seus pensamentos.



Dimitri não queria estar ali. Havia permanecido algum tempo nos bastidores, se despedido dos músicos que os acompanhara durante o show, deixado o teatro e encaminhava-se até o local onde deixara a moto alugada, quando foi interceptado por Dennis. Diante da insistência do irmão, foi impossível lhe dizer não, afinal, lutara tanto para dar vida àquele projeto que, após o êxito conquistado, não encontrara uma desculpa plausível a fim de recusar o convite e esticar a comemoração naquele bar.

Encostado no balcão, bebericou sua dose de uísque percorrendo o lugar com os olhos. Devia ser a décima vez que fazia isso nos últimos vinte minutos, era como se esperasse algo. Ou alguém... Prendeu o fôlego ao se deparar com um par de intensos olhos castanhos. *Porra, como ela é bonita!* – pensou, cativo. Não. Bonita era pouco para defini-la. Ela era a garota mais linda que ele já conhecera na vida. Seu corpo, recheado de curvas, era um espetáculo. Os cabelos encaracolados e volumosos deixavam o belo e expressivo rosto delicado, mas o que chamava mais sua atenção era a forma como ela sorria enquanto entrava no bar ao lado da amiga. Lembrou-se de que Scarlet não costumava sorrir muito durante os ensaios.

Na primeira vez que a viu, Dimitri sentiu uma conexão, uma empatia, e o desejo de conhecê-la melhor o perseguia desde então, mas há anos se auto impôs uma regra: não se envolver com uma companheira de trabalho. Uma vez, ele cometeu esse erro e as coisas entre os dois ficaram estranhas quando o namoro acabou, culminando no término da parceria profissional. Juntos, no palco, ele e Scarlet faziam uma boa dupla. Na verdade, os dois eram ótimos, como diria o irmão. Definitivamente, o que passava pela sua cabeça não era uma boa ideia.

Suspirou, levando o copo até os lábios e tomando mais um gole da líquida cor de âmbar que parecia aquecer até sua alma, os olhos ainda sobre Scarlet. De todas as garotas presentes no bar, ela foi a que chegou e tomou sua atenção para si. Dimitri a ouviu gargalhar e respirou fundo, não querendo demonstrar o quanto aquilo o afetava. Devolveu o copo vazio ao balcão e levantou os olhos, prendendo os dela nos seus. Dez minutos depois e antes que percebesse o que fazia, andou até ela quando Emma a deixou sozinha, afastando-se com o namorado.

— Olá — saudou-a ao chegar, enfiando uma das mãos no bolso frontal da calça social. — Está se divertindo?

— Oi — retribuiu Scarlet, sentindo o coração retumbar dentro do peito. — Sim, estou. Aqui é bem animado.

— Você se saiu muito bem esta noite — elogiou Dimitri, admirando-a.

— Obrigada — disse ela, satisfeita com o elogio inesperado. — Você também, mas isso não é novidade, sempre se sai muito bem — completou meio sem graça.

Dimitri ocultou um sorriso diante de seu jeito tímido, algo novo para ele, pois via como Scarlet interagia com Dennis e Emma e não havia sinal de timidez nela quando os três se reuniam. Talvez fosse pessoal, afinal, ele não conversava durante os ensaios, costumava falar somente o necessário.

— E como você sabe disso?

— Pelos ensaios. E assisti a alguns dos seus vídeos no YouTube — Scarlet confessou com um sorriso.

— Ah! Os vídeos... — Dimitri balançou a cabeça. — Entendi, mas não é bem assim. Em cada estreia, eu sinto como se fosse a primeira vez — reconheceu, sincero.

— Então você fica nervoso? — Scarlet parecia não acreditar nele.

— Fico. Nervoso, ansioso... Mal consigo comer, e dormir... nem se fala. A pressão para que tudo saia bem e como planejado é grande, só que quando subo no palco e me sento com o violoncelo aconchegado entre meus joelhos, esqueço tudo. Bem, quase tudo — corrigiu-se, olhando-a com intensidade.

— Eu sei como é. Também sou assim — confessou Scarlet, e pela primeira vez sentia-se à vontade na presença dele. Talvez fosse o efeito das duas doses de tequila que tomara ao chegar, deixando-a leve e des preocupada.

— Notei isso em você. Tem um modo especial de se doar à música, Scarlet.

Ouvi-lo pronunciar seu nome com aquela voz de trovão fez seu estômago se contrair, e aquela declaração lhe trouxe a lembrança do que ele dissera no primeiro dia em que estivera no estúdio para ensaiar, isso há pouco mais de dois meses. Estavam Alberto, Emma, Dennis e ela na sala quando Dimitri postou-se diante deles e os advertira que seria exigente durante o tempo em que ficariam juntos, que esperava uma entrega total de emoções e de almas, e que se doassem o máximo possível à música, uma vez que ele pretendia fazer o mesmo. E fazia. Disso, ela era testemunha.

— Está me deixando sem jeito...

Dimitri sorriu, formando ruguinhas nos cantos dos olhos e Scarlet sentiu os joelhos amolecerem, pois aquela era a primeira vez que ela via-o sorrir de verdade. *E não é que o homem tem um sorriso lindo!*, pensou, encantada.

— Não era a minha intenção. Quer que eu te traga outro drinque? — indagou Dimitri, apontando com o queixo para o copo vazio na mão dela.

— Sim, por favor. Estou tomando tequila.

— Não é um pouco forte para você? — questionou ele, mas recuou diante do olhar de desafio que ela lhe deu. — Eu já volto — avisou, virando-se e indo até o balcão. Contudo, ao retornar com o drinque, viu Dennis chegar e parar muito perto dela. Observou-o se inclinar e dizer algo em seu ouvido, o que a fez rir, ato contínuo, o irmão passou um braço em torno dos ombros de Scarlet.

Desde quando esses dois são tão íntimos? E por que isso é da minha conta?, questionou-se e precisou respirar fundo, sentindo uma mistura de raiva e possessividade diante da cena que se desenrolava à sua frente. Surpreso pela força com que foi acometido, Dimitri apressou-se em reprimilos. Decidido a ocultar tais sentimentos inoportunos, colocou uma falsa expressão de tranquilidade no rosto, se aproximou dos dois, saudou o irmão e entregou o copo para Scarlet, retirando a mão num movimento rápido demais, como se o simples toque dos seus dedos nos dela o queimasse.

Capítulo 4

Passava das duas da tarde quando Scarlet andou em direção à sala de ensaio, abriu a porta e entrou. Seu olhar pousou sobre Emma, sentada em seu lugar de costume. Em seguida, viu Dennis, de pé, o ombro apoiado na parede ao lado do janelão de vidro, com os olhos fixos na tela do celular. Sabia ser ele, pois usava o cabelo ruivo e encaracolado, mais curtos e estava sempre barbeado, ao contrário do irmão gêmeo.

Também, os diferenciava, o estilo das roupas. Dennis optava pelo clássico, mesmo no dia a dia, enquanto Dimitri, pendia para o despojado, abrindo exceções quando o local e o concerto, exigiam, mas não importava se ele estava dentro de um terno de grife de corte impecável ou usando um par de jeans e uma camisa de malha. Dimitri possuía uma elegância natural, independente do que vestisse.

— Boa tarde! — cumprimentou e foi direto para o piano, acomodando-se no banquinho.

— Boa tarde! – Dennis e Emma responderam ao mesmo tempo.

Uns cinco minutos depois, a porta da sala foi aberta e Dimitri entrou. Vinha sozinho, pois o senhor Alberto regressara ao Brasil por causa de uma urgência familiar. Scarlet sentia-se melhor sem a presença do homenzinho afetado. Ambos apenas se toleravam, pois, desde o início, um não foi com a cara do outro. E havia algo nele que a incomodava. Ainda não sabia bem o que era, mas não gostava dos olhares estranhos que ele lhe lançava quando pensava que não havia ninguém observando.

Scarlet não se conteve e seus olhos foram puxados para Dimitri. Instintivamente, seu corpo reagiu à sua presença; o coração acelerou, a respiração ficou curta e sentiu as mãos frias e úmidas.

— E aí, Scarlet, o que vai fazer depois do ensaio? – perguntou Dennis, chamando sua atenção para si.

Subitamente, Scarlet foi tomada por uma gagueira nervosa.

— E-eu não tenho nada planejado – respondeu, forçando-se a desviar os olhos de Dimitri.

— Eu vou sair com o Bernardo – disse Emma, entrando na conversa — Nós vamos conhecer o Bairro Vermelho no centro da cidade. Li na internet que o local é famoso por aqui. Por que vocês dois não vêm com a gente?

O rosto bonito de Dennis se iluminou e ele abriu um sorriso.

— Isso! Podemos ir os quatro – anunciou, animado – tudo bem, mesmo, se nós formos com vocês, Emma?

— Claro que sim — ratificou a ruiva — vai ser bem legal ter companhia. Li que lá está sempre lotado de turistas e é bastante seguro, inclusive à noite — seu tom era entusiasmado — não vejo a hora de conhecer o lugar.

— O que me diz, Scarlet? Vamos? – insistiu Dennis.

— Vamos. Por que não? – distraída, Scarlet deu uma olhada furtiva na direção do homem alto, do lado oposto da sala e estudou sua figura por uns instantes; as mechas rebeldes dos cabelos ruivos caíam em ondas descuidadas sobre a gola de pele da jaqueta estilo aviador e vestia calças cáqui de tecido grosso. E estava lindo como sempre.

Dimitri foi até o suporte na parede, tirou a jaqueta e pendurou-a em um dos ganchos. Por baixo dela, usava uma camisa de malha verde, evidenciando a cor dos seus olhos. Mexeu no interior da pasta de couro, tão gasta quanto os coturnos que usava, retirou uma agenda de lá e com ela nas mãos, virou-se e apoiou o corpo grande numa bancada. Em seguida, abriu e folheou algumas páginas, só então levantou a cabeça e olhou na direção de Emma, Dennis e Scarlet, pegando os três envolvidos numa conversa animada.

— Dá para atualizar a agenda social de vocês depois do ensaio? — indagou seco, sem um cumprimento, nem mesmo um aceno com a cabeça.

Dennis virou o rosto para o irmão e fez um movimento com a boca que demonstrava seu desagrado com o que ele dissera.

— Depois conversamos melhor, Emma — disse e viu a garota concordar com um gesto – pelo jeito, meu irmão passou no mercado e atualizou o estoque de limão e pela cara dele, chupou um ou dois antes de vir para cá — murmurou para que só ela ouvisse.

— Scarlet? — Dimitri chamou-a, tirando-a de seus devaneios.

— Oi — respondeu ela, ainda distraída.

— Eu tenho mesmo que repetir a pergunta? — questionou Dimitri, ríspido.

Surpresa, Scarlet encarou-o, sem entender o que ele queria dizer.

— Desculpe, mas o que...

Dimitri respirou fundo e semicerrou os olhos em sinal de impaciência.

— Podemos deixar a atualização da sua agenda social para depois e começar o ensaio ou será que você prefere continuar me encarando? Estou me

perguntando se tem algo estranho no meu rosto.

Diante do comentário e do tom rude dele, Scarlet ficou parada, sentindo as bochechas queimarem. Ele lhe pareceu mais acessível quando conversaram no bar na outra noite, apesar de que notou uma mudança nele, logo após retornar com o seu drinque. Até se perguntara o que poderia ter acontecido naqueles poucos minutos para que voltasse a ser o mesmo cara fechado e introspectivo de sempre e agora, ele a confundia ainda mais ao tratá-la com rudeza e sem motivo aparente. Sugou o ar com força para não perder a calma, caso contrário poderia ficar sem emprego.

Estranhando a atitude do irmão, Dennis foi até ele. Sabia que Dimitri não era nenhum primor no que se referia ao seu humor, mas não costumava ser mal educado.

— Está tudo bem? — indagou, com a fisionomia preocupada. Podia sentir que tinha alguma coisa incomodando o irmão, não só pelo seu humor, mas também, pela linguagem corporal. Algo estava deixando-o tenso e não tinha a ver com trabalho, afinal, tinham ido muito bem na estreia, inclusive, receberam as melhores críticas da mídia, o que indicava que a turnê tinha tudo para superar as expectativas e ser o sucesso que esperavam.

Se não era profissional, poderia ser pessoal. Seria uma nova mulher na vida dele que o estava deixando assim? Se fosse, porque ele ficaria tão arisco e irritadiço? Não fazia sentido. Devia estar enganado ao supor isso. Talvez fosse, exatamente, o que o irmão precisava. De uma mulher que o tirasse do eixo e da vida certinha e sem grandes emoções, que levava. Há tempos que Dimitri não se interessava por alguém de verdade. Não depois de Helena, a violinista com quem ele se envolveu há cerca de dois anos.

Não soube dos detalhes, pois o irmão era reservado demais no que se referia a sua vida privada, mas pelo que soube depois, as coisas não terminaram bem entre eles. Dimitri não era celibatário, tampouco, era um mulherengo inveterado. Eventualmente, tinha casos, mas sempre passageiros. Preferia não se apegar e manter o foco na carreira, mas justiça seja feita. Ele fazia questão de ser honesto com as mulheres com quem saía e discreto no que se referia às suas escapadas.

Dimitri elevou uma sobrancelha ao encarar o irmão.

— Sim, está tudo bem. Por que não estaria?

— Por nada — Dennis se virou, mas resolveu voltar e encarar o irmão gêmeo — quer saber, que se dane! Perguntei se está tudo bem porque você parece mais mal humorado que o normal. O jeito como falou com a Scarlet... Cara, aquilo foi desnecessário! — criticou-o, abertamente.

Dimitri afastou-se da bancada e andou até uma cadeira. Sentou-se e acomodou o violoncelo entre os joelhos.

— Está tomando as dores dela? Que eu saiba, ela é grandinha o suficiente para se defender sozinha — levou o olhar até Scarlet sentada no piano e, aparentemente, concentrada na partitura aberta na sua frente — ou estou errado? — emendou voltando a encarar o irmão.

— O que deu em você? Levantou com o pé esquerdo? — insistiu Dennis, insatisfeito com a resposta — e o que a Scarlet te fez para você tratá-la desse jeito? — questionou, gesticulando.

— Não aconteceu nada. Eu estou como sempre. Já podemos começar ou vamos ficar aqui de papo furado? — indagou Dimitri, azedo e ignorando a pergunta sobre a mulher que não tirava da cabeça. Era preciso dar um jeito no que sentia por ela, antes que tomasse proporções maiores e indesejáveis.

— Claro que podemos começar, *irmãozinho* — provocou Dennis e sem esperar por uma resposta, girou o corpo e retornou para o seu lugar.

Ensaivavam há pouco mais de três horas e durante todo esse tempo, Dimitri parecia querer testar os limites de Scarlet, pois sempre que precisava se dirigir a ela, usava um tom de voz rude e impaciente.

Ao finalizarem a interpretação de *Air On The G String* (Ária na corda sol) de Johann Sebastian Bach, Scarlet remexeu-se no banco, inquieta. Seus nervos estavam à flor da pele e a paciência, por um fio. Por pouco não tinha mandado Dimitri para o inferno, pois o homem estava, simplesmente, insuportável. O tempo se arrastava e cada minuto parecia uma hora. Estava cansada e as tequilas que tomara quando saíra para comemorar, a faziam sentir-se fisicamente doente. Jurara nunca mais exagerar na bebida, mas não era só isso que a incomodava.

Recordou-se que quando ela chegou no hotel no meio da madrugada e ao entrar no quarto, foi logo se jogando na cama, mas por mais que tentasse, não conseguiu conciliar o sono. Sempre que fechava os olhos, a imagem de Dimitri Ulinov cismava de aparecer e não gostava nada do fato de não conseguir controlar seus pensamentos. *Além de atrapalhar o meu sono, o imbecil ainda me trata mal e de graça* — pensou, sem atinar sobre o motivo dele estar agindo daquela maneira.

Quando não suportou mais, Scarlet saiu do seu lugar, se posicionou na frente dele e cruzou os braços sobre o peito, disposta a tirar satisfações.

— Você pode me dizer o que está acontecendo? — questionou, com firmeza.

Dimitri elevou o rosto e precisou só de um segundo para perceber o quanto ela estava zangada.

— Desculpa, mas eu não entendi – disse, fingindo não saber do que ela falava.

— Eu não vou entrar no seu jogo. Você sabe muito bem do que eu estou falando. Do jeito como você me tratou a tarde inteira – inquieta, Scarlet trocou o pé de apoio enquanto aguardava a resposta dele.

— E que jeito foi esse? — Dimitri indagou, procurando ganhar tempo.

Dando-se conta disso, Scarlet irritou-se ainda mais. Respirou fundo e contou até dez mentalmente para não perder de vez a pouca paciência que lhe restava.

— Rude, brusco e mal educado, para dizer o mínimo — respondeu Scarlet usando todo seu autocontrole para manter o tom de voz normal, mas o que queria mesmo era gritar com ele.

— Me desculpe.

— Só isso? Um *me desculpe* e fica tudo bem?

— É o que você quer ouvir, não é?

Bufando, Scarlet descruzou os braços, colocou as mãos na cintura e o encarou. *Eu não acredito no nível de arrogância desse homem!* — pensou, indignada e como se pudesse ler seu pensamento, Dimitri falou:

— Scarlet, eu já disse o que você queria ouvir. Não entendo para que fazer tanto drama.

Diante do que ouvira, Scarlet decidiu ser direta.

— Não quero que você volte a me tratar daquele jeito. Se me humilhar outra vez, eu chuto tudo isso para o alto – ameaçou, entredentes — quero só ver o que você vai fazer para encontrar outra pianista do meu nível e com a turnê em andamento — Sabia que se arriscava ao confrontá-lo daquela maneira, mas estava tão furiosa com ele, que não se permitia medir as palavras.

Dimitri contraiu os músculos do rosto, juntou os lábios e olhou-a com intensidade.

— Está blefando, Scarlet. No seu lugar, eu controlaria a língua antes de fazer ameaças vazias. Você não vai chutar nada, porque sabe que esta é uma oportunidade única e além disso, temos um contrato — afirmou, seguro do que dizia.

Scarlet fitou-o com raiva. O filho da mãe estava certo, mas seu orgulho não a deixava ser pisada por ele. Dimitri era seu empregador, podia rescindir seu contrato no momento que lhe conviesse, pois tinha dinheiro para pagar a multa contratual. Mas ela sabia que era muito boa no que fazia e se orgulhava disso. Pensou em recuar, porque se ficasse desempregada, seria o caos novamente em sua vida, teria que recomeçar do zero, e passara por tanta coisa para chegar até ali...

Mesmo depois de todos aqueles anos, ela ainda conseguia ouvir as risadas cruéis das crianças do bairro onde morava zombando dela ao descobrirem que estudava piano. Riam ainda mais ao saberem do seu sonho de se tornar famosa. E havia os murmúrios, os olhares tortos de uma ou outra aluna do conservatório. Sentia que olhavam para ela com desprezo, como se seu lugar não fosse ali. Mesmo magoada, pois sempre tivera uma alma sensível, Scarlet não abaixava a cabeça e as encarava, porque não importava o que diziam. Ainda que fosse pobre, seus pais faziam de tudo para pagar a mensalidade, portanto, ela tinha todo o direito de frequentar aquele lugar.

Quando criança era calada, um pouco desconfiada e bastante observadora. Seu foco principal estava nos estudos e procurava absorver tudo o que podia, como se seu cérebro fosse uma esponjinha. E, apesar de tudo, uma das melhores horas do seu dia era o momento em que sentava-se na frente daquele piano enorme para o seu tamanho, com sua professora acomodada ao seu lado. A música era sinônimo de paz, alegria e prazer, e sempre tivera um papel fundamental em sua vida. Seus pais a amavam, apoiavam seu sonho, e era isso o que importava.

Às vezes, em casa, Scarlet se escondia atrás da porta da cozinha quando algum parente ou amigo da família os visitava, e no momento em que o assunto se voltava para seus estudos de piano, ouvia-os recriminarem seus pais por se sacrificarem para tornar possível algo tão improvável.

Para gente comum, sem um padrinho endinheirado, isso tudo não passa de ilusão, dinheiro jogado fora! A filha de vocês precisa ter uma profissão de verdade. Como professora, por exemplo. Fulana se formou e está indo muito bem. Uma pianista, pobre e negra? Onde já se viu isso? – era o que diziam, mas seus pais se recusavam a lhes dar ouvidos e ela agradecia aos céus por isso! E ao contrário do que pretendiam, que era fazê-la desistir, o negativismo, a falta de apoio e empatia só a tornaram uma pessoa ainda mais determinada a perseguir seus sonhos.

Contudo, ela não os culpava totalmente por pensarem assim. Acreditava que a maior parte da culpa era da sociedade em que viviam e do pensamento Brasil-Colônia, enraizado havia várias gerações e que, infelizmente, seguia sendo perpetuado através dos pais e de muitos dos

jovens.

Além de tocar, Scarlet se aventurava na composição e já tinha algumas músicas originais prontas, mas ainda não se atrevera a mostrá-las ou tocá-las para alguém. Por ora, eram somente dela.

Fã incondicional do grande pianista e compositor alemão Hans Zimmer, Scarlet passara horas e horas assistindo a filmes cujas trilhas sonoras foram compostas por ele, como o *Rei Leão*, que ganhou um Oscar, um Globo de Ouro e um Prêmio Grammy em 1994. Sem falar nas trilhas dos filmes *A Origem*, *Maré Vermelha*, *Piratas do Caribe*, *Sherlock Holmes*, *Interstellar* e *Gladiador*, sendo este último o maior dos seus êxitos.

Também se inspirava em Sonya Belousova, uma representante da nova geração de pianistas, reconhecida pelo Ministério da Cultura russo desde os treze anos por seu talento excepcional. Mas foi nas aulas de história que Scarlet encontrou sua maior inspiração.

Chiquinha Gonzaga, filha de um general do Exército Imperial Brasileiro, uma negra de pele clara e de origem humilde. Uma mulher forte e à frente do seu tempo que enfrentou toda uma sociedade preconceituosa ao separar-se do primeiro marido, que não apoiava seu sonho, chegando a ordenar que ela não se envolvesse com a música. A separação foi um verdadeiro escândalo na época, e Chiquinha passou a criar o filho mais velho sozinha, já que seus dois ex-maridos não permitiram que ela tivesse a custódia dos seus outros quatro filhos, motivo de dor e tristeza pela separação forçada. Com persistência e dona de um talento invejável, acabou por se tornar, além de pianista e compositora, a primeira mulher a reger uma [orquestra](#) no Brasil.

Ela sabia o que era preconceito. Sentira na carne e tivera que aprender a lidar com isso, porém, mesmo velado, ele machucava. Lembrou da expressão de incredulidade no rosto do diretor no final da sua primeira audição e sabia que jamais a esqueceria. *Aquilo que não me mata, só me fortalece*, a frase de Nietzsche cruzou sua mente.

Scarlet tinha sua própria força e não se deixaria intimidar. Desse no que desse, conseguiria se reerguer caso fosse preciso. E sentia a necessidade de defender sua dignidade, pois esta vinha em primeiro lugar. Respirou fundo, tomando coragem para rebater a declaração de Dimitri.

— Por saber disso você pensa que pode dizer e fazer o que quiser? E acha que vai ficar por isso mesmo? — indagou, nervosa. — Vou repetir, no caso de você não ter entendido na primeira vez: se me humilhar novamente, eu quebro o contrato, saio do grupo e te deixo na mão!

Dimitri observou-a e notou que seus olhos emitiam faíscas. É claro que não acreditava em suas ameaças, mas entendia. Scarlet era orgulhosa, e admirou-a pela coragem em desafiá-lo, e não abaixar a cabeça. Num instante, se deu conta de que apreciava esse lado apaixonado e desafiador dela.

— Está bem. Eu admito que pesei um pouco a mão com você e ...

— Um pouco?! — vociferou Scarlet, possessa. — Aquilo foi muito mais do que *pesar um pouco a mão* comigo! Aquilo foi humilhação e abuso, Dimitri!

Disposto a ignorar a interrupção, ele continuou:

— E merece desculpas e uma explicação. Scarlet, o que eu quero é que você se concentre no que estamos fazendo aqui. Está com a cabeça em outro lugar. Não sei o que está acontecendo, mas você está se antecipando na melodia, desafinando e errando feito uma principiante!

Encabulada, Scarlet resolveu calar-se. Admitia que sua mente tinha vacilado várias vezes durante o ensaio. Andava um pouco aérea, e isso havia comprometido seu rendimento, mas Dimitri estava exagerando, e embora não soubesse disso, a causa de estar tão dispersa era ele. Ademais, esquecera que estava falando com o mais prestigiado violoncelista da atualidade; perto dele e do que já conquistara em sua carreira, ela mal passava de uma aspirante, entretanto, ser quem era não lhe dava o direito de descontar suas frustrações nela, usando-a como saco de pancadas.

— Scarlet, você é uma pianista talentosa, não questiono isso nem por um segundo. E está se saindo muito bem, mas a nossa carreira exige, além de talento, força de vontade e determinação. É um longo e árduo caminho, e a concorrência não dá trégua. Se tirar os olhos de seu objetivo por um instante, alguém aparece e toma o seu lugar bem debaixo do seu nariz.

— E você pensa que eu não sei disso? Que não estou comprometida com a música? Sabe que eu me doo totalmente a esse projeto, e você está sendo injusto ao insinuar o contrário — rebateu, magoada.

— Espera, eu não disse isso. Não coloca palavras na minha boca — defendeu-se Dimitri. — O que eu quis dizer foi que, caso você não consiga se entregar de corpo e alma, colocando tudo o mais em segundo plano, não alcançará seus objetivos. Muitos não aguentam a pressão e desistem no meio do caminho, alguns se tornam professores de música, outros optam por mudar de profissão.

Scarlet ficou pensativa. Era amargura o que indentificara na voz dele? E se fosse, qual seria o motivo? Percebendo que não adiantava nada especular, desviou o pensamento para o que Dimitri acabara de dizer. Apesar da pouca

experiência como concertista, sentia que possuía a determinação necessária para chegar a fazer parte do seleto círculo de pessoas que viviam de fazer concertos pelo mundo, e conseguira provar do que era capaz naqueles dois meses de ensaio, culminando na ótima performance no palco de um dos mais prestigiados teatros do mundo. Nada, absolutamente nada, iria desviá-la um milímetro das suas metas. *Nem o mau humor de Dimitri, nem o meu passado*, pensou, estremecendo de leve ao se recordar do ramo de rosas azuis que recebera. *Aquilo foi só uma coincidência*, tratou de convencer a si mesma.

— Prometo me manter mais focada, só que existem outras maneiras de dizer as coisas. Não vou aceitar que você me trate mal de novo — advertiu-o, mais calma e com o semblante sereno, contudo, ainda sentia a mágoa e a raiva corroendo-a por dentro.

— Tem razão. Eu vou me policiar. Não vai voltar a acontecer — comprometeu-se Dimitri.

— É o que eu espero — Scarlet disse com seriedade.

— Já percebi que você gosta de discutir, que é briguenta. — Dimitri não perdeu a oportunidade de provocá-la uma última vez, e diante da expressão dela, ocultou um sorriso divertido, o que abrandou a rigidez do seu rosto.

Dennis balançou a cabeça para os lados e decidiu intervir, antes que Scarlet pudesse refutar a provocação do irmão.

— O clima aqui está um pouco tenso, então, que tal um intervalo para vocês dois esfriarem a cabeça? — sugeriu, massageando o músculo entre o ombro e o pescoço. — E eu aproveito para esticar as pernas, porque a minha bunda já está ficando dormente.

Dimitri encarou o irmão gêmeo, e embora duvidasse do que dizia, concordou que a sugestão era boa. Muitas vezes ele se envolvia tanto com a música e os ensaios que se esquecia da vida. Com gestos lentos, apoiou o violoncelo em um móvel próximo e fez um sinal afirmativo com a cabeça.

— Está bem. Vamos parar por meia hora. Preciso mesmo fazer umas chamadas. — Levantou-se e puxou o celular do bolso da calça, atravessou a sala e passou pelas portas duplas em estilo veneziano que se abriam para o terraço.

Dennis decidiu sair para fumar um cigarro, enquanto Emma foi à procura de um lugar reservado onde pudesse ligar para o namorado.

Aproveitando a deixa, Scarlet foi até o banheiro, em seguida, se hidratou na pequena cozinha anexa ao estúdio. Na volta e aproveitando que

Dimitri seguia falando no celular, aproximou-se do violoncelo que ele deixara a um canto a fim de admirá-lo de perto. Dava para notar que tinha sido bem usado, devia acompanhá-lo há vários anos, ainda assim, era um belo instrumento. Esticou o braço e passou a mão por seus contornos, lembrando-se de como seu dono costumava fazer. Estranhamente, sentiu as pontas dos dedos formigarem ao imitá-lo.

Capítulo 5

Terminadas as ligações e depois de responder as mensagens que considerou urgentes, Dimitri parou um momento para observar a vista. Embora o tempo estivesse frio, o sol conseguira atravessar as nuvens e sair. Nesse momento, ele começava a se pôr e era um espetáculo que podia admirar de onde estava. Seu pensamento lhe trouxe o rosto magoado de Scarlet e ele sentiu um gosto ruim subir por sua garganta. Não se reconhecia, mas a possibilidade de que ela pudesse ter algo além de amizade com seu irmão deixava-o zangado, porém, sabia que não tinha o direito de sentir-se assim, além do mais, nada justificava o modo como a tratara.

Céus! Ele a humilhara, chamara a sua atenção por erros bobos e pequenas desatenções. Realmente tinha sido um idiota. Recriminou-a por não estar se concentrando no ensaio, e fora duro com ela com a intenção de mantê-la afastada dele. Tudo isso para não ceder à tentação e ao desejo louco que o consumia. Ele já percebera que a atração que sentia por ela, que essa força estranha que o puxava para Scarlet, era mútua. E por mais que tentasse manter distância, acabava cedendo e se aproximando dela.

Retornando à sala, Dimitri se deparou com Scarlet, de pé, diante do seu violoncelo. A garota tinha os olhos fixos no instrumento, e seus dedos longos e finos deslizavam suavemente pela superfície lisa. Embora não fosse essa sua intenção, viu quando ela deu um pequeno pulo pelo susto que tomou ao notá-lo parado e a observá-la.

— Eu só estava olhando... — explicou Scarlet, constrangida por ter sido pega bisbilhotando. Odiava ter que admitir, mas Dimitri tinha o poder de intimidá-la. Já se afastava quando a voz dele a deteve.

— Está tudo bem, não precisa sair correndo. Eu não sou um monstro e você não está cometendo nenhum crime. — Sua voz era apaziguadora, grave e baixa. Ao escutá-lo, Scarlet virou-se de frente para ele. — Despertou sua curiosidade?

Embora estivesse chateada, Scarlet foi incapaz de ignorar a pergunta.

— Sim, mas confesso que não sei quase nada sobre ele — admitiu, franca. — Sempre me foquei no piano e não prestei atenção nos demais instrumentos. Pelo menos, não a fundo.

Dimitri limpou a garganta e olhou para os lados, certificando-se de que Emma e Dennis estavam distantes o suficiente para não escutarem o que diziam.

— Por muito tempo o violoncelo foi o coadjuvante, afinal, não tinha o mesmo apelo e glamour que o piano, o violino ou o saxofone, mas, nas últimas décadas, tem ganhado espaço e visibilidade. Eu posso te explicar um pouco sobre o violoncelo, mas só se você quiser, é claro — emendou diante da interrogação que viu no belo rosto.

Surpresa, Scarlet encarou-o, e a palavra *bipolar* cruzou sua cabeça. Estava exagerando, é claro, mas por mais que tentasse, não encontrava uma explicação plausível para uma mudança tão drástica de humor como a dele. Em um momento, ele era um verdadeiro ogro e parecia a ponto de sacudi-la; em outro, era atencioso e gentil, oferecendo-se para lhe explicar sobre o instrumento. Contrariando seu instinto, que pedia aos gritos que ela se afastasse dele, Scarlet se viu concordando.

Dimitri sentou-se na cadeira ajustada no ângulo ideal, separou as pernas e afastou mais a perna direita, que não precisava entrar em contato com o instrumento, trazendo os pés um pouco à frente da linha dos joelhos. Pegou o violoncelo, colocou a mão na parte de baixo e puxou o espigão até o tamanho exato, apoiando-o no chão numa posição elegante. Encostou-o contra o peito, posicionando-o mais para o lado esquerdo, e seus dedos longos passaram por ele, devagar e suave como uma carícia.

Ele começou descrevendo o instrumento em si. Explicou que a parte mais longa, onde se viam as cordas esticadas e as quatro cravelhas, era o braço, e estas serviam para afinar o violoncelo. O corpo de madeira era chamado de caixa de ressonância, e no meio dele ficava o cavalete. A peça que puxara para apoiá-lo no piso chamava-se espigão. O arco era feito de madeira e os fios eram de crina de cavalo, mas poderiam ser de plástico tipo nylon e ajustados às duas extremidades da peça de madeira, longa e curva.

Scarlet sacudia a cabeça conforme ouvia. A cadência de sua voz grossa, somada ao seu evidente carisma, a hipnotizavam, e por mais que tentasse, não conseguia desviar os olhos daquela figura imponente. Quando não estava sendo rude e exigente demais, Dimitri era carismático, envolvente e capaz de cativar a mais arredia das plateias. Havia pouco, descobrira que era um dos responsáveis do cello se popularizar, a ponto de ser necessário estádios e grandes auditórios para realizar seus concertos. Colocava sua vitalidade nas interpretações do rock e do pop, e havia nele nuances de delicadeza e sensibilidade ao executar as peças clássicas.

No palco, Dimitri não tinha receio de se entregar à música e demonstrar seus sentimentos. Em contrapartida, sua vida particular era cheia de mistérios, o que provocava especulações picantes da mídia e a deixava ainda mais intrigada.

— Gostaria de tentar? — convidou ele, trazendo-a de volta para a sala.

Scarlet ponderou sobre o convite e não foi nada fácil recusá-lo, ainda mais quando Dimitri a olhava de um jeito inesperado; havia um brilho especial em seus olhos quando ele falava com paixão e orgulho do instrumento que tocava.

— É melhor não. Talvez uma outra hora — disse, fitando-o com gravidade. Resoluta e de cabeça erguida, Scarlet virou-se e andou na direção do piano.

Dimitri encolheu os ombros, pensativo. Se o que ele queria era que ela ficasse longe dele, por que diabos se ofereceu para explicar sobre o violoncelo? E por que o chateou a recusa dela em experimentá-lo?

Não se orgulhava do que tinha feito e calou sua consciência se dizendo que era melhor assim, caso contrário, poderia vacilar e correr o risco de quebrar a regra que se impusera. E a experiência lhe ensinara, a duras penas, que não era nada prudente misturar a vida pessoal com a profissional.

— Como você quiser. — Dimitri deu uma rápida olhada no relógio em seu pulso. — Hora de retornar ao ensaio — murmurou, vendo-a se afastar.

— Vocês viram isso? — indagou Dennis, os olhos fixos na tela do celular. Ao perceber que chamara atenção dos demais, prosseguiu: — A apresentação de ontem está na internet, a mídia adorou a estreia da turnê. Palavras como fantástica, deslumbrante e magnífica foram citadas em quase todas as matérias. Escuta só o que diz uma delas — pediu e começou a ler.

“Duo Ulinov mistura clássico, rock, pop e soul com violoncelos em seus shows. Os gêmeos, Dimitri e Dennis Ulinov, inovam ao usar um instrumento clássico para tocar composições tão distintas. A multiplicidade artística, que une Vivaldi e Bach aos clássicos do pop e do rock como AC/DC, Iron Maiden, Muse, Nirvana e Guns N’ Roses, é uma marca do trabalho da dupla. E não podemos deixar de mencionar um dos pontos altos do show, protagonizado por Dimitri e Scarlet Pires, uma jovem e talentosa pianista, ao tocarem o tema do filme Love Story em um dueto sensual e simplesmente encantador.”

— Mandamos muito bem, pessoal — elogiou Dennis, animado. — Colocaram fotos nossas e uma sua com a Scarlet. Eu acabo de ter uma ideia! Seria demais se tivesse um dueto de vocês dois na abertura do show — propôs, cada vez mais eufórico. — O que acham?

Dimitri torceu a boca em desagrado.

— O repertório está completo, Dennis. É melhor deixar como está.

— Bobagem. Para mantermos o mesmo tempo de show, podemos substituir uma das árias. Diz que vai pensar, pelo menos — pediu Dennis, e dirigiu-se à Scarlet: — que tal o tema de Mia e Sebastian no filme *La La Land* que você tocou na sua primeira audição? Foi fantástico!

— Como sabe? Você não estava lá nesse dia — lembrou Scarlet.

— É verdade, mas o Alberto nos contou como você se saiu.

Santa ingenuidade, Scarlet. É óbvio que os três conversaram a respeito.

— Ah, é claro — disse ela, sem jeito.

— Eu acho a ideia excelente. Podem aproveitar a boa repercussão da mídia e incrementar ainda mais o show — Emma se manifestou, contagiada pela alegria de Dennis.

Pensativo, Dimitri lançou um olhar desconfiado para o irmão, e depois para Scarlet. Será que os dois tinham se colocado de acordo para favorecê-los nos shows? Esse pensamento o desagradou ainda mais, deixando-o irritado.

— Se nós fizermos isso, vamos dar mais protagonismo para o piano, e o nosso objetivo é popularizar o violoncelo — argumentou, parecendo não estar de acordo com a proposta.

— O violoncelo vai continuar sendo o principal instrumento do show — reafirmou Dennis.

— Eu sei, mas comece com um dueto, depois outro, e quando nos dermos conta, o show terá perdido sua característica principal. E fazemos isso como uma forma de expandir os horizontes. Se tocamos apenas um tipo de música, não usamos nossa criatividade e imaginação. Queremos aprender outras variedades, atrair audiências mais novas. — Ele não podia verbalizar, mas o que o fazia hesitar em aceitar a sugestão do irmão se devia principalmente ao fato de ter que passar mais tempo com Scarlet, de seu receio em ficar diante da tentação e não ser capaz de resistir.

— Exatamente. Nós amamos tocar rock no violoncelo, pela energia, intensidade e paixão. E podemos enlouquecer no palco. — Dennis não continha seu entusiasmo. — Dimitri, a nossa intenção sempre foi despertar emoções e tocar almas com a música. Se conseguirmos isso com o violoncelo, com o piano ou com os dois juntos, eu me dou por satisfeito — contra-argumentou. — O importante é fazermos um bom espetáculo, que agrade ao nosso público e atraia os mais jovens para nos assistir. Sem o público, não somos nada, meu irmão. Na minha opinião, nós podemos dar o que eles pedem.

— E as pessoas já estão *shippando* vocês dois — comentou Emma.

— O quê? — Scarlet lançou um olhar surpreso na direção da amiga, e quando encarou os irmãos, sentiu que seu rosto pegava fogo.

— Eu vi. Criaram até uma *hashtag* — confirmou Dennis.

— Eu não entendi — confessou Dimitri, o olhar sobre o irmão. — *Shippando? Hashtag?* Que termos são esses?

Dennis se recostou mais na cadeira, cruzou os braços e estreitou os olhos.

— Irmãozinho, você tem que se envolver mais nas redes sociais — disse e voltou a ajeitar o corpo. — Deixe-me explicar: o público gostou tanto do dueto de vocês que começou a *shippar*. Isso quer dizer que estão torcendo para que você e a Scarlet formem um casal, entendeu?

— Juntaram os nomes de vocês e criaram a hashtag *#DimiScar*. E está bombando na *net* — emendou Emma.

— Como é possível, em plena era da informação instantânea, você ainda não se sentir à vontade com a internet? Até as crianças de hoje em dia participam mais das redes sociais do que você. É algum tipo de aversão? — questionou Dennis, brindando o irmão com um olhar de descrença.

Dimitri fechou a cara ao voltar a encará-lo.

— Eu não sou avesso à tecnologia ou à internet, só não desperdiço meu tempo. Uso a rede para fazer pesquisas relacionadas à música e postar nossos vídeos. E prefiro que continue assim. Para demais assuntos, nós temos a Melissa.

Dennis levantou os braços num gesto de rendição.

— Que rabugento! — resmungou, levemente ressabiado, mas logo voltou ao seu normal. — Tudo bem, não está mais aqui quem falou, mas pensa na minha ideia. A Mel vai concordar comigo, tenho certeza.

— Que cara mais chato! — Dimitri bufou. — Está bem, eu vou pensar — cedeu.

— Promete? — insistiu Dennis.

— Não força, meu querido *irmãozinho*. Eu já disse que vou pensar. Agora, vamos continuar ensaiando — Dimitri determinou, sério.

Havia dois anos que ele evitava navegar na internet. No começo, foi para não se deparar com alguma notícia sobre a ex, depois, simplesmente deixou para lá, e como acabara de afirmar, a usava para pesquisar sobre a

música. Melissa Andrade era uma amiga dos tempos de faculdade, e após se formar, se tornara uma agente de artistas. Foi natural para Dimitri contratá-la quando ela se ofereceu para agenciar a dupla, o que fazia desde o início, tornando-se responsável pelo marketing e encarregando-se de manter as páginas na internet atualizadas. E, também, fazia a ponte entre eles e a imprensa. Era ela quem negociava os contratos dos shows, mas quanto a fechar ou não, a decisão final era sempre dele.

Então, quer dizer que tem gente torcendo, ou melhor, shippando nós dois... Dimitri não sabia como reagir a isso, afinal, era a primeira vez que acontecia. Mas não deixava de ser interessante, e talvez a ideia de um segundo dueto não fosse de todo ruim.

Capítulo 6

Mesmo com o intervalo e depois da conversa que tivera com Dimitri, ainda havia um clima pesado entre eles, por isso Scarlet não via a hora de acabar o ensaio. A despeito de ele ter cumprido o prometido e não ter voltado a tratá-la com grosseria ou impaciência, ela passou o resto da tarde tensa e incomodada com o grandão barbudo, de ombros largos e olhar penetrante, então queria sair logo dali.

E ainda teria que pensar na sugestão de Dennis quanto a um segundo dueto dos dois, o que seria ótimo para sua carreira, pois a faria ter mais destaque e visibilidade. Caso ele aceitasse, teriam que ensaiar por horas juntos, e pensar na possibilidade a deixava receosa e excitada ao mesmo tempo. Confusa, mudou a linha de pensamento para o passeio que ela, Emma e Dennis haviam programado para depois do ensaio e que parecia mais atraente a cada minuto que passava. Seria bom sair, relaxar e desanuviar um pouco a cabeça.

Passava das oito da noite e Scarlet não reprimiu um suspiro de alívio quando ouviu a voz grossa de Dimitri dar o dia por encerrado. Levantou-se do banquinho e contornou o magnífico piano de cauda, mas, antes de sair, levou o olhar para além da janela e notou o céu coberto de nuvens escuras e pesadas. Era provável que chovesse mais tarde. Com isso em mente, andou até o suporte na parede, pegou o casaco de lã, longo e castanho, que deixara ali no ensaio anterior e vestiu-o, imaginando que a temperatura já devia ter caído.

Scarlet não queria, mas a caminho da porta, acabou dando uma última olhada na direção de Dimitri. Ele estava inclinado e concentrado em enfiar um calhamaço de papéis dentro de sua inseparável pasta de couro. Ela optou por seguir seu caminho sem dizer nada. Viu, de relance, Emma sorrir tímida e acenar para ele, enquanto Dennis se detinha por alguns minutos para se despedir do irmão.

Na noite seguinte, o grupo se apresentaria pela segunda e última vez na cidade, e a previsão era que viajassem para Madri logo depois, prosseguindo com a turnê.

Scarlet admirou a construção de tijolos aparentes em estilo Vitoriano onde ficava o estúdio e desceu a escadaria que dava acesso à saída. Percorreu o caminho de pedras permeado por um jardim bem cuidado, com plantas de um verde exuberante, até um portão de ferro pintado de branco. Segundos depois, Emma a alcançou. Do lado de fora, deram de cara com Bernardo,

encostado indolentemente no carro alugado.

Quando se aproximaram dele, Emma saudou o namorado com um beijo rápido e Scarlet com um aceno.

— E o Dennis? — indagou Bernardo.

— Ficou para trás, mas já deve estar vindo.

O rapaz assentiu e os três entraram no veículo. Emma ligou o rádio e a voz potente e melodiosa de Eddie Vedder, vocalista da banda Pearl Jam, invadiu o interior do carro. Nesse momento, Dennis apareceu no portão e atravessou a rua correndo.

— Opa! Não vão embora sem mim, pessoal! — exclamou ao chegar. — E aí, Bernardo, beleza? — saudou, entrando e se acomodando no assento ao lado de Scarlet.

— Tudo beleza, cara! Então, finalmente vamos conhecer o famoso Bairro Vermelho de Amsterdam — disse Bernardo, ligando o motor do carro. — Prontos?

— Prontos! — os três passageiros responderam ao mesmo tempo. Cinco minutos depois, já estavam na rodovia, indo em direção ao centro da cidade.

O Bairro Vermelho destacava-se pela grande quantidade de neons e luzes vermelhas que decoravam as várias vitrines. Aquele era um dos locais mais visitado pelos turistas, que, curiosos, se aproximavam atraídos pelo proibido. De fato, para os que visitavam a cidade, era praticamente inevitável entrar naquele bairro, por ser uma das zonas mais conhecidas e pitorescas da cidade, inclusive ficando próximo a dois outros pontos turísticos: a [*Igreja Oude Kerk*](#) e o [*Museu Amstelkring*](#).

Enquanto caminhavam pela rua principal, Dennis se afastou do casal de namorados, cujas expressões demonstravam o quanto estavam curiosos com o que viam, e aproximou-se de Scarlet, passando a andar ao seu lado. Notando que a garota permanecia calada, deduziu que ainda devia estar ruminando o que acontecera entre ela e Dimitri.

— Está tudo bem?

— Sim, está. — Scarlet foi econômica na resposta. Na verdade, por mais que tentasse, não conseguia se desligar de Dimitri, e não entendia o motivo para isso acontecer.

Era para ela estar chateada com ele, não era? Então, por que a imagem dele insistia em não sair da sua cabeça? Por que, por mais que tentasse, não conseguia controlar seus pensamentos? Que diabos ele fizera com ela?

Parecia até um feitiço do qual não conseguia se libertar. Antes que pudesse continuar, a voz de Dennis interrompeu suas divagações:

— Está pensando no que houve entre você e o meu irmão, estou certo?

Ela enfiou as mãos nos bolsos do casaco antes de responder:

— Eu não gosto desse tipo de situação. O ambiente ficou esquisito depois.

— Scarlet, eu não concordo com o que o Dimitri fez, mas nós sabemos como o cara é exigente e perfeccionista, até consigo mesmo. É o jeito dele. Meu irmão não é má pessoa, só é um pouco fechado. Ele não era assim, era alegre, sorria sempre, mas aconteceram coisas e ele se fechou, construiu uma barreira em volta de si e não permite que as pessoas entrem. — Dennis se deteve, temendo ter falado demais. — O problema é quando ele pega pesado, como hoje, por exemplo.

Ela ouviu, mas continuou em silêncio. Como era irmão dele, nada mais natural que Dennis o defendesse. *Coisas aconteceram...* Mas que coisas seriam essas? Aquilo atiçou ainda mais sua curiosidade, porém, achou melhor não prosseguir. Tinha que dar um jeito de parar de pensar em Dimitri.

— Eu não quero ser chata, mas podemos mudar de assunto? Eu já falei tudo o que tinha para falar com o Dimitri. Confesso que o que houve me abalou um pouco, mas estou bem. — Sorriu, fingindo que tudo estava sob controle, e percebeu quando o rosto tenso de Dennis suavizou.

Ambos seguiram caminhando, sentindo a brisa fria beijar-lhes os rostos e cabelos, o que era revigorante. Scarlet olhou em volta e, como Emma dissera, o lugar ainda fervilhava àquela hora da noite.

— Entendo, e só para você saber, eu também estranhei a atitude dele e cheguei a me perguntar se estava acontecendo alguma coisa, se Dimitri está com algum problema, mas resolvi deixar esse pensamento de lado. Se for algo que ele queira que eu saiba, vai me dizer. Mas só vou te falar duas coisas: você sabe o quanto é talentosa e como está se saindo bem na turnê. E a mídia também percebeu isso. Não se deixe abater, nem mesmo pelo babaca do meu irmão. — Dennis olhou firme para ela.

Scarlet piscou e virou o rosto, fixando o olhar num ponto qualquer do lugar, apenas para fugir do exame acurado dele. Não queria que Dennis conseguisse decifrar o que se passava com ela. O que sentia era só uma atração, nada além disso. Encantara-se pelo que Dimitri representava. Era um músico famoso mundialmente e bem-sucedido. Ele possuía o que ela gostaria de ter um dia. E o homem era lindo, tinha um corpo fantástico, o que explicava a atração física. Esse fascínio que sentia por ele era passageiro. E

torcia para que acabasse o mais rápido possível. Tudo o que precisava fazer era manter o corpo e os pensamentos sob controle, focando no mais importante: sua carreira.

— Obrigada por me dizer isso, e pode ficar tranquilo. É um bom amigo, Dennis — disse com sinceridade.

Dennis chegou mais perto, passou o braço pelos ombros dela e, estufando o peito, falou:

— Eu sei.

Foi impossível para Scarlet deixar de sorrir diante da resposta e da expressão no rosto dele.

— Metido!

Dennis jogou a cabeça para trás e soltou uma gargalhada gostosa.

— É bom te ver sorrir de novo. E eu não sou metido, sou realista — rebateu, risonho.

Era meia-noite quando Scarlet atravessou o saguão do hotel e dirigiu-se ao local onde ficavam os elevadores. Sentindo falta de alguém, virou-se e viu Emma na entrada, despedindo-se do namorado. Enquanto esperava, observou a amiga caminhar rápido, com os saltos altos ecoando pelo piso de mármore.

Minutos depois, já dentro do elevador, Scarlet deixou o ar sair devagar. Seu dia tinha sido exaustivo. A tensão entre ela e Dimitri sugou grande parte de sua energia, e o passeio após o ensaio, embora a tenha ajudado a relaxar, acabou de exauri-la. Quando o aparelho parou no sexto andar, elas desceram e caminharam até a porta. Emma se posicionou de lado enquanto Scarlet usava a chave cartão para abri-la.

— Que bom! — exclamou, aliviada, no momento em que entrou no espaço aconchegante e de muito bom gosto. Sentou-se na poltrona confortável, colocou a bolsa no chão ao seu lado e foi logo tirando os sapatos.

Scarlet tinha se prometido não andar de salto, mas Emma dissera que aquele sapato ficara tão lindo nela que a tinha convencido a não tirá-los. Massageando os dedos doloridos, ela passeou os olhos pelo cômodo, satisfeita com o que via. O quarto era todo decorado em tons pastéis; havia duas camas, um armário embutido, duas poltronas, um frigobar, uma televisão de trinta e duas polegadas sobre um *rack*, uma mesinha com um vaso de flores e duas cadeiras com assentos almofadados.

— Foi bem legal conhecer o Bairro Vermelho — disse Emma, sentada na borda de uma das camas.

— Eu gostei bastante do passeio. É um bairro bem diferente, peculiar.

— Concorde, e o Dennis é muito gente boa, ao contrário do irmão. Como podem ser fisicamente iguais e terem personalidades tão distintas?

— Porque são duas pessoas diferentes, Emma. Ai, caramba! — Scarlet disse do nada, assustando a amiga.

— O que foi?

— Eu fiquei de ligar para a minha mãe e acabei esquecendo.

— Liga amanhã cedo. Está tarde — sugeriu Emma.

— Pela diferença de horário, é de manhã no Brasil. A essa altura, a dona Laura já deve estar morrendo de preocupação. Quando eu combino de ligar, ela fica esperando, e só se tranquiliza quando fala comigo. Nem deve ter dormido direito, e a culpa é minha. Merda! Como fui esquecer?

Emma lançou um olhar condescendente na direção da amiga.

— Não adianta perder tempo se recriminando. Se as coisas são do jeito que você diz, é melhor ligar logo para ela — afirmou a ruivinha, levantando-se da cama e indo até o banheiro. — E você vai me contar sobre o motivo de Dimitri pegar tanto no seu pé durante o ensaio? — gritou de onde estava.

— Eu não sei porque ele fez isso, mas qual é a novidade? O Dimitri pega no pé de todo mundo — Scarlet gritou de volta.

Emma apareceu no vão da porta com uma escova de dentes pendurada no canto da boca.

— É verdade, ele faz isso, mas não pega no meu pé ou no do Dennis como pega no seu — concordou a ruiva, com a voz abafada pela escova.

Antes que Scarlet pudesse responder, Emma girou o corpo e sumiu dentro do banheiro, instantes depois, ouviu-se o ruído de água correndo.

— Eu achei que estava tudo bem, ainda mais depois... — Pensativa, Scarlet parou de falar, deixando o restante da frase no ar.

Percebendo que a amiga hesitava, Emma parou e pensou por alguns instantes.

— Será que o homem está com algum problema e resolveu descontar suas frustrações em você? — questionou, entrando no quarto.

— Eu não faço a menor ideia.

— Espera, você disse “*ainda mais depois*” e parou. Depois do quê?

— O Dimitri e eu conversamos naquele bar onde fomos na noite da

estreia, mas foi só por uns minutos.

— Vocês dois conversaram? E quando foi isso que eu não vi?

— Logo depois que você e o Bernardo me deixaram para cumprimentar um amigo. O Dimitri deve ter me visto sozinha e veio falar comigo.

— Uau! Quer dizer que o senhor Dimitri *não-se-aproxime-ou-fale-comigo* Ulinov resolveu se aproximar e falar com você? Estou impressionada! — ironizou a violinista.

— Credo, Emma! Do jeito que você fala, até parece que ele é algum tipo de monstro.

Emma surpreendeu-se com o fato de Scarlet pular em defesa do cara que tinha tirado uma tarde inteira para usá-la como saco de pancadas.

— Espera um instante. Eu ouvi direito? Você está defendendo aquele troglodita? Como pode defendê-lo, ainda mais depois do modo como ele te tratou?

— Eu só estou dizendo que o Dimitri é um homem como tantos outros por aí — defendeu-se Scarlet.

— Ah, não, senhorita! Definitivamente, o Dimitri não é só um homem, como você diz. Não há nada de comum nele, mas concordo com você. É claro que ele não é um monstro, ele é até bem bonito. Pena que seja um cara grosso, um ogro, e só abra a boca quando encontra algo para criticar ou reclamar. Nunca vi alguém tão mal-humorado como ele.

Scarlet fez um gesto, concordando.

— Naquela noite, ele estava diferente — confessou.

Emma fitou a amiga com evidente interesse.

— Diferente como?

— Estava falante. Sorriu e até me elogiou, depois se ofereceu para me pegar outro drinque quando viu que o meu copo estava vazio.

— Dimitri sendo gentil... Nem dá para acreditar. Tem certeza de que estava falando com o gêmeo certo? Você pode ter confundido — sugeriu Emma. — Não precisa me olhar assim, eu só estou brincando.

— Eu sei que está. Embora sejam gêmeos idênticos, os dois possuem estilos próprios, portanto, são inconfundíveis. Eu também fiquei surpresa com a atitude dele, mas quando retornou com o meu drinque, ele não falou mais nada, pediu licença e se afastou. — Scarlet levantou-se, foi até o frigobar,

abriu a portinha e pegou uma garrafinha de água.

— Entendi, mas continuo estranhando essa mudança repentina do Dimitri. À noite, foi gentil e prestativo com você, e te tratou mal no dia seguinte. E é bem típico dele não falar nada e te deixar sozinha.

Scarlet tomou um gole do líquido refrescante antes de voltar a se acomodar na poltrona.

— O Dimitri não me deixou sozinha, eu fiquei com o Dennis. Não que eu precise de escolta, mas ele veio falar comigo uns minutos antes de o irmão voltar — explicou Scarlet. *Mas que droga!*, pensou, insatisfeita consigo mesma. *Por mais que eu tente evitar, o assunto Dimitri acaba sempre voltando. E ainda por cima, as pessoas ao meu redor não colaboram comigo. Primeiro foi o Dennis, e agora a Emma. Será que não podemos falar de outra coisa? E a quem eu quero enganar? Eu simplesmente não consigo parar de pensar nele.*

— Hum... isso é bem interessante — murmurou Emma, desconfiada.

Scarlet inclinou-se, pôs a garrafinha com o resto da água no chão, ajeitou o corpo na poltrona, pegou o celular de dentro da bolsa, desbloqueou a tela, procurou um nome nos contatos e apertou o botão de fazer chamadas. Fez tudo isso sentindo o peso do olhar especulativo da amiga sobre si, do qual se esforçou para seguir ignorando enquanto aguardava a mãe atender ao telefone.

Capítulo 7

Rutger Elias, descendente de uma família nobre de Amsterdam com origem no século XIV, patrono das artes, entusiasta da música erudita e do violoncelo, em particular, ficou maravilhado ao assistir à segunda apresentação do Duo Ulinov e decidiu oferecer uma recepção em homenagem à dupla e aos demais membros da equipe em sua mansão, após o término do show. E foi por isso que, às dez da noite, Scarlet entrou na belíssima construção com o braço entrelaçado no de Dennis.

Ao parar na entrada do enorme salão de festas, de pé direito alto e com um magnífico lustre de cristal pendurado no teto, virou o pescoço e olhou para o amigo com um grande sorriso. Apareceu deslumbrante dentro de um vestido azul-gelo, de decote princesa, coberto de contas e folhas de prata bordadas, que moldava seu corpo curvilíneo como uma segunda pele e lhe dava uma silhueta estonteante. Ela estava glamorosa, brilhante e empolgada com aquela festa.

— Eu vou pegar uma bebida para nós e já volto — avisou Dennis, afastando-se dela rapidamente.

Sozinha, Scarlet aproveitou para vasculhar o local à procura dele. Encontrou-o a um canto, mas logo uma mulher aproximou-se e se pendurou em seu braço, sorrindo e tentando a todo custo chamar sua atenção. Porém, seus olhos estavam nos dela, encarando-a com intensidade, a ponto de fazê-la sentir-se nua sob seu escrutínio. Ele lhe lançou um sorriso torto e seu corpo se arrepiou.

Decorridos cerca de cinco minutos, Dennis estava de volta e entregava uma taça de champanhe para ela. Sem querer, Scarlet voltou a procurar por Dimitri e o pegou fitando-a, mas a mulher grudenta disse algo e ele quebrou o contato entre os dois. Scarlet tomou a bebida borbulhante em grandes goles, visando amortecer o sentimento forte, denso e poderoso que a tomou ao presenciar aquela cena. Tratou de ignorar o nó que se formou na boca do estômago e decidiu sair do campo de visão dele, por não se sentir capaz de seguir observando Dimitri de braço dado com outra mulher. *Sou uma idiota! Ele não é nada meu, portanto, eu não deveria sentir nada*, recriminou-se, intimista.

— Segura para mim? — pediu, entregando a taça, agora vazia, para Dennis. — Preciso retocar o batom. Não demoro — informou, à guisa de explicação.

No meio do caminho, parou um dos garçons e pegou outra taça da

bandeja que o homem equilibrava em uma mão e bebeu o líquido de um gole só, devolvendo-a de onde a pegara.

— Obrigada — agradeceu e voltou a andar, apressada.

Atenta, olhou para os lados e localizou o local que procurava, mas antes de chegar, notou um vulto ao lado da escadaria e uma mão grande segurou-a pelo braço. Assustada, tentou se soltar, parando ao perceber de quem se tratava.

— Dimitri?! Você quase me matou de susto! — Scarlet colocou uma das mãos sobre o peito. — Espera! — pediu ao senti-lo puxá-la, guiando-a por um corredor e parando diante de uma porta que o violoncelista não hesitou em abrir.

— Entre — comandou ele, num tom de voz baixo e controlado.

Impulsionada pela curiosidade, Scarlet obedeceu, pois não entendia o motivo de ele estar agindo daquela maneira.

Dimitri fechou a porta atrás de si e viu-a de costas para ele. Observou-a esfregar o local onde a pegara, e sentindo uma pontada de culpa, perguntou-se se não havia sido impetuoso e brusco demais e acabara por machucá-la.

Scarlet permaneceu na mesma posição por algum tempo, e ao se virar de frente para ele, percebeu que cometera um grave erro. Dimitri estava tão próximo que ela era capaz de sentir sua respiração morna na base do pescoço.

— Por que me trouxe até aqui? — A apreensão a dominou por inteiro quando viu seu rosto de traços másculos enrugado.

A forma como Dennis e Scarlet entraram na mansão e a interação entre eles fez Dimitri sentir-se estranhamente desconfortável. O irmão, assim como vários outros homens no salão, a observavam com apreciação masculina, e ele não conseguiu evitar que uma fúria crescente o invadissem, embora fosse capaz de entendê-los, pois agiram da mesma maneira. Quando a viu entrar, seu queixo caiu e ele não conseguiu deixar de admirá-la. Scarlet estava resplandecente, deslumbrante, mais sexy e linda do que nunca.

O movimento de subir e descer do peito dela denunciando sua respiração alterada, tirou-o de seus devaneios e fez seu olhar recair sobre ele, tirando seu foco por um momento.

— Eu quero falar com você.

— Sobre o quê?

— Sobre algo que está me incomodando. Você e o meu irmão estão sempre conversando, até saem juntos...

— Sim, é verdade e fazemos isso porque somos amigos. Não estou entendendo aonde você quer chegar, Dimitri.

Ele clareou a garganta antes de prosseguir.

— A sugestão de incluirmos outro dueto no início do show... Você tem algo a ver com isso?

Scarlet sentiu-se enrijecer, como se tivesse sido golpeada.

— O quê? Como você se atreve a me fazer uma pergunta dessas? — sibilou, nervosa. — Eu não tenho nada com isso! — assegurou com veemência.

— Tem certeza que não insinuou, em algum momento, que gostaria de ter mais visibilidade nos shows? — insistiu Dimitri, fitando-a com desconfiança.

— Eu sei que outro dueto, principalmente no início, me colocaria em evidência...

— Então, você não nega? — Havia um brilho de decepção nos olhos dele ao dizer isso.

— É claro que nego! — rebateu Scarlet, ofendida. — Eu não comentei ou insinuei nada para o seu irmão. Ele pensou nisso sozinho! — defendeu-se, odiando-se por ter que fazer isso. E do modo como a olhou, Dimitri não parecia convencido. — Está enganado a meu respeito se pensa que eu seria capaz de fazer algo assim. Se não acredita em mim, pergunta para o Dennis. É seu irmão, você acha que ele se deixaria manipular? — reforçou, cada vez mais indignada.

Dimitri não respondeu. Diante da reação visceral da pianista, passou a duvidar do próprio julgamento. Talvez tenha se precipitado e as coisas não eram como pensara a princípio. Viu Scarlet andar na direção da porta, pisando duro, o semblante magoado. Fizera-a sentir-se mal ao externar o que se passava em sua cabeça quando prometera que não voltaria a magoá-la, mas acreditou que o melhor a fazer seria sair de dúvidas. Precisava confiar nas pessoas com quem trabalhava, e isso era um ponto pacífico. Além disso, Scarlet confessara que entre ela e seu irmão havia apenas amizade, o que o fez sentir-se aliviado. Num movimento instintivo, esticou o braço na frente dela, cortando seus passos e impedindo-a de sair. Colocou a mão grande na cintura estreita.

— O que você pensa que está fazendo? — quis saber Scarlet, surpresa com o gesto dele, inspirando e expirando profundamente.

— Eu não sei — Dimitri murmurou a resposta, distraído. — Eu te

chatee com a minha desconfiança, tem razão em ficar brava. Eu não pensei direito antes de te confrontar, por isso, peço desculpas. Não quero que as coisas fiquem estranhas entre nós de novo.

— Você devia ter pensado nisso antes de fazer essas acusações infundadas. E me solta! Eu quero sair daqui! — exigiu a garota, impaciente.

— Espera, eu quero...

— O quê? Seguir me ofendendo?

— Scarlet, eu sei que tem algo acontecendo entre nós... — Dimitri elevou a mão livre e pousou o polegar sobre a veia jugular, sentindo sua pulsação acelerada. Moveu o dedo e acariciou a pele macia e sensível sem a menor pressa. Desceu e tocou seu decote, os dedos resvalando o vale entre os seios firmes e empinados. — Esse vestido fica muito bem em você — elogiou, deixando-a confusa ao mudar radicalmente de assunto. Sentiu a carne palpitar e aquecer sob suas carícias.

— Obrigada. E você está muito elegante — Scarlet retribuiu o elogio. E ele estava mesmo. Não só elegante, mas muito sexy metido em um blazer de lã marrom, camisa vinho, de malha e gola alta, jeans escuros e botas. A barba e os cabelos ruivos naturalmente revoltos e encaracolados nas pontas lhe davam um toque de rusticidade.

Scarlet precisou morder o lábio para conter um gemido involuntário quando a mão na sua cintura apertou a carne. Seus olhos se prenderam aos dele, brilhando de ansiedade, e o coração batia tão rápido que parecia o de um coelhinho assustado. Ficaram se olhando por um longo tempo, sem ousarem se mover ou dizer uma palavra.

— Por favor... — murmurou Scarlet, depois do que pareceu uma eternidade, quebrando o silêncio incômodo que caiu sobre eles.

— Por favor o quê? — indagou Dimitri, num sussurro rouco contra a pele acetinada e quente.

— Pare — pediu ela, lutando bravamente contra seus instintos, pois a última coisa que desejava era que Dimitri parasse. A sua forte presença, o calor do seu corpo e o perfume delicioso atingiam seus sentidos e ela mal conseguia raciocinar. Sentia-se impactada, a ponto de não conseguir reagir ou se afastar. Estava sozinha dentro daquela sala, à mercê dele, e lutando contra o desejo que ameaçava engolfá-la. Detestava sentir-se vulnerável e tão insegura em qualquer situação, mas, na presença daquele homem, Scarlet não conseguia evitar.

Dimitri balançou a cabeça e olhou-a perturbado, e como se saísse de

um transe, soltou-a inesperadamente. Foi até o outro lado da sala, colocando uma distância segura entre os dois. De costas para ela, ele passou a mão pelos cabelos num gesto nervoso, usando todo o seu autocontrole para resistir. Respirou fundo e só então girou o corpo, voltando a encará-la.

Os músculos do belo rosto estavam contraídos, denunciando a batalha que travava dentro dele. Examinou-a com atenção e notou que ela respirava com dificuldade; os lábios estavam entreabertos, os olhos mostravam-se arregalados, e as íris pareciam maiores que o normal. Podia ser impressão sua, mas ele podia jurar que Scarlet tremia. Captando os sinais que lhe diziam que ela se encontrava tão afetada quanto ele, Dimitri se rendeu, aceitando a vitória da emoção sobre a razão, e começou a andar na direção dela.

Scarlet deixou escapar um choramingo ao vê-lo voltar a se aproximar e retrocedeu alguns passos, parando quando sentiu a dureza da parede em suas costas. Indecisa, segurou os braços dele, sem saber se o empurrava ou puxava para mais perto. Ofegou quando sentiu sua ereção, quente e pulsante, tocar seu ventre no instante em que Dimitri encostou o corpo grande no dela, movendo levemente os quadris. Encurralada, Scarlet abriu a boca para exigir que ele se afastasse, mas Dimitri impediu-a de falar, colocando um dedo sobre seus lábios.

— Por favor, não diga nada, Scarlet — pediu numa voz grave.

Ambos ficaram frente a frente, os olhos dele fixos nos dela, tão perto e tão profundos. A expectativa do que estava prestes a acontecer pesou sobre eles, tornando-se quase insuportável.

A paixão era entorpecedora e a impedia de dar o primeiro passo para tentar escapar. Scarlet tremia de tesão. Foi preciso um esforço sobre-humano para ignorar o pedido de Dimitri.

— Temos que parar — conseguiu balbuciar, com a respiração descompassada. — O que estamos fazendo é uma loucura.

— Não é. — Dimitri segurou-a pelos ombros. — E dane-se se for! — exclamou, exasperado — eu preciso é te beijar, Scarlet — disse, em um tom mais baixo e havia uma afirmação sofrível em sua voz. Esperou pela aprovação dela, enquanto a encarava com intensidade durante uns poucos instantes de hesitação. Quando a encontrou, Dimitri deixou o rosto cair e Scarlet foi calada pelos lábios firmes dele.

O seu beijo e a sua língua faziam a cabeça dela girar de uma maneira deliciosa. A barba instigou sua pele e sem conseguir pensar em nada, se o que faziam era certo, errado ou uma loucura, Scarlet retribuiu com a mesma fome que percebia nele. Em um lampejo de lucidez, deu-se conta do quanto estava

desesperada pelo seu toque e quanto desejou sentir seu gosto que identificou como bom e único.

A química inexplicável entre os dois era forte demais e a fazia sentir-se viva como nunca se sentira antes. Dimitri a entontecia com o cheiro e com o corpo duro, quente, excitado e pressionado contra o seu, fazendo-a perder qualquer pensamento racional.

As mãos grandes moviam-se inquietas pelos contornos sinuosos do corpo feminino, reivindicando, tomando posse e espalhando luxúria e desejo. A língua dele apoderou-se de sua boca e os lábios possuíam os dela de um modo que fazia seu estômago se contorcer e o sangue se agitar nas veias. Scarlet arquejou, trêmula, entregue, quando o pequeno órgão no meio de suas pernas começou a latejar e um calor abrasador alastrou-se pelos seus membros.

— Você faz ideia de como eu me sinto? Do que faz comigo? — Parecia não haver satisfação alguma em Dimitri ao admitir que a desejava. Na verdade, ele parecia relutante e ressentido ao confessar. — Talvez você faça — disse e voltou a beijá-la.

Dimitri não esperou ser tomado pela intensidade dos sentimentos que a proximidade, o calor do corpo e o beijo de Scarlet desencadearam nele. Abalado e surpreso, deu-se conta de que havia muito tempo que não sentia algo tão avassalador e urgente, e foi por pouco que não perdeu o controle. Subiu a mão por sua face, as respirações misturadas, os narizes se tocando. Seus olhos se encontraram, perplexos, confundidos e ele percebeu que faltou quase nada para ser nocauteado pelo desejo que o queimava por dentro e esquecer que, por trás daquela porta, acontecia uma festa e que o lugar estava cheio de gente.

Torceu a boca, desgostoso e impactado ao mesmo tempo. Tinha acabado de cruzar a linha e ignorado sua regra de não voltar a se envolver com uma companheira de trabalho. Preparou-se para quebrar o silêncio, quando foi impedido pelo som de uma tossida discreta. Devagar, afastou-se de Scarlet, contudo, manteve o corpo grande na frente dela, como uma barreira aos olhos de quem quer que tivesse entrado na sala. Inspirou o ar com força, procurando controlar a raiva causada pela interrupção inesperada.

Scarlet prendeu a respiração por um momento e sentiu-se aliviada e também, um pouco decepcionada quando ele a soltou e afastou-se um passo. Viu-o elevar os braços e ajeitar os cabelos. Como seu estilo favorito era o meio desgrenhado, não ficava tão evidente que ela enfiara os dedos naqueles fios.

— Olá — uma voz feminina saudou-os. — Atrapalho?

Voltando a pousar uma mão na cintura de Scarlet e dando-se conta de quem se tratava, Dimitri girou o corpo na direção da dona da voz conhecida.

— Olá, Jenny — retribuiu a saudação e viu a mulher esticar os lábios pintados de vermelho vivo em um sorriso.

Jennifer deixou morrer o sorriso quando percebeu que ele não encontrava-se sozinho como ela esperava.

— Eu estava procurando um lugar tranquilo para fazer uma ligação — começou a explicar. — Sempre desejo boa noite para o André, mesmo quando não estou em casa. Desculpe-me, Dimitri, eu não pretendia atrapalhar.

Dimitri fez um gesto com a mão livre.

— Não tem problema.

— Eu já estava de saída. Com licença. — Scarlet desvencilhou-se da mão que a prendia pela cintura e começou a andar em direção à saída.

Acompanhando o balançar sensual de seus quadris dela, Dimitri esboçou um sorriso apreciativo, e esperou até que Scarlet colocasse a mão na maçaneta para chamá-la:

— Scarlet? — Ela parou e virou-se. — Nós ainda não terminamos a nossa... — Pigarreou antes de continuar. — Conversa — concluiu, e vendo que a moça hesitava quanto a sair ou não, voltou sua atenção para a mulher que falava com ele à sua frente.

— Já que estamos aqui, eu gostaria de aproveitar para conversar com você. É coisa rápida — pediu Jennifer, como se fosse a primeira vez que os dois se viam naquela noite.

— Você podia ter falado comigo antes. Não faz nem quinze minutos que nos encontramos no salão — admoestou-a Dimitri, contrariado.

— Eu acabei esquecendo o que queria te dizer, só lembrei agora — justificou-se Jennifer, com as bochechas e o colo ficando corados.

— Está bem. Pode falar. Sou todo ouvidos — cedeu Dimitri, cruzando os braços sobre o peito largo.

— Será que podemos conversar... a sós?

— Você já conhece a Scarlet? — Dimitri ignorou a pergunta de Jennifer, que negou com um gesto de cabeça.

— Nós ainda não fomos formalmente apresentadas.

— Então, não seja por isso. Scarlet, esta é Jennifer, uma amiga e irmã de Melissa Andrade, a agente da dupla. — E voltando-se para a loira,

acrescentou: — Jenny, esta é Scarlet Pires.

— Ah! A pianista que acompanha os irmãos Ulinov. Está famosa na internet, apesar de ser apenas uma coadjuvante. Espero que aproveite seus quinze minutos de fama — Jennifer disse num tom desdenhoso. — É um prazer conhecê-la. — Lançou um sorriso que Scarlet considerou tão falso e artificial quanto uma nota de três reais. Definitivamente, não tinha ido com a cara dela. Sentiu uma aversão imediata pela mulher assim que a viu se dirigir a Dimitri com sua fala macia e piscando os cílios para ele. Jennifer parecia fazer o tipo oferecida e dissimulada ou era o seu julgamento sendo afetado pelo monstrinho dos olhos verdes?

— Igualmente — Scarlet respondeu, forçando uma naturalidade que não sentia.

— E então, o que você queria falar comigo? — quis saber Dimitri, parecendo alheio à tensão que se instalara entre as duas mulheres.

Jennifer hesitou e voltou o olhar de lado para Scarlet, mas, desta vez, o gesto não passou despercebido pelo violoncelista.

— Scarlet faz parte da minha equipe, portanto, nós podemos conversar na presença dela. É alguma coisa com a sua irmã?

Jennifer olhou para ele e estalou a língua num sinal de desagrado.

— Não é nada referente a trabalho. Francamente, Dimi... Eu prefiro conversar com você quando estivermos sozinhos. Não posso falar sobre nós dois na frente de uma quase estranha!

Dimitri bufou, impaciente e irritado com a cara de pau da mulher. Os dois não precisavam conversar sobre “*nós*”, pois simplesmente “*nós*” não existia. E ele não tinha a menor intenção de suportar sua insistência. Havia deixado claro que já não havia interesse por parte dele. Odiava mulheres pegajosas, e Jennifer era uma delas. Haja visto a desculpa esfarrapada que ela usara para explicar sua presença naquela mansão. Para ele, era coincidência demais, a mulher estar na mesma cidade que eles e constar da lista de convidados para uma recepção em homenagem ao grupo.

— Jenny, não é hora nem o lugar para se ter esse tipo de conversa. Além disso, eu já disse tudo o que eu tinha para te dizer.

Jennifer chegou mais perto e pousou uma mão na cintura e outra no peito dele, forçando um abraço.

— Querido, eu não aceitei aquela nossa conversa como definitiva. Tenho certeza de que ainda podemos nos acertar — argumentou com uma voz de gatinha manhosa. — É só mandar a sua pianista ir dar uma voltinha e

podemos fazer isso agora mesmo — emendou, insinuante.

Dimitri desviou o olhar para Scarlet e reparou que ela o fuzilava com os olhos. Era ciúmes o que via nos olhos dela? Não sabia dizer, mas ficou ainda mais intrigado quando viu a garota girar nos calcanhares e sair rapidamente da sala. Então, apressou-se em se livrar das mãos de Jennifer.

— Eu preciso ir. Fique à vontade para ligar para o seu filho — falou, antes que ela pudesse voltar a insistir no assunto.

Sem opção, Jennifer foi obrigada a aceitar sua partida, apertando os lábios ao vê-lo deixar a sala com longas passadas.

— Scarlet? — chamou Dimitri ao localizá-la, entretanto, em vez de parar, ela ignorou-o e apressou o passo, desviando dos convidados e obrigando-o a fazer o mesmo.

Scarlet não havia ficado porque ele pedira que esperasse, mas pela maneira acintosa e desrespeitosa como Jennifer a tratara, agindo como se ela fosse um nada. Por isso, decidiu que não daria o gostinho de deixar a “grudenta” sozinha com Dimitri, mas ouviu-la dizer que os dois tinham algo além de amizade, e ainda tocá-lo com intimidade, foi mais do que ela era capaz de suportar. Não tinha esse direito, mas vê-lo com Jennifer novamente a tinha incomodado, ainda mais depois do que acontecera entre os dois naquela mesma sala.

Precisou usar todo o seu autocontrole para não voar em cima da loira abusada, e se não tivesse saído daquela sala a tempo, era o que teria acontecido, e teria sido muito imaturo de sua parte, afinal, eles não tinham nada, só haviam trocado uns beijos, e o modo como correspondera a ele ainda a surpreendia e assustava. Como pudera deixar isso acontecer? Sabia que era um erro, porém, não resistira. Mas, caramba, ela era mulher e admitia que estava atraída por ele. Será que tinha sido apenas um momento de fraqueza e sem importância da parte dele?

Confusa e contendo a irritação, Scarlet sorriu e acenou para Emma e o namorado quando cruzou com os dois. Logo depois, varreu o lugar à procura de Dennis, encontrando-o numa conversa animada no meio de um dos vários grupinhos espalhados pelo salão. Enquanto caminhava na direção dele, viu, com o canto do olho, Dimitri se aproximar, e se preparava para tentar evitá-lo quando os dois foram interceptados pelo anfitrião.

— Aí estão vocês! — disse Rutger ao chegar. — Eu os estava procurando. Gostaria de apresentá-los a alguns amigos. — O homem era todo sorrisos ao dizer isso, e em questão de minutos Dimitri e Scarlet foram apresentados a meia dúzia das pessoas mais influentes da cidade, quiçá do

país. Dez minutos se passaram quando os acordes de uma das músicas preferidas de Scarlet tomaram conta do ambiente.

— Adoro essa música — ela soltou de repente, e o comentário foi a deixa que Dimitri esperava para poder sair dali. Colocou uma mão aberta em suas costas, pouco acima da cintura, e fitando o grupo diante de si, falou:

— Eu prometi uma dança à Scarlet, se me dão licença, pretendo cumprir a minha promessa. — Charmoso, ele estendeu a mão livre e indicou o centro do salão, ao mesmo tempo que a brindava com um olhar intenso e um sorriso provocante.

Capítulo 8

Sem alternativa, pois pegaria mal recusar-se a dançar com ele, Scarlet forçou um sorriso, aceitou a mão estendida, e ambos caminharam lado a lado até um dos cantos do salão.

— Quero deixar claro que eu só aceitei o seu pedido porque você não me deu escolha. Você sabe que não existe nenhuma promessa. Sua mãe nunca te disse que é feio mentir? — Scarlet perguntou assim que começaram a dançar ao som da música *I Don't Want Talk About It* (Eu não quero falar sobre isso) na voz inconfundível do cantor Rod Stuart em um dueto com a cantora Amy Belle.

— De fato. Nós sabemos que inventei isso, mas eu não perderia a chance de estar aqui com você. Além disso, aquela conversa estava... — Dimitri fez uma careta e preferiu deixar a conclusão da frase no ar.

— Entediante? — completou Scarlet, e contrariando seu estado de espírito, não conseguiu deixar de sorrir, vendo o olhar de Dimitri transferir-se imediatamente para os seus lábios. A sensação foi quase física. Sentiu a pulsação acelerar em resposta. Tentou, mas não foi capaz de normalizá-la, nem sequer quando ele ergueu os olhos para voltar a encará-la.

— Um pouco. Então, vai me dizer por que você saiu da sala daquele jeito tão intempestivo? — Dimitri esperou, mas quando percebeu que Scarlet não pretendia lhe dar uma resposta, ele insistiu, o semblante sério: — Você vai me contar ou vou precisar adivinhar?

Ela moveu a cabeça e olhou ao seu redor, fixando o olhar em um ponto qualquer do lugar, menos no rosto dele. Sentiu uma mão em seu pescoço e dedos erguerem seu queixo.

— Eu saí para deixar você e sua *amiga* a sós, como ela te pediu de uma maneira tão delicada — ironizou.

Ele estava tão perto que Scarlet conseguia sentir seu perfume, e era muito bom, amadeirado e cítrico ao mesmo tempo, e quando ele se abaixou para fazer a pergunta no seu ouvido, ela sentiu a barba roçando em seu pescoço. A voz dele, rouca e sexy, causou arrepios em sua coluna e a fez sentir como se ambos estivessem fazendo mais do que simplesmente dançar.

— E é por causa dela que você está com essa carinha de brava? — indagou Dimitri, aproveitando para sugar o lóbulo da orelha dela de leve que, surpresa, não conseguiu reprimir um gemido ao sentir o hálito quente naquela área tão sensível.

Uau! O que é isso?

Quando se afastou, Dimitri parecia hipnotizado pelos olhos castanho-escuros que agora, o encaravam, interrogativos

Scarlet pensou em se afastar, mas as reações do seu corpo ao toque dele eram boas demais. Tanto que a fez desejar algo que ainda não tinha nome. Pelo que se lembrava, nunca sentira nada parecido antes e por um momento, ela se deixou levar pela música e por Dimitri.

— Está enganado — o contradisse, tratando de se controlar — Eu não tenho motivos para estar brava. — mentiu descaradamente e arregalou os olhos em seguida, fingindo espanto. — Espera, eu não acredito que está achando que estou com ciúmes de você com aquela... — A raiva, misturada com o embaraço, não a deixou continuar.

De repente, Dimitri apertou-a mais contra si, tanto que Scarlet conseguiu perceber o quanto a dança estava mexendo com ele, da mesma forma que mexia com ela. Em um outro momento, com outra pessoa aquele roçar tão explícito poderia tê-la assustado e até a deixado receosa, mas ela não sentia-se assim com ele. Não sabia se era carência ou se, realmente, seu corpo estava reagindo ao dele como se suas peles se quisessem e se buscassem, por conta da atração incrível, irresistível e latente entre os dois.

— Eu te conheço o suficiente para saber quando está irritada, mas só para constar, a Jennifer e eu...

Saindo de um ligeiro torpor, Scarlet ergueu a cabeça de modo abrupto e lhe lançou um olhar — um daqueles capazes de fazer qualquer reclamação ou desculpa, desaparecer.

— Dimitri, você não me deve explicações — falou, simplesmente.

Ele torceu a boca, demonstrando seu desagrado com a declaração dela.

— Eu sei que não devo, mas não gosto de mal-entendidos.

— De que mal-entendido você está falando? Eu não sei de nenhum mal-entendido entre nós — retorquiu Scarlet, colocando um traço de ironia em sua voz — E como eu disse, você não tem que me dizer nada.

Dimitri ponderou sobre o que acabara de escutar e chegou à conclusão de que talvez fosse melhor deixar as coisas como estavam. Scarlet estava certa, e ele, errado, afinal, algo entre os dois seria mesmo uma loucura; e ele, melhor do que ninguém, estava ciente disso.

Onde estava com a cabeça quando pensou o contrário? A pergunta era retórica, pois estava claro que ele não pensara com a cabeça de cima.

— Não quer conversar nem sobre o que aconteceu lá dentro... entre nós? — questionou, porém, arrependeu-se no mesmo instante. O que estava fazendo? Estava sendo contraditório, pois tinha acabado de decidir que o melhor a fazer era deixar as coisas como estavam.

Ela sabia o que tinha acontecido. Ele a beijara até os dois ficarem sem fôlego. E quando suas bocas se separaram, Scarlet deu-se conta de que nunca quis tanto algo como desejara ser beijada por Dimitri. *Química e hormônios em ebulição*, concluiu, analisando o rosto largo de planos irregulares e absurdamente atraente. Adorava aquele salpicar de sardas que cobriam a pele levemente bronzeada. Sentiu o corpo trêmulo e perguntou-se o que diabos estava acontecendo com ela. Seus olhos voltaram a se encontrar com os dele, notando que Dimitri parecia arrependido do que tinham feito. Magoada, ela apelou para o orgulho ao responder:

— Presumo que se refere aos beijos que trocamos. Quanto a isso, você pode ficar sossegado, porque eu não sou tão ingênua a ponto de me iludir com o que houve, e não vamos fazer disso algo maior do que realmente é. — Seu tom era o de uma falsa indiferença.

Embora ela verbalizasse o que se passava pela cabeça dele, Dimitri não gostou de ouvir. Recuando, colocou os dedos nos lados do pescoço de Scarlet, deslizando os polegares sob a ponta do queixo, erguendo-o para mirá-la nos olhos.

— Se o que você diz é verdade, então por que está me olhando desse jeito? — Sua voz saiu ainda mais grave, e ele engoliu em seco ao ver os lábios cheios se separarem.

— De que jeito? — Scarlet perguntou, atônita.

— Como se quisesse que eu a beijasse de novo — replicou Dimitri, o semblante aparentemente imperturbável.

Melindrada com o que acabara de ouvir, Scarlet empertigou-se, e antes que pudesse pensar, reagiu agressivamente.

— Pois você está redondamente enganado! Deve estar me confundindo com aquela sua *amiga*. — E antes que Dimitri pudesse dizer alguma coisa, ela já saía de seus braços, girava nos calcanhares e andava apressada rumo à porta mais próxima.

Do lado de fora da mansão, Scarlet respirou fundo para tentar se acalmar e esquadrinhou com os olhos o jardim imenso e bem cuidado. *Que idiota abusado! Quem ele pensa que é?*, questionou-se, indignada. *Tenho que manter o foco. Não estou à procura de uma aventura, um caso, um relacionamento ou o que for. E muito menos com um homem volátil como*

Dimitri! Meu foco é na minha carreira e em nada mais!

Scarlet estava irritada com ele e consigo mesma. Sem querer, seus olhos caíram sobre um homem que estava mais afastado. De perfil, seu cabelo era castanho-escuro entremeado de mechas mais claras; vestia uma camisa axadrezada nas cores azul-escuro e preto e calça jeans desbotada, um visual que o destoava dos demais convidados.

A aparência, as roupas e o sorriso sarcástico... Scarlet gelou e sentiu o medo paralisá-la enquanto sensações desagradáveis e imagens aterrorizantes chegaram velozes à sua mente. Ela o encarava fixamente, o rosto pálido de choque, a mente disparando em pânico. Como ele a encontrara? Como isso tinha sido possível?

— Scarlet, qual é o problema? — indagou Emma, que seguira a amiga ao vê-la deixar a mansão em disparada. — Parece que viu um fantasma.

Ela foi incapaz de responder. Não conseguiu afastar os olhos dele. Então o homem virou-se, dando-lhe uma boa visão de seu rosto. Não era ele. O alívio veio em ondas, fazendo suas pernas amolecerem a ponto de ela precisar apoiar o corpo numa pilastra próxima. Levou alguns segundos até Scarlet conseguir se recompor e focalizar o semblante preocupado da amiga.

— É o calor. Está abafado lá dentro — disse, omitindo o que de fato acontecia com ela — Eu só saí para tomar um pouco de ar fresco. Não se preocupe.

Tranquilizada pelas palavras e pela cor que retornava ao rosto de Scarlet, Emma assentiu com a cabeça.

Scarlet virou-se a fim de dar uma última olhada no homem e confirmar que ele não era quem ela havia pensado. Como poderia ser? Ele permanecia no Brasil. Ela estava a salvo. Não tinha nada com que se preocupar. Absolutamente nada.

Dimitri suspirou e enfiou as mãos nos bolsos dianteiros da calça enquanto observava uma Scarlet furiosa se afastar, andando com passos rápidos, como se mil demônios a perseguissem. Viu-a sair pela porta que dava para o enorme jardim bem cuidado e precisou se conter para não ir atrás dela. Tinha plena consciência do erro que cometera. O que ele deveria ter feito era ter perguntado sobre quem tivera a ideia do segundo dueto, sobre o irmão estar sendo manipulado, obtido suas respostas e saído daquela sala sem olhar para trás. Mas não o fizera, ao contrário, havia sucumbido ao charme, ao seu apelo e ao desejo que sentia por aquela mulher.

Céus! Como ela era linda. Sexy. Passional. Só de lembrar, ele já se alterava, e agora, parado no meio do salão, se perguntava se não havia usado

as dúvidas que nutrira como desculpa, a fim de ficar a sós com ela, e a resposta para essa pergunta tinha uma grande chance de ser um sim, e para ser ainda mais honesto, Dimitri precisava confessar a si mesmo que tinha agido de maneira tão impulsiva baseado no ciúme que sentiu ao vê-la entrar de braço dado com seu irmão.

Sua vida já andava complicada o bastante no momento, com tudo o que implicava uma turnê mundial, para se deixar levar por uma atração, além disso, ele não podia ignorar a vozinha dentro de sua cabeça advertindo-o que a pianista podia ser tanto uma distração como um sinônimo de problemas. Estava bem do jeito que estava. Pelo menos, era o que se dizia diariamente, como um mantra, a fim de se convencer; o que era contraditório, pois se precisava se convencer, era porque nada estava bem.

Qualquer um que o olhasse com um pouco mais de atenção veria que era uma fraude, que sua frieza exterior era só uma fachada, uma maneira que encontrara de proteger a si mesmo, seu dinheiro e sua carreira. Isso desde que quebrou a cara com a ex-namorada, quando ela o fez acreditar que procurava o amor e, na verdade, o que queria era segurança financeira, uma carteira recheada, alguém para pagar as contas e bancar seu estilo de vida.

Depois da estreia da turnê, sabia que a mídia passara a acompanhá-los, a ele e Scarlet, com afinco, e o melhor a fazer era não dar munição para especulações que não ajudariam em nada. Dimitri era responsável por dezenas de empregos, direta ou indiretamente, pessoas que dependiam do sucesso da turnê para manterem a si mesmas e suas famílias. Além da carreira, ele tinha uma reputação a zelar, portanto, nada de distrações.

Desde o término do seu último namoro, que durou dois anos e que não terminou muito bem, Dimitri fugia de complicações, e seu tempo vinha sendo dividido entre os ensaios e a turnê em si, ou seja, trabalho e mais trabalho. Tudo o que ele podia oferecer a qualquer mulher que o interessasse, e vice-versa, era uma ou duas noites na sua companhia, e fazia questão de deixar isso bem claro antes de darem o segundo passo.

Dimitri correu o olhar pelo local e localizou o irmão conversando em uma rodinha. Viu-o dizer algo ao pequeno grupo. Com um sorriso de desculpas, observou-o se afastar e caminhar na sua direção, obrigando-o a colocar as divagações de lado.

— O que houve? A cara da Scarlet não estava nada boa quando ela se afastou de você e passou por mim. Deu para ver que estava brava. Você a tratou mal de novo? — Dennis perguntou ao chegar e parar na frente dele.

— Eu não a tratei mal, Dennis. Nós apenas conversamos como duas pessoas civilizadas — respondeu Dimitri, colocando-se na defensiva. — Que

é o que somos. Civilizados — fez questão de frisar.

Dennis não se deixou convencer e encarou o irmão fixamente.

— Se você não a tratou mal, então por que ela saiu daqui de cara fechada, pisando duro e quase correndo?

Foi a vez de Dimitri encarar seu gêmeo, o semblante carregado.

— Nós dançamos, conversamos um pouco, e quando a música terminou, ela se foi, em direção à saída. É possível que esteja no jardim — especulou, pensativo. — Eu vou pegar uma bebida, você quer? — indagou, procurando soar casual.

— Não. Eu vou ver se encontro a Scarlet — avisou Dennis, lançando um olhar desconfiado para o irmão. Girou o corpo e rumou para a porta, deixando a mansão em seguida.



De volta ao hotel, Scarlet entrou no quarto, fechou a porta e recostou a cabeça na madeira, espalmando as mãos atrás do corpo. Ficou ali por alguns segundos, então andou até a cama e sentou-se na borda, repassando o que acontecera entre ela e Dimitri. Simplesmente não conseguia deixar de pensar no que houve entre eles. O beijo dele era poderoso, quente e envolvente, e suas bocas tinham um encaixe perfeito. Suspirou quando as imagens de cada toque e cada beijo que haviam trocado inundaram sua mente.

Tinha que parar de ficar repassando-as como um filme visto e revisto uma, duas, várias vezes. Levantou-se em um salto, decidida a varrer as recordações dele da cabeça. Apertou os lábios e fechou os olhos, tentando se obrigar a não pensar, no que falhou miseravelmente.

Uma volta pela cidade, uma conversa sobre música ou qualquer outro assunto aleatório deveriam ser suficientes para jogar Dimitri e sua *amiguinha* para fora de sua mente. Só assim para conseguir dar-se um pouco de paz.

— Emma? — chamou, entrando no quarto coligado ao seu como um furacão. — Preciso sair, tenho que fazer alguma coisa — foi logo dizendo, nervosa. Andando em círculos pelo cômodo, ela levou as mãos à cabeça antes de acrescentar: — Se eu não fizer alguma coisa, juro que sou capaz de enlouquecer!

Surpreendida pela maneira intempestiva da amiga entrar e começar a falar como uma metralhadora, Emma retirou os fones de ouvido, tirou o notebook do colo e depositou-o sobre uma mesinha à sua frente.

— Nossa! Que dramática! O que houve para te deixar assim, tão

nervosa?

— Nada — em um primeiro momento, Scarlet negou. Mas balançou a cabeça e se corrigiu: — Ou melhor, sim, aconteceu, mas eu não quero falar sobre isso agora. Preciso dar uma volta. Vem comigo? — perguntou, mordiscando o lábio inferior e mirando-a com um olhar de pedinte.

— Tem certeza de que você quer sair? Está tarde e ... — Emma hesitou antes de questionar: — Você chegou a ver como está o tempo lá fora?

— Eu sei que está frio e chovendo — confirmou Scarlet, desalentada.

— Isso mesmo, então, por que não deixamos essa saída para amanhã? Vamos ter um tempo livre antes de irmos para o aeroporto. Não acho uma boa ideia nós duas sairmos a essa hora da noite, ainda mais com esse tempo... Inclusive, a previsão é de que a temperatura caia mais ainda, podendo chegar até a nevar durante a madrugada — alegou Emma, sensata.

Diante dos argumentos da amiga, Scarlet sentiu seu ânimo arrefecer de uma vez. Emma estava certa, era uma loucura sair e enfrentar um tempo tão ruim como aquele. Seria bom se distrair um pouco para espairecer, mas também estava consciente de que, para onde quer que fosse, levaria a imagem daquele espetáculo de homem consigo. Não era capaz de apagar o que houve da memória, e ainda não entendia como Dimitri conseguia invadir seus pensamentos de maneira tão incisiva, mas se esforçaria para que as coisas parassem por ali. Não podia se permitir qualquer desvio, precisava manter o foco nos seus objetivos.

— Scar, nós não vamos sair, mas isso não nos impede de conversar aqui mesmo. Vejo que está muito nervosa. Você sabe que pode contar comigo, e o que falarmos aqui, vai morrer aqui — assegurou Emma, e aguardou por alguns segundos. Porém, ao ver que a amiga permanecia muda, questionou, estudando-a com atenção: — Essa sua inquietação toda... tem algo a ver com a pessoa que você viu no jardim da mansão?

Scarlet estacou e fitou a amiga, apavorada. Seu coração batia tão rápido que parecia que pularia boca afora.

— O-o quê? C-como? — gaguejou de nervoso e surpresa. — O que te fez chegar a essa conclusão?

— Mera dedução lógica. Você não pensou que tinha me enrolado com aquela história de ter saído para tomar ar puro, pensou? Eu te vi sair do salão praticamente correndo e parar do nada, com o olhar fixo, estático, me dando a entender que tinha reconhecido aquele homem de camisa xadrez e que não esperava encontrá-lo ali. E depois, quando o Dennis nos encontrou, você decidiu que queria voltar para cá, sem nos dizer o motivo daquela pressa toda.

Parecia que alguém estava te perseguindo.

— Eu não esperava por isso. Nem sei o que dizer — falou Scarlet, sem graça.

— Diga o que você quiser, ou, se preferir, não diga nada, mas eu sei que aconteceu alguma coisa durante aquela festa, e não me refiro só ao “fantasma”.

Scarlet devolveu o olhar da amiga com um sorriso forçado.

— Um fantasma, Emma? De onde tirou isso? Você tem cada uma... E possui uma imaginação bastante fértil, também — disse, tentando sair pela tangente. A última coisa que desejava era trazer o que deveria permanecer no passado para o seu presente. E ainda não estava preparada para falar sobre Dimitri.

— Entendi, não vai falar nada. E eu não vou insistir. Quando estiver pronta para conversar, pode me procurar. Eu vou te ouvir e, prometo, seja o que for que te deixou assim, não te julgar ou criticar — disse Emma, conformada. — Mas, agora, que tal se assistirmos a um filminho? Netflix? — sugeriu, relaxando a expressão e ajeitando-se melhor no confortável sofá de dois lugares.

— É claro, vamos de Netflix. Mas nada de filmes de terror, sabe que não gosto deles — avisou Scarlet, aliviada e agradecida tanto pela mudança de assunto quanto pela amiga não seguir insistindo em saber o que se passava consigo, mesmo ciente de que só estava adiando aquela conversa. Chegaria o momento em que sentiria a necessidade de falar sobre ela e Dimitri, mas faria isso quando não estivesse tão confusa sobre como se sentia. Com isso em mente, cruzou o aposento e foi sentar-se na borda da cama.

— Eu sei. Bom, vamos ver quais são as nossas opções. — Arrodilhada no sofá, Emma inclinou o corpo para frente e esticou o braço, pegando o controle remoto de cima da mesinha. Direcionou-o para a televisão presa a um suporte na parede e começou a procurar por um filme que as duas ainda não tivessem visto.

Minutos depois, parou em um com três jovens no banner; uma garota que usava um shortinho jeans, uma blusinha branca e tinha os braços para trás. Estava em primeiro plano, na frente de um carro azul e branco, cujo modelo Emma não soube identificar. Havia dois garotos com ela: um deles estava encostado na lateral do automóvel, e o outro mantinha-se de pé, do outro lado do carro.

— *Barraca do Beijo*. Ouvi dizer que o enredo é leve. É uma comédia romântica direcionada ao público adolescente.

Scarlet contraiu o rosto numa careta. Pela descrição, não era seu gênero favorito de filme, mas como não estava a fim de ver nada pesado, podia ser aquele, até porque, ela só precisava de um passatempo até seu sono chegar.

— Hum, está bem — disse, aceitando a sugestão da amiga, afinal, de carregado, bastava seu estado de espírito.

Capítulo 9

Scarlet foi para a cama às duas da madrugada, ajeitava-se para dormir quando ouviu o celular apitar. Esticou a mão, pegou-o de cima da mesinha de cabeceira e o atendeu, pelo horário, pensando ser algo urgente, porém, a pessoa do outro lado da linha não respondeu ao seu alô. Podia ouvir uma respiração pesada, por isso ainda insistiu algumas vezes, mas como nada aconteceu, ela desligou, colocou o aparelho de volta na mesinha e adormeceu.

Quando o telefone voltou a tocar, às quatro da manhã, Scarlet acordou assustada, sentando-se na cama de um salto e com o coração em alvoroço, perguntando-se quem poderia ser àquela hora. Mais uma vez a pessoa só respirava, não dizia nada, fazendo-a se perguntar o que estaria acontecendo, se aquilo era um simples engano. Olhou para o aparelho em sua mão e uniu as sobrancelhas, intrigada com o fato de o número não aparecer na tela, e foi inevitável não pensar no que havia acontecido há pouco mais de um ano, quando recebeu ameaças e passou meses apavorada. Tinha sido um período difícil e não queria pensar naquilo de novo; ficar revivendo o passado, deixar o medo dominá-la e passar a vida em uma espiral de desespero e terror. Com um suspiro cansado, decidiu tentar voltar a dormir.

Scarlet estava sendo perseguida e corria desesperada para se salvar, envolta pela escuridão e sem ter ideia de onde estava ou para onde ia. Dentro do peito, seu coração parecia mais um tambor, pois cada batida ressoava alta em seus ouvidos.

— Não adianta correr, nem se esconder, porque eu vou te achar. — O som de uma risada sardônica ecoou pelo ar frio da noite e ela girou o pescoço, se deparando com um par de olhos esbugalhados. — *Quem tem medo do lobo mau, lobo mau, lobo mau...?*

Ela continuou correndo sem destino, e em um dado momento, tropeçou e caiu. O medo e a corrida a faziam suar. Sabia que ele estava perto, muito perto. Ele ia pegá-la. Perdeu o fôlego e, com ele, as forças. As pernas pesavam mais a cada passo que dava. Será que não havia ninguém ali a quem podia pedir ajuda?

— Socorro! Não deixem que ele me pegue! — implorou, a voz baixa, rouca, agoniada. Voltou a correr, aterrorizada, quando uma voz a chamou pelo nome.

— Scar! Acorda! — Ouviu Emma chamá-la de muito longe, mas se recusou a responder. — Levanta, nós temos que nos vestir. — Entreabriu os olhos, ainda pesados de sono, aliviada por aquilo que pensara ser real ter sido

apenas um pesadelo.

Precisou piscar várias vezes para poder ajustar o foco e ver a amiga andar até a janela e abrir a cortina de uma vez. Instintivamente, voltou a apertar os olhos e se encolheu sob as cobertas quando sentiu a claridade invadir o quarto.

— Emma, ainda é cedo — reclamou quando a amiga puxou o edredom.

— Na verdade, não é, não. Sabe que horas são?

— Não faço ideia.

— Faltam quinze minutos para o meio-dia.

— O quê?! Tudo isso? — indagou Scarlet, surpresa e confusa. Tinha ajustado o despertador do celular para as nove da manhã, mas era óbvio que não o tinha ouvido.

— Tudo isso, sim. E o ensaio começa daqui a uma hora.

— Espera, nós não deveríamos estar dentro de um avião rumo a Madrid?

— O Dennis ligou mais cedo para avisar que o Dimitri teve um compromisso de última hora e precisou adiar o voo. Vamos viajar no fim da tarde. E eu não te acordei antes porque achei que, depois de ontem, você merecia um descanso. Mas, agora, temos que nos apressar.

Scarlet fazia uma ótima ideia sobre qual seria o tal compromisso. Um que possuía nome e sobrenome. O ciúme fez seu peito afundar só de pensar na possibilidade de ele ter ido se encontrar com a loira falsificada.

— Obrigada por ter pensado no meu bem-estar — agradeceu, satisfeita por conseguir disfarçar o quão miserável se sentia.

— Às ordens! Mas agora, levanta — insistiu Emma. — Você só tem meia hora para tomar banho e comer alguma coisa antes de sairmos. Sabe o que o Dimitri pensa sobre atrasos.

A menção ao temperamento, por vezes contraditório, de Dimitri fez desaparecer todo e qualquer resquício de sono, colocando Scarlet imediatamente em alerta.

— Está bem. Eu já estou me levantando.

Emma olhou para a amiga com sua expressão mais suave, e sorria de leve enquanto Scarlet vestia e arrumava o roupão azul-claro em torno do corpo.



Distraída, Scarlet olhava pela janela do estúdio emprestado de um amigo de Dimitri. Ali, ensaiaram e realizaram as reuniões com o grupo nos dias em que ficaram na cidade, sendo esse o último. Prendeu o ar e sentiu o coração se agitar quando o viu descer do táxi. Ele usava uma camiseta preta básica, um par de jeans desbotados e botas gastas. Trazia em uma das mãos a inseparável pasta de couro marrom.

Seu jeito confiante e másculo sempre a afetava, e não era diferente agora, enquanto observava-o se aproximar do muro baixo que separava o caminho de pedras e a porta de entrada do estúdio naquele início de tarde. O cabelo ruivo bagunçado e preso em um coque, a barba fechada e as roupas surradas conferiam ao homem um aspecto rústico, primitivo e perigoso. Ele exalava uma masculinidade crua e, em sua opinião, estava ainda mais atraente.

Scarlet afastou-se da janela a tempo de vê-lo passar pela porta. Trocaram um olhar tão rápido quanto uma fagulha, e após uma saudação coletiva e sem perda de tempo, Dimitri deu início aos trabalhos.

— Todos prontos? Então, já podemos começar — disse, tocando a primeira nota, e Dennis prontamente o seguiu. Scarlet e Emma entravam sempre que a música pedia, já que as duas estavam ali para acompanhar a dupla.

Não demorou para Scarlet notar que Dimitri voltara a tratá-la com o mesmo distanciamento de antes. Apesar de ter agido de uma maneira um pouco intempestiva e, admitia, imatura ao deixá-lo plantado no meio do salão, ela não pensou que voltariam à estaca zero. Mas, pelo jeito, se enganou ao pensar que um milagre havia acontecido naquela noite, e esta constatação a magoou, porque queria dizer que o que houve entre os dois não teve a mesma importância para ele quanto teve para ela.

Diante da aparente frieza e apesar das dúvidas que rondavam sua cabeça, Scarlet também se mantinha fria, fingindo que o ocorrido não tinha sido nada de mais e seguido em frente. Só não sabia por quanto tempo conseguiria manter essa resolução. Decidida, concentrou-se na música, e nas horas seguintes, o quarteto ensaiou com afinco e sem contratempos. Contudo, depois de dar o ensaio do dia por encerrado e antes que Scarlet pudesse ir embora, Dimitri aproximou-se do piano a fim de falar com ela.

— Scarlet? — chamou, uma vez que ela se inclinara para pegar a bolsa que deixara no chão, ao lado da banquetta. E aguardou até obter atenção dela para emendar: — Não vá ainda. Eu tenho um assunto para tratar com

você.

Intrigada e surpresa com o pedido inusitado, Scarlet concordou com um aceno.

— Eu só preciso de um minuto para avisar a Emma que não voltaremos juntas para o hotel.

Foi a vez de Dimitri anuir, ato contínuo, ele deu-lhe as costas e andou até onde deixara seu instrumento. Enquanto isso, Scarlet aproveitou para falar com a amiga.

— O Dimitri me pediu para ficar um pouco mais. Não precisa me esperar.

Os olhos de Emma aumentaram de tamanho ao ouvir sobre o pedido.

— Você tem alguma ideia do motivo de ele te pedir isso?

— Ainda não, mas acho que vou descobrir em breve — respondeu Scarlet, e sorriu diante da expressão de espanto da violinista. — Não precisa se preocupar comigo — pediu, no sentido de tranquilizá-la.

— Tem certeza de que vai ficar bem sozinha com ele?

— Absoluta. Pode ir. Quando terminarmos aqui, eu tomo um táxi.

Emma ainda não parecia convencida de que a amiga ficaria bem com *ele*.

— Depois daquela tarde e da conversa que vocês tiveram, o Dimitri não voltou a pegar pesado com você, mas nós sabemos como ele é de lua. Uma hora é o *Doutor Bennet*, e, na outra, pode se transformar no *Incrível Hulk* — alertou-a, com toda seriedade. — Fique atenta e não o deixe ser mal-educado ou grosseiro com você novamente — concluiu, falando baixinho e olhando com desconfiança na direção do violoncelista.

— Eu sei me cuidar, pode ir sossegada — Scarlet insistiu, antes de se despedirem e ela se voltar para Dimitri.

— Parece que a Emma não gostou muito de eu ter pedido para você ficar — comentou ele, passando a mão pela barba, de modo displicente.

— Ela só está sendo protetora, agindo como uma irmã mais velha. Eu acho que seria assim, se eu tivesse uma — tagarelou Scarlet, um pouco nervosa ao se ver sozinha com ele.

— Da próxima vez, diz a ela que você está segura comigo, afinal de contas, eu não mordo — assegurou Dimitri e fez uma pausa antes de emendar — a não ser que me peçam.

O sorriso rápido que ele abriu, exibia — na opinião de Scarlet — uma bela dose de sedução. E como ele não ria com frequência, ela considerou o breve momento como algo raro e delicioso, pois apenas aquele pequeno gesto já foi capaz de deixar o ambiente mais leve e descontraído.

— Imagino que você está se perguntando a razão do meu pedido. Eu não vou fazer suspense, até porque não faz meu estilo enrolar. Decidi aceitar a sugestão do Dennis e incluir o segundo dueto no show.

— Uau! Sério?

— Isso te agrada, não?

— Sim, porque eu concordo com o Dennis. Acho que essa adição será muito boa para o show, mas eu também sei que a última palavra é sua.

— Eu me convenci, ou melhor, você me convenceu de que a ideia partiu dele. Agora, nós precisamos conversar sobre a escolha da música e acertar outros detalhes, mas preciso que este assunto fique só entre nós, por enquanto.

Scarlet ficou muito contente com a decisão de Dimitri, mas melhor ainda era saber que ele acreditava nela.

— Por que os outros não podem saber? — indagou, intrigada.

— Quero fazer uma surpresa para o Dennis. Mostrar a ele que levo em consideração o que pensa e que valorizo suas sugestões, e sei que ficou bem entusiasmado com um segundo dueto. Pensei um pouco sobre isso e comecei a achar que ele tem razão. Pode ser uma boa ideia.

— Entendi. Tudo bem. Por mim, ninguém mais vai saber.

— Não pode contar nem mesmo para a Emma — advertiu ele, erguendo uma sobrancelha. — Sei o quanto vocês são próximas.

Scarlet mordeu a ponta do dedo polegar antes de falar:

— E por isso mesmo, ela vai querer saber por que você me pediu para ficar.

— Você pode omitir ou inventar qualquer coisa, só não diga a verdade. Se eu não conto para o Dennis, você também não conta para a Emma. Fechado?

Scarlet não pretendia mentir, mas se era para fazer um agrado ao amigo, cruzaria os dedos e omitiria a verdade. Só dessa vez.

— Prometo. Digo, fechado.

— Ótimo. Agora, vamos ao trabalho. Eu andei pensando em algumas

músicas... O que você acha de *Sonata ao Luar*? — sugeriu Dimitri.

— Já eu não pensei na música, porque não fazia ideia de qual seria sua decisão, se concordaria ou não com a inclusão do segundo dueto. Mas já que concordou, posso dizer: amo a *Sonata*, no entanto, se você deseja surpreender o Dennis, eu acho que *Nocturno* seria uma melhor opção.

— Hum, pode ser. Chopin é um dos seus compositores preferidos, e as duas músicas são excelentes — Dimitri reconheceu. — Vamos fazer o seguinte: tocamos *Sonata* e depois *Nocturno*, então nós dois decidimos. Creio que seja a maneira mais justa. Concorda comigo?

— Concordo. Podemos fazer assim.

— Perfeito. Então, já podemos começar. Eu tenho as partituras delas na minha pasta. Só um minuto — pediu, indo até onde a deixara. Tirou um maço de papéis de dentro e passou a folheá-los. Encontrou o que procurava e retornou com duas folhas nas mãos. — Aqui estão — disse, passando-as para ela. Sentou-se e trouxe o violoncelo para frente do corpo, posicionando-se à direita do piano. — Pronta?

Scarlet acenou afirmativamente.

— Prontíssima! — Com as duas mãos, ajustou as partituras no espaço entre a madeira e as teclas de marfim do piano para facilitar sua leitura.

— Você começa e eu entro no final da introdução.

— Certo.

Enquanto tocavam, seus olhares se cruzaram, e Scarlet precisou apelar para sua técnica para não perder o compasso da música. Pouco depois, Dimitri parou de tocar, interrompendo o ensaio pela primeira vez.

— Não estamos em sintonia nessa parte, vamos fazer de novo.

Dois minutos se passaram e ele parou novamente.

— Melhorou, mas ainda não está como eu acho que pode ficar.

— Recomeçamos? — perguntou Scarlet.

— Sim, mas desta vez tente se soltar mais. Deixe-se levar pelas notas da música, como você sempre fez tão bem. Desligue-se e se concentre na melodia que está tocando — aconselhou. — Acho que está um pouco dispersa... — Pareceu à Scarlet que Dimitri pretendia dizer algo mais, porém, mudou de ideia e desistiu.

Como se fosse simples me concentrar, pensou ela, incomodada com o fato de estarem sozinhos e tão perto um do outro. *A culpa é sua, se estou*

dispersa, ainda mais que não consigo deixar de pensar que você esteve com aquela sua amiga oxigenada, acusou-o em pensamento, mas por fora era a tranquilidade em pessoa.

— Está bem. Eu vou me focar mais.

Não conversar sobre o que tinha acontecido entre eles a estava matando, a despeito de sua decisão de fazer de conta de que não tinha sido nada de mais. Na verdade, morria de curiosidade em saber se o tal compromisso tinha sido mesmo com a loira. Sua língua coçava de vontade de perguntar, porém, precisava se conter, porque, no fim das contas, os dois eram apenas companheiros de trabalho e só haviam trocado uns beijos e uns amassos, o que não lhe dava o direito de questioná-lo sobre sua vida pessoal.

Passava das cinco horas quando Dimitri interrompeu o ensaio pela última vez naquela tarde.

— Acho que está bom por hoje. Praticaremos mais amanhã, em Madrid.

— Vamos continuar a ensaiar o dueto às escondidas?

— Isso mesmo. Algum problema?

— Não, nenhum — Scarlet apressou-se em negar, contrariando o que levava em seu íntimo. Esboçou um sorriso e aprumou os ombros. De olhos fechados, subiu o braço e apertou um nó que se formara na base do seu pescoço, mas não demorou a sentir o calor da mão dele sobre a sua. — Jesus! — exclamou, assustada ao perceber Dimitri tão próximo dela.

— Dimitri — corrigiu ele, e um sorriso travesso curvou para cima os cantinhos de seus lábios, fazendo-a perder o fôlego por um instante.

Dimitri retirou a mão dela com suavidade e começou a fazer movimentos de massagem na tentativa de relaxar os músculos tensos.

— Não quero parecer arrogante, mas imagino que seja a minha presença que te deixa assim.

— Assim como?

— Rígida. Tensa. Nervosa

Scarlet preferiu não dizer nada, não precisava. Dimitri a fez inclinar o pescoço para frente e, afastando seu cabelo para o lado, prosseguiu com a massagem. Ela quase ronronou como uma gatinha com a sensação de calor e alívio que seus dedos produziam. Vários minutos depois, ele parou e se afastou, deixando-a acertar a postura. Quando seus olhares voltaram a se encontrar, ela foi surpreendida outra vez, pois Dimitri abria os lábios em um

sorriso que chegava aos olhos.

Inadvertidamente, ela sentiu o corpo oscilar na direção dele. Atento às reações visíveis de seu corpo, Dimitri lhe ofereceu a mão. Embora ainda estivesse surpresa com a atitude dele, ela esticou os lábios carnudos e sensuais em um sorriso lento, olhou em seus olhos antes de aceitá-la e se pôs de pé num movimento fluido. Com a mesma mão que a ajudou a se levantar, Dimitri puxou-a para si, envolvendo a cintura fina com a outra.

— Sobre o seu compromisso de hoje pela manhã... — o comentário escapou antes que Scarlet pudesse fazer algo para detê-la. Mordeu a língua, arrependida, mas não havia o que pudesse fazer para voltar atrás. Ainda assim, tentou minimizar a importância que a informação tinha para ela ao dizer: - É só curiosidade, você não precisa me dizer nada se não quiser.

Dimitri afastou-se um passo e varreu seu corpo sem pudor.

— Tão linda e talentosa... — elogiou, percorrendo com leveza o contorno do rosto de traços singulares, usando as pontas dos dedos. — E um tantinho ciumenta. Eu não sei o que vou fazer com você, Scarlet, só sei que não resisto ao que sinto quando a tenho assim, tão perto de mim.

Diante de tal declaração, Scarlet juntou as sobrancelhas numa pergunta silenciosa, a qual Dimitri preferiu ignorar, e sem deixar de fitá-la, desceu a mão que acariciara seu rosto, passou lentamente pelo pescoço e seguiu, envolvendo um seio com a palma, fazendo-a arfar com a carícia ousada. A mão continuou traçando seu caminho, parando na curva da cintura, unindo-se à sua gêmea. Com um impulso, dando a entender que Scarlet era leve como uma pluma, Dimitri a elevou dois palmos do chão.

— E respondendo à sua pergunta, o meu compromisso teve a ver com a turnê.

Zangada consigo mesma por ter se deixado levar pela imaginação que resultou em ciúmes e agonia sem motivo, Scarlet sorriu, aliviada, e agarrou-se à coluna do pescoço dele, envolvendo os quadris estreitos com as pernas. Por um instante, pensou que Dimitri a sentaria sobre o piano, imitando a cena icônica de uma comédia romântica dos anos 1990 que assistira na companhia da mãe, fã de carteirinha do ator que interpretou o protagonista no filme, mas percebeu que se enganara quando ele girou o corpo grande e atravessou o estúdio, colocando-a sentada na bancada de um dos cantos da parede.

Posicionado no meio das coxas roliças, Dimitri segurou-a pela nuca, olhou em seus olhos, aproximou-se mais e deixou cair o rosto em direção aos seus cabelos, aspirando seu cheiro inebriante. Desceu a boca até o pescoço e roçou os lábios de leve na carne sensível, causando nela um arrepio.

— Meu Deus, você é tão linda... é perfeita — ele abaixou subitamente o tom de voz, e tinha uma expressão desejosa no rosto, o que fez Scarlet perder o fôlego por um momento — E me deixa louco — admitiu, o tesão impregnado nas suas palavras enquanto mordiscava a carne macia do seu ombro.

— Você também tem esse efeito sobre mim — confessou Scarlet que desesperada por mais, colou-se a ele, entreabrindo os lábios para receber seu beijo. Incapaz de resistir às mãos que acariciavam, afundou os dedos nos cabelos ruivos instantes antes de a boca dele cobrir a sua, e não houve espaço em sua mente para inseguranças ou incertezas. Seu corpo inteiro explodia de desejo, seu coração transbordava com a necessidade que tinha dele.

E, tal como em outras ocasiões, Dimitri perguntou-se como chegara a acreditar que poderia se manter emocional e fisicamente afastado da bela mulher em seus braços.

Capítulo 10

O voo de Amsterdam para Madrid foi tranquilo. Nenhuma turbulência e um silêncio quase total. Dennis mergulhou em sua leitura e o irmão, nas partituras. Emma optou por ouvir música, enquanto Scarlet aproveitou para pensar na cena que ela e Dimitri protagonizaram no estúdio e no que poderia ter acontecido se ambos não tivessem um avião para pegar.

Duas horas e meia depois da decolagem, o pequeno grupo descia a escada rolante do setor de desembarque do Aeroporto Internacional de Madrid-Barajas, o principal terminal aeroviário da capital da Espanha. Após os procedimentos de praxe, deixaram o local e andaram na direção de uma Mercedes alugada e que já os aguardava estacionada no meio-fio.

O motorista, um homem alto, calvo e de meia-idade, apressou-se em pegar e colocar as bagagens no porta-malas, com a ajuda dos gêmeos. Em menos de dez minutos, o carro entrava em uma rua calma e arborizada, parando em frente ao hotel, distante cinco quarteirões do Teatro Real, um dos mais conhecido e importante da cidade e onde seria realizado o próximo show da dupla.

À medida que a turnê avançava, a mídia acompanhava-os sem trégua. Scarlet sabia que ter seu nome atrelado ao de um violoncelista famoso e carismático equivalia a serem constantemente perseguidos pelos *paparazzi*. Era como se a imprensa quisesse saber se deviam ou não desencadear uma nova onda de boatos acerca da vida sentimental do mais reservado dos irmãos Ulinov.

Ela preferia não ter que lidar com tudo aquilo e procurava ignorar, concentrando-se no piano e na música, mas como sempre fantasiara com o sucesso, e agora que o sonho começava a tornar-se realidade, sabia que uma hora teria que aprender a conviver com a imprensa sensacionalista, uma vez que era algo que advinha por conta da exposição e que costumava acompanhar a fama.

O relógio marcava dez minutos para às oito da noite quando Scarlet, acompanhada dos demais integrantes do grupo, adentrou o prédio de três andares sob os espocar dos flashes das câmeras fotográficas, ouvindo vários pedidos de declarações dos repórteres de plantão. Adentrando nas dependências do teatro, andou apressada, murmurando um “*boa noite*” para os funcionários que encontrava durante o trajeto até o pequeno camarim destinado a ela e à Emma.

Tinha acabado de retocar a maquiagem quando um ruído chamou sua

atenção e viu-a enfiar a cabeça no vão da porta.

— Ei, Scar, o pessoal já está à nossa espera e o teatro está cheio. Pelo que vi, acho que não tem um assento vazio esta noite — contou, empolgada.

Com um sorriso, Scarlet fitou a amiga. Os cabelos ruivos lisos e longos caíam sobre os ombros muito brancos que o vestido verde-água de alças deixava à mostra. Emma possuía o corpo curvilíneo que toda mulher desejaria ter, além de ser ótima musicista e um amor de pessoa. As duas se davam muito bem e Scarlet era grata ao destino por tê-la colocado em seu caminho.

— Eu só preciso me trocar e já vou — avisou e Emma saiu.

Concentrada no que fazia, Scarlet permaneceu um minuto a mais estudando seu reflexo no espelho sobre a bancada, notando como seus olhos brilhavam por conta da excitação que sempre a tomava antes de cada apresentação, ainda mais nessa noite, quando ela e Dimitri tocariam o segundo dueto que haviam ensaiado em segredo. Deu uma última conferida na sua imagem e decidiu que estava pronta. Respirando fundo, deixou o camarim e foi em direção à coisa que mais amava fazer.

Enquanto subia no palco, ela observava a movimentação à sua volta; como nas vezes anteriores, o local entrara em ebulição com todos se preparando para o show daquela noite. Enquanto andava até o piano, teve um vislumbre do público por uma fresta da pesada cortina e pôde confirmar *in loco* o que Emma lhe dissera. O teatro estava realmente lotado. Todo o lugar tinha um clima familiar, e o ar parecia crepitar em expectativa.

Seu olhar encontrou Dimitri, maravilhoso em seu terno Armani de corte moderno. Por baixo, ele trazia uma camisa branca de colarinho estreito e sem gravata. Notou que o cabelo ruivo com mechas douradas havia sido penteado para trás e preso em um coque estilo samurai. *Quando foi que o cabelo dele cresceu tanto a ponto de ser possível prendê-lo assim?*, perguntou-se, e seu olhar passeou pelas sardas, que ela pessoalmente adorava, e desceu para a mandíbula perfeita, passando pelos lábios sensuais margeados pela barba cheia e aparada.

Scarlet, por sua vez, estava deslumbrante dentro de um vestido prateado, de gola alta e mangas compridas, que realçava cada curva de seu corpo. O modelo possuía uma fenda elegante que revelava as longas pernas de deusa de ébano. Quando ela se virava, quase parecia que o vestido não tinha costas, e via-se a pele sedosa até às nádegas firmes e arredondadas. Nos pés, um par de sandálias de salto alto, cujas cores, preto e prata, casavam maravilhosamente bem com o vestido. O cabelo de fios irregulares, assemelhava-se a uma nuvem macia de algodão.

Ela não tinha só um aspecto terrivelmente sensual, como um toque de distinção. Parecia uma versão mais jovem e muito sexy da supermodelo inglesa, Naomi Campbell. Sua aparência era de perder o fôlego, e deixou Dimitri literalmente sem fala.

— Esta noite você se superou. Está simplesmente espetacular, Scarlet! — espontâneo como sempre, Dennis exclamou, falando pelos dois.

Com um sorriso tímido, Scarlet agradeceu o elogio efusivo, mas logo ficou mortificada ao sentir que seu rosto esquentava diante do escrutínio do homem que tinha o poder de fazer seu coração acelerar. Não chegou a pensar que se apaixonaria por alguém algum dia. Não como era apaixonada pela música. Considerava-a sua válvula de escape, aquela que a acolhia e espantava toda a tristeza, angústia e infelicidade. Sentira-se assim até que conheceu Dimitri.

Acomodou-se na banquetta e cedendo a um desejo irresistível, girou o pescoço, buscando mais uma vez por ele e encontrando-o sentado no centro do palco, com Dennis ao seu lado e o violoncelo acomodado entre as coxas atléticas. Seus olhos castanho-esverdeados eram hipnotizantes, e embora não fosse tão visível, sentiu que um rubor colorira suas faces quando as lembranças do que fizeram mais cedo voltaram a invadir sua mente.

Sorriu satisfeita e com uma sensação de alívio por ter se enganado quanto ao compromisso que fizera Dimitri atrasar a saída deles de Amsterdam. De repente, sentiu os dedos coçarem de vontade de tocar seu rosto, a barba, os cabelos, o peitoral, de senti-lo por inteiro, mas como não era possível, ao menos naquele momento, concentrou-se nas teclas do piano, e cerca de cinco minutos depois, deram início ao show da noite.

Como nas apresentações anteriores, essa foi aberta com o primeiro dueto de Dimitri e Scarlet, mas foi no segundo, perto do fim do espetáculo, que o teatro veio abaixo. E havia sido uma surpresa até mesmo para eles, pois enquanto ensaiavam as duas músicas, conforme combinado, ouviram uma outra, também conhecida, ao fundo, vinda não se soube de onde. Num acordo tácito, decidiram tocá-la só para saber como se saíam, e a melodia da música *We Are The Champions*, um hit de uma banda inglesa e mundialmente famosa dos anos 1970, da qual Dennis era fã e Dimitri também gostava, cortou o ar. E o resultado ficou absolutamente fantástico.

Terminaram desistindo das músicas clássicas, reservando-as para outra ocasião, e optaram pelo rock. A apresentação do dueto foi repleta de emoção, de energia e de pura magia. Enquanto tocavam, a química entre os dois ficava cada vez mais evidente. E quando a última nota ecoou pelo ar, aplausos e assobios eclodiram e preencheram o interior do teatro.

Sorridente e maravilhado, Dennis cumprimentou-os nos bastidores, bem como Emma e vários dos demais músicos, deixando Scarlet encantada, emocionada e lutando com um enorme nó na garganta.

Após a apresentação e com a adrenalina ainda a mil, Dimitri, Scarlet e Emma entraram na Mercedes, pegando o caminho de volta ao hotel onde estavam hospedados. Dennis resolveu esticar a noite com uma morena, que não se sabia muito bem como e de onde havia surgido. Emma despediu-se dos dois na porta do quarto, pois havia combinado de conversar com Bernardo via Skype antes de dormir.

Scarlet pegou sua chave cartão e, com um Dimitri aguardando escurado na parede, abriu a porta. Não houve necessidade de se fazer um convite, ele entrou logo atrás dela. Retiraram os casacos, penduraram no lugar apropriado, e ela cruzou o cômodo a fim de ligar o aparelho de som, deixando um jazz suave tomar conta do ambiente.

— Quer beber alguma coisa? — perguntou, sentindo-se ligeiramente desconfortável de estar ali sozinha com ele.

— Não, obrigado — respondeu Dimitri, aparentemente mais calmo e controlado do que ela.

Scarlet nem bem havia aprumado o corpo quando ele foi até a parede e abaixou a luz, deixando o quarto em uma penumbra aconchegante. Aproximou-se por trás dela, afastou seu cabelo e liberou sua nuca.

— Se me pedissem para definir com uma única palavra a mulher com quem dividi o palco esta noite, esta seria perfeição. Sei que já te disse isso, mas é que você é única, Scarlet. — Ela ouviu-o sussurrar em seu ouvido com sua voz de barítono, rouca e profunda.

Um beijo tocou sua nuca, descendo para a curva entre seu ombro e pescoço, fazendo um arrepio quente e gostoso percorrer sua espinha. Ele continuou beijando-a, passando pela parte superior das costas, voltando à nuca, ombros e pescoço, finalizando a exploração nas maçãs do rosto.

De olhos fechados e com a cabeça inclinada para frente, quase tocando o peito com a ponta do queixo, Scarlet entregou-se à boca dele, deliciando-se com as carícias que o homem fazia. Quando os lábios alcançaram a parte mais sensível de sua orelha e ele mordiscou a pele de leve, ela sentiu um aperto na boca do estômago e o pequeno órgão confinado no meio de suas coxas esquentou e começou a vibrar, despertando seu corpo e liberando uma gama de sensações, tão inusitadas quanto deliciosas.

— Dimitri... — chamou por ele em meio a um suspiro, seguido de um engolir em seco ao se virar e ver o sorriso provocador cortar os cantinhos dos

seus lábios, evidenciando ainda mais a estrutura óssea bem esculpida do rosto bonito, a ponto de ser quase impossível, desviar o olhar de cima dele.

— Esta noite você está tão linda e desejável que eu tive que beijar sua pele e aspirar esse seu aroma delicioso e que eu adoro — confessou ele, fitando-a. — Lá no palco, você esteve simplesmente incrível.

Scarlet sentiu o familiar e exasperante frio na barriga, mesclado com a sensação do coração saindo pela boca, ao ser observada tão de perto. Suas pernas amoleceram, e para não perder o equilíbrio, agarrou-se ao pescoço dele, e os braços fortes a seguraram junto ao corpo alto e musculoso.

— Obrigada, você também — Scarlet devolveu o elogio, e do nada sua atenção foi puxada para os fios que haviam se soltado do coque dele. — O seu cabelo... — disse e apontou com o queixo.

— Está comprido. Pensei em cortá-lo antes de virmos para cá, mas infelizmente não deu tempo — admitiu Dimitri, com o semblante mais suave.

— Eu acho que curto ficará bom, mas eu gosto de como ele está agora. Combina com esse seu jeito rústico e sexy de ser. — Scarlet tirou um minuto para estudá-lo. A barba fechada e o cabelo ruivo de fios grossos tornavam sua masculinidade mais evidenciada. Definitivamente, Dimitri era um belo exemplar masculino, no melhor estilo macho alfa.

Ele riu diante do comentário. Uma risada baixa, rouca e deliciosa de se ouvir.

— *“Jeito rústico e sexy de ser”* — repetiu, divertido. — Você é que é sexy e muito gostosa! — Num movimento ágil, ele a puxou para si, fazendo os quadris de ambos se encaixarem, e ela pôde sentir o quanto Dimitri estava excitado.

Mais uma vez, Scarlet sentiu suas bochechas queimarem e abaixou a cabeça, porém, logo os dedos longos de Dimitri foram até seu queixo e ela ergueu o rosto para encará-lo. Quando seus olhares colidiram, era como se o homem despisse seu corpo e sua alma com os olhos. E por um instante, ela esqueceu como era respirar e seu pulso acelerou.

Como desejava que ele fizesse sexo com ela! Nunca quisera transar com alguém como queria transar com Dimitri Ulinov. Para estar com ele, de verdade, ela era capaz de jogar a cautela, as dúvidas e as inseguranças para o alto. A expectativa de como seria os dois juntos estava matando-a aos poucos. Gemeu de alívio quando viu o rosto dele abaixando e parando muito perto do seu. A boca máscula cobriu a sua e as mãos grandes subiram pelas costas, os dedos mapeando a pele, e o beijo se aprofundou, deixando-a ligeiramente tonta pela falta de ar. Ela adorava o modo como ele a beijava. Ora era lento e

sedutor, ora era intenso e apaixonado.

— Meu Deus, eu não acredito no que você faz comigo — questionou-se Dimitri, após interromper o beijo.

Scarlet fitou-o, a confusão estampada no rosto.

— Estou só retribuindo o seu beijo...

Dimitri emoldurou o belo rosto e observou as linhas harmoniosas com extremo interesse.

— É, você está fazendo isso também — admitiu, estreitando os olhos.

— Está me dizendo que eu mexo com você?

Ele voltou a beijá-la com brusquidão. Scarlet correspondeu e deu tudo de si, foi ardente e apaixonada, pois necessitava daquele beijo tanto ou mais do que ele.

— Tipo isso... — Dimitri evitou dar uma resposta direta. — Eu só sei que fui torturado a noite inteira.

Scarlet enrugou a testa, surpresa com a declaração inesperada.

— Eu te torturei?

— Sim, você me torturou desfilando esse seu corpo magnífico dentro desse vestido com um raio de decote no limite da decência, deixando as costas nuas e quase me levando à loucura — sussurrou ele, respirando com dificuldade.

Sentindo-se afetada ao vê-lo assim, transtornado pelo desejo, Scarlet desviou a boca para a região da orelha dele. O som da música Verão, das Quatro Estações de Vivaldi, preencheu o espaço e penetrou sua mente do mesmo modo que a presença, o toque e o cheiro dele tomavam conta de cada um dos seus cinco sentidos.

— Eu juro que sou inocente — defendeu-se ela, com o hálito quente de Dimitri banhando-lhe a pele e os lábios mordiscando seu pescoço. Em seguida, a mão em sua cintura puxou-a e seus seios foram esmagados contra o peito largo.

— Eu não fiz nada, Dimi — negou Scarlet, lançando um olhar malicioso na direção dele.

Dimitri sorriu ante a negativa dela e alçou uma sobrancelha ao constatar que aquela era a primeira vez que Scarlet o chamava assim e, curiosamente, isso o agradou.

— Está tentando se eximir de culpa, mas sabe muito bem que estou

certo. Chego a pensar que você o escolheu só para me provocar — seus olhos atentos analisavam cada nuance do rosto da mulher que o fascinava.

— Sabia que eu adoro Vivaldi? Das *Quatro Estações*, *Verão* é a minha preferida — Scarlet fingiu ignorar o comentário dele, enquanto deixava a atmosfera criada pela melodia da música e pela expectativa do que estava para acontecer, envolvê-la.

Mantendo os olhos cravados nos dela, Dimitri sorriu de canto.

— A música é uma linguagem universal. Não tem fronteiras, nem faz distinção de cor, sexo, raça ou credo. — A mão dele subiu e emoldurou seu queixo. — Nós só a sentimos, amamos e necessitamos ouvi-la. — Deixou cair o rosto e beijou-a na junção entre o ombro e o pescoço. — Scarlet, você faz ideia do quanto foi difícil estar tão perto de você e não poder me aproximar, te tocar e te beijar? Eu só conseguia pensar em tirar esse seu vestido e na sensação do seu corpo quente e macio, colado no meu — confessou rente à sua boca carnuda.

Suas palavras fizeram a parte inferior do ventre de Scarlet se contrair. Nem tentava ocultar o quando tê-lo ali, com ela, a abalava, mexendo com suas emoções à flor da pele.

Ele soltou seus braços, mas em vez de afastá-lo, ela enfiou os dedos em seu cabelo. Apertou os lábios nos dele e a excitação a dominou. Embora sua mente ainda abrigasse algumas dúvidas e inseguranças, decidiu colocá-las de lado e viver o momento.

Transformando palavras em ação, Dimitri levou as mãos até seus ombros e abaixou as mangas do vestido. Acompanhou o deslizar do tecido pelo corpo curvilíneo, deliciando-se com a visão que se descortinava diante dele. Logo o pequeno triângulo de seda que a cobria fez companhia ao montinho que se formara em torno dos seus tornozelos.

— Despir você é como desembulhar um presente — disse, apoiando-se em um joelho e ajudando-a a tirar as sandálias; quando endireitou o corpo, ele lançou outro dos seus sorrisos irresistíveis para Scarlet.

Dimitri colocou sua boca na dela e deixou escapar um suspiro ao erguê-la nos braços, levando-a para a cama sem nunca interromper o beijo. Ela relaxou contra o corpo sólido, sentindo a evidência de sua excitação. Ele deixou-a sentada na beirada e em seguida, afastou-se.

— Não! — Scarlet estendeu a mão para ele.

— Só vou trancar a porta...

Scarlet prendeu a respiração quando Dimitri aproximou-se dela

novamente, começando a tirar a própria roupa com gestos apressados. Durante todo o tempo, Scarlet deixou-se ficar imóvel onde estava, deliciando-se com o *strip-tease* dele e aproveitando cada segundo. Mesmo que fosse feito com movimentos mais firmes do que sensuais, sua excitação subiu a uma escala quase insuportável.

Dimitri terminou de se despir sem um pinga de falsa modéstia, os olhos acariciando-a, quentes. O danado do homem estava em plena forma, tinha um corpo definido e sem dúvida levava sua rotina de exercícios e a dieta a sério.

Sentiu-se vibrar e seus mamilos doíam na ânsia de serem tocados por ele, e seu âmagu convulsionava, involuntariamente, desejoso de tê-lo dentro de si. E isso a inquietava e a deixava ansiosa, pois, embora seu corpo ardesse de paixão, ela não entendia como podia desejar algo que nunca experimentara antes, mas o anseio corria desenfreado pelas suas veias, vencendo a hesitação e o medo.

— Parece muito satisfeita. — Dimitri não chegou a sorrir, porém seu tom foi divertido.

Scarlet encolheu os ombros.

— Tem razão. Estou muito satisfeita com o que eu vejo — passou a língua pelos lábios, subitamente secos quando a ereção dele dominou por completo seu foco de visão e no instante em que seus corpos se encontraram sobre a cama, Scarlet pode senti-la contra sua barriga.

— Quero que esta noite seja especial — Dimitri sussurrou no seu ouvido, mal conseguindo se controlar diante da expectativa de conhecer cada pedacinho dela, com as mãos, olhos e boca — Quero te fazer sentir do mesmo jeito que você faz comigo. Porra, como quero.

Ele olhou-a com uma expressão intensa, causando um calor gostoso que se alastrou dentro do peito dela. Se aquilo era estar apaixonada, então, ela estava adorando cada momento.

— Já está sendo — sussurrou contra a boca dele — Somos eu e você aqui, e isso é maravilhoso.

Quando Dimitri a beijou novamente, tudo ao redor desapareceu. E não existia no mundo, nada mais importante do que os dois.

Minutos depois, Dimitri encostou sua testa na dela, ambos de olhos fechados, cada um alimentando-se da respiração do outro.

— Você me faz ficar fora de mim — segredou contra sua orelha, a voz entrecortada.

Estar com Scarlet, fazia com que Dimitri esquecesse de tudo. Era uma coisa doida o que ela despertava nele. Um sentimento que o desconcertava e forte demais, a ponto de fazê-lo jogar suas resoluções para o alto. Surpreendia-o perceber que, em tão pouco tempo, a mulher tinha conseguido derrubar o muro que construía em torno de si. Acariciou seu rosto com suavidade, em seguida, as mãos desceram e uma delas tocou sua perna, enquanto a outra passeava por sua cintura, barriga e costas.

Porra! Como era bom tocá-la sem a barreira das roupas. Com esse pensamento em mente, ele passou a boca pelo seu pescoço e garganta. Enganchou uma perna na dela e um gemido de prazer escapou dos lábios de Scarlet quando segurou um seio e explorou o bico com o polegar, acariciando e provocando até deixá-lo intumescido, então passou a língua por ele e mordiscou-o, suavemente.

Scarlet espalhou beijos sobre os ombros dele e as unhas se afundaram nos músculos de suas costas em um sinal claro de frustração. O nervosismo ainda estreitava sua garganta, mas isso não a impediu de se aproximar mais, ávida por um contato maior, seu corpo reconhecendo-o como o amante perfeito.

Dimitri a inclinou na cama e Scarlet deixou que ele a deitasse sem oferecer resistência, mas quando ele voltou a beijá-la, ela o afastou, então desviou a boca para seu ombro.

— Eu nunca... — começou a falar, porém, os olhos dele a prendiam de tal forma que ela se viu incapaz de continuar.

— Você é virgem... — deduziu ele, em tom rouco e a expressão em seu rosto denunciou sua surpresa, mas logo se recompôs e pegando suas pernas, apoiou as duas nos ombros, abaixou a cabeça e mergulhou sua língua entre elas, fazendo um alvoroço com os sentidos de Scarlet. Afastou-se o suficiente para colocar o preservativo que pegara na carteira, após fechar a porta e sentindo-a mais relaxada, avisou: — Eu vou tentar ir devagar — empurrou o quadril para frente, abrindo-a, e penetrou-a um pouco, sentindo-a bem apertada. Hesitou, procurando reprimir o poderoso desejo que o tomava, gemendo conforme deslizava lentamente para dentro dela. Olhou em seu rosto e viu-a franzir a testa, provavelmente pela dor, e ficou imóvel.

Com o olhar, Scarlet incentivou-o a continuar e colocando as mãos nas nádegas dele, puxou-o mais para o meio de suas pernas. Tomou uma respiração profunda, suportando a dor e a sensação desconfortável e ardente de ter algo estranho, abrindo-a.

Gemendo e sentindo um prazer inebriante, Dimitri voltou a investir, mas o grito que Scarlet soltou o fez paralisar.

— Quer que eu pare? — indagou, a preocupação plasmada no rosto.

Ela ergueu o olhar para se deparar com uma expressão atônita dele, mas não iria permitir que aquela jornada excitante acabasse ali. Queria o ato completo. Esperara e desejara que ele a fizesse sua e não desistiria agora, quando estavam tão perto de consumir o ato.

— Não... — disposta a ir até o fim, Scarlet ergueu os quadris para que ele se aprofundasse, ao mesmo tempo que beijava o peito musculoso, apreciando seu gosto salgado e aspirando o aroma almiscarado da pele firme e quente. Elevando um pouco a cabeça, pressionou os lábios nos dele e arqueou-se o mais que pode, forçando-o a se render ao momento.

Cuidadoso, apesar da paixão crescente que, a cada segundo, parecia querer arrastá-lo, Dimitri avançou, tornando a penetração mais profunda. O aperto de onde estava confinado era delicioso e ele sentia um prazer imensurável só de estar dentro dela. Parou de empurrar quando seu pau atingiu algo que o impediu de continuar.

Engolindo a dor, Scarlet viu a tensão no rosto suado e nos braços rígidos enquanto Dimitri se esforçava para manter o controle. Ver o prazer em seu rosto contraído, a deixava ainda mais excitada. Estendeu os braços para envolvê-lo com força, sentindo-o amá-la com as mãos, com os lábios e com o corpo.

Enterrando o rosto em seus cabelos, Dimitri fez força contra o hímen. Diante da pressão, Scarlet gemeu alto e lágrimas saltaram de seus olhos. Uma onda estranha, selvagem e intoxicante queimou em seu ventre e subiu por seu corpo inteiro, fazendo-a vibrar de desejo e sentir um início de prazer.

— Dimitri... — de olhos fechados, gemeu o nome dele e roçou a boca em seu ombro, sentindo a aspereza da pele nos lábios. Submeteu-se ao ardor dele, correspondendo aos poucos, deleitando-se com as carícias, estremecendo enquanto o sentia desbravar e invadir seu corpo. Puxou seus ombros para baixo e enfiou os dedos entre os fios compridos, sufocando um gemido agoniado na curva de seu pescoço.

Introduzindo a mão entre os corpos, Dimitri passou a dedilhar o clitóris dela com movimentos circulares, fazendo-a gemer numa mistura curiosa de prazer e dor que parecia engolfá-la. Ele se conteve o quanto pôde, mas avançou, transpondo a barreira em seu corpo e, finalmente, estava inteiro dentro dela. Scarlet gemeu de novo. Era uma sensação nova, estranha e prazerosa, abrigá-lo daquele jeito.

Dimitri deslizou a mão até sua cintura e as bocas se encontraram num beijo quente e apaixonado. Ao longe, os acordes da música de Vivaldi

chegavam ao seu ápice, assim como eles, arrebatando-os, penetrando em seus ouvidos e envolvendo-os com suas notas. Atento às reações do corpo dela, Dimitri percebeu que Scarlet já não estava tão tensa e apoiou as mãos nas laterais da sua cabeça.

— Eu vou começar a me mover devagar, está bem?

Ela anuiu, ainda nervosa. Dimitri ergueu o quadril e, ao abaixar, entrou inteiro, grunhindo e arfando, consumindo-se no prazer de possuí-la. Ele começou a estocar devagar, sem desviar os olhos do rosto dela e foi acelerando o ritmo, aos poucos, até que com um gemido de abandono e completa rendição, Scarlet se juntou a ele naquela dança frenética e erótica. Tê-lo dentro de si, de uma maneira tão íntima era sublime e visceral. Aquela experiência era mais do que ela jamais tinha esperado. Uma escalada contínua em busca de algo que ainda não sabia bem o que era.

Quando seus músculos ficaram ainda mais tensos e sentindo que não podia mais suportar a pressão, Scarlet deixou escapar um gemido alto e se agarrou com força ao corpo musculoso, entregue a um orgasmo doce e apaixonado que a deixou exausta, mas feliz. Pouco tempo depois, foi a vez de Dimitri se libertar, soltando um rosnado feroz.

Deitada com o corpo estirado e os olhos fixos no teto, Scarlet sorriu de felicidade. Puxou o lençol fino sobre os seios e elevou um braço acima da cabeça, descansando sobre o travesseiro com Dimitri ainda ofegante ao seu lado.

Após retirar-se de dentro dela e se livrar do preservativo, Dimitri virou o pescoço e seu polegar contornou devagar o lábio inferior dela. Scarlet estava tão sensível que pegou-se estremecendo com aquele simples gesto. Dimitri roçou os lábios em seu rosto, levando um bom tempo acariciando-a. Quando voltou a olhar para ela, viu duas lágrimas escorrerem dos belos olhos castanhos.

— Eu te machuquei. Sinto muito — desculpou-se, passando os polegares lentamente por suas faces.

Scarlet colocou um dedo sobre seus lábios.

— Minhas lágrimas não são por isso. São pelo que acabamos de compartilhar. Tudo é tão novo e excitante para mim... — Ela podia sentir a chama do amor nascendo e brilhando forte. Enfiou os dedos nos pelos do peito dele, deixando escapar um suspiro, achando aquele momento de descoberta, simplesmente, maravilhoso. — Eu esperei por esse dia, mas nunca imaginei que seria assim. Esta noite, eu deixei de ser uma menina e me tornei mulher em todos os sentidos — confessou ela, com um sorriso aberto e

encantador.

Carinhoso e satisfeito por partilhar aquele momento tão especial com ela, Dimitri beijou seus cabelos, bochechas e olhos, no entanto, seguiu calado, pensativo, e quando abriu a boca, foi para perguntar:

— Tem problema se eu passar a noite aqui? — Antes de obter uma resposta, voltou a reivindicar a boca dela, tirando-lhe o ar. Quando se afastaram, ela negou com um movimento lento, então ele puxou-a até a junção de seu braço.

Com a cabeça recostada contra seu peito, Scarlet ouvia os batimentos cardíacos desacelerando aos poucos. Relaxada, fechou os olhos, recebendo braços fortes e protetores ao seu redor.

Capítulo 11

Os primeiros sinais do alvorecer surgiam e penetravam na escuridão do quarto através de uma fenda na cortina que cobria a janela. Sonolento, Dimitri tentou se virar para fugir da claridade incômoda, mas foi impedido por um peso que prendia o seu braço. Intrigado, abriu os olhos e se deparou com Scarlet enroscada em seu corpo.

Com cuidado, liberou o braço, mudando de posição na cama. De lado e apoiado no cotovelo, ele tinha uma visão melhor da bela mulher adormecida. Um calor gostoso surgiu em seu peito quando um pensamento inesperado cruzou sua mente: apesar do esforço que fizera para manter o controle a fim de não machucá-la, a noite anterior não poderia ter sido mais perfeita.

O que vivenciou com ela foi algo que ansiara e contra o qual lutara, mas agora ele sabia que a batalha que travara consigo mesmo estivera fadada ao fracasso desde o princípio, adiar sua rendição foi tudo o que conseguiu. Compreendeu, por fim, que há certas coisas na vida que não têm explicação, o desejo que sentia por Scarlet era mais forte do que qualquer determinação.

Depois de observá-la por algum tempo, Dimitri decidiu levantar-se e arrastou-se para fora da cama, procurando fazer o mínimo de ruído possível. Suspirou ao pegar o celular de cima do criado-mudo, desbloqueou a tela e viu que eram sete e quinze da manhã. Estava acostumado a acordar bem cedo, mesmo quando dormia tarde. Ainda um pouco trôpego, abriu as portas duplas que davam na sacada e deixou o poder total do sol impactá-lo para espantar um resto de sono.

Deixou-se ficar ali por poucos minutos, de braços abertos, em um gesto de agradecimento por estar vivo e poder presenciar mais um amanhecer tão bonito como aquele. Alongando o corpo, encaminhou-se para o banheiro, e quando voltou, vestia um roupão fornecido pelo hotel. Andou até a mesinha encostada a um canto da parede, levantou o receptor do telefone interno e pediu pelo serviço de quarto.

Na extremidade oposta do aposento, Scarlet remexeu-se, despertando de um sono profundo e sem sonhos. Esticou o braço, esperando encontrar Dimitri deitado ao seu lado, porém, em vez de um corpo sólido e quente, encontrou apenas o vazio deixado por ele.

Apesar da leve decepção que sentiu ao notar sua falta na cama, pegar no sono com os braços dele ao redor de si tinha sido delicioso, mesmo em se tratando de uma situação inédita para ela. Abriu os olhos e varreu o ambiente

amplo e claro, perguntando-se onde Dimitri estaria. Flexionando os músculos com cuidado, um de cada vez, assegurou-se de que ainda tinha controle sobre eles, e uma leve ardência em seu sexo lhe trouxe vívidas lembranças dos acontecimentos da noite.

Oh, minha nossa! Eu e ele... Nós fizemos, de verdade!

Arregalou os olhos em espanto, porém, sua expressão atônita logo mudou e um sorriso travesso se desenhou em seus lábios. Dimitri foi um amante habilidoso e apaixonado; com carinho e sensibilidade, ajudou-a a quebrar as barreiras criadas por sua inexperiência, e desse modo a fez se sentir bem e confortável com ele e consigo mesma.

Uma coisa era ouvir falar ou ler a respeito; outra, totalmente diferente, era sentir na própria pele. Houve dor, isso ela não podia negar. Não tinha criado grandes ilusões quanto a sentir algo mais além de desconforto na primeira vez em que fizesse sexo com um homem, contudo, contrariando todas as suas expectativas, ela tinha sentido. E essa verdade a encantava. Vivenciar uma situação tão íntima com alguém que desejava, por quem seu corpo ansiava e que se importava com ela, deixava-a em estado de graça, e depois dessa experiência, via o mundo com outros olhos.

Scarlet não planejava chegar virgem aos dezenove anos de idade, quando muitas adolescentes, até bem mais jovens do que ela, já não eram. Simplesmente aconteceu. Não houve ninguém antes pela falta de um relacionamento sério, e desde a paixãoite que chegou a sentir por Raul, irmão mais velho de Natália, sua melhor amiga da época de conservatório, Dimitri foi o primeiro homem que despertou seus desejos e necessidades de mulher.

Ainda se recordava do rapaz alto, de pele cor de café, dono de belos olhos castanhos amendoados e corpo atlético. Ela tinha dezesseis e ele quase vinte quando se conheceram, mas Raul logo a colocou na categoria de “amigas”. Scarlet não teve chance, e alguns dos melhores dias de sua vida foram desperdiçados enquanto desejava ser mais ousada e extrovertida, em vez de tímida, quieta e sensata. Contudo, logo superou o que sentia por ele.

Retornando ao momento presente, Scarlet entendia que era uma loucura iniciar um relacionamento durante uma turnê, sobretudo com o seu chefe, porém, quando Dimitri a olhava e a tocava, suas inseguranças e receios desapareciam, ao menos temporariamente.

Ela não soube de imediato, mas agora, ao olhar para trás, dava-se conta de que seu corpo o tinha reconhecido como a pessoa que esperara, ainda que de maneira inconsciente, e que chegara para preencher um vazio dentro dela. Só ele era capaz de fazer com que se sentisse inteira e completa. Estar com Dimitri, entregar-se a ele, tinha sido um dos momentos mais especiais de

sua vida. E tão certo...

— Oi. — Dimitri saiu de onde estava e aproximou-se ao perceber que Scarlet estava acordada. — Bom dia — saudou-a, sentando-se na borda na cama.

— Bom dia. — Scarlet piscou algumas vezes, até encontrar Dimitri com aquela expressão linda, meio séria e meio safada, olhando carinhosamente para ela. — O que aconteceu entre nós... não foi fruto da minha imaginação... — sussurrou, fitando-o maravilhada.

— Definitivamente... não. — Dimitri trilhou o ombro dela com os dedos, desenhando pequenos círculos nele.

Scarlet permaneceu com os olhos fixos nos dele, sentindo a pele por onde os dedos longos passavam começar a formigar.

— Eu sabia que aconteceria. Soube desde a primeira vez que o vi — confessou, emocionada.

Tocado, Dimitri sustentou seu olhar, desfiando seus cabelos com os dedos da mão livre.

— Eu mal podia acreditar que o que vivíamos era real. — Ele pausou por um momento, antes de emendar, em um tom baixo e rouco: — Quero você de novo. Está muito dolorida? — indagou muito perto de sua orelha, aproveitando para salpicar de pequenos beijos a junção entre o ombro e o pescoço.

— Não muito — mentiu Scarlet. *Uma mentirinha de nada e por um excelente motivo*, disse a si mesma a fim de apaziguar a consciência. E apesar do cansaço físico devido à noite agitada, ela sentia uma vontade crescente dele, despertada pelas carícias e pelos lábios úmidos, quentes e macios percorrendo sua pele nua.

— Tem certeza? — Dimitri inquiriu, desejando certificar-se. Desfez-se do roupão com gestos ágeis, inclinou o tronco na direção dela e desceu uma mão pelo seu corpo, introduzindo-a entre as coxas roliças. Segurando o lábio inferior com os dentes, Scarlet abriu as pernas, dando-lhe total acesso. — Danadinha! — Ele sorriu de uma maneira preguiçosa e passou a provocá-la, dedilhando o clitóris enquanto envolvia um seio e passava a brincar com o mamilo duro.

Agarrada ao braço da mão cujos dedos hábeis penetraram sua vulva, abriram os grandes lábios e passaram a esfregar seu clitóris de modo firme, fazendo-a gemer sob a estimulação insistente, Scarlet semicerrou os olhos, e mesmo em meio a todas aquelas sensações loucas e deliciosas que as carícias

dele produziam nela, pôde observar o rosto salpicado de sardas muito próximo ao seu.

Dimitri estava sexy demais, com os cabelos desalinhados, a respiração pesada e a boca entreaberta. O hálito morno e o cheiro almiscarado estimulavam ainda mais seus sentidos. Passeou o olhar devagar pelos músculos dos braços, passando pelo peito e o abdômen definido terminando em um grande “V” logo acima da junção das coxas. Aquela era a segunda vez que Scarlet tinha uma visão completa do corpo dele, e verdade seja dita, Dimitri era um homem lindo!

— Tenho — respondeu ela, perdida no tom esverdeado dos olhos dele. A vontade que sentia de se esfregar contra aqueles dedos a dominou.

Quando ele a segurou pelo queixo com a outra mão e a boca exigente reivindicou a sua, Scarlet não colocou resistência. Atendendo à necessidade latente do próprio corpo, elevou os braços, enlaçando-os no pescoço dele, e mergulhou de cabeça no beijo, tomando com a mesma fome o que um Dimitri selvagem lhe oferecia.

Ele se aproveitou dessa entrega e cravou os dedos na carne das nádegas dela, abrindo-a para ele, então afundou a boca na boceta inchada. Envolveu o clitóris com os lábios e a sentiu estremecer. Sua reação o estimulou e ele passou a sugar, uma vez após outra, ouvindo-a arfar em desespero.

Scarlet arqueou-se ainda mais, os olhos vidrados enquanto sentia a língua quente e áspera a levando à loucura. Em um gesto involuntário de seu corpo, ela fez um movimento como se quisesse fugir da boca dele. Contudo, Dimitri a puxou de volta, mantendo-a sob o seu domínio, a boca voltando a se afundar na boceta quente e escorregadia.

— Porra! Como você é deliciosa! — rosnou contra a pele sensível.

— Dimi, eu não aguento mais, quero você dentro de mim. — E ganhando vida própria, as pernas de Scarlet se moveram e se enrolaram ao redor da cintura dele.

— Eu te quero tanto, Scar. — A voz era crua e frustrada, e seu peito subia e descia em respirações aceleradas enquanto ele falava.

Tomado por uma paixão desenfreada, Dimitri atirou-se na cama. Ele queria ir com calma e ser cuidadoso, porém sentia o corpo em chamas, e Scarlet se movia como um furacão embaixo dele, fazendo seu pau ficar ainda mais duro. Rolaram no colchão, tocando-se, descobrindo-se, tomando um ao outro. Impaciente, Dimitri afastou o lençol embolado entre eles e passou a acariciar os seios fartos e pesados com mãos, lábios e dentes.

Explorava seu corpo como se já soubesse o que a fazia tremer e explodir de desejo. A boca experiente percorria todos os cantos do corpo sinuoso, fazendo-a estremecer e mover-se de modo a não perder o contato com suas carícias. Desejos que Scarlet nunca experimentara eram despertados em seu íntimo e a dominavam. Delirante, ela obedecia a seus instintos, deixando-se levar e ansiando por mais e mais. Sensações inebriantes a assolavam, roubando seu ar, e sem pensar, contorcia-se, gemendo cada vez mais alto sob o corpo forte, aberta às exigências que ele lhe fazia e ansiando por qualquer instrução que Dimitri lhe desse.

Abriu a boca para falar alguma coisa, mas Dimitri meneou negativamente a cabeça, o que a fez mudar de ideia. Os olhos dele permaneceram abertos enquanto sugava o lábio inferior dela, usando a língua e os dentes para seduzir e provocar.

— Você tem uma boca incrível. Eu adoro sentir o gosto dela na minha.
— Ele a beijou mais demorada e profundamente, até ouvir o pequeno choramingo escapar da garganta dela. O corpo voluptuoso debaixo do dele assemelhava-se a uma fornalha.

Scarlet o queria, e Dimitri podia ver suas pálpebras pesadas de desejo e luxúria. Por sua vez, ele queria comê-la em todos os lugares e de todos os modos, mas ainda não era o momento. Precisava controlar a impetuosidade, afinal, não fazia nem vinte e quatro horas que a garota havia perdido a virgindade. E com ele! Saber que tinha sido o primeiro enchia seu peito de orgulho masculino, não que a trataria diferente se ela já não fosse. Na verdade, ele nem esperava que uma garota de quase vinte anos, nos dias de hoje, ainda se mantivesse virgem.

— Você tem noção do que faz comigo? Eu só quero me sentir dentro de você, de novo, de novo e de novo...

As mãos dela deslizaram pelos braços fortes, então se moveram para cima até emaranhar os dedos na massa de cabelos ruivos. Parecia improvável devido ao pouco tempo que teve para acostumar-se, mas ela estava tão em sintonia com Dimitri que chegava a ser uma coisa louca e inexplicável.

— Se é o mesmo que você faz comigo, então eu tenho. Eu também desejo sentir você, Dimi. Desejo muito. — Scarlet estremeceu com a necessidade de tê-lo explodindo dentro dela.

Dimitri soltou um gemido de frustração no instante em que percebeu que, por pouco, não a tinha possuído sem o preservativo. Com esforço, afastou-se dela e desceu da cama, mas voltou logo em seguida. Protegido, acomodou o corpo entre suas pernas e entrelaçou os dedos nos dela, segurando-a contra o colchão com o seu peso, para enfim deslizar para dentro

daquele corpo sinuoso e palpitante que o recebia com uma ânsia alucinante.

De olhos fechados, Scarlet apreciava o momento excitante ao extremo, entregando-se a ele de corpo e alma. Em um descontrole delicioso, mordiscou seu pescoço enquanto explorava o corpo poderoso com as mãos, remexendo os quadris e pedindo por mais.

— Scar... — A voz dele saiu trêmula e baixa, como um sopro. — Olha para mim. — Ela obedeceu, encarando-o em expectativa. A luz do sol da manhã entrava pela janela, destacando as gotículas de suor que faziam a pele pálida dele brilhar. Os olhos estavam escurecidos pelo desejo e a fitavam com intensidade. — Consegue ficar ainda mais linda com o meu pau dentro de você — confessou e voltou a investir, acelerando o ritmo das estocadas, e um desejo irracional tomou conta dele quando a sentiu à beira do êxtase.

Então ela soube como era ser desejada além da razão. Colou-se aos músculos do corpo másculo inundada pela sensação de puro prazer e deleite. Era como um sonho do qual ela não queria ser despertada, um em que desejava se afundar e esquecer a realidade.

De repente, Scarlet sentiu seus músculos internos se contraírem e agarrou-se ainda mais aos braços dele. Pelas reações de Dimitri, ela imaginou que ambos partilhavam das mesmas sensações e caminhavam juntos para o mesmo fim. E quando o prazer chegou, veio como uma explosão. Ela gozou apertando o pau dele, inteiro dentro de sua vagina, e uma energia pulsante e quente nasceu em seu ventre e espalhou-se para o resto dos membros enquanto era tomada por uma sensação deliciosa e lânguida que a deixou sem forças.

Dimitri fodeu com força, suado, com a visão distorcida e os músculos do rosto contraídos. Alucinado pelo desejo, cravou os dedos em suas nádegas e mordeu seu ombro. Subitamente, o corpo grande que subia e descia descontrolado ficou imóvel, estático por alguns instantes, até começar a convulsionar.

Ainda sentindo os efeitos do gozo, Dimitri segurou seu rosto com as duas mãos e olhou-a de uma maneira tão profunda que, pela primeira vez, Scarlet sentiu-se vulnerável e exposta.

— Isso foi... — As palavras morreram na sua garganta, enquanto seus olhos varriam o rosto dela como se pretendessem memorizar cada detalhe.

Scarlet sentiu suas bochechas queimarem, mas não se importou, porque saber o quanto Dimitri a achava bonita, o quanto a queria e como perdia o controle quando estava com ela fazia seu coração expandir, dobrar de tamanho, tornando esmagador o sentimento que nutria por ele.

— Maravilhoso — completou ela, com a respiração ofegante e o coração acelerado. — Será sempre assim, tão bom como foi agora?

Dimitri riu, e ouvir a risada espontânea dele aqueceu-a por dentro.

— As próximas vezes não serão boas, serão ainda melhores — garantiu ele, com os dedos enfiados no emaranhado macio dos cabelos dela.

Rindo junto, Scarlet encostou a cabeça em seu peito.

— Eu acredito. Este é um daqueles momentos que chegam a dar um certo medo. — Scarlet depositou um beijo em seu peito, os corpos ainda unidos em um encaixe mais que perfeito.

— Medo? — inquiriu Dimitri, arqueando as sobrancelhas.

— Sim. Eu me sinto tão feliz que tenho medo de acordar e descobrir que o que vivemos não passou de um sonho.

— Não é um sonho. Eu estou aqui e não pretendo ir a lugar algum — assegurou ele, enquanto a beijava e acolhia em um abraço gostoso.

Distraída, Scarlet afagava a lateral do rosto dele, quando ouviram duas discretas batidas na porta.

— Quem será? — indagou ela, um pouco incomodada com a interrupção. Não queria que ele se afastasse dela e ver se desfazer a bolha de alegria e satisfação em que se encontrava.

— Deve ser o serviço de quarto. Eu liguei e pedi para trazerem o café da manhã um pouco antes de você acordar — explicou Dimitri, dando-lhe um selinho antes de levantar-se, pegar o roupão caído aos pés da cama e se enfiar nele a caminho da porta.

Foi impossível para Scarlet não sorrir feito boba enquanto seguia cada um dos movimentos dele com os olhos. Um minuto depois, um funcionário uniformizado entrou empurrando um carrinho. Em cima dele, além do café da manhã solicitado, havia um arranjo de rosas azuis. Uma cor exótica para flores, pensou Dimitri, mas esse detalhe parecia torná-las ainda mais bonitas. Contudo, ele achou estranho, pois não havia mencionado flores quando fez o pedido. Seria uma cortesia do hotel?, questionou-se, porém achou melhor não dizer nada, e com um vinco no meio da testa, andou até onde suas calças estavam, puxou a carteira de um dos bolsos, tirou algumas notas e deu a gorjeta ao rapaz, que, agradecido, virou-se, deixando-os novamente a sós.

Envolta por uma nuvem de contentamento e felicidade, Scarlet se viu obrigada a encarar a realidade quando desviou o olhar de Dimitri para o buquê de rosas azul-cobalto. Este se destacava em meio ao branco das paredes e aos tons pastéis da decoração. Agitada, sentiu o coração começar a bater

feito louco e o sangue congelar, para depois passar a correr numa velocidade absurda por suas veias, terminando por concentrar-se em suas bochechas.

Quando se virou e olhou diretamente para ela, Dimitri uniu as sobrancelhas ao se deparar com a expressão de pânico estampada em seu rosto.

— Um ramo de rosas azuis — respondeu à pergunta muda que via na expressão dela, e sem ocultar a curiosidade, girou o pequeno retângulo de papel entre os dedos para ver o verso. — E um cartão em branco. Um admirador secreto? — indagou, intrigado, tanto pelo envio das flores não solicitadas quanto pela reação de Scarlet, que mantinha os olhos fixos nelas.

Receosa, ela buscou na expressão de Dimitri um indicativo do que se passava na cabeça dele, fazendo o possível para ocultar o rebuliço que a presença daquele ramo de flores havia desencadeado dentro dela. Porém, não conseguiu decifrar nada, e levou alguns instantes ponderando se devia ou não contar o que se passava com ela.

Entretanto, ela ainda tinha dúvidas, pois não sabia se as rosas azuis e os telefonemas tinham a ver com o que aconteceu. Podia estar enganada; na verdade, rezava por isso. Além daquele não ser o melhor momento para abordar e reviver uma parte delicada e dolorosa do seu passado, não estava preparada para se abrir com Dimitri e arrastá-lo, talvez até sem necessidade, para algo que era só dela.

— E-eu acho que deve ser de algum fã — respondeu, optando por omitir suas suspeitas, o que a fez sentir-se mal de imediato.

Desconfiado, Dimitri olhou diretamente para ela antes de perguntar:

— Tem certeza de que você não sabe?

Scarlet tentou controlar a agitação e os sentimentos negativos que as lembranças lhe traziam e que se avolumavam dentro dela.

— Tenho. Por que está me perguntando isso?

— Porque a reação que você teve quando olhou para elas não foi normal. Você ficou pálida de repente, e eu vi o terror em seus olhos, Scarlet.

Dando de ombros, Scarlet procurou minimizar o significado real da sua reação à presença das rosas no centro do quarto.

— Você está exagerando, eu só fui pega de surpresa. Não esperava receber flores. Foi isso — tratou de explicar, torcendo para que ele desistisse de prosseguir com o assunto.

Dimitri estreitou os olhos, era óbvio que ela estava lhe dando uma

desculpa esfarrapada. Como suspeitara, havia mais por trás daquela entrega inesperada.

— Surpresa por receber rosas? E se fosse eu quem as tivesse pedido, Scar? Poderiam ser minhas para você. Não sou idiota, então não me trate com se eu fosse um. Eu vi o pânico em seu rosto, e você ainda está tremendo. Que raio de reação é essa? Sei que tem muito mais além do que você está me dizendo.

Agitada e incomodada com a insistência dele, Scarlet se envolveu no lençol e desceu da cama.

— Não há nada. Está vendo coisas onde não há, Dimi. E não quero falar mais sobre isso. Podemos mudar de assunto? Por favor?

Notando que ela se fechava, Dimitri assentiu de maneira quase imperceptível, fitando-a de modo significativo. Alguma coisa estava tirando a paz da sua pianista. Talvez devesse respeitar seu silêncio e não seguir pressionando-a, contudo, era impossível ignorar o quanto ela tinha ficado assustada ao se deparar com aquelas rosas no meio do quarto, e aquilo o preocupou mais do que ele poderia explicar.

Sua intuição lhe dizia que voltariam a tocar no assunto, mas, por ora, ele não a forçaria a contar algo que ela obviamente não queria. Talvez, quando se sentisse mais segura, ela poderia lhe contar o que de fato se passava, ainda assim, chateou-o saber da pouca confiança que Scarlet depositava nele.

— Podemos, sim. Se você não sabe quem as enviou, então deve ter sido mesmo um admirador — cedeu, colocando um tom trivial na voz.

Fugindo do seu olhar especulativo e do silêncio pesado que se abateu sobre eles, Scarlet respirou fundo e foi em direção ao banheiro. Quando regressou, dentro de um robe de seda curto na cor azul-marinho, encontrou-o acomodado em uma das duas poltronas dispostas ao redor da mesa e com o café da manhã servido. Com um sorriso e um gesto de mão, Dimitri a chamou para juntar-se a ele.

Aliviada por ele ter mudado de ideia e não ter voltado a insistir no assunto das rosas, Scarlet aceitou o convite e só então se deu conta do quanto estava faminta. Sentou-se na cadeira oposta e começou a comer.

— Posso te fazer uma pergunta? — indagou após apreciar uma colherada da salada de frutas.

Dimitri deu um gole em seu suco, passou o guardanapo nos lábios e só então se manifestou:

— Hum, depende. O que você gostaria de saber sobre mim?

O rosto dela se iluminou.

— Sobre você? Eu quero saber tudo! — respondeu e riu, a fim de tornar o ambiente mais leve, optando por um tema neutro e comum aos dois.

— Quantos anos tinha quando começou a se interessar pela música?

Dimitri se recostou na poltrona e passou a mão pela barba.

— Bom, isso eu posso responder, mas com uma condição.

— É? Qual?

— Que você faça o mesmo.

Scarlet terminou de morder o morango que levava à boca.

— É justo. Quem começa? — Ele riu e ela o acompanhou na risada.

Colocando o guardanapo sobre o colo, Dimitri uniu as mãos e apoiou os cotovelos na mesa.

— Bom, a história é um pouco longa, por isso vou te dar a versão resumida. — Scarlet assentiu e ele continuou: — Meus pais são da Bulgária e imigraram para o Brasil no começo dos anos 1990, três meses antes do Dennis e eu nascermos.

— E por que eles se decidiram pelo Brasil? — indagou ela, inclinando o corpo para frente e olhando-o, interessada.

— Meu pai é engenheiro civil e recebeu uma proposta de trabalho de uma grande construtora. E como as coisas na Bulgária não estavam estáveis na época, ele resolveu aceitar. Quinze anos depois, essa mesma empresa abriu uma filial na Turquia, e o chamaram para comandar o Departamento de Engenharia. Hoje, eles vivem em Istambul.

— Que interessante! — exclamou Scarlet, olhando-o com admiração.

— E sobre a música... eu me apaixonei muito cedo pelo violoncelo, desde então ele tem sido o meu relacionamento mais duradouro. Na época da escola, eu era motivo de piadas dos coleguinhos por causa do meu jeito nerd e por preferir tocar um instrumento a praticar esportes. Foi uma fase difícil enquanto eu crescia, mas não desisti, e anos depois eu consegui trazer o Dennis para o meu lado. — Dimitri parou, o olhar distante, perdido no tempo. — Meu irmão era o oposto de mim: esportista, festeiro e mulherengo. Não que ele tenha mudado muito.

— Que vocês dois têm personalidades e temperamentos diferentes, eu não tenho dúvida. E onde é a sua casa?

Dimitri se deu uma pausa antes de responder.

— Essa é uma boa pergunta. Na verdade, eu me considero um cidadão do mundo. Sempre viajei muito e morei em vários países. Hoje, quando visito meus pais em Istambul, fico na casa deles, mas costumo revezar entre São Paulo, Nova York e Paris — contou e sorriu. — E chega de falar de mim.

O silêncio voltou a cair sobre os dois. Sentindo-se culpada, Scarlet não conseguiu sustentar o olhar dele por muito tempo, pensando em qual seria a melhor maneira de abordar o assunto. Mas antes que pudesse falar, Dimitri segurou seu queixo e ergueu seu rosto, buscando seus olhos.

— Em que está pensando?

— Que você ficou chateado comigo, e eu não estou me sentindo muito bem com isso.

— E por que acha que eu fiquei chateado? — indagou ele, ainda segurando seu queixo de maneira delicada.

— Você percebeu que... existe algo por trás daquelas flores, mas eu evito falar sobre isso. Na verdade, há muito tempo eu não penso no que houve.

Inclinando o tronco para frente, Dimitri beijou seus lábios de leve e fez um carinho em seu rosto.

— Escuta, Scar, se você acha que esta não é a hora, eu entendo. Não pretendo te forçar a nada, mas quando chegar o momento, só quero que saiba que pode confiar em mim — disse, os olhos fixos nos dela.

— Mas eu confio em você — afirmou ela, ansiosa para que ele acreditasse em suas palavras.

— Como eu disse, quando se sentir pronta, você me conta — Dimitri repetiu, lançando um olhar compreensivo. — Enquanto isso, vamos aproveitar o tempo que ainda temos aqui sozinhos — sugeriu, levantando e estendendo a mão para ela.

— Obrigada por entender. — Scarlet aceitou a mão estendida e Dimitri a guiou até a parede mais próxima. Ela beijou seu ombro e ganhou um afago nos cabelos em troca.

Dimitri abaixou a cabeça e em segundos Scarlet sentiu lábios quentes percorrerem a curva de seu pescoço. Por um instante, ele parou para analisar cada expressão que cruzava a face feminina e ficou apreciando os cachos dos seus cabelos, sua pele cremosa e seus olhos e lábios provocantes.

Não havia desistido de descobrir o que a incomodava tanto, mas,

ariska como estava, caso insistisse, ele só a faria se fechar ainda mais, e não queria passar o tempo livre que ainda tinham discutindo. Puxou-a para mais perto e pressionou a mão na lateral de seu rosto, forçando os dedos na parte de trás de sua cabeça. Avançou nela e a beijou. As línguas dos dois se cruzavam num desejo forte e incontido. Dimitri a saboreava lascivamente enquanto a prendia contra a parede. E quando parou para respirar, viu que Scarlet ofegava por conta do beijo ardente.

Recuperando o fôlego, ela sorriu, voltando a puxá-lo para junto de si. Ele a agarrou e encostou a ereção no seu ventre enquanto suas línguas se mexiam num movimento enlouquecedor. Dimitri puxou a cabeça de Scarlet para trás e lambeu seu pescoço, mordeu sua orelha e ouviu-a gemer.

— Você é muito gostosa, linda e sexy — recitou e acariciou sua bochecha com o polegar. — A minha vontade neste momento é de beijar seu corpo inteiro e passar as próximas horas levando você à loucura.

Ao vê-la erguer a cabeça e fitá-lo com um sorriso, ele não fazia a mínima ideia de como o coração dela batia rápido e totalmente fora do compasso.

— Eu quero o mesmo que você. — Scarlet abriu o roupão que Dimitri usava, acariciou seu peitoral trabalhado e logo os ombros largos e fortes ficaram à mostra. Os pelos curtos em seu peito e sua barba cheia e bem aparada deixavam Scarlet completamente louca. — Você é perfeito — concluiu, fascinada por aquele homem de quase um metro e noventa de altura, de pele branquinha e salpicada de sardas. Adorava o contraste do tom da sua pele junto a dele.

Dimitri voltou a beijá-la, com uma das mãos sobre um seio e a outra em sua coxa.

— Puta merda! — exclamou, impaciente, enquanto desfazia o nó da faixa em sua cintura. — Vou te possuir sem pensar no seu prazer, só no meu.

— Se fizer isso, essa será a nossa última vez — resmungou ela, incisiva. — Você me ensinou a sentir prazer, e agora eu quero que você me proporcione o orgasmo mais incrível da minha vida.

— Seu desejo é uma ordem. — Dimitri sorriu quando finalmente desfez o nó e afastou o tecido, encontrando a pele nua que ansiava por tocar. Livrou-a do robe e parou alguns segundos para se deleitar com sua nudez completa.

Colocou as mãos naqueles seios pesados com mamilos durinhos e começou a lambê-los com intensidade. Scarlet passou a gemer, com olhos e lábios entreabertos. Então Dimitri desceu as mãos, mapeando sua carne, e se

abaixou. Sustentado em um joelho, elevou uma das pernas dela e apoiou-a sobre ombro o esquerdo. Beijou os poucos pelinhos pubianos daquela bocetinha molhada, abriu-a com dois dedos e começou a lamber e chupar seu clitóris com movimentos frenéticos.

— Hummm... Que delícia, Dimi... — Scarlet suspirou e segurou-o pelos cabelos, e alguns minutos depois, sentiu seu corpo inteiro estremecer com fortes espasmos. Fraca e mole, ela o abraçou para se apoiar em seu corpo, ofegante de prazer.

— Não aguento mais esperar para estar dentro de você — murmurou Dimitri, ansioso. Afastou-se para tirar um preservativo da carteira, desenrolou-o e revestiu seu pau, completamente duro. Voltou para perto de Scarlet e, virando-a, viu rastros do seu prazer escorrer pela parte interna de suas coxas.

Então ele beijou suas costas nuas e enfiou-se dentro dela numa única e firme estocada. Sem controle, Scarlet se moveu e gemeu alto.

— Fique quietinha, porque agora é a minha vez de brincar — sussurrou em seu ouvido, segurando seus quadris com firmeza e mantendo-a no lugar.

Dimitri gemia ao penetrá-la com força, bombando cada vez mais forte dentro de seu sexo úmido, apertado e quente. Alguns minutos depois, seu tórax colou-se nas costas dela assim que um estrondoso orgasmo fez seus músculos rígidos e tensos relaxarem.

— Deus do céu! Você está acabando comigo. — Ele a virou e voltou a beijá-la na boca. Um beijo quente, lascivo e molhado, que Scarlet retribuiu com prazer.

— Ah, é? Nesse caso, você tem cinco minutos para se recuperar — Scarlet avisou-o quando suas bocas se separaram. Rindo, desvencilhou-se dele e correu na direção da cama.

Enquanto a via se afastar, Dimitri retirou o preservativo. Estava radiante por estar ali com ela, e pensou que o destino realmente pregava peças inacreditáveis.

Ao despertar pela segunda vez naquela manhã, Scarlet se viu novamente sozinha. Apertou o botão ao lado da cama e as cortinas sobre as grandes janelas se abriram, permitindo a entrada da luz natural. Ouvindo o som do chuveiro, ela escorregou da cama, vestiu o robe e dirigiu-se para a sacada, onde debruçou-se no balcão a fim de admirar a vista espetacular.

Não podia negar que Amsterdam era uma cidade linda, mas tudo onde

estava agora parecia excitante e glamoroso. Prática e firme como uma rocha, a Espanha recebia Scarlet Pires. *Não estou apenas na Espanha, estou em Madrid*, pensou, disposta a aproveitar cada segundo de sua estadia. Sacudiu a cabeça, abriu os braços e riu, deliciando-se com os raios de sol e a carícia suave da brisa lhe banhando a pele.

Enquanto durasse, agarraria aquela vida com ambas as mãos e veria até onde ela a levaria. Isso a fez recordar-se de que não possuía nada que não coubesse em uma mala, afinal, havia se desfeito de tudo antes de deixar o Brasil. Duas semanas haviam se passado desde que a turnê começara, e apesar dos ensaios, da pressão e da responsabilidade, pela primeira vez, e talvez a única em sua vida, sentia-se verdadeiramente livre.

Dimitri tirou o roupão e postou-se diante do espelho a fim de analisar sua imagem. Sorriu ao lembrar-se da bela mulher que deixara adormecida na cama. Passou as mãos pelas bochechas e cogitou se barbear, mas descartou a ideia e entrou no box. Abriu o chuveiro e suspirou de prazer quando sentiu os jatos de água quente tocarem sua pele.

De volta ao quarto e ouvindo o som do chuveiro, Scarlet deixou cair o robe no chão e, com um sorriso travesso, eliminou a distância até o banheiro da suíte. Entrou tentando não fazer ruído. Abriu a porta do box e deliciou-se com a figura poderosa de Dimitri. Seus cabelos compridos estavam grudados na nuca e a água escorria por todo aquele corpo deliciosamente grande e de fazer inveja ao mais perfeito dos deuses gregos.

— Olá, moço bonito — saudou-o, analisando-o de cima a baixo. — Você demorou e eu me senti sozinha. — Sem esperar por uma resposta ao seu comentário, Scarlet adentrou o box quase todo ocupado por ele.

Dimitri lhe endereçou um de seus sorrisos de canto e afastou-se, abrindo espaço para ela. E isso foi suficiente para deixá-la excitada. Ele tinha o poder de despertar seu tesão com uma facilidade extrema; a tirava do chão e lhe roubava o ar com beijos apaixonados, intoxicantes e seu toque experiente.

— Você vai demorar? — Scarlet questionou, provocante.

De imediato, as mãos dele foram para a bunda empinada dela.

— Demorar? O que quer dizer com isso?

— Você vai demorar muito para me beijar? — Ela sorriu e apoiou a mão no peito largo, encarando-o com malícia.

O corpo de Dimitri estremeceu. Bastava um único toque daquela mulher para deixá-lo excitado.

— Hum, uma garota decidida. — Ele se animou com a possibilidade

de tê-la em seus braços novamente.

Era impossível para Scarlet não se sentir pequena ao lado dele, ainda mais quando ele a comprimia com seu corpo contra o vidro frio do box, cobrindo-a por inteiro e arremetendo dentro dela, feroz e insaciável. Ele a fazia gemer, atordoada, enquanto lhe proporcionava mais daquela sensação delirante, capaz de fazê-la esquecer-se de quem era e de onde estava.

Capítulo 12

Scarlet e Dimitri decidiram não sair e almoçar ali mesmo, no quarto. Havia uma mesa do lado de fora cercada de plantas, dando ao ambiente um aspecto agradável. Enquanto comiam, falavam sobre o último concerto e de como lotaram o teatro.

— Eu já imaginava que vocês lotavam os teatros por onde passavam, mas não pensei que fosse assim em todas as apresentações. Eu não tinha noção da fama de vocês na Europa. É impressionante, e tudo isso é como um sonho muito bom — observou Scarlet, sentada sobre uma das pernas e olhando a bela vista que se descortinava diante dela.

— Sim, sem dúvida que é — concordou Dimitri, encantado com a alegria contagiante da pianista.

Depois de comerem, como ainda tinham algumas horas livres até o horário que deveriam estar no teatro, pois o ensaio aconteceria no mesmo local da apresentação daquela noite, os dois resolveram aproveitar o tempo dando uma volta pela cidade. Scarlet queria muito ver de perto uma parte da terra cuja história a fascinava pelo mistério que a envolvia e que durante séculos tinha sido governada por mouros, aristocratas e cultos, deixando como herança não somente obras de arte, mas também brilhantismo e ardor.

Quando deixaram o hotel, ela se deparou com o sol brilhando intensamente no céu azul de Madrid, inclinou o pescoço para trás e fechou os olhos, apreciando os raios infiltrando-se em sua pele. Ao reabri-los, olhou para Dimitri, o semblante iluminado e a boca suavizada pela emoção que, contrariando a temperatura alta, provocara um estranho arrepio em seu corpo.

Como conhecia uma boa parte de Madrid de visitas anteriores, Dimitri se ocupou em observar as reações de Scarlet, que olhava tudo com olhos curiosos e expressão deslumbrada. Dava gosto de ver o quanto ela parecia feliz só de estar ali. Envolvido por essa alegria, ele pegou a Gran Vía, que começa na Calle Alcalá e termina na Plaza de España, conectando o famoso bairro de Salamanca com Arguelles.

Gastaram uma hora e meia andando pelas calçadas e conhecendo diversas lojas de roupas e calçados de grife, depois se dirigiram até a Amorino, uma sorveteria famosa por seus sorvetes artesanais e onde Dimitri jurou ter experimentado o melhor sorvete de chocolate de sua vida.

— E então? — perguntou ele, observando-a se deliciar com o sorvete de casquinha em formato de flor.

— Tenho que concordar com você... É uma delícia, uma coisa de outro mundo.

Dimitri sorriu de canto, mas logo seu olhar se tornou intenso quando a viu rodear o sorvete com a língua e depois fechar os lábios em uma pétala. Sua mente criativa imediatamente lhe trouxe imagens de Scarlet fazendo o mesmo em torno de seu pau. Remexeu-se na cadeira, um pouco incomodado, e precisou respirar fundo, balançando a cabeça a fim de afastar o pensamento erótico, contudo, fez questão de fazer uma nota mental para não se esquecer de colocar a ideia em prática em um outro momento.

Continuaram o tour com Scarlet ainda sentindo o gostinho do chocolate na boca, e conforme Dimitri explicava sobre os locais que visitavam em um tom de voz grave e cadenciado, quase a fazia perder o contato com a realidade. Presa ao seu fascínio, Scarlet absorvia cada palavra que saía de sua boca. E quando ele a convidou para assistir a um bailado flamenco depois da apresentação, ela não hesitou em aceitar.

Teatro Royal de Madrid

Os aplausos cessaram e um silêncio absoluto pairou sobre o teatro, dando uma expectativa maravilhosa ao lugar e fazendo Scarlet sentir uma excitação quase elétrica. Tomou fôlego, posicionou os dedos suspensos sobre o teclado do piano de cauda ao centro do palco, fechou os olhos e começou a tocar. A música fluiu da alma aos dedos e os sons das notas das *Bachianas Brasileiras Nº 5*, de Villa-Lobos, tomaram conta do ambiente. Logo Dimitri começou a tocar, apresentando mais um dueto, que, com este, já somavam três durante o show.

Naquele momento, ela não estava ciente do público que se mantinha sob um silêncio cativante. Uma vida inteira de aulas a ensinaram a manter o foco por completo na música, porém, ao alcançar a metade, ela se tornou... consciente.

Não havia palavras para descrever aquele sentimento de estar sendo observada. É claro que estava sendo observada, por centenas de pessoas, mas ser observada por aquela pessoa em particular era diferente. Podia sentir os olhos dele sobre ela, entretanto, não ousou levantar o rosto e arriscar perder o ritmo, nem mesmo quando suas bochechas ficaram quentes, a pele formigou e o corpo reagiu ao prazer sensual daquele tipo de atenção que vinha de Dimitri.

Pela primeira vez, até onde podia lembrar, Scarlet se pegou desejando que a música terminasse, aí poderia erguer o rosto e devolver seu olhar. Jamais desejara que uma peça chegasse logo ao fim, mas nunca havia sentido os olhos dele sobre si, como se desejassem desnudar sua alma.

Finalmente, as últimas notas definharam no interior do teatro e ela pôde olhar para ele. Quando seus olhares se chocaram, Scarlet foi tomada por um sentimento inebriante, viciante, maravilhoso. O instante se prolongou, até que ela sentiu o corpo ser irresistivelmente puxado para Dimitri, mesmo permanecendo sentada no banco do piano. Precisava se controlar, pois estava consciente demais da presença dele. Dando um suspiro profundo, determinou-se a manter a concentração e não pensar em mais nada além da música.

Ao fim do concerto, tomando o cuidado de avisar Emma que não voltaria para o hotel com ela e ignorando a expressão intrigada da amiga, mas prometendo explicar o que acontecia na manhã do dia seguinte, Scarlet dirigiu-se, apressada, para o camarim. Tinha um ar pensativo e sonhador no rosto ao mirar-se no espelho, quando Dimitri entrou e trancou a porta, pegando-a de surpresa, pois não era do seu feitio invadir camarins alheios.

— O que você está fazendo? — indagou, alarmada.

Ele não respondeu, em vez disso, braços fortes lhe agarraram a cintura e Scarlet se viu sendo tirada da cadeira e encurralada entre a bancada e seu corpo firme e quente. Naquele momento e pelo modo como a pegava, Dimitri fazia jus à sua aparência meio selvagem.

— Dimi?! Não podemos fazer isso aqui! — murmurou, tratando de trazê-lo à razão.

— Eu sei. — Com uma das mãos, ele espalhou as maquiagens e o que mais houvesse em cima da bancada, e com ambas as mãos em sua cintura, elevou-a, colocando-a sentada sobre ela. — Que porra! Eu não paro de pensar em você, Scar.

— Santo Deus! Você perdeu o juízo... — Lábios firmes capturaram os dela, calando-a. Dimitri pegou suas pernas e a fez abraçar seu quadril com elas, invadindo sua boca com a língua. Pela intensidade do beijo, ele parecia desejar não só a possuir, mas se imiscuir sob sua pele.

— Esteve simplesmente magnífica esta noite. Quase perdi o fôlego quando te vi subir no palco. — Ele voltou a beijá-la e Scarlet se derreteu em seus braços.

— Obrigada — divertida, ela agradeceu o elogio. — Você também esteve maravilhoso.

— Que tal sairmos para jantar? Conheço um lugarzinho simpático que serve uma comida ótima. Não fica muito longe e acho que você vai gostar. Depois, assistimos ao show de flamenco... e podemos terminar a noite na suíte que estou ocupando no hotel — sugeriu Dimitri, com um olhar provocante e um sorriso persuasivo. — Vem comigo! — Antes que Scarlet

pudesse dizer uma única palavra, ele já a colocava no chão e a puxava pela mão.

Ela só teve tempo de pegar a bolsa a caminho da porta, esforçando-se para acompanhar as passadas largas de Dimitri. Seguiram em direção à saída dos fundos, onde teriam uma menor chance de serem flagrados pela imprensa. Entendia que ao recomendar que ambos fossem discretos, sua intenção era a de preservá-la, uma vez que qualquer tipo de drama ou insinuação de romance logo apareceria na mídia.

Ele justificara o seu pedido explicando que, por algum motivo, qualquer coisa sobre sua vida amorosa virava uma grande notícia nos tabloides, e por conta de sua personalidade naturalmente reservada, isso costumava incomodá-lo sobremaneira, ainda mais quando exageravam ou criavam notícias falsas.

Dimitri virou o rosto e olhou para ela por um segundo, sentindo o coração palpar forte no peito. O mundo estava cheio de mulheres bonitas, e modéstia à parte já tivera uma boa quota delas, contudo, antes da noite anterior, fazia algum tempo que não apreciava o prazer de ter um corpo feminino em sua cama.

O enorme comprometimento com a produção da turnê, a captação de recursos advindo de patrocínios e os meses de ensaios exaustivos haviam assegurado que ele mal tivesse tempo de respirar. E agora, havia Scarlet, que chegara e o tirara do eixo, fazendo-o desistir de sua rotina bem planejada e abalando o seu mundo. Depois de muito tempo, seu coração voltava a bater por alguém. Sem que ele percebesse, a pianista já havia encontrado o caminho para a sua alma, assim como a música.

O que acontecia entre eles não era algo fácil de se encontrar, pelo contrário. Tinham interesses em comum, seus corpos se encaixavam perfeitamente e a química era incrível. Apesar de determinado a manter-se afastado, Dimitri se perdeu no instante em que seus olhos encontraram os dela, belíssima em sua fúria.

Havia algo no modo como Scarlet caminhava e encarava a vida, como se estivesse preparada para o que desse e viesse, como naquele momento em que ele a conduzia até o local onde deixara a Ducati alugada. Estava sexy ao extremo dentro de um vestido prateado e elegantemente justo, coberto por minúsculos cristais que refletiam a luz dos postes e neons de alguns prédios ao longo da rua, formando um mosaico multicolorido conforme ela se movia.

Scarlet respirou fundo. Estava ansiosa pelo que Dimitri reservara para a noite deles. Com a mão livre, afastou alguns cachos do rosto, e quando levou o olhar até ele, seu semblante se iluminou e em poucos minutos ela já

se encontrava sentada na garupa de uma moto preta e enorme. Aceitou o capacete que Dimitri lhe entregou, afivelou o fecho sob o queixo e envolveu sua cintura com os braços.

— Pronta?

Olhando-o por cima de seu ombro, Scarlet acenou afirmativamente. Se estava disposta a viver a vida de modo intenso, teria que correr alguns riscos. *Mergulhe de cabeça*, disse para si mesma e sorriu.

O restaurante era exatamente como ele dissera: lindo e aconchegante. Sentaram-se em uma mesa no terraço e Scarlet adorou o vinho e o peixe grelhado. Amou a sobremesa, uma mousse de limão leve e deliciosa. E ficaram lá, conversando e apreciando a paisagem. Dimitri estava diferente, sem aquela sua frieza habitual e o mau humor de antes. Falaram sobre assuntos leves e aleatórios, relaxados na presença um do outro.

— Vamos indo, Scar — decidiu ele, cerca de duas horas depois de chegarem. Deixou algumas notas sobre a mesa e levou-a para fora dali. Em poucos minutos, estavam na avenida a caminho de um outro teatro, a fim de assistirem ao bailado que ele prometera.

Apesar de sentir-se cansada e acalorada, Scarlet estava adorando cada segundo do espetáculo.

— Que coisa mais linda! — exclamou, eufórica, e virou-se para ele com um sorriso aberto. — Obrigada por ter me trazido aqui. Aliás, obrigada por este dia, Dimi. Amei cada segundo dele e ainda estou adorando. Dá até vontade de sair dançando.

— Fico feliz em saber que está gostando. — Dimitri sorriu, deixando-se levar pelo entusiasmo dela. — E você dança?

Scarlet virou-se para ele, os olhos brilhantes.

— Hum, não flamenco, mas eu danço outros ritmos. Aprendi com a Nati, uma amiga da cidade onde nasci. — Uma sombra de nostalgia e tristeza turvou seu olhar por um instante, mas Scarlet apressou-se em afastá-la, voltando a demonstrar todo o seu entusiasmo. — E gostando é pouco! Eu estou amando! — garantiu, jogando-se em seus braços e enlaçando-o pelo pescoço. — Os dançarinos, a música, o figurino, tudo é tão intenso, dramático e sensual...

Às vezes, Dimitri esquecia que Scarlet só tinha dezenove anos, portanto, era pouco mais que uma menina, e o que vinha vivendo nos últimos tempos, inclusive o que vivenciava neste momento, era novidade para ela e explicava sua excitação diante do que assistia.

Mais tarde, ao entrarem no elevador que os levaria até o penúltimo andar, Dimitri já não continha sua excitação, nem ela. Os olhos claros percorreram seu corpo com um desejo denso, forte e quase palpável, o que a fez tremer por dentro. Ele enlaçou sua cintura e a puxou para frente, a boca quente tomando seus lábios com paixão e volúpia.

Scarlet cravou os dedos nos músculos dos braços dele, enquanto suas mãos grandes escorregavam por seus quadris e coxas. Sorrindo de modo sensual, ele ergueu seu vestido e esfregou o clitóris através do tecido fino da calcinha, o que fez seu ventre se contorcer de excitação, e o envolvimento dos corpos tornou-se cada vez mais intenso.

As mãos dele foram parar na sua bunda, apertando-a contra seu eixo rijo e volumoso, o beijo ganhando um toque de lascívia, a carne se procurando com desejo e uma paixão urgente.

— Você não se importa?

— Com o quê? — perguntou Scarlet, e sua voz saiu muito baixa.

— De ser pega em flagrante se agarrando comigo aqui dentro?

Scarlet o mirou, desejando ardentemente desvendar seus pensamentos naquele momento, mas foi impossível. Só tinha certeza de que Dimitri a desejava, mas não fazia ideia se ele nutria algum sentimento especial por ela.

— Não. E mesmo se eu me importasse, agora já seria tarde.

Minutos depois, o elevador parou, e no instante em que as portas se abriram, os dois riram quando uma senhora idosa os fitou, parecendo constrangida com a cena que acabara de testemunhar. Sem jeito, Scarlet puxou Dimitri pela mão e entraram no quarto dele. Ela largou sua bolsa perto da porta e se aproximou para beijá-lo, mordendo e puxando levemente seu lábio inferior.

— Porra! Por pouco a gente não transou no elevador. Você está me saindo uma verdadeira safadinha — disse ele, com os olhos fixos em seu rosto.

— Eu? — Scarlet questionou, alçando uma sobrancelha. — Era você quem estava com as mãos na minha bunda e nos meus seios o tempo todo.

— Não pude resistir, você é uma delícia. Eu quero você e tem que ser logo. — Dimitri a encostou na porta, e quando ela voltou a fitá-lo, ele já tinha tirado o blazer e lutava com os botões da camisa, puxando-a para fora da calça, e partindo para o cinto, desafivelou-o. Chutou os sapatos e as calças e se livrou do resto. Ele não sugeriu que ela fizesse o mesmo, o que não a surpreendeu, tampouco preocupou. Pelo visto, ele gostava mesmo da ideia de

despi-la.

Scarlet se pegou morrendo de vontade de tocar aquele corpo avantajado e maravilhoso. Com isso em mente, acariciou seu abdômen musculoso e suas costas quentes, de pele macia e deliciosa ao toque. Beijaram-se e suas línguas se enroscaram, molhadas.

— Estou com vontade de te beijar aqui embaixo. Quero muito chupar você, Scar. — Partindo para a ação, Dimitri tirou sua calcinha e ajudou-a a se livrar do vestido. Dando-se um momento para admirar seu corpo nu, ele empurrou-a na direção da cama e deitou-a atravessada, separando suas coxas para o seu olhar safado e guloso. Ajoelhado diante dela, Dimitri começou a lamber sensualmente o interior dos grandes lábios, detendo-se em seu clitóris.

Scarlet ficou alucinada quando ele passou a chupá-la e a enterrar a língua nela. Encharcada e trêmula, ela enfiou os dedos nos seus cabelos, se contorcendo e rebolando contra aquela língua molhada e levemente áspera que fazia sua mágica nela. Sentindo a boceta inchada e o clitóris ficando durinho, ela começou a gemer o nome dele.

Dimitri só se deteve quando notou que ela estava prestes a gozar. Acertando a postura, segurou o pênis ereto e ajeitou-o na entrada da vagina dela, então agarrou seu quadril com firmeza e começou a penetrá-la. Encarando-a com o olhar faminto pronto para devorá-la, observou suas pálpebras pesarem e um tremor sacudi-la, totalmente entregue.

Mesmo Scarlet sendo apertada e Dimitri tão grande, não houve dor quando ela o sentiu entrar por inteiro, pulsando e deslizando até o fundo.

— Minha vontade é de ficar o tempo todo assim, dentro de você. — Dimitri moveu-se sem pressa, como se fosse sair todo, mas entrando de novo, os olhos fixos na junção dos seus corpos. Fez isso várias vezes, até perceber que Scarlet se agitava sob ele, excitada e pedindo por mais. Então, começou a fodê-la com voracidade, como um louco, alucinado e gemendo de prazer.

— Oh, que gostoso! É tão bom sentir você se movendo dentro de mim. — Gemendo, Scarlet levou suas mãos até as nádegas firmes e apertou-as, puxando-o mais para o seu interior, enquanto Dimitri seguia com um entra e sai delicioso.

— É tão quente, apertada e molhadinha... — Dimitri sussurrou roucamente muito perto do ouvido dela. — Você gosta quando eu faço isso, Scar? — indagou, escorregando uma das mãos e acariciando o seu clitóris.

— Eu adoro seu corpo, seu cheiro e seu gosto... Adoro você inteiro e amo quando me toca e me preenche desse jeito.

Satisfeito com o que ouvia, Dimitri seguiu estimulando-a, concentrado e diligente, até que Scarlet gemeu alto, arrebatada por um orgasmo intenso e arrasador. Emocionada, ela o abraçou, amando o peso do corpo grande sobre o seu e ondulando contra as arremetidas rápidas, duras e incansáveis.

Dimitri esperou que Scarlet terminasse de gozar e então tirou o pênis de dentro dela. De joelhos na borda da cama e no meio das suas pernas bem separadas, ele jogou a cabeça para trás, fazendo os cabelos compridos, balançarem contra suas costas e ombros. Ele tinha o peito estufado e brilhante por causa da leve camada de suor que o cobria, os músculos estavam tensos e inchados pelo esforço, os olhos firmemente fechados e os lábios entreabertos, ladeados pela barba ruiva e cerrada.

Minha nossa!, pensou Scarlet, incapaz de desviar os olhos de cima dele. O homem era simplesmente espetacular e não poderia estar com a aparência mais selvagem, sexy e viril enquanto se masturbava freneticamente na sua frente. Um ou dois minutos depois, ele murmurou algo ininteligível e seu corpo todo estremeceu quando despejou o próprio gozo na sua barriga e desabou nos seus braços logo em seguida.

Optara por gozar fora dela, já que estava sem camisinhas e se esqueceu de passar numa farmácia para comprar mais. Ele sabia que estava limpo e tinha certeza de que Scarlet também estava, mas preferia não correr riscos, embora o coito interrompido não fosse a melhor escolha, longe disso. Mas já havia vacilado quando perdeu o controle e acabou transando com ela sem preservativo no banheiro.

— Dimi... — Scarlet murmurou em sua boca, maravilhada e exausta, mas satisfeita. Cruzou os calcanhares na base de sua coluna, mantendo-o preso entre as pernas, e ouviu-o gemer sob o aperto gostoso, então ela beijou seu rosto até que os tremores cessassem.

Colocando as mãos nas laterais da cabeça dela, Dimitri tomou sua boca com frenesi, e quando seus corpos se separaram, ambos permaneceram deitados lado a lado na cama, esperando os batimentos cardíacos e respirações se acalmarem.

Ainda sob o efeito do prazer recente, ele acariciou os cabelos da pianista, apreciando a sensação do corpo curvilíneo colado ao seu e sentindo o gosto de sua pele na língua. A sensação que tinha era de que sempre possuía a alma dividida e que só se tornara inteira e completa no instante em que se fundira à dela.

— Eu quis estar assim com você desde a primeira vez que a vi, Scar — falou, sem deixar de olhá-la.

— Confesso que aconteceu o mesmo comigo, Dimi — murmurou Scarlet, sentindo-se nas nuvens e mal acreditando que tudo aquilo estivesse mesmo acontecendo.

Ela não soube quanto tempo ficaram assim quando finalmente Dimitri desceu da cama e a ajudou a se levantar. Entraram no banheiro e tomaram banho com um ensaboando o outro, rindo, beijando-se, tocando-se e provocando-se. Em um dado momento, ela teve uma vontade quase incontrolável de gritar sua felicidade e agarrar-se a ele para nunca mais soltar.

Suspirou ao se dar conta de que muita coisa havia acontecido em tão pouco tempo, e às vezes parecia que ela estava mesmo sonhando. Em menos de três meses, sua vida tinha dado um giro de cento e oitenta graus. Ela conseguira a vaga de pianista que viabilizava a realização do seu sonho de se tornar conhecida por seu talento e paixão, tinha deixado o Brasil e saía em turnê, tocando as mais lindas peças nos principais teatros das cidades que visitavam, isso sem falar que, de acordo com a programação, ainda iriam tocar no Coliseu de Roma e na Arena di Verona, ambos na Itália.

Estava visitando países que não chegara a imaginar que conheceria um dia. Seu sonho se limitara ao Brasil, o que não era pouco, mas o destino a trouxera ao Velho Mundo para acompanhar dois prodígios do violoncelo da atualidade, e agora se via irremediável, completa e loucamente apaixonada pelo seu chefe.

Que Deus a ajudasse, mas amava aquele homem e sentia-se pronta para confiar e abrir seu coração para ele. Dimitri merecia saber o que se passava com ela, por isso contaria sobre o seu passado, principalmente a razão que a tinha levado a omitir dele a sua reação desmedida diante daquele ramalhete azul que a enchera de medo, mas antes queria aproveitar ao máximo o tempo juntos.

Desejava enchê-lo de beijos, e mesmo sentindo-se um pouco dolorida pelo atrito constante dos corpos nas últimas vezes, desejava muito fazer amor com ele de novo, para então descansar a cabeça na junção do seu braço e adormecer aninhada ao seu corpo.

Capítulo 13

Lutando para sair do pesadelo, Scarlet despertou ofegante e transpirando. Sentou-se na cama, e quando a sensação opressiva em seu peito diminuiu, deitou-se novamente, olhou para o teto do quarto e esperou que o ritmo da sua pulsação desacelerasse. Os lençóis estavam emaranhados e úmidos ao seu redor, mas ela permaneceu imóvel. Respirando fundo, concentrou-se na contagem lenta e monótona:

Um, dois, três...

Sentiu um nó no estômago, sentiu medo.

Quatro, cinco, seis...

Tomou uma inalação aguda e expirou devagar.

Sete, oito, nove...

Inspirou o ar e voltou a respirar.

Dez.

A técnica de relaxamento começou a surtir efeito, o coração se acalmou e a respiração tornou-se regular. Mais calma, sentiu o organismo voltando ao normal. Nunca sabia quando o sonho ocorreria de novo. Supunha que devia estar grata por não o ter todas as noites, porém, havia alguma coisa ainda mais horrível que o próprio pesadelo em si, e era não conseguir prever quando este aconteceria. Como alguém sendo perseguido por demônios, ela reviveu o sonho, vívido em sua mente e que envolvia todos os seus sentidos.

Tinha sido horrível viver assim no passado e parecia que nada havia mudado no presente. O medo fazia seu diafragma esquecer-se de abrir e fechar, impedindo-a de respirar normalmente. A tontura, a fraqueza nas pernas, a sensação de desmaio, a opressão no peito, tudo aquilo que vivera um dia parecia ter voltado. Mas como isso era possível, se, até onde ela sabia, ele se encontrava encarcerado havia mais de um ano?

Memórias a inundaram novamente. Recordou-se do momento em que Rodney foi condenado, dirigindo-lhe vários insultos, vomitando ódio e explicitando sobre o que faria com ela quando saísse da cadeia. Não se incomodando em abaixar o tom de voz, o homem continuou a esbravejar enquanto era retirado à força do tribunal, os olhos frios focados nela. Ele era a verdadeira personificação do mal. Lembrou-se das centenas de mensagens, dos e-mails, das ameaças e do seu ataque final.

Olhou para o lado e viu Dimitri dormir a sono solto. Evitando ao

máximo fazer ruídos e acordá-lo, ela escorregou para fora da cama, puxou o celular de dentro da bolsa e andou silenciosamente até as portas duplas que se abriam para o terraço. Passou por elas e fechou-as bem devagar. Sentou-se em uma poltrona, ficando de frente para a cidade silenciosa naquele horário, e teclou alguns números com dedos trêmulos.

— Oi, sou eu. Scarlet.

— Scarlet? O que pensa que está fazendo? Eu disse para você me ligar só em último caso. Quer colocar tudo a perder, garota?

— Desculpe. Mas eu preciso te perguntar uma coisa.

— O quê?

— Ele ainda está lá?

— Até onde eu sei, sim, está.

O alívio veio em ondas.

— Graças a Deus!

— E onde você está?

— Estou fora do país. Trabalhando.

— E por que me ligou para saber dele?

— Eu tive um pesadelo.

— Um pesadelo? Você se colocou em risco por causa de um maldito sonho?

— Sim, mas aconteceram outras coisas também, e eu achei que... Deixa para lá. Eu só queria tirar essa dúvida da minha cabeça.

Do outro lado da linha, ouviu-se um suspiro exasperado.

— Está bem, eu entendo, mas é melhor evitar, você sabe.

— Sim, eu sei. Não vou voltar a ligar. — Scarlet encerrou a chamada e permaneceu ali, pensativa, por mais alguns minutos.

Na noite anterior e depois que deixaram o banheiro, eles se deitaram e ela pensou em começar a contar o que tanto a afligia, mas o celular de Dimitri tocou justo naquele momento. Com um gesto de mão, ele pediu que ela o esperasse.

— Preciso atender essa chamada. Eu já volto e falamos, ok? — pediu e saiu da cama.

Quando Dimitri deu as costas para ela e começou a falar ao telefone,

Scarlet percebeu que não conseguiria aguentar esperar e, em questão de minutos, acabou rendendo-se ao cansaço, afinal, dormira pouco na noite anterior e o dia tinha sido muito longo. Agora, sentada sozinha no terraço de um hotel em Madrid, observando o raiar do dia, ela se perguntava se seria justo envolvê-lo naquilo tudo. Era possível que, mesmo cumprindo pena em um presídio no Brasil, Rodney tivera condições de ligar para ela de madrugada e enviar aquelas rosas azuis, mas e se não tivesse sido ele? Não. Tinha que ser ele. Talvez o bandido tivesse pedido para um comparsa aterrorizá-la, como fizera no passado. Dinheiro para subornar e comprar pessoas não lhe faltava. Ou melhor, a ele, pessoalmente, não, mas sim para sua família, com toda certeza.

As dúvidas e o medo de que tudo aquilo voltasse a estava fazendo perder o foco e aumentar rapidamente o seu nível de ansiedade. Precisava tentar manter a calma, e embora fosse muito difícil, ela sabia que era o melhor a fazer. Não se permitiria fraquejar, era isso o que o desgraçado queria, amedrontá-la e controlar sua vida pelo medo. Mas Scarlet não lhe daria o gostinho, como não dera da outra vez.

Já ia voltar para o interior da suíte quando o ruído das portas duplas sendo abertas a fez estacar.

— Ei... o que você faz acordada tão cedo? O dia ainda nem nasceu — indagou Dimitri, aproximando-se e envolvendo-a em um abraço gostoso.

Scarlet aconchegou-se nele e suspirou, sentindo-se segura.

— Eu tive um sonho ruim. — Sua voz saiu abafada pelo peito dele.

Ele a afastou o suficiente para olhá-la no rosto.

— Um pesadelo?

— Sim.

Dimitri assentiu com a cabeça.

— Vem aqui — chamou e foi até o canto do terraço, então se sentou na poltrona com ela acomodada em seu colo. — Quer me contar o que houve? Ontem você disse que me contaria algumas coisas que aconteceram, mas quando desliguei o celular e voltei para a cama, eu te encontrei adormecida e não quis te acordar.

Scarlet respirou fundo, reunindo coragem para começar a narrar os fatos que se desenrolaram naquele período terrível de sua vida.

— Eu tinha uma amiga no conservatório. Seu nome era Natália. Ensaíamos, saíamos ou ficávamos de bobeira, mas sempre juntas. Éramos inseparáveis, até o dia em que ela conheceu um rapaz. Rodney Alvarenga de

Carvalho, o filho encrenqueiro e mimado do prefeito.

Dimitri balançou a cabeça, incentivando-a, então Scarlet seguiu contando sua história...

Metido a *bad boy*, ela não foi com a cara dele de imediato, e sempre que os dois se viam, batiam de frente. Racista, ele não ocultava como se sentia em sua presença e sempre a agredia verbalmente.

No começo, o rapaz parecia gostar mesmo da sua amiga e a tratava bem, mas não demorou muito para Scarlet desconfiar que Natália estava em um relacionamento abusivo. Nati começou a aparecer no conservatório vestindo roupas de mangas compridas e golas altas em pleno verão; encolhia-se instintivamente e fazia caretas de dor quando era tocada, ainda que sem querer, em certas partes do corpo, como braços, ombros e costelas. Scarlet a questionava, mas a amiga dizia que aquilo não era nada, que ela estava imaginando coisas. E usava desculpas para recusar cada um dos convites que recebia, desde uma festa a simples ida até praça.

Só depois de muita insistência Scarlet conseguiu fazer com que a amiga contasse o que se passava entre eles, mas, no final, a garota a fez prometer que não dividiria o que sabia com mais ninguém, porque sentia vergonha, medo e culpa. E assim o mau-caráter e dissimulado do Rodney seguiu exercendo seu controle sobre ela, enviando centenas de mensagens e fazendo dezenas de chamadas. Todos os dias, ele a levava e buscava no conservatório, a impedia de sair sem ele e a proibia até de conversar com as amigas. Não lhe dava espaço. Era um maníaco, louco e obsessivo na potência máxima, e parecia ter feito lavagem cerebral nela.

Quando discutiam por tudo e por nada, ele minava sua autoestima, depreciando-a sempre que podia. Sentindo-se sufocada, Natália tentou se afastar algumas vezes, mas ele não a deixava em paz. Insistia até convencê-la a encontrá-lo uma última vez, quando então se desculpava, chorava e dizia que a amava demais e que não aguentaria ficar sem ela. Fingia estar arrependido e prometia mudar. É claro que isso não acontecia. Ficavam bem por umas duas semanas, então o ciclo de controle e maus-tratos era reiniciado.

Scarlet a alertava e pedia que abrisse os olhos, pois o modo como o namorado a tratava não era normal, muito menos saudável. Seu receio era que aquilo pudesse acabar muito mal, mas Nati estava cega de amor e não lhe dava ouvidos, negando-se a ver o que acontecia, chegando até mesmo a justificar as atitudes agressivas e intimidadoras do namorado. Inclusive, contou que seus pais estavam encantados com o fato de ela estar namorando o filho de uma família proeminente, afinal, na frente deles, o rapaz desempenhava o papel de namorado perfeito.

Mas só depois de ter sido espancada a ponto de precisar ser levada para o hospital foi que Natália finalmente decidiu denunciá-lo. Acompanhada pelos pais, que até então não faziam ideia de que a filha era abusada pelo namorado, ela foi até a delegacia e prestou queixa contra ele. Mas Rodney não passou nem duas noites na cadeia, afinal, era réu primário, tinha residência fixa, dinheiro para contratar o melhor advogado, e era filho da maior autoridade da cidade.

Algum tempo depois, ele finalmente foi preso, mas não pelas agressões cometidas, e sim por ter sido pego vendendo drogas em uma boate da região. Durante o tempo em que esteve atrás das grades, Rodney planejou sua vingança, e após ser solto por meio de um *habeas corpus* impetrado pelo seu advogado, permitindo que respondesse ao processo em liberdade, a primeira coisa que fez foi procurar a ex-namorada para tentar uma reconciliação.

Seu ego inflado não suportava ser rejeitado, então deu um jeito de entrar no prédio e invadir o apartamento onde ela morava. Tiveram uma última briga. Em um rompante de fúria, Rodney a jogou pela janela e Natália despencou de uma altura de quase oito metros. Foi por pura sorte ou um verdadeiro milagre ela não ter morrido, mas ficou em coma por quatro semanas, e quando acordou, além das sequelas psicológicas, descobriu que perdera o bebê que esperava e que Rodney rejeitara, exigindo que fizesse um aborto. Descobriu também que não voltaria a andar, pois o trauma em sua coluna a deixara paraplégica.

Furioso, ele culpou Scarlet pelo término do seu namoro, e na mesma tarde em que tentara matar a ex-namorada, seguiu-a enquanto ela caminhava do conservatório para o ponto de ônibus. Parou a moto no meio-fio ao lado dela e, não satisfeito com o que fizera com Natália, esfaqueou sua melhor amiga por duas vezes na região do pescoço. A lâmina afiada não atingiu a jugular por questão de milímetros, e ele só se deteve, ligou a moto e saiu dali quando as pessoas que presenciavam o ataque começaram a gritar e chamar a atenção para o que acontecia. Scarlet foi socorrida rapidamente e sobreviveu, apesar da perda de sangue.

Jurando que ela se arrependeria por ter se metido onde não era chamada, Rodney começou uma perseguição implacável. Scarlet passou a receber telefonemas no meio da noite, centenas de e-mails eram enviados com ameaças, e seu ódio continuava nas redes sociais, o que a obrigou a excluir todos os seus perfis. Ela prestou uma queixa por assédio contra ele, mas o delegado foi pessimista, pois não tinha muito o que fazer. Crimes virtuais não eram da sua alçada. Saber disso a desanimou e deprimiu, e quando o desgraçado descobriu que rosas azuis eram suas flores preferidas, passou a

enviá-las a fim de vinculá-las a ele, o que a fez detestá-las.

Meses depois, durante o julgamento, ela depôs contra ele e contou em detalhes tudo pelo que passara, assim como o que o vira fazer com a amiga. Depois da condenação e com a ajuda da polícia, Natália abandonou a cidade sem deixar rastros. Com isso, Rodney focou sua raiva e frustração em Scarlet e recrutou pessoas para intimidá-la. Cego de ódio, jurou que faria da sua vida um inferno até que revelasse onde a ex-namorada estava, mas Scarlet não tinha essa informação, e mesmo que tivesse, jamais revelaria o paradeiro da amiga.

O assédio perdurou meses a fio, só parando quando Scarlet decidiu se mudar para a capital a fim de deixar tudo aquilo para trás, ansiando um novo começo. Podia ser contraditório, depois de tudo o que vivera, Scarlet se “esconder” ficando à vista, mas em sua ingenuidade pensou que, com ele preso e ela vivendo naquela cidade enorme, Rodney não teria meios de alcançá-la. Pensamento este reforçado pela oportunidade que apareceu quando conseguiu a vaga de pianista e saiu do Brasil. Mas agora via que havia subestimado a capacidade e o tamanho do ódio dele.

Visivelmente tenso, Dimitri esfregou a barba com as duas mãos, tentando assimilar o que tinha acabado de escutar.

— Eu nem tenho palavras para expressar o que sinto depois de ouvir tudo isso. É um total absurdo o que esse cara fez você e sua amiga passarem. Não me admira que tenha reagido tão mal quando viu aquelas flores.

— Aquele foi o segundo ramallete. O primeiro, recebi logo depois da nossa primeira apresentação. Os telefonemas também voltaram, e com eles, os pesadelos. Eu liguei para uma pessoa de confiança que confirmou que o Rodney ainda está preso, por isso não tenho certeza absoluta se é ele mesmo quem está por trás disso tudo, embora os fatos falem por si.

— Vamos ter que pensar em um jeito de resolver essa situação. Vou precisar consultar uma empresa de segurança de ponta, mas antes de tudo, vou tomar algumas providências quanto ao que ou quem pode ou não pode chegar até você — disse Dimitri, com a expressão rígida e preocupada. — E o pior é que você está em uma profissão que te coloca em evidência, Scar! Com tudo o que sabe e viveu, como pôde pensar que esse doente desistiria? — Passou os dedos pelos cabelos num gesto impaciente e agoniado.

Scarlet entendia o lado dele, mas era preciso que ele também entendesse o dela.

— Tocar piano sempre foi e sempre será uma parte essencial da minha vida. É a minha paixão e o que eu sei fazer de melhor. Como eu poderia dar as

costas para uma oportunidade como a que você me deu? Sonhei com isso por toda a minha vida. Não era justo eu desistir da minha carreira por causa de um filho da puta, um desgraçado machista e violento. Eu me neguei naquela época e me nego hoje a ser uma vítima. Ele não foi capaz de me intimidar antes e não será agora. Não vou permitir que o medo controle a minha vida, Dimitri! — exclamou Scarlet, aborrecida. Por instinto, elevou a mão e tocou a pequena elevação na lateral de seu pescoço.

O toque do celular, que ela havia deixado em cima do parapeito, desviou sua atenção e os impediu de continuar a conversa. Scarlet lançou um olhar de desculpas para Dimitri, que, com um suspiro resignado, ajudou-a a descer de seu colo.

— Atende — disse ele, vendo-a pegar o aparelho e apertar a tecla verde.

— Mãe? Calma, fala mais devagar, eu não estou entendendo nada — Scarlet falou alto, agarrando o celular com força.

— Filha... o seu pai... — começou dona Laura, com pesar na voz.

— O que houve com o meu pai, mãe? Diga logo, pelo amor de Deus!

— Seu pai faleceu, meu bem...

Não, meu Deus!, Scarlet implorou em pensamento, rezando para que o que ouvia não fosse verdade.

— O quê? Não pode ser... — negou, em estado de choque, e sentiu como se suas entranhas estivessem sendo comprimidas por dentro. As pernas e braços tornaram-se estranhamente dormentes e um frio insuportável a tomou, fazendo-a começar a tremer de maneira incontável. Sua visão ficou turva por conta das lágrimas que começaram a brotar e escorrer pelo seu rosto. Ela então passou a se lembrar do homem alto, forte e de sorriso largo nos mais variados momentos de sua vida, como se fosse um filme sendo passado na sua frente. — Quando? Como? — com muito esforço, conseguiu perguntar.

— Filha, me escuta: não liguei antes porque o seu pai me pediu para não contar e eu concordei com ele. Você está vivendo o seu sonho, e ele tinha tanto orgulho de ter uma filha tão talentosa tocando piano para milhares de pessoas... — a mãe contou com voz embargada. — Ele teve um segundo AVC há dois dias, e dessa vez os médicos disseram que foi forte demais. Seu pai entrou em coma ontem e morreu esta tarde.

Scarlet ouvia a voz da mãe de muito longe. Sentiu um braço em seu ombro e o celular sendo tirado da sua mão. Ela o agarrou com força, não

querendo soltá-lo.

— Acalme-se, Scarlet. Vai ficar tudo bem — disse Dimitri, levando-a de volta até a poltrona. Sentada, seus olhos estavam cheios de lágrimas quando se depararam com os dele. Piscou várias vezes a fim de tentar focalizar o seu rosto e chegou a vê-lo se debruçar sobre ela, mas a mente de Scarlet estava longe demais para conseguir raciocinar direito. Tudo o que sabia era que nunca mais falaria com o pai novamente, pois ele tinha morrido.

— Dê-me o celular. Isso. Alô? Meu nome é Dimitri Ulinov. [...] Sim, eu sou o chefe da sua filha. [...] Fica tranquila, eu vou cuidar bem dela. — A voz de Dimitri a fez voltar a olhar para ele, tentando entender o que dizia. — Estamos indo. [...] Pode deixar. — Ele colocou o celular sobre o braço da poltrona e olhou-a muito sério, o semblante consternado. — Fique aqui, eu vou pegar algo para você beber.

Scarlet se desesperou quando ele se afastou. Tentou levantar-se, mas seus membros não responderam ao comando do cérebro. Uma fraqueza estranha e horrível abateu-se sobre seu corpo e ela só pensava em voltar para casa. Aquela notícia inesperada a tinha deixado completamente fora si. Estava tão atordoada que só notou que Dimitri retornara quando abaixou-se ao seu lado e falou com ela:

— Aqui, beba um pouco. Vamos, Scar. — Ele encostou o copo em sua boca. Scarlet olhou para ele pedindo ajuda sem palavras. — Beba só um pouquinho. — Ela sentiu o gosto forte do álcool nos lábios quando ele entornou um pouco da bebida em sua boca, esforçando-se para engolir. — Mais um pouco. Isso, assim.

A bebida desceu queimando por sua garganta, então ela se engasgou e tossiu. Sentindo-se como se tivesse sido sacudida, Scarlet murmurou para ele:

— Dimi, o meu pai morreu.

Dimitri colocou o copo de lado, puxou-a para si e a abraçou. Cortava seu coração vê-la sofrer daquele jeito, ainda mais depois de saber por tudo o que ela já tinha passado. Ainda tão jovem e já tinha vivido tanto desespero e sentido tanta dor.

— Eu sei, meu amor, e sinto muito — disse, fazendo um carinho em seus cabelos. — Sinto mesmo.

Durante o voo de volta para o Brasil, Scarlet sentia-se como se estivesse dentro de um sonho muito ruim. A única coisa boa, e que a ajudava a suportar a imensa tristeza que sentia, era a presença de Dimitri, que desde que ela recebera aquela notícia fatídica, não a tinha deixado sozinha uma vez sequer.

Enquanto ela se consumia em uma dor infinita, ele providenciava quase tudo por telefone; avisou aos demais integrantes do grupo sobre o que tinha acontecido, suspendendo os ensaios e informando que ficaria fora por alguns dias; comprou as passagens aéreas e reagendou a segunda apresentação do Duo na cidade para o fim de semana.

Como era esperado, o infortúnio da vida de Scarlet acabou vazando para a imprensa, e o fato de Dimitri estar sempre ao seu lado, inclusive acompanhando-a em seu retorno ao Brasil, gerou especulações generalizadas na mídia, contudo, ninguém tinha cabeça para pensar naquilo. Que pensassem o que quisessem, pois naquele momento nada daquilo importava.

Desembarcaram no Aeroporto de Guarulhos, em São Paulo, entraram em um carro alugado por Dimitri e pegaram a estrada, com um segundo automóvel os seguindo. Dirigiram cerca de duas horas e meia até chegarem ao destino. Entraram na casa de dona Laura e Scarlet foi logo se lançando em seus braços. As duas choraram e se consolaram por algum tempo.

Mais controlada, Scarlet apresentou Dimitri à mãe, mas quis ir logo ver o pai, cujo corpo estava sendo velado no cemitério. O horário do enterro fora postergado para aquele fim de tarde, no tempo justo para a sua chegada. Mesmo doendo muito, Scarlet queria se despedir do homem que mais amara e admirara na vida.

Algumas horas após a realização do enterro, Scarlet olhou na direção de Dimitri, que conversava com sua mãe e sua tia, irmã mais nova de seu pai. Sem perceber, tinha se afastado deles, fugindo do burburinho das pessoas que ali estavam. De repente, a dor que sentia era tanta que ameaçou sufocá-la, por isso precisou caminhar um pouco em busca de ar. Seu peito se moveu quando ela deixou escapar um soluço e abraçou a si mesma, respirando fundo algumas vezes para tentar conter o choro. Seu coração doía tanto que parecia estar em carne viva.

Subitamente, Scarlet endireitou a espinha com a sensação estranha de estar sendo observada de uma maneira indesejada. Alarmada, permaneceu imóvel durante alguns segundos, até que voltou a se mover e olhar em volta, percebendo que não se enganara. Havia, de fato, um vulto entre as árvores que rodeavam o local olhando fixamente para ela. Estremeceu quando ouviu o ruído de passos na outra extremidade e pensou em afastar-se rapidamente para ir de encontro com Dimitri e sua mãe. Porém, não andara nem um metro quando o homem cortou seu caminho e a abordou.

— Olá, Scarlet Pires. — Quando o ouviu dizer seu nome, ela sentiu os pelinhos do seu corpo se arrepiarem e o sangue congelar nas veias. Com o coração disparado de medo, virou-se e o encarou. — Eu sabia que, mais cedo

ou mais tarde, a encontraria. — Ele soltou uma risada sinistra e irritante.

Scarlet apertou com força a bolsinha que trazia na mão, os olhos sobre o homem mal-encarado, de barba crescida e aparência descuidada. Paralisada pelo medo, ela o viu puxar uma tira de pano de dentro de um dos bolsos e aproximar-se, bem devagar, como faria um predador diante de sua presa.

— Como assim me encontrar? Quem é você? — indagou, procurando conter o pânico, mas estremecendo por dentro. Dois olhos escuros e penetrantes a analisavam em silêncio, e no mesmo instante ela compreendeu o que o homem queria. — Saia da minha frente! — exclamou. Tentou fugir e gemeu de dor quando o braço comprido a enlaçou com violência e dedos grossos e morenos a agarraram pelos cabelos. Um pano foi passado rapidamente sobre a sua boca, abafando o grito histérico que brotava de sua garganta.

Com o coração retumbando feito um tambor em seus ouvidos, Scarlet sentiu suas mãos serem unidas e amarradas nas costas. Assustada, deu pontapés, debateu-se, tentou correr, mas foi agarrada com força e atirada violentamente ao chão. Ela sentiu seu estômago dar várias voltas antes de afundar de joelhos, como uma boneca inflável sendo esvaziada.

De novo, os olhos maldosos e frios a observaram com atenção. Em seguida, o homem levantou-a com um safanão e obrigou-a a caminhar para fora do cemitério, empurrando-a na direção do automóvel grande de cor escura que ele tinha deixado estacionado no outro lado da rua.

Capítulo 14

Dimitri conversava com dona Laura, mas seus olhos volta e meia procuravam por Scarlet. Quisera lhe dar um pouco de espaço, mas não pretendia deixá-la fora de suas vistas. A mulher mais velha fez um comentário que o fez desviar o olhar para ela por um instante, mas quando voltou a focalizar o local onde Scarlet estava, não a encontrou, então pediu licença e saiu apressado. Andou por alguns metros, e quando virou a esquina, sentiu o sangue congelar nas veias e o coração pular uma batida.

Com o corpo tomado pelo pânico, Scarlet olhou para o chão, incapaz de ver mais do que um emaranhado de pés e pernas envoltas em calças, mas uma descarga repentina de adrenalina a fez inspirar o ar com força e uma raiva profunda a invadiu. Ela não ia aceitar ser levada para onde quer que fosse sem lutar, mesmo sabendo que não tinha chance contra alguém tão grande e forte como o homem que a subjugava.

Sua intenção era resistir o suficiente para tentar chamar atenção de outras pessoas para o que acontecia com ela. E para dificultar ao máximo a tarefa do desgraçado, voltou a chutar, se contorcer e grunhir, desesperada, a fim de se libertar do aperto de ferro do braço que a prendia pelos ombros e pescoço.

Trincando os dentes, cego de raiva e sem medir as consequências após correr até a saída do cemitério, Dimitri colocou as duas mãos nas costas do homem que tentava levar uma Scarlet que se movia e chutava, alucinada, e arrancou-o de cima dela.

Scarlet perdeu a pouca força que ainda lhe restava quando se viu livre, e antes de pensar sobre o motivo de ter sido libertada, virou-se e correu o mais rápido que pôde na direção da calçada.

Aproveitando-se do elemento surpresa e vendo que o desgraçado a soltara, Dimitri segurou-o pela gola e logo a outra mão fechada sentiu a resistência da carne contra ossos. A força colocada no soco empurrou a cabeça do homem para trás, então Dimitri acertou outro em cheio em seu nariz, sentindo-o quebrar sob os nós dos dedos.

— Eu vou quebrar todos os seus dentes, seu maldito! — rosnou, cada vez mais furioso.

Atordoado, o bandido cambaleou, e por instinto de proteção, cobriu o nariz quebrado com as duas mãos, mas recuperando-se, olhou irritado para Dimitri, e com um urro animalesco, lançou-se sobre o violoncelista.

Sentindo-se impotente enquanto assistia à cena, Scarlet cuspiu o pano que tinha sido enfiado em sua boca com a ajuda do ombro e gritou:

— Dimitri, cuidado!

Ele ouviu a voz dela atrás de si, e graças aos seus reflexos rápidos devido aos anos de condicionamento físico e do treinamento em algumas modalidades de lutas, como boxe e judô, embora não fosse nenhum exímio lutador, Dimitri conseguiu se desviar a tempo e canalizar toda a força que possuía e a ira que sentia no punho cerrado, desferindo mais um soco na cara do sujeito.

A cabeça dele foi jogada para o lado, e quando voltou, Dimitri soltou um terceiro, e desta vez, o golpe o atingiu na ponta do queixo, o que o derrubou. Antes que pudesse continuar socando-o, Dimitri sentiu alguém puxá-lo para trás. Mesmo contido, encarou o homem caído, sentindo a adrenalina explodindo dentro do corpo e fazendo seus batimentos aumentarem. O suor escorria por seu corpo e seu peito subia e descia em respirações pesadas. Sentiu a ardência dos socos na mão, mas não se importou.

— Parece que hoje é seu dia de sorte. Em um outro momento, eu acabaria com a sua raça. Nem quero saber quem é você, mas avisa a pessoa que te contratou que as coisas não vão ficar por isso mesmo — ameaçou e virou-se para o homem que o estava impedindo de seguir socando o desgraçado. — Pode me soltar. Não vou fazer mais nada com esse pedaço de bosta. Fica com ele até a polícia chegar — disse, sentindo-se frustrado por não o ter socado como gostaria, porém, sabia que tinha que ser cuidadoso e manter-se sob controle.

O som angustiado das sirenes cortou o ar e um vento gelado soprou, fazendo Scarlet tremer incontrolavelmente.

— Dimi... — abalada, ela voltou a chamá-lo.

Ele testou os dedos da mão direita, que, apesar de doloridos, não tinham sido lacerados, e com uma enorme sensação de alívio inundando-o, foi ao encontro dela. *Por sorte consegui impedir que o pior acontecesse*, pensou, satisfeito.

Ansiosa demais para esperar que ele se aproximasse, Scarlet correu e lançou-se em seus braços.

— Shhh... está tudo bem — Dimitri tratou de tranquilizá-la, sentindo seu corpo inteiro tremer. — Deus do céu, Scar, eu quase morri quando te vi sendo levada à força. — Encostou a testa na dela e fechou os olhos, mas não demorou muito na posição, pois uma pequena multidão já se formava ao redor

dos dois. Quando notou que ela já se acalmara o suficiente, apressou-se em desfazer o nó do pedaço de pano sujo que prendia seus pulsos. Depois de soltá-la, envolveu-a nos braços e passou a beijar seu rosto, testa e cabelos. — Vamos sair daqui. — Gentil, ele a guiou até o carro.

Não demorou muito para a polícia chegar, e Dimitri colocou-se a explicar o que se passara para o policial encarregado. Após receber voz de prisão, o bandido foi colocado na parte de trás da viatura, então Dimitri foi instruído a levar Scarlet até um hospital para que fosse feito o exame de corpo de delito, em seguida, com o laudo do médico em mãos, deveriam seguir para a delegacia a fim de oficializar a queixa e prestar depoimento.

— Não precisa, Dimi. Eu estou bem! — Scarlet refutou ao saber da necessidade de ser examinada em um hospital.

— Você foi vítima de um crime, meu anjo. Está com arranhões nos braços e tem marcas feias no pescoço, sem falar que ainda pode estar em estado de choque. E o laudo do médico deve ser anexado ao processo — argumentou ele, com seriedade.

— Tem que fazer, Scar. Eu vou com você — reforçou dona Laura, que esteve ao lado da filha desde o instante que soubera do ocorrido. E em questão de minutos, os três seguiram rumo ao hospital mais próximo no carro alugado.

Após ser examinada, comparecer à delegacia e prestar depoimento, Scarlet chegou em casa morta de cansaço. Despediu-se de Dimitri, tomou um banho e caiu na cama. Não tinha ideia de quanto tempo dormira quando apertou os olhos e moveu a cabeça, desejando sair daquele tormento. Qualquer coisa era melhor do que sentir aquela dor. Não podia mais viver aquilo, não conseguia mais sentir aquela angústia arrebatando seu peito.

— Filha? — Ela ouviu a voz da mãe a chamando, mas parecia estar tão longe... — Está tudo bem, foi só um sonho.

Sonho? Aquilo tinha sido um maldito pesadelo. Estava sem fôlego e o coração batia acelerado por conta dele. Abriu os olhos, ainda enfraquecida, pois toda vez que tentava dormir, aquele pesadelo aparecia para atormentá-la.

— Mãe?

— Sim, meu bem, sou eu — respondeu dona Laura, tomando a mão da filha na sua. — Estou aqui, com você.

— E o Dimitri? Onde está ele? — Ela precisava saber dele.

— Acalme-se, sim? Ele está na sala, mas logo você o verá. Ah, que bom que acordou! Eu fiquei tão aflita... — Scarlet viu a mãe, mas ainda

sentia dificuldade em focar as coisas ao seu redor. Estava confusa, tentou se sentar, mas a dor de cabeça era alucinante, então desistiu.

— Eu dormi muito? Que horas são?

— São quase sete da noite. Você dormiu por quase vinte e quatro horas.

Scarlet soltou um gemido. Parecia que o susto que passara no dia anterior cobrava o seu preço. Sua cabeça parecia a ponto de explodir e o corpo doía em todas as partes.

Percebendo seu semblante contraído, dona Laura perguntou:

— Está sentindo alguma coisa?

— Estou com um pouco de dor no corpo e na cabeça... — respondeu Scarlet, mantendo os olhos fechados.

— Eu vou preparar um chá e trazer o seu remédio. — Resignada, a mãe levantou-se e saiu do quarto.

Sentado em uma poltrona confortável na sala, Dimitri respondia a algumas mensagens no celular, mas colocou o aparelho de lado quando viu a mãe de Scarlet entrar.

— Ela acordou e perguntou por você — disse Laura, antes mesmo de ele formular uma pergunta. — Eu vou fazer um chá e pegar um remédio para dor. — Sorriu de leve ao notar o modo ansioso como ele olhou na direção do quarto. — Entre lá e fale com ela. Volto daqui a pouco. — Dimitri se levantou, porém se deteve ao perceber que a mulher ainda não tinha terminado. — E quando chegar a hora, leve-a com você. A Scarlet ficará mais segura estando fora do país, mas eu te peço que não descuide da segurança dela. O Rodney se tornou obcecado e a tem perseguido há anos. Depois do que aconteceu ontem, nós sabemos que ele não vai desistir até conseguir destruí-la.

Com o semblante grave, Dimitri concordou.

— Sim, senhora. Eu vou cuidar disso. Nada acontecerá com a sua filha. É uma promessa — assegurou, e quando a viu entrar na cozinha, virou-se e pegou o corredor. Abriu a porta, no entanto, hesitou em entrar no quarto e ficou parado no vão, observando-a toda encolhida sob as cobertas.

— Scarlet? — por fim, ele a chamou baixinho.

Ela olhou para ele e lágrimas saltaram de seus olhos, os lábios trêmulos.

— Oi... — balbuciou, e usando o braço como alavanca, recostou-se

na cabeceira da cama. — Dimi, a sua mão...

Dando de ombros, ele desceu o olhar para a mão enfaixada.

— Não foi nada de mais. Algumas compressas e logo estará boa.

— Oh, me desculpe. Eu não queria envolver você nisso.

Dimitri sorriu, com aqueles olhos claros incríveis olhando profundamente nos dela, e cruzou o aposento, detendo-se ao chegar mais perto, então se sentou na borda da cama e a puxou para si. Tocando sua bochecha com delicadeza, contestou:

— Não é culpa sua, e sim daquele psicopata, que, mesmo preso, insiste em machucar as pessoas. Depois dos depoimentos que prestamos na delegacia, eu entrei em contato com um criminalista, sócio de um renomado escritório de advocacia da capital. Passei tudo o que aconteceu para ele, que ficou de estudar o caso e me ligar em breve.

— E o que você acha que esse advogado vai poder fazer para me ajudar?

— É isso o que ele ficou de verificar. O principal é fazer o que for preciso para que o Rodney não seja mais uma ameaça. Restringir seus privilégios e o acesso ao dinheiro da família já seria um bom começo. Sem dinheiro, ele não terá como pagar pessoas para fazer o trabalho sujo, mas enquanto isso não acontece, não tem como você ficar sozinha. Já contatei uma empresa especializada em segurança pessoal, e o bom é que ela possui filiais tanto na Europa como no Brasil. Em breve, a dupla designada para cuidar de você estará aqui — explicou Dimitri, olhando-a sério.

Mesmo não gostando nem um pouco da ideia de ser vigiada o tempo todo, Scarlet estava consciente de que era um mal necessário e que ele visava mantê-la em segurança.

— Eu não gosto disso, mas se não tem outro jeito...

Dimitri entendia a resistência dela, mas realmente não havia outra maneira.

— Pense que é por pouco tempo, meu amor. As coisas voltarão ao normal assim que essa ameaça for neutralizada.

Mais tranquila e sentindo-se segura, Scarlet concordou e deixou-se envolver pelos braços dele.

Capítulo 15

Scarlet não fazia ideia de onde tirara forças para conseguir levantar da cama, tomar o café da manhã ou se vestir. Evitava olhar-se no espelho, por não querer enfrentar a pessoa que a encararia de volta, pois sentia pena dela. Pena do que lhe tinha sido tirado.

Lembrou-se de que, por insistência de Dimitri, da mãe e diante do seu estado de nervos, ela tinha sido levada ao hospital para ser examinada, e a medicação que o médico receitara para mantê-la calma era bem forte, mas não o suficiente para que não percebesse a tristeza que a rodeava.

O clima na casa estava tenso e nublado como seu interior. Atordoada com tudo o que tinha acontecido, Scarlet sabia que todos estavam muito preocupados com ela, mas nenhum conforto ou palavra de apoio que escutava era capaz de aliviar o seu sofrimento. Dimitri, sua tia e sua mãe não saíam do seu pé e insistiam para que ela comesse mesmo quando não estava com fome.

— Você está gostando daquele rapaz. O Dimitri — Elisa afirmou de repente, chegando mais perto dela.

— A senhora percebeu? — Scarlet nem pensou em negar. Sabia que a tia era observadora, e se resolveu tocar no assunto, era porque já tinha pensado e ponderado muito a respeito.

— É um pouco óbvio. Dá para ver pelo jeito como você fala dele e de como ele ficou depois de socar aquele sujeito. Além de bonito e famoso, o homem faz o tipo protetor. Sem falar que não é qualquer chefe que deixa tudo para trás, passa várias horas dentro de um avião e cruza todo um oceano só para apoiar a pianista que o acompanha nos shows — observou Elisa, e em seu tom havia um quê de sarcasmo.

Um rubor embaraçoso tomou as faces de Scarlet.

— Sim, eu gosto dele — confessou, meio sem jeito.

— E ele sente o mesmo?

Scarlet moveu os ombros, pois ainda não tinha uma resposta. É claro que o que tinham e o que Dimitri fizera por ela, comprando as passagens e voando para o Brasil, dava a entender que tinha muita consideração e se preocupava com ela. E havia o modo como socara o capanga que Rodney enviara para sequestrá-la, mas daí a ele sentir algo mais profundo... ela não sabia dizer.

— Desculpe-me tia, mas eu não quero falar sobre isso — disse ela, e

dessa forma, evitou ter que formular uma resposta àquela pergunta.

Elisa tomou sua mão.

— Scar, você é tão novinha e se dedicou tanto à música... E até onde sei, não teve tempo para se envolver seriamente com os rapazes que passaram por sua vida, nenhum deles. Você não acha que um relacionamento entre você e o Dimitri pode ser mal interpretado?

Intrigada, Scarlet olhou para a tia, e franzindo o nariz, indagou:

— Por que a senhora está me falando isso?

Olhando diretamente para o rosto da sobrinha, Elisa respondeu:

— Porque vocês dois são tão diferentes, meu bem. Claro, vocês têm a profissão e o amor pela música em comum, mas ele é mais velho, viajado, e está nesse mundo dos espetáculos há muito mais tempo. E ainda existem outros fatores que podem se tornar empecilhos entre vocês. Está entendendo o que estou querendo dizer?

Scarlet não se deixou enganar pelo jeito doce e meigo da tia. Ela a conhecia muito bem e sabia o que havia por trás daquela fachada de mulher correta e mãe de família. Também era capaz de imaginar o que se passava, de fato, pela cabeça dela ao puxar aquele assunto.

— Eu sei exatamente aonde a senhora pretende chegar. Ainda lembro quando vinha até aqui e criticava os meus pais, dizendo que era perda de tempo e dinheiro me colocarem para estudar piano em um conservatório. Que eu não chegaria a lugar nenhum e que devia ter uma carreira mais “normal”, como professora, por exemplo. Bem, os anos se passaram, eu me formei, e olha onde estou.

Eliza levantou-se, sentindo-se indignada e ofendida.

— Ah, é? E onde você está? Acompanhando uma dupla de violoncelistas? Acha que isso é grande coisa? Quando seu contrato acabar, eles nem vão lembrar que você existe! — exclamou com crueldade, sem o menor sinal de clemência.

Scarlet também se levantou, para que ficassem em pé de igualdade.

— A senhora não engole o fato de ter se enganado, e o que está querendo mesmo dizer é que o Dimitri é famoso, mais experiente e rico, enquanto eu não passo de uma garota sonhadora, ingênua e pobre, sem mencionar ele ser branco e eu ser preta. E está certa, porque ele é tudo isso mesmo, e eu sou pobre, preta e sonhadora. Não dá para fugir de quem se é, mas não lamento ser quem sou, nem por um segundo. É isso o que me torna única! — afirmou, encarando-a de queixo erguido.

Pega momentaneamente de surpresa com o “ataque” da sobrinha, Elisa levou alguns instantes para absorver o que acabara de ouvir. Recompоста, colocou um sorriso cínico no rosto e falou:

— Falando assim, você até me magoa. — Suspirou e fez uma pausa dramática. — Minha querida, eu tenho certeza de que o Dimitri é uma ótima pessoa, mas nós temos que ser realistas, e como a sua mãe, eu me preocupo muito com você. Sabemos que grande parte da sociedade ainda não vê o relacionamento interracial com naturalidade, além disso, tem o fato de ele ser seu chefe. Você acha que um homem como o Dimitri vai querer algo sério com você? Ele só quer passar um tempo, se esbaldar, e depois vai te colocar de lado e procurar uma mulher mais *adequada* à posição dele na sociedade. — Nesse momento, Elisa gesticulou e usou os dedos a fim de ilustrar o que dizia. — Está se enganando se pensa que ele vai te assumir como namorada e te levar para conhecer a família. Ele não vai fazer isso. Não com uma pessoa tão simplória como você! — arrematou, olhando-a de cima a baixo.

O tom e o olhar de desprezo da tia fizeram Scarlet encará-la, trêmula, furiosa e ultrajada.

— Uma pessoa simplória como eu? Eu não sou e nunca fui simplória. Olha bem para mim! Eu sou uma mulher batalhadora, que corre atrás do que quer! Sou uma pianista profissional que está galgando os degraus para a realização dos seus sonhos. Só uma pessoa invejosa e amargurada é capaz de dizer uma coisa dessas para a própria sobrinha. E só para constar, a simplória dentro desta sala definitivamente não sou eu!

Dissimulada, Elisa sorriu satisfeita diante da explosão de Scarlet. Estava na cara que suas palavras tinham atingido o alvo.

— Não precisa ficar bravinha comigo — respondeu com ironia. — Eu só estou dizendo que as realidades de vocês dois são muito diferentes. Sabe o que vai acontecer? O Dimitri vai te usar enquanto você for uma novidade para ele, e quando cansar, vai te jogar para escanteio. É assim que eles agem. Seduzem garotas inocentes, ingênuas e desavisadas como você; eles as usam, e quando não querem mais, jogam fora. Você já deveria saber disso. Só me diz, Scarlet, acha mesmo que vale a pena manter um envolvimento amoroso com o seu chefe rico, branco e famoso?

Fixando os olhos em um ponto qualquer da sala, Scarlet ponderou sobre o que acabara de ouvir. Será que Dimitri seria capaz de fazer isso com ela? Usá-la e depois descartá-la? Ele não era assim... ou era? E o que ela sabia sobre ele, de verdade? Quase nada, admitiu para si mesma, e diante disso, não podia dizer que a tia estava totalmente certa ou errada. Mas, ainda assim, não lhe daria o gostinho de saber como se sentia insegura com relação

ao Dimitri.

— Eu sei de tudo o que está me dizendo, tia. Sei que as coisas nem sempre são fáceis, mas isso acontece em qualquer relacionamento, sendo ele interracial ou não. E, sinceramente, não estou nem aí para o que as outras pessoas dizem ou pensam. Não vou deixar ninguém me dizer como viver a minha vida, nem por quem eu devo ou não me apaixonar — afirmou, resoluta.

Scarlet calou-se, pois preferia não seguir adiante com aquele assunto, porém, internamente, ela se questionava. Era tão injusto, pois quando se tratava de um homem negro relacionando-se com uma mulher branca, as pessoas não diziam nada, mas quando era o contrário, estas mesmas pessoas adoravam dar palpites, criticar e polemizar. Era o machismo de mãos dadas com o preconceito e o racismo. Horrível!

Na sua maneira de ver a vida e o mundo, o correto não era o branco com o branco e o preto com o preto. Nem o rico com o rico e o pobre com o pobre. O que importava era o amor. E do mesmo modo como ela respeitava as escolhas dos demais, exigia para si o mesmo respeito. Podia ser acusada de ser idealista e romântica, mas não estava disposta a renunciar ao que ela e Dimitri apenas começavam a ter, menos ainda ao que poderiam construir no futuro, por causa de pessoas mesquinhas, preconceituosas e de mente pequena.

Mas uma coisa a tia tinha conseguido, colocar na sua cabeça a dúvida das intenções de Dimitri para com ela. Suspirando, Scarlet andou até o sofá e se sentou, no que foi imitada pela tia.

— Lembra-se do Raul? Aquele bonitão, irmão daquela sua amiga? Da Natália? — Elisa sabia muito bem de quem o rapaz era irmão, mas fingiu não se lembrar direito ao perceber que Scarlet havia ficado na defensiva. Não tinha a menor intenção de lhe dar uma trégua e ia aproveitar aquele momento de vulnerabilidade. Com essa ideia em mente, optou por uma nova abordagem.

Estranhando a mudança abrupta de assunto, Scarlet assentiu lentamente com a cabeça.

— É claro que eu me lembro. O que tem ele?

— Você sabe que ele se mudou para a capital há alguns anos, a fim de estudar medicina. — Scarlet assentiu. — Então, ele soube o que houve pela mãe dele e me ligou. Disse que está de férias e tirou alguns dias para visitá-la. Perguntou de você e se podia vir até aqui para te ver. E eu disse que sim, é claro. Que você ia adorar falar com ele, colocar a conversa em dia... Aliás, eu acho que ele deve estar por chegar.

Chocada, Scarlet fitou a tia com olhos arregalados. O que a mulher pretendia com tudo aquilo?

— Tia, a senhora tinha que ter me avisado que o Raul vinha aqui hoje!

Elisa observou a sobrinha abaixar os olhos e focar nas mãos unidas sobre o colo.

— O que foi? — inquiriu, com um ar de preocupação no rosto redondo. — Eu não pensei que seria um problema. É um velho amigo seu, não é? Aliás, eu soube que ele acabou de terminar um relacionamento, e isso quer dizer que está disponível. Pode ser uma oportunidade. — Sorriu e piscou cúmplice para a sobrinha.

Scarlet encarou a mulher mais velha com uma expressão de absoluta surpresa.

— Eu só não estou a fim de receber visitas. — *Oportunidade para quê?*, perguntou-se, olhando bem para a tia, mas não demorou para deduzir ao que esta se referia. — Está dizendo que o fato de o Raul estar sozinho é uma oportunidade para nós dois ficarmos juntos? Tia, de onde a senhora tirou isso? Eu e o Raul não temos nada a ver um com o outro. Éramos só amigos, além disso, não nos vemos há anos.

Elisa estava atenta a cada mudança no semblante da sobrinha.

— Eu sei que você foi apaixonada pelo Raul — revelou. Ergueu uma sobrancelha e aguardou a reação da sobrinha.

Scarlet fitou-a, incomodada. Como era possível a tia saber daquilo? E quem mais saberia? Exceto sua melhor amiga, ninguém mais tinha conhecimento do que sentira naquela época, pelo menos não por ela.

— O que eu tive pelo Raul foi uma paixão, e isso já acabou — afirmou, desgastada.

Recusando-se a se dar por vencida, Elisa prosseguiu:

— Mas nada impede que você volte a se apaixonar por ele. Raul é um excelente partido. Bonito, inteligente, responsável... E estou certa que terá um futuro brilhante como cirurgião em algum hospital de renome da capital — argumentou, enumerando as qualidades do rapaz.

Talvez nada impedisse, caso ela já não estivesse completamente apaixonada por outro homem. Pensando bem, nem se não estivesse. Raul fazia parte do seu passado, tivera por ele uma paixão adolescente não correspondida, mas que tinha acabado há muito tempo.

— Eu concordo com tudo o que a senhora disse e acho ótimo que o

Raul esteja se dando tão bem na capital, mas não há a menor possibilidade de acontecer algo entre nós. O tempo passou e eu não sou mais aquela garota que ficava suspirando por ele quando nos encontrávamos. Sem falar que o Raul jamais soube o que eu sentia.

Inclinando-se para frente, Elisa deu dois tapinhas amigáveis no dorso da mão da sobrinha.

— Os homens são assim mesmo. Uns tolos distraídos. Minha querida, não seria muito mais simples se você namorasse alguém como o Raul? Não me leve a mal, eu só não quero que você se machuque.

Scarlet tentou controlar a impaciência antes de responder:

— Entendo. Em resumo, de acordo com o que me propõe, eu ficaria no Brasil, engataria um namoro com o Raul e, de quebra, abriria mão dos meus sonhos.

Eliza apressou-se em negar.

— É claro que não. Você poderia dar aulas de piano, como fazia antes.

— Agradeço a preocupação, mas é da minha vida que estamos falando, e sou eu quem decide com quem eu namoro ou não, estou certa?

Scarlet olhou para a tia de modo incisivo. Sua intenção não era ser irônica e mal-educada, mas sentia a necessidade de se impor e cortar o mal pela raiz, caso contrário, a tia não desistiria de tentar convencê-la, e não permitiria ser manipulada, nem por ela, nem por ninguém. Não era dona da verdade, longe disso, mas mesmo sabendo que a tia poderia estar certa em alguns aspectos, Scarlet estava disposta a enfrentar o que tivesse que enfrentar. Covardia não era um traço de sua personalidade.

Na verdade, outra coisa a estava angustiado mais que as tentativas de manipulação da tia. Em breve, teria que voltar para a Europa, mas relutava quando pensava em ter que deixar a mãe sozinha. Tinha um contrato de trabalho, porém, diante da situação, estava certa de que Dimitri não se oporia caso ela decidisse ficar um pouco mais, fazendo companhia para ela, afinal, acabara de ficar viúva e era sua única filha.

No entanto, ao mesmo tempo que pensava isso, Scarlet acreditava que focar no trabalho iria ajudá-la a não pensar tanto na perda do pai e a lidar melhor com o que houve depois do enterro. A dor ainda era recente e muito forte, mas, talvez, a distância e a música fossem capazes de amenizá-la a ponto de tornar suportável. Manter-se ocupada e segura seria sua salvação naquele momento.

— A minha intenção sempre foi a de ajudar. Mas faça como quiser.

Não está mais aqui quem falou — concluiu Elisa, ressabiada.

— Como eu disse antes, agradeço a sua preocupação comigo, mas meus pais me ensinaram, desde muito cedo, a pensar por mim mesma e a tomar as minhas próprias decisões, bem como assumir as consequências dos meus atos. — *E eu nem tenho como saber se o relacionamento entre mim e o Dimitri vai dar em algo ou não, portanto, seria prematuro querer antecipar as coisas*, completou em pensamento.

Passando um braço pelos ombros da sobrinha, Elisa anuiu.

— Entendi, mas tem algo mais te angustiando?

Scarlet suspirou e deixou cair os ombros, mas antes de responder, a viu virar o rosto na direção da porta. Curiosa, seguiu seu olhar.

— Veja só quem chegou! — Elisa anunciou no instante em que a figura alta e imponente de Dimitri apareceu na porta de entrada. — Eu vou ver se a sua mãe precisa de ajuda com o almoço — avisou ela, se apressando em se levantar. Acintosa, encarou e cumprimentou Dimitri com um aceno seco de cabeça para logo deixar a sala, pegando o caminho que dava na cozinha.

Dimitri devolveu a saudação do mesmo modo. Já percebera que, ao contrário de dona Laura, que o recebera muito bem, inclusive lhe havia confiado a segurança da única filha, a tia não fazia questão de ocultar o ressentimento que sentia com sua presença na casa. Preferiu não dizer nada para não criar um atrito desnecessário, afinal, só ficaria na cidade por mais um ou dois dias, no máximo. E as duas mulheres, mãe e filha, haviam passado por tanta coisa que o que menos precisavam agora era de mais um entrave na vida delas.

Enquanto Scarlet dormia, ele entrara em um App especializado e reservado um quarto em um hotel das imediações, e saíra justamente para se instalar, tomar um banho relaxante e trocar a roupa que usava desde o dia anterior. E aproveitara para fazer algumas ligações; uma para a sua agente, informando quando retornaria, e outra para o irmão, a fim de dar notícias de Scarlet.

Embora dona Laura tivesse feito a gentileza de pedir que ele ficasse na casa e Scarlet reforçado o pedido, Dimitri achou melhor declinar do convite. Justificou-se dizendo que não desejava lhes tirar a privacidade, mas, no fundo, não desejava sentir-se um intruso ali, e era como a tia dela o fazia sentir-se a cada vez que pousava o olhar analítico e a expressão aborrecida sobre ele. E também porque se sentiria mais à vontade para trabalhar, ainda que pelo notebook, estando sozinho no hotel.

A casa era acolhedora, um verdadeiro lar, mas era bem pequena. A própria Scarlet estava dividindo o quarto com a mãe, e os demais cômodos abrigavam membros da família que vieram de uma cidade próxima exclusivamente para assistir ao enterro.

Retornando ao presente, forçou-se a relaxar a expressão tensa quando seu olhar recaiu sobre Scarlet, e em segundos encontrava-se sentado ao lado dela.

— Como você está? — indagou, atencioso.

Scarlet moveu a cabeça para o lado e tocou sua barba, tratando de colocar de lado suas dúvidas, bem como o teor da conversa que tivera com a tia.

— Ainda está doendo, mas vou ficar bem. Que bom que você está aqui.

Ele a encarou sério e calado, então puxou-a para si e envolveu-a em um abraço reconfortante. Tomou sua boca num beijo lento e gostoso, e aquele contato era o suficiente para matar um pouco da saudade que sentia do gosto dela. Pouco depois, as bocas se separaram quando ouviram o toque da campainha. Scarlet fez menção de se levantar, mas se deteve ao ver a tia entrar, apressada, na sala, vinda da cozinha.

— Pode deixar, eu atendo — adiantou-se Elisa, frente ao par de olhos indagadores direcionados a ela, e virando-se, abriu a porta com gestos impacientes e uma expressão ansiosa no rosto. Relaxou e recebeu com um sorriso a pessoa diante dela.

Capítulo 16

— Raul, que bom te ver! Seja muito bem-vindo! — saudou Elisa, com simpatia e uma alegria incomum para alguém tão restrita. — Por favor, entre — convidou e colocou-se de lado, abrindo caminho para que ele pudesse passar. — A Scarlet está na sala. Eu a avisei que você viria esta tarde — disse, fechando a porta e indo postar-se ao lado dele.

— Obrigado — educado, Raul agradeceu e adentrou o aposento, mas logo se deteve ao se deparar com uma Scarlet em companhia de um homem alto e barbudo que até então era um completo desconhecido para ele.

— Olá, Raul. Como vai? — Scarlet adiantou-se em cumprimentá-lo, oferecendo a mão para um aperto em vez do rosto para os tradicionais dois beijinhos. — Há quanto tempo! — acrescentou, sem entender bem o motivo de sentir-se desconfortável diante dele. Devia ser pelos anos que não se viam ou por ela ter detectado uma certa tensão vinda de Dimitri, e essa sensação instintivamente a fez manter uma distância segura do antigo amigo.

Ignorando a mão estendida, Raul aproximou-se, inclinou o corpo grande para frente e lhe deu um abraço caloroso.

— Já faz um tempinho, sim. Três anos e quatro meses, para ser mais exato. É uma pena que nos reencontramos em um momento de dor e tristeza. Quando soube, eu quis vir até aqui para prestar minhas condolências e dizer que sinto muito pela sua perda — lamentou, endireitando a postura. — Sei o quanto você e o senhor Antônio eram chegados.

Obrigando-se a colocar um sorriso débil no rosto, Scarlet respondeu:

— Obrigada pelas palavras e por ter vindo até aqui. E você tem razão, nós éramos muito chegados. Eu vou sentir muita falta dele. Já estou sentindo. — Levou um dedo a fim de apagar uma lágrima furtiva que conseguiu escapar e escorrer pelo seu rosto. Sentia o peito doer e ficava emocionada a cada vez que alguém mencionava a perda do pai, e previa que seria assim por muito tempo ainda. — Aceita uma água ou um café? — ofereceu enquanto esticava o braço e o convidava a se sentar em uma das duas poltronas dispostas em frente ao sofá de três lugares.

— Eu aceito um café. Obrigado — disse Raul, acomodando-se na confortável poltrona revestida em tecido floral, enquanto o casal fazia o mesmo no sofá diante dele.

Scarlet abriu a boca, porém, antes que pudesse pronunciar a primeira palavra, sua tia se adiantou e, dirigindo-se a ela, falou:

— Pode deixar, eu vou providenciar um café fresquinho. — Mantendo um largo sorriso no rosto, Elisa deixou a sala, apressada.

— Obrigada, tia — agradeceu Scarlet, educada, e voltou a dirigir-se ao amigo: — E como anda a vida?

— Vai bem. Terminei o curso de medicina e estou me especializando em cirurgia pediátrica. Faço residência em um hospital da Zona Norte.

— Que bacana! — Scarlet exclamou, admirada. — Fico contente em saber disso e que tenha optado por trabalhar com crianças. É bem a sua cara.

— Como você sabe, o meu sonho era me tornar médico-cirurgião. E eu sempre quis trabalhar com crianças, então, juntei os dois. E você, perseguindo aquele sonho de ganhar o mundo tocando piano?

Estranhamente encabulada, Scarlet hesitou antes de responder.

— Sim, inclusive estou em uma turnê pela Europa, no momento.

Antes que ela pudesse dizer algo mais, Raul virou o rosto na direção de Dimitri, que até então apenas observava a interação entre eles.

— Nossa, que falta de educação a minha! — censurou-se Scarlet, olhando, sem jeito, de um para o outro. — Eu nem apresentei vocês dois.

— Sem problemas, Scar! — Raul endereçou-lhe um sorriso condescendente. — E você me parece familiar... — observou, olhando diretamente para Dimitri. — Ah, lembrei! Você é um dos gêmeos do Duo Ulinov, não é mesmo?

Dimitri moveu-se no sofá e encarou o visitante com desconfiança. Arqueando as sobrancelhas, respondeu:

— Você está certo. Eu sou Dimitri Ulinov — apresentou-se e apertou a mão estendida do rapaz.

— Raul Tavares. Já vi alguns dos vídeos da dupla no YouTube, acho genial o modo como misturam vários estilos musicais, popularizando o violoncelo, um instrumento comumente utilizado em concertos de música clássica. Uma ótima sacada! — Raul comentou em tom entusiasmado.

— Eu aceito o elogio em nome do meu grupo. Muito obrigado — Dimitri agradeceu em tom formal.

Raul não se deixou intimidar pela aparente frieza do músico e continuou a falar:

— Sou um apreciador da boa música. Seja rock, pop ou instrumental. Minha irmã passou vários anos estudando em um conservatório. O mesmo

que a Scar frequentava. Sempre que eu posso, vou aos concertos em São Paulo. Inclusive, fui com a minha namorada ao Festival de Inverno de Campos do Jordão no mês passado. — Raul parou, ficando pensativo por um instante, e só então continuou. — Quero dizer, eu fui com a minha *ex-namorada* — corrigiu-se, e voltando-se para Scarlet, acrescentou: — Eu estava pensando que nós dois podíamos marcar algo, talvez dar uma volta pela cidade, já que estamos aqui ao mesmo tempo. Só para colocarmos o papo em dia. Que tal?

— É claro, a gente pode...

Acreditando que aquilo já tinha ido longe demais, Dimitri se interpôs, e ignorando a expressão de surpresa de Scarlet, olhou diretamente para Raul e disse:

— É muito gentil da sua parte convidá-la para sair, mas, infelizmente, ela terá que recusar o convite. Scarlet não tem tempo para encontros ou “*voltas pela cidade a fim de colocar o papo em dia*”, porque temos que retornar a Madrid o mais breve possível. — Limpou a garganta, e enfiando o braço no vão entre as costas dela e o encosto do sofá, envolveu sua cintura e puxou-a levemente para si, num claro gesto de possessividade, antes de emendar: — Fizemos apenas uma pequena pausa na turnê, mas não podemos postergar o nosso retorno por mais tempo.

Intrigado, Raul olhou de um para o outro. Era óbvio que o homem estava interessado em Scar. Diante da postura protetora dele com relação a ela e o modo como Scarlet aceitava o seu braço em torno de si, Raul remexeu-se no assento enquanto decidia se devia continuar insistindo em um encontro ou se o melhor a fazer era recuar.

Por fim, acabou optando pela segunda opção. Não lhe pareceu muito inteligente entrar em uma disputa com alguém como Dimitri Ulinov. Contudo, não tomara essa decisão porque não confiava no próprio taco, mas só entrava em uma briga se tivesse chance de vencer, e aquela estava perdida antes mesmo de começar.

Raul sempre soubera que Scarlet não era o tipo de garota para se ter uma aventura. Com ela a coisa era séria, por isso manteve-se distante e jamais alimentou fantasias que ela tivera no passado com relação a ele. Sua intenção sempre foi deixar Tatuí para estudar na capital, e como estava ciente do sonho de Scarlet em seguir estudando e se aperfeiçoando no conservatório, não seria justo iludi-la e deixá-la para trás com um coração partido.

Além disso, após romper com sua última namorada, Raul não se sentia pronto para encarar outro relacionamento tão cedo, portanto, não era uma ameaça. É claro que havia lançado olhares apreciativos para ela e não se

preocupara em ocultar sua surpresa ao vê-la, afinal, a garota magrinha e de olhos imensos que o via com adoração há cerca de três anos se transformara em um tremendo mulherão. E não deixava de ser divertido ver o homem ao seu lado marcando território. Era bom que fosse assim, aquela atitude dava a entender que o músico se importava mesmo com sua amiga.

— Entendo. É uma pena. — Raul estreitou os olhos e recostou-se no encosto da poltrona. — Então, nesse caso, fica para uma próxima vez.

Não, se depender de mim, pensou Dimitri, apertando o braço que rodeava a cintura de Scarlet enquanto acenava com a cabeça para o rapaz à sua frente, sem demonstrar nenhum lampejo do que se passava dentro dele. Instintivamente, notara o olhar de interesse dele sobre Scarlet. E não era um interesse qualquer.

Ele reconhecia o interesse de outro homem quando olhava para uma determinada mulher, e podia ver como Raul a devorava com os olhos e sem o menor pudor. E o safado estava fazendo isso bem na frente dele! Dimitri sentiu seu sangue ferver de raiva. Esperava que seu gesto e sua recusa tivessem deixado claro que, definitivamente, Scarlet não estava mais disponível.

Naquele momento, foram interrompidos pela entrada de Elisa, que trazia uma bandeja com os cafés. Dona Laura vinha logo atrás dela.

Enquanto o café era servido, Dimitri aproveitou para ponderar sobre suas recentes atitudes e chegou à conclusão de que não se reconhecia. Agira por impulso ao deixar seus compromissos para trás e pegar o primeiro voo de volta ao Brasil para acompanhar Scarlet. Só pensara que não podia deixá-la passar por tudo aquilo sozinha, ou seja, sem ele, porque ela tinha uma família para apoiá-la em um momento tão desolador e doloroso como aquele. Nem podia imaginar como era perder um dos pais. Só de pensar nos seus, seu peito se apertava.

Depois, tinha sido ainda mais impulsivo quando viu aquele bandido tentando levá-la com ele e não pensou em nada, deixando-se dominar pela fúria e a descarga de adrenalina ao enfrentá-lo, sem pensar nas consequências ou no perigo que a situação acarretava para ambos. Só pensou em impedi-lo, fosse como fosse.

Após um pequeno período tenso na sala, o assunto voltou-se para amenidades e Raul acabou por encurtar sua visita e despediu-se, apressado, para o total desgosto de Elisa. Uma hora se passou, até que Dimitri levantou-se e decidiu que precisava retornar ao quarto do hotel a fim de providenciar a volta dos dois, além de se colocar a par do que acontecia com o restante do grupo em Madrid.

— Tem mesmo que ir? — choramingou Scarlet, pendurada em seu pescoço. Os dois estavam em um ponto cego da varanda, onde tinham um pouco de privacidade.

— Infelizmente, sim. Tenho coisas para fazer.

— Eu poderia ir com você... — sugeriu ela, insinuante.

Dimitri pareceu ponderar sobre aceitar a sugestão e o que poderiam fazer estando sozinhos naquele quarto de hotel, contudo, não considerou prudente.

— É claro que você pode, mas vamos voltar logo para a Europa. Tem certeza de que não prefere passar o pouco tempo que resta com a sua mãe?

Ela fez um muxoxo e assentiu.

— Sim, acho que você tem razão.

Dimitri levou a mão até o seu queixo e levantou o rosto bonito para ele.

— Ei, não precisa ficar assim. Eu vou trabalhar um pouco e aproveitar para fazer umas ligações. Quero saber se está tudo certo com a empresa de segurança. Preciso que a equipe esteja aqui amanhã logo cedo para que possamos ir embora.

— Já? Eu pensei que íamos ficar mais um pouco...

— Eu também, mas surgiu uma situação na capital e preciso resolvê-la antes de voltarmos para Madrid.

— Ah, entendi. — Scarlet fitou-o com seriedade e fez a pergunta que a estava incomodando desde que Raul tinha ido embora: — Dimi, você ficou aborrecido com a visita do Raul? É por isso que não quer que eu vá para o hotel com você?

Dimitri ficou surpreso, pois não esperava pela pergunta, o que deveria ter feito, afinal, ele a cortara no momento em que ela estava prestes a aceitar o convite do médico para saírem juntos.

— Não fiquei aborrecido. — Na verdade, tinha ficado incomodado com a interação tão amigável dos dois. Sentiu-se excluído enquanto eles conversavam e não gostou nada disso.

— Que bom. Mas antes de ir, quero que faça algo por mim.

— O quê?

— Quero que você me beije.

Dimitri riu baixinho um segundo antes de tomá-la nos braços e beijá-la como se não houvesse amanhã.

Mais tarde, Scarlet se encontrava sentada sozinha no sofá da sala, quando sua mãe entrou.

— O que houve? Senti uma certa tensão entre você e a sua tia. O que ela fez desta vez? — questionou dona Laura, com as duas mãos na cintura e ar enfezado.

Scarlet deu de ombros.

— Eu cresci ouvindo os seus absurdos, e quanto mais o tempo passa, mais amarga ela fica. Já aceitei que discutir com a tia Elisa é pura perda de tempo.

Laura foi sentar-se ao lado da filha.

— Sabe, quando era mocinha, o sonho dela era ser comissária de bordo. Admirava aquelas mulheres altas e magras dentro daqueles uniformes. E era lindo mesmo. Mas então, Elisa conheceu o Raimundo, o futuro pai dos filhos dela. A família não aprovou o namoro dos dois, porque a fama do rapaz no bairro era a de valentão e preguiçoso, mas ela, como muitas adolescentes costumam fazer, não ouviu os pais, se rebelou e fugiu de casa para ficar com ele.

— Oh, eu não sabia disso. Quero dizer, eu sei que ela saiu de casa cedo, mas a parte da rebeldia e da fuga para ficar com o namorado... eu nem fazia ideia.

— Não se comenta esse tipo de coisa na família do seu pai. Eu sei porque foi ele mesmo quem me contou. A Elisa e eu já batíamos de frente naquela época. Ela sempre foi uma pessoa difícil de se lidar. Não ouvia ninguém e só fazia o que bem entendia. — Laura olhou ao redor para ter certeza de que estavam sozinhas, e após liberar um suspiro resignado, continuou em um tom de voz mais baixo: — Sua tia tinha acabado de completar dezesseis anos quando ficou grávida do Danilo. Um ano depois, veio a Daniela, e enquanto só havia o seu primo, ela podia ter tentado correr atrás do seu sonho, mas com duas crianças pequenas e com as faxinas que tinha que fazer para pagar o aluguel, sustentar a casa e os filhos, porque, a essa altura, o Raimundo já tinha sumido no mundo, era praticamente impossível. Só estou te contando isso para tentar explicar o porquê de Elisa ser como é hoje. Eu sei que nada justifica certas atitudes e alguns dos pensamentos antiquados dela, mas sua tia já sofreu muito e se tornou uma pessoa amargurada e frustrada com a vida. Um conselho? Não se deixe abalar com as coisas que ela diz.

Scarlet se deu um tempo a fim de assimilar tudo o que a mãe acabara de contar.

— Está bem. Depois de saber como foi a vida da minha tia, eu até consigo entendê-la, mas não aceito certas coisas que ela me diz, eu não tenho culpa das escolhas que ela fez no passado. De qualquer maneira, não me abalo mais. Ela já não é capaz de me atingir como antigamente. Mas tem um outro assunto que eu queria conversar com a senhora.

— Então me diga. Sobre o que é?

— Mãe, em poucos dias eu vou ter que ir embora. O grupo tem uma apresentação no próximo fim de semana, só que eu não queria te deixar aqui sozinha. Estou pensando em falar com o Dimitri e verificar se eu posso ficar no Brasil por mais alguns dias.

Laura trouxe a filha para mais perto enquanto movia negativamente a cabeça.

— Não é seguro para você ficar aqui, ainda mais depois do que houve ontem. Além disso, você estaria abrindo mão de viver o seu sonho, da oportunidade proporcionada por aquele rapaz. Sem falar que tem um contrato de trabalho a cumprir. De maneira nenhuma eu vou permitir que você perca tudo isso por minha causa.

— Mãe, eu não estou abrindo mão ou perdendo nada. Estou só adiando — retrucou Scarlet.

Inquieta, dona Laura se remexeu no assento.

— Definitivamente, não, Scarlet. Eu e o seu pai não trabalhamos tantos anos para que você desistisse de tudo, ainda mais agora que a sua carreira está começando a deslanchar. De jeito nenhum! — disse ela, de maneira incisiva e enfática. — Você deve ir, tem que seguir com a sua vida. Além disso, quem disse que eu vou ficar sozinha?

— Mas se eu for embora, vou me sentir muito culpada.

— Você não tem motivos para se sentir assim. Eu vou ficar com a sua tia Marge e com o restante da nossa família. Filha, eu jamais me perdoaria caso você abrisse mão do seu futuro para ficar comigo. Se não sabe ainda, você é o meu maior orgulho, e nada me faz mais feliz do que saber que a minha garotinha está realizando o sonho de uma vida. Olha, eu não entendo muito dessa coisa de show business, mas, querida, vocês estão em plena turnê, e aquele rapaz já fez tanto por você. Não pensou duas vezes antes de comprar as passagens e te seguir até aqui. Foi um gesto muito bonito da parte dele.

Lembrar da atitude generosa de Dimitri a deixava tocada. Sentia-se uma sortuda por estarem juntos e pensava nele sem parar, vibrando em seus pensamentos de menina tola e apaixonada.

— É verdade. E existem contratos firmados, ingressos vendidos e divulgações em andamento. Convencer a agente do Duo a conseguir o adiamento da apresentação desta semana não deve ter sido fácil, com certeza gerou inconvenientes.

— Eu sei que você se preocupa comigo, mas tem que ir, meu amor — dona Laura insistiu mais uma vez.

Scarlet suspirou. É claro que a mãe tinha razão. Onde ela estava com a cabeça quando achou que poderia ficar? Era óbvio que ficar no Brasil não era uma opção viável. Havia muita coisa em jogo e a ser levada em consideração. E de jeito nenhum ela falharia com o grupo, menos ainda com Dimitri.

— A senhora está certa. Eu estava tão fora de mim que sequer cheguei a pensar no que a minha ausência implicaria. Não vi a situação por todos os ângulos, mas não quero ser a causa de nenhum outro transtorno para o grupo, nem para o Dimitri. — Scarlet afastou-se do peito da mãe para poder olhá-la nos olhos. — Tem certeza que a senhora vai ficar bem?

Laura sorriu e balançou a cabeça com vigor.

— Absoluta. É difícil, sim, mas a vida precisa continuar. — A mulher mais velha se inclinou e beijou a filha na face. — E como dizem por aí, o show não pode parar — concluiu após se afastar.

Capítulo 17

Laura estava lavando louça quando Elisa entrou na cozinha. Pelo canto do olho, viu a cunhada rodear a mesa, sentar-se e pegar uma mexerica da fruteira.

— Onde está a Scar? — perguntou Elisa, começando a descascar a fruta.

Laura terminou de lavar a última peça, colocou-a no escurridor e só então se virou. Apoiada no balcão da pia, pousou o olhar sobre a mulher enquanto enxugava as mãos em um pano de prato amarelo enfeitado por um barrado de crochê que ela mesma fizera.

— Está lá fora, despedindo-se do chefe dela. Um bom rapaz, o Dimitri. Bonito, atencioso e generoso — elogiou Laura, analisando as feições da cunhada, que mantinha os olhos baixos.

— Hum, se despedindo, é? E você vai mesmo deixar a Scar voltar com ele para a Europa? — indagou Elisa, ignorando o resto da frase de Laura.

Virando ligeiramente o corpo, Laura colocou o pano de prato em cima da pia, voltou-se, respirou fundo, cruzou os braços sobre o peito e, por fim, respondeu:

— Não é uma questão de permitir ou não, Elisa. Ela precisa ir. Minha filha é profissional e responsável. Sabe que tem um contrato a cumprir. Não pense que é fácil vê-la indo embora. Que mãe prefere que os filhos fiquem longe? Mas eu sei que a Scarlet precisa manter o foco na carreira e pensar no futuro dela.

— Pois eu acho muito egoísmo da parte da sua filha vir aqui, ficar só dois míseros dias, e ir embora, bela e formosa, deixando a mãe sozinha em um momento tão difícil.

Desgastada, Laura fez um trejeito de desagrado com a boca e voltou a respirar profundamente, tratando de manter-se sob controle antes de responder, mas a tarefa era árdua demais diante do cinismo da cunhada.

— Você nem sabe o que fala. Para o seu governo, a minha filha está muito longe de ser egoísta. Pelo contrário. Ela quis, sim, ficar mais tempo comigo, fui eu que não aceitei a sugestão dela. Eu jamais permitiria que a Scar perdesse a chance de fazer parte de um grupo de prestígio como o Duo Ulinov. Nunca mais a Scar poderá ter outra oportunidade como essa! Não senhora!

Elisa balançou a cabeça e moveu os ombros com descaso. Não parecia convencida, muito menos satisfeita.

— Hum... pode até ser, mas a Scarlet e esse Dimitri juntos... Eu não sei, não... — Dissimulada, ela evitou olhar para a cunhada e preferiu juntar as cascas da mexerica em um montinho diante de si.

Cobra peçonhenta! Invejosa! Se morder a língua, morre envenenada!, pensou dona Laura, mas não verbalizou. Afastou-se da pia, puxou uma cadeira e sentou-se, ficando de frente para Elisa.

— O que você está insinuando? Está sabendo de alguma coisa que eu não sei? — indagou fitando-a, com as mãos unidas descansando sobre a mesa.

— Sua filha está gostando dele.

— É claro que ela gosta dele. Ela mesma me disse que o admira muito. Não há mal nenhum nisso.

Bufando, Elisa finalmente encarou a cunhada.

— Como homem, Laura! A Scarlet gosta do tal do Dimitri como uma mulher gosta de um homem — reforçou, atenta à reação de Laura, porém esta se manteve estoica.

— Se isso fosse mesmo verdade, a Scar teria me contado. Como você sabe disso? Não está tirando conclusões apressadas?

Elisa inclinou o corpo para frente e disse em tom baixo e conspiratório:

— Eu tenho um ótimo olho para essas coisas. Percebi logo de cara, quando vi os dois juntos, e hoje de manhã, quando toquei no assunto, ela confirmou que está gostando dele. Talvez seja melhor você segurar sua filha aqui.

Será que é mesmo verdade? E se for, por que minha filha não me disse nada? Talvez não se sinta pronta, ainda mais depois de tudo o que aconteceu com ela, Laura conjecturou, mas não demonstrou que tinha dúvidas.

— E por que eu faria uma coisa dessas?

— Você acha certo ela se envolver com o chefe? Sabe o que pode acontecer, não sabe? Ele se aproveitar dela e depois ...

Que mulher linguaruda! Como se atreve a se meter onde não é chamada?

Indignada, Laura a cortou de imediato:

— Pode parar por aí, Elisa! Foi isso que você falou para ela? Você

nem mesmo conhece o rapaz e já vai fazendo seus julgamentos. Se você passou por uma situação de abandono, se sua vida foi uma merda, eu sinto muito, mas foram escolhas suas e ninguém mais tem culpa. E não se pode generalizar e achar que todos os relacionamentos serão um fracasso como o seu.

Elisa se enrijeceu com a crítica, porém não se deu por vencida.

— Mas eles são muito diferentes, e ainda tem a questão do...

Laura levantou a mão aberta e a deteve com o gesto.

— Xiii, xiii! Eu ainda não terminei. A minha filha pode ter só dezenove anos, mas é uma jovem madura para a idade e não é boba. Eu confio no seu discernimento e o Dimitri já demonstrou que se preocupa muito com ela. Não é qualquer um que faz o que ele fez. E a Scarlet tem que viver a vida dela. Eu sei que ela vai cometer erros, como todo mundo. É assim que se amadurece, tentando, errando e acertando. Não é possível proteger os filhos o tempo todo, e você sabe bem disso.

— É claro que eu sei, também tenho filhos! — retrucou Elisa, a expressão aborrecida.

— Concluindo, o que podemos fazer é confiar na educação que demos a eles e mostrar o caminho. Não criamos filhos para nós, criamos para o mundo. Em algum momento eles vão ter que aprender a andar sozinhos, tomar suas próprias decisões. Ela sabe que pode contar comigo, que estarei aqui para apoiá-la sempre que precisar, mesmo que seja para juntar os pedacinhos de um coração partido. Não posso e não quero viver a vida por ela.

Nesse instante, Scarlet entrou na cozinha e as duas mulheres pararam imediatamente de tagarelar.

— Algum problema? — indagou a moça, olhando de uma para a outra.

— Nenhum — respondeu dona Laura, lançando um olhar de advertência para a cunhada. — E o Dimitri? — indagou, procurando disfarçar o ligeiro mal-estar que caiu sobre as três.

— Ele voltou para o hotel — respondeu Scarlet, indo até a pia e começando a secar a louça. Entretanto, Laura levantou-se e tirou o pano de prato de sua mão.

— Deixa, eu faça isso.

— Mas é rapidinho.

— Não, não — disse Laura, virando-se e empurrando a filha para fora da cozinha. — Vá para a sala, descanse, assista um pouco de tevê. Eu termino aqui.

Percebendo que não adiantava insistir, Scarlet assentiu e saiu. Na sala, ligou a tevê e acomodou-se no sofá, intrigada com o comportamento estranho da mãe. O que será que a tia tinha dito para ela? Será que contara sobre o que as duas haviam conversado mais cedo?

É claro que sim! A fofoqueira deve ter dado com a língua nos dentes.

Talvez fosse bom contar para a mãe o que se passava entre ela e o Dimitri antes de viajar, no entanto, ainda estava um pouco insegura, nem aquele parecia o melhor momento para se ter esse tipo de conversa. Porém, quando ela passou pela sala, indo na direção do quarto, Scarlet a chamou:

— Mãe, o Dimitri resolveu que nós iremos amanhã cedinho.

— Eu já esperava por isso.

— E eu queria te contar algo antes de ir...

Frente ao evidente desconforto da filha, Laura a interrompeu:

— É sobre você e o Dimitri?

— Sim.

— Sua tia me disse alguma coisa e insinuou tantas outras, mas nem se ocupe em ficar com raiva dela, não vale a pena. Mas me diz uma coisa...

— Claro, o que a senhora quiser saber.

— Você está mesmo apaixonada por esse rapaz?

— É um sentimento forte e novo, mas, sim, eu sinto que o amo.

— E quanto aos sentimentos dele?

— Eu sei que ele gosta de mim, se preocupa comigo. É carinhoso, me trata bem, mas a nossa relação ainda está no comecinho e eu não sei ao certo no que dará, só sei que quero descobrir.

Pensativa, Laura balançou a cabeça.

— Eu entendo, só tome cuidado para não machucar esse seu coraçãozinho. E qualquer coisa, eu vou estar aqui para te apoiar, ok?

— Obrigada, mãe. Eu sei que posso contar com a senhora.

— Sempre, meu amor, sempre.



No dia seguinte, passava pouco das sete de manhã quando Dimitri chegou na casa de Scarlet, acompanhado da dupla de seguranças. Dona Laura o convidou para entrar. Educado, ele aceitou, mas avisou que poderiam ficar apenas por alguns minutos, pois pretendia pegar a estrada cedo a fim de evitar o trânsito, ainda tinha compromissos marcados para aquela tarde. Um deles era ir até o escritório do advogado e verificar as providências que este tomara com relação ao assunto “Rodney”.

— Nós precisamos ir — Dimitri lembrou Scarlet em um dado momento.

Ela concordou com a cabeça e os três seguiram na direção do portão. Já do lado de fora, voltou-se para a mãe.

— Se cuida, viu? — disse com voz trêmula.

— Não se preocupe comigo. Eu ficarei bem — afirmou Laura.

— Estaremos sempre em contato — disse Scarlet.

Laura assentiu e, adiantando-se, abraçou a filha. Quando as duas se afastaram, Scarlet esfregou os olhos e as lágrimas que teimavam em se represar ali finalmente desceram por seu rosto.

Atento, Dimitri aproximou-se dela, puxou-a para si e, carinhoso, passou um braço pelos seus ombros.

— Façam uma boa viagem — desejou Laura, e levando o olhar para Dimitri, recomendou: — Confio em você para cuidar bem dela.

— Pode deixar. Sua filha será bem cuidada. Eu lhe dou a minha palavra — prometeu o músico, com seriedade. Ambos se despediram da mulher mais velha e entraram no carro estacionado diante da casa.

No percurso de Tatuí até a capital, Dimitri e Scarlet procuraram conversar sobre amenidades. Ela ainda não estava totalmente convencida de que ele não ficara aborrecido com a inesperada visita de Raul, pois tinha sido essa a impressão que passara com sua interferência e rigidez diante do amigo. Em certo momento, o silêncio caiu sobre eles e cada um mergulhou em seus próprios pensamentos.

Talvez ele tivesse exagerado. Era besteira sentir ciúmes de Raul passando um tempo com Scarlet, afinal, ela era adulta e podia sair com quem bem entendesse. *Mentiroso!*, admoestou a si mesmo assim que o pensamento cruzou sua cabeça. A verdade era que ele não queria sua mulher saindo com outro homem e ponto, mesmo que os dois ainda não tivessem conversado

sobre o que esperavam daquela relação.

Dimitri sempre se orgulhara de não fazer o tipo ciumento e possessivo, mas isso foi antes de conhecer e se envolver com Scarlet. Agora, seu lado primitivo rugia de ciúmes, e esse era um sentimento que ele ainda não sabia como lidar completamente. Trincando os dentes para suportar a raiva e a irritação crescentes, apertou as mãos no volante do Mercedes com mais força que o necessário e pisou no acelerador, com o pensamento de que havia realmente sentido ciúmes de Scarlet sobressaindo-se aos demais. Seu sangue gelou e depois incendiou-se. A garota havia se infiltrado nele. O que sentia por ela ia além de *apenas desejo*. Scarlet o marcara de uma maneira inexplicável.

— No que você está pensando? — ele foi o primeiro a quebrar o silêncio, que de uma hora para outra tornara-se estranhamente opressor diante de sua linha de pensamentos.

— Em como os últimos dias foram desgastantes.

Dimitri segurou a mão dela e levou-a até os lábios, e depois de beijar o dorso, depositou-a em cima da sua coxa.

— Eu imagino. Estive pensando na sua mãe e confesso que fiquei um pouco preocupado com ela. — A frase foi pronunciada com calma, ao mesmo tempo em que Dimitri apertava a mão dela.

— Eu também. Por mim, eu a levaria comigo, mas infelizmente não posso.

O tom de Scarlet foi melancólico, quase a ponto de machucar.

— Talvez este não seja o momento mais indicado para levá-la, mas quem sabe quando terminarmos a turnê?

— Não sei se terei condições ou um lugar onde eu possa acomodá-la. Você arcou com as nossas passagens, com o aluguel do carro... E contratou a equipe de segurança... Já fez demais, e eu nem sei quando vou conseguir te pagar. — Scarlet soltou um suspiro cansado.

— Scar, veremos isso depois. Por enquanto, não se preocupe com isso.

Scarlet não podia ser muito orgulhosa, pois a quantia da qual dispunha não cobria nem um quinto do que Dimitri tinha desembolsado. Respirou fundo e falou:

— Você pode ir descontando do meu pagamento. Sei que ainda estamos no início da turnê, mas...

— Eu já disse para não se preocupar com isso. E quanto à sua mãe,

nós daremos um jeito.

— Você faria isso por mim? — indagou, incrédula.

Olhando-a de lado, ele assentiu com a cabeça.

— Sim, é claro que eu faria.

Diante da resposta e do olhar que ele lhe lançou, Scarlet sentiu o coração acelerar.

— Você é muito bom comigo.

Ele fez um carinho na mão pousada em sua coxa.

— E você não tem ideia do bem que me faz. — De fato, Scarlet havia mudado sua vida, enchido de luz e cor uma vida que se resumia a cinza e branco há algum tempo.

— Obrigada por tudo, Dimi. — Scarlet estava mais agradecida do que conseguia expressar. Desde que soubera do ocorrido com o pai, Dimitri se tornara todo o seu suporte. Não sabia se teria suportado um terço dos últimos dias sem o apoio dele.

Ao chegarem à capital, seguiram direto para o apartamento de Dimitri. Quarenta minutos haviam se passado quando ele parou em frente a um edifício altíssimo e todo espelhado.

— É aqui que você mora? — Scarlet indagou, impressionada.

— Sim. É nesse prédio que fica a minha casa.

O carro entrou na garagem do subsolo e Dimitri estacionou próximo ao elevador privativo. Subiram e passaram pelo corredor que os levaria até o apartamento. Instantes depois, com ambos parados diante da porta, ele avançou devagar e tomou-a nos braços.

Scarlet usava um perfume delicioso que lembrava muito uma brisa de verão, e antes de deixá-la entrar, Dimitri se inclinou para beijá-la, enquanto ela entreabria os lábios num convite instintivo.

— Eu precisava disso... — A voz dele saiu baixa e levemente rouca ao afastar-se, tomando uma respiração profunda.

Ela sentiu um já familiar frio na barriga enquanto ele a encarava com aquele olhar metade sério, metade safado.

— Eu digo o mesmo. Podemos entrar agora? — indagou, e para disfarçar o seu estado de agitação interior, sorriu quando o viu concordar.

Dimitri enfiou a mão dentro do bolso dianteiro da calça e pegou um

molho de chaves. As portas eram altas e largas, foi o que Scarlet pensou ao passar por Dimitri, que manteve a porta aberta para que ela entrasse. Só o corredor já a tinha deixado de queixo caído. Havia um tapete longo no chão, na cor grafite, lustres pendiam do teto e vários quadros tinham sido pendurados nas paredes.

Quando foi puxada para o interior do apartamento, ela se esqueceu de como era respirar ao ver cada detalhe do lugar que ele chamava de casa. Tudo parecia enorme, o teto era muito alto. As paredes tinham sido pintadas em vários tons de cinza e branco, as mesmas cores dos móveis. Três vasos com flores diversas dispostos em cima da mesa de centro retangular de tampo de vidro, dois abajures sobre mesinhas, um de cada lado da janela, bem como a dupla de quadros abstratos colocados acima destes, davam um toque de cor e vida ao ambiente.

O mármore no chão era negro e espelhado. Um pouco além da entrada, havia dois sofás imensos e uma janela tão extensa que dava para ver o céu azul no lado de fora. A arquitetura do apartamento aproveitava ao máximo o lugar e a magnífica vista, tudo combinava harmonicamente com a decoração sóbria e aconchegante, formando um conjunto impecável.

Dimitri ajudou-a a tirar a jaqueta e voltou a beijá-la com tamanha intensidade que os joelhos dela vacilaram, tanto que, se ele não a tivesse segurado pelos braços, Scarlet teria se estatelado no chão. Achando graça só de pensar na possibilidade, ela não se conteve e riu quando se separaram.

— O que foi? — curioso, ele perguntou.

Scarlet balançou os ombros.

— Nada. Foi só um pensamento bobo que passou pela minha cabeça. Onde nós estávamos? — indagou, insinuante.

Ainda desconfiado, Dimitri abarcou sua cintura com as mãos e andou com ela enganchada nele até um dos cantos da enorme sala. Sentou-se em uma cadeira, com Scarlet acomodada em seu colo, e logo recomeçaram de onde haviam parado.

Minutos depois, o som de um raspar discreto de garganta chamou atenção de Dimitri e Scarlet, tirando-os do estado idílico em que se encontravam.

— Pegos no flagra. — Um leve tremular brincou nos lábios sensuais de Dimitri, enquanto Scarlet, encabulada, descia devagar do colo dele.

— Sinto muito, eu não pretendia interrompê-los — desculpou-se a mulher magra, alta, e que parecia já ter entrado na casa dos cinquenta anos.

— Não tem problema — tranquilizou-a Dimitri. — Scar, essa é a Dolores, a pessoa responsável por deixar este apartamento habitável.

Recomposta, Scarlet olhou para ela e acenou de leve com a cabeça.

— É um prazer conhecê-la. O senhor Dimitri já tinha me falado sobre a senhorita — contou Dolores, com um sorriso breve, porém simpático.

— Falado bem, eu espero — Scarlet disse, lançando um olhar de esguelha para o homem sentado.

— É claro que sim! Ele só me disse coisas boas, como, por exemplo, que a senhorita é uma pianista muito talentosa. — E virando-se para o chefe, Dolores emendou: — Eu só queria avisar que fiz tudo o que o senhor me pediu e que o almoço já está servido.

— Excelente! — Dimitri aprovou, e pulando da cadeira, passou um braço ao redor dos ombros de Scarlet. — Nós já vamos. Obrigado — acrescentou, dispensando-a.

Com um aceno de assentimento e uma pequena mesura, a empregada deixou-os a sós e voltou para a cozinha.

Depois de apreciarem a comida deliciosa preparada por Dolores, Dimitri e Scarlet deixaram o apartamento. Passava pouco das duas horas da tarde quando ele estacionou em uma das cinco vagas diante do prédio de três andares onde ficava o escritório *Borges Farias & Associados*.

Scarlet levou o olhar até ele e lhe veio, mais uma vez, à mente que, se não fosse por Dimitri, só Deus sabia o que teria lhe acontecido. Além de ser sequestrada, poderia ter sido ferida ou até mesmo... Balançou a cabeça com vigor, limpando o pensamento horrível e forçando-se a focar no advogado que Dimitri contratara. Esperava que o homem tivesse boas notícias para eles. Não via a hora de poder voltar a relaxar, a viver, a ir aos lugares sem sentir aquele medo que a paralisava.

De volta à realidade, Scarlet observou Dimitri abrir o cinto de segurança com gestos elegantes e lentos. Ela amava suas mãos. Eram grandes, firmes e possuíam dedos longos. Seu corpo esquentou só de recordar as sensações prazerosas que aquelas mãos eram capazes de proporcionar.

Um arrepio percorreu sua espinha quando ele se debruçou e desprendeu seu cinto, o dorso da mão resvalando nos mamilos, que reagiram ao toque de imediato, ficando salientes e visíveis sob a blusinha sem mangas de seda vermelha.

— Eu preferia não ter uma reunião que poderá levar o resto da tarde — reclamou Dimitri, aproximando a boca da dela. Scarlet ofegou e levantou a

mão, fechando os dedos no colarinho da camisa dele e puxando-o mais para si.

Dimitri se deixou levar. Com um sorriso devasso e com a pontinha da língua, Scarlet deu uma lambida lenta e sedutora em sua boca. Um rugido baixo escapou dos lábios masculinos e a mão direita subiu e abarcou a garganta dela, elevando seu rosto e fazendo-a arfar alto. Ele riu, a expressão se tornando obscena.

— Mas como costumam dizer por aí, o melhor da festa é esperar por ela. — Dimitri mordiscou o canto da boca carnuda de Scarlet, subindo para a maçã do rosto, onde depositou uma mordidinha sexy.

— Minha nossa... — sussurrou ela, remexendo-se no assento ao sentir o pequeno e sensível órgão entre as pernas começar a pulsar.

Ciente da agitação que causava nela, Dimitri deu uma risadinha rouca e se afastou; em segundos, ele desceu do carro, no que Scarlet o imitou.

Do lado de fora, ele tomou a mão dela na sua e os dois passaram pela porta dupla de vidro fumê. No interior do prédio, ambos se aproximaram da recepção.

— Em que posso ajudá-los? — indagou a recepcionista, com um sorriso.

Após retribuir-lhe o gesto, Dimitri respondeu:

— Meu nome é Dimitri Ulinov e esta é Scarlet Pires. Temos uma reunião marcada às duas com o doutor Fernando Borges.

— Certo. O doutor Borges me avisou que viriam e já os está aguardando. — A jovem levantou-se e deu a volta no balcão. — Por aqui, por favor — chamou, indicando o caminho.

Dimitri e Scarlet a seguiram por um corredor largo. A recepcionista parou diante de uma das portas, deu duas batidinhas na madeira e a abriu logo em seguida. Enquanto anunciava a presença dos clientes, afastava-se e lhes dava espaço para que entrassem na sala ampla e arejada.

Imediatamente, o homem robusto de meia-idade levantou-se e voltou-se para o casal, e com um gesto de mão, indicou as duas confortáveis poltronas revestidas de couro marrom, dispostas à frente da imensa escrivaninha de mogno.

— Vocês gostariam de tomar algo? Uma água ou um café? — indagou, vendo os dois se acomodarem.

— Estamos bem. Obrigado — recusou Dimitri, após consultar Scarlet

com os olhos.

— Por enquanto é só. Obrigado, Lúcia — o advogado agradeceu e esperou a porta ser fechada atrás da recepcionista, só então entrou no assunto que levava seus clientes até ali.

Depois de permanecerem reunidos com o doutor Borges e um dos dois sócios do escritório por pouco mais de duas horas, Dimitri e Scarlet deixaram o prédio e agora seguiam num silêncio confortável dentro do Mercedes, sendo acompanhados pela dupla de guarda-costas em uma Tucson preta.

Pensativa, Scarlet olhava pela janela, observando o trânsito pesado de São Paulo naquele fim de tarde. A conversa com o advogado tinha sido promissora. Ele já tinha pronta a peça onde fazia a explanação do ocorrido no cemitério, apresentava os argumentos que justificavam o pedido para que as regalias de Rodney fossem limitadas ao máximo, ou até mesmo cortadas, e também constava a solicitação de transferência do detento para um presídio de maior segurança. Juntava-se a mesma os laudos e depoimentos pertinentes.

A previsão era dar entrada no processo naquela mesma semana, contudo, o doutor Borges fez questão de deixar claro que se tratava de algo demorado, devido aos trâmites e à morosidade da justiça, mas garantiu que faria o possível para adiantar o andamento do caso.

O advogado se comprometeu em mantê-los a par dos acontecimentos e avisá-los com antecedência se haveria a necessidade da presença de ambos na audiência ou se só a procuração que lhes tinham dado seria suficiente para representá-los.

Já era noite quando voltaram para o apartamento, pois haviam parado para jantar em um restaurante luxuoso no Shopping Morumbi, do qual Dimitri conhecia e gostava, mas que Scarlet nunca tivera a oportunidade de frequentar, pois os preços cobrados estavam muito acima de suas posses.

— Dolores, por favor, prepare o meu quarto. Depois você já pode se recolher — disse Dimitri para a empregada.

— É claro, senhor Dimitri. Farei isso agora mesmo.

Quando a mulher saiu, ele alçou uma sobrancelha e olhou com carinho para Scarlet.

— Esta noite, eu vou te colocar na cama.

— Me colocar na cama? — repetiu ela, os olhos brilhando de ansiedade.

— Isso mesmo. — Dimitri a pegou no colo e Scarlet suspirou,

encostando a cabeça em seu peito quando ele começou a andar na direção do quarto.

Após afogar os travesseiros, ajeitar os lençóis e dobrar o edredom, Dolores saiu do quarto a tempo de cruzar com os dois pelo corredor. Dimitri acenou para ela e sumiu no interior do aposento.

Cruzando o cômodo, ele colocou sua preciosa carga suavemente na cama. Não podia negar a satisfação que sentia por ela estar em seu quarto, acomodada em sua cama.

— Obrigada, meu amor — sussurrou Scarlet, segurando-lhe o rosto pelos dois lados e beijando de leve seus lábios. — Você não vai ficar e me fazer companhia? — Riu baixinho contra sua boca como uma garotinha travessa, adorando provocá-lo.

Caralho! Dimitri teve que se segurar para não tomá-la naquele exato momento. Respirou profundamente e deslizou o indicador pela face delicada, reprimindo um gemido ao se dar conta de que aquela menina-mulher era capaz de preencher seu mundo inteiro. De repente, a boca dele estava colada na dela, e ela sentiu seu gosto, seu cheiro e sua ereção a pressionando.

Estou louca por esse homem! Scarlet retribuiu o beijo com ânsia. O contato daquela boca e daquele corpo grande junto ao seu lhe causava uma sensação de conforto e excitação irresistível.

Ela é toda gostosa! Enquanto Dimitri a beijava, sua vontade era de reclamá-la e fodê-la, tão duro que toda a lembrança que carregasse com ela fosse apenas a dele. Só dele.

— Dimi... eu só quero deixar de sentir essa dor que estou sentindo agora. Me ajuda a esquecer? — Scarlet pediu em um sussurro, e jogando o cabelo longe do rosto, olhou para ele através dos cílios longos e curvos.

Fitando-a, ele pôde identificar a necessidade dela, mas também havia um quê de tristeza em sua expressão. Segurando seu rosto, Dimitri fez que não com a cabeça.

— Eu não acho que seja uma boa ideia — falou com pesar.

— Não diz isso. — Scarlet pôs os dedos nos lábios dele, a fim de silenciá-lo, e abaixando a cabeça, plantou um beijo quente e úmido no peito largo.

— Descanse, meu anjo — murmurou Dimitri, depositando um beijo suave na testa dela, porém, quando ia se levantar para sair, uma mão delicada o deteve.

— Dimi, não vá... Estou com tanta vontade de fazer amor com você.

— Ainda é cedo, querida. Você passou por um estresse muito grande. Vamos ser cautelosos, está bem?

— Não é cedo — ela retrucou e beijou-o com intensidade e desejo, acariciando seu membro sobre o tecido da calça. — Faz amor comigo.

Diante daquele pedido, Dimitri se esqueceu do pouco autocontrole que ainda possuía e, sem pensar duas vezes, começou a despi-la. Minutos depois, sua respiração se alterou e as pupilas dilataram quando passou os olhos por aquele corpo coberto apenas por uma calcinha fio-dental vermelha.

— Você fica deslumbrante com essa carinha de safada... e me deixa sem palavras cada vez que vejo seu corpo nu — disse ele, com a voz grossa e ligeiramente áspera, subindo na cama e cheirando o pescoço dela.

— Meu ruivo sexy... — Scarlet riu, enlevada diante do seu tom sedutor. Dimitri sabia como usar as palavras de tal forma que inflamava ainda mais sua libido. — Isso é porque você me quer muito — murmurou no seu ouvido, prendendo-se entre os quadris dele.

Suas línguas se entrelaçavam num movimento alucinante, no entanto, pouco tempo depois, Dimitri parou de beijá-la, titubeando em seu desejo de se enterrar dentro dela.

— Scar, você tem certeza disso?

— Ei, olha para mim — pediu ela, passando as mãos pelo peito dele. — Não quero falar sobre nada do que passei nos últimos dias, mas uma coisa eu posso lhe garantir: eu quero muito transar com você!

Dimitri voltou a beijá-la, apaixonadamente. Depois de fechar a porta do quarto e tirar as roupas em tempo recorde, voltou a se aproximar de Scarlet. Livrando-a da tira de seda vermelha, passou a beijar seu corpo com carinho. Agarrou seus quadris e a puxou para junto dele na beirada da cama, caindo de boca em sua intimidade.

Scarlet gemeu alto, e Dimitri ficou ainda mais duro ao sentir o cheiro dela e experimentar seu gosto na língua.

— Isso é tão bom... — ela choramingou baixinho, sentindo o sangue se agitar e os terminais nervosos tencionarem.

— Você me deixa louco! — confessou ele, completamente excitado.

— Dimitri... — Scarlet chamou seu nome enquanto era preenchida por uma sensação de prazer surpreendente e deliciosa.

— Eu sei o quanto você adora isso — Dimitri declarou e continuou a manipular e chupar o clitóris dela, com a destreza de um homem que sabia o

que estava fazendo.

Não demorou muito para Scarlet enfiar os dedos nos cabelos dele, o corpo ondulando e convulsionando sobre o colchão num orgasmo intenso e inebriante. Ela ainda ofegava quando Dimitri afastou-se para pegar uma camisinha na gaveta da mesinha de cabeceira, revestir o pau ereto, posicionar-se e deslizar para dentro dela, os dois gemendo ao mesmo tempo com o contato íntimo.

— Você é tão gostosa, ainda mais quando está assim, toda excitada e escorregadia para mim — rosnou ele, alucinado de tesão. Unindo seus pulsos e prendendo-os com uma das mãos, Dimitri ergueu seus braços acima da cabeça e passou a entrar e sair lentamente de dentro dela, que gemeu quando ele disse baixinho em seu ouvido: — Estamos fazendo amor, Scar, só que a sensação é mil vezes melhor, porque eu sei que você é só minha.

— Sim... eu sou sua... — repetiu Scarlet, a respiração entrecortada. — Eu te amo, Dimi... — confessou, com a voz embargada e incapaz de ocultar por mais tempo o que realmente sentia por ele.

Dimitri libertou seus pulsos e, enlaçando-a pela cintura, elevou sua pélvis e bombeou o pau rijo cada vez mais fundo e com mais força para dentro dela.

Scarlet chegou ao clímax novamente, apertando os músculos da vagina em torno do membro dele e enfiando as unhas em suas costas. Não demorou muito e Dimitri a acompanhou no gozo, gemendo alto e roucamente. Recuperando o fôlego, ele levantou a cabeça e sorriu, porém, enrugou a testa quando notou que ela tinha os olhos marejados.

— O que houve? Eu a machuquei? — perguntou, angustiado.

— Não. De jeito nenhum. Foi incrível! — Scarlet respondeu, emocionada.

— Então, por que está chorando? — Dimitri puxou-a para junto de seu corpo.

— Eu estou bem. Não se preocupe comigo — garantiu ela, aninhando-se mais a ele.



Sentado no sofá da sala, Dimitri estava distraído e mergulhado em seus pensamentos enquanto aguardava a chegada de Alberto. Havia despertado com o toque do seu celular, e quando viu na tela que era o diretor artístico que o chamava, respondeu pedindo que esperasse um minuto. Ainda

um pouco sonolento, desceu da cama e vestiu-se rapidamente, procurando não fazer muito barulho, pois não queria acordá-la.

Quando voltou à linha, já na sala, o amigo pediu para vê-lo ainda naquela noite, pois tinha um assunto importante a tratar com ele e precisava que a conversa fosse pessoalmente. Notando sua hesitação, Alberto argumentou que não teriam outra oportunidade para se falarem tão cedo, já que aquela seria a última noite do músico na cidade, ao menos até o fim da turnê, e garantiu que o que tinha para lhe dizer não tomaria muito tempo.

Convencido, Dimitri capitulou e aceitou recebê-lo. Inquieto, olhou para o relógio em seu pulso. Estava curioso para saber que assunto tão urgente era aquele que Alberto tinha para tratar com ele, e era bom que a visita não demorasse mesmo, pois o que queria era voltar para a cama e sentir o corpo quente de Scarlet novamente junto ao seu. Ela havia lhe confessado o seu amor e algo o impedira de fazer o mesmo. Mas será que ela não dissera aquilo por conta do calor do momento?

O toque repentino da campainha tirou-o dos seus devaneios, impedindo de concluir o pensamento. Suspirando, ele andou até a porta, mas quando a abriu, não foi capaz de evitar arregalar os olhos em absoluta descrença e surpresa.

Helena? O que ela está fazendo aqui?, perguntou-se ao dar de cara com a mulher que um dia havia sido sua namorada, seguindo-a com o olhar estupefato enquanto ela passava por ele e desfilava para dentro de seu apartamento, parando ao lado da mesinha de centro.

— Boa noite, Dimitri. Eu...

— O que faz aqui, Helena? — Dimitri cortou-a bruscamente, e antes de lhe dar tempo para responder, voltou-se para o diretor artístico, a fúria indisfarçável estampada no rosto. — Mas que diabos significa isso, Alberto? Por que não me avisou que traria a sua irmã com você?

Capítulo 18

Frente à reação negativa de Dimitri à sua presença, Helena adiantou-se, disposta a defender o irmão.

— Não fica bravo com ele, a culpa foi minha, Dimitri. Eu pedi para o Alberto não dizer nada. Olha, me desculpe, é que fiquei tão empolgada quando soube que você estava no Brasil que tudo o mais sumiu da minha cabeça — explicou e fez uma pausa, porém emendou: — Será que podemos conversar a sós por alguns minutos?

— Vamos até o meu escritório — sugeriu Dimitri, e embora não confiasse nem um pouco na mulher, preferia conversar em um lugar mais reservado, pois, assim, evitaria que alguém mais ouvisse o que ela tinha a dizer.

Com um sinal, Helena pediu que Alberto permanecesse na sala. O diretor artístico lançou um olhar incerto para os dois, hesitando em deixá-los sozinhos, e apenas concordou quando um Dimitri sério fez um gesto afirmativo com a cabeça.

Um minuto depois, adentravam o escritório. Sem lhe dar chance de dizer algo, Dimitri foi direto, pois sua intenção era permanecer na companhia da ex o mínimo de tempo possível.

— Agora que estamos sozinhos, eu quero uma resposta para a minha pergunta: por que você está aqui, Helena? — exigiu ele, num tom imperativo.

— Não é óbvio? No instante em que soube que estava em São Paulo, eu quis muito te ver e falar com você — Helena repetiu com voz macia, dando um passo à frente e esticando a mão a fim de tocá-lo na face, contudo, Dimitri desviou o rosto a tempo de evitar o contato com os dedos dela, que apenas resvalaram em alguns fios de sua barba.

— Eu pensei que você estivesse nos Estados Unidos... com o seu maestro. — Sua voz saiu rasgada enquanto ele se afastava de Helena e rodeava a escrivaninha, acomodando-se na cadeira de couro atrás dela.

— Silvano e eu, bem, nós não estamos mais juntos. Eu vim passar um tempo no Brasil e esfriar a cabeça. Estive sob estresse por vários meses; concertos, viagens... Você sabe como é. Enfim, cheguei há pouco mais de uma semana, e o Alberto e eu almoçávamos juntos quando ele contou sobre você. Estávamos naquele restaurante francês que adorávamos ir. Lembra? O *Ruella Bistrô*, da João Cachoeira?

— E por que você queria me ver? — indagou Dimitri, incisivo e

reprimindo, de propósito, as lembranças que as palavras dela evocavam. — Não foi suficiente tudo o que você me fez?

— Achei que poderíamos, ao menos, ser amigáveis um com o outro. Não podemos?

Dimitri levantou uma sobrancelha cética para ela, e após cruzar os braços sobre o tampo da mesa, falou, mal contendo a irritação:

— Não, não podemos! Depois do que houve, eu te cortei da minha vida. Deixei bem claro que eu não queria saber mais nada sobre você!

Helena suspirou, balançou a cabeça e alisou a saia muito justa.

— Não fala assim. Eu me arrependi muito, Dimi... Por favor...

— Dimitri! O meu nome é Dimitri! — ele a cortou com dentes cerrados. — Que parte de “*eu não quero mais saber*” você não entendeu? Eu não quis, não quero, e jamais vou querer ter absolutamente nada a ver com você, estamos entendidos? — concluiu, esperando que a mulher se tocasse e saísse logo de sua casa.

Diante da resposta agressiva e expressão furiosa, Helena empalideceu.

— Pensei que poderíamos deixar o passado para trás e tentar de novo.

Sem acreditar que ela tivesse feito uma proposta tão descabida como aquela, Dimitri a encarou.

— Pois se enganou redondamente! Você só pode estar louca por pensar uma coisa dessas. Eu não me esqueci de como me usou para obter fama e sucesso, de como se aproveitou dos meus sentimentos para se tornar conhecida no nosso meio, e quando encontrou alguém com mais prestígio e dinheiro, me deixou para ficar com ele. Levou um bom tempo para eu superar o que aconteceu e seguir adiante, admito, mas fui persistente e consegui! Não sou mais aquele idiota apaixonado que você manipulava como bem entendia. Eu jamais aceitaria voltar com você!

Assustada com tamanha intensidade, Helena recuou um passo.

— E por que não? Não é tão estranho assim. Casais se separam e reatam todos os dias. As pessoas se enganam, cometem erros. Eu admito que errei em trocá-lo pelo Silvano, vocês dois são tão diferentes... — argumentou em tom de defesa. — Eu juro que tentei, mas não consegui te esquecer — arrematou, o rosto afogueado.

Percebendo que o rumo da conversa não o agradava em nada, Dimitri resolveu que era o momento de dar um basta:

— Acho melhor nós pararmos por aqui. No que me diz respeito, esse

assunto está morto e enterrado, e se era só isso o que você tinha para me dizer, já pode ir embora. Tenho um voo internacional para pegar logo cedo amanhã.

— Antes de ir, posso perguntar uma coisa? — inquiriu ela, o rosto antes tenso, tornando-se um pouco mais suave.

— Duas coisas, você quer dizer. Acaba de me fazer uma pergunta — apontou Dimitri.

Apoiando as mãos espalmadas sobre a mesa, Helena olhou diretamente para ele, e inclinando o tronco para frente, murmurou:

— Eu sempre amei esse seu jeito sagaz e essa sua inteligência.

Desconfortável com a maneira que seus olhos brilhavam para ele enquanto ela falava, Dimitri remexeu-se no assento.

— Faça a porra da pergunta! — pressionou-a, a paciência por um fio.

— A pianista que te acompanha... Scarlet, este é o nome dela, estou certa?

Dimitri rosnou, impaciente.

— Vai direto ao ponto ou cai fora!

Helena levantou as mãos, apaziguadora.

— Está bem. Calma. Não precisa ficar tão irritado — disse e sorriu da explosão dele. — Eu andei lendo algumas coisas que saíram na mídia... sobre vocês dois... É por causa dela que você não quer reatar comigo? — perguntou, seu rosto ficando sério.

O quê? Dimitri franziu a testa, começando a ficar puto. *Quem ela pensa que é para se meter na minha vida?*

— Isso não é da sua conta, e, por favor, deixe a Scarlet fora disso — cuspiu, cada vez mais irritado. — E pode parar com esse teatrinho, você sabe muito bem quais foram as razões da nossa separação, no entanto, vou acrescentar algo que na época não pude, porque eu ainda nutria algum sentimento por você. Apenas para deixar as coisas ainda mais claras: por você, Helena, eu não sinto absolutamente nada! Ou melhor, sinto, sim. Sinto pena, asco e desprezo!

Helena contorceu o rosto ao tentar absorver o impacto daquelas palavras duras, porém lutou bravamente, a fim de não demonstrar o quanto havia sido atingida, e logrou se esconder atrás de uma máscara de falsa tranquilidade.

— Eu te conheço, Dimitri, e sei o que te deixa louco — disse, sem se

importar em disfarçar a satisfação no tom da voz e na expressão de seu rosto. — Conheço todos os seus gostos — completou, falando baixinho: — Cada um deles!

— Você deve sair. Agora! — gritou Dimitri, dispensando-a.

— Eu torço para que esse encantamento todo que você está sentindo por essa... *garota*... possa ser suficiente — continuou Helena, como se Dimitri não a tivesse mandado ir embora. — Quando passar, vai ver que sou eu a mulher certa para você, a que sabe o que você precisa e que não está tendo.

Aquela foi a gota d'água que fez tudo transbordar dentro dele. Dimitri olhou para a ex com uma raiva pura, cristalina, as narinas expandidas como as de um touro bravo.

— E quem disse que eu não estou tendo o que preciso? — falou baixo, encarando-a com frieza. — Eu só necessito dela, e sabe por quê? — cuspiu a pergunta, mas sem titubear, emendou a resposta: — Porque eu a amo, porra! Scarlet é a mulher que eu amo, mais que tudo nessa vida!

Helena ofegou com sua declaração veemente e deixou o semblante cair ao perceber o quanto ele estava enfurecido.

— Tudo bem, tudo bem. Entendi. Desculpe-me. Eu só pensei que ainda teríamos uma chance de continuarmos de onde paramos, de termos de volta aquelas noites de sexo sujo, intenso e suado. Você me conhece, sabe que eu não tenho certos pudores sociais — falou em tom suave e persuasivo.

Dimitri estreitou os olhos e trincou o maxilar, sentindo que estava a um passo de se levantar, pegar a descarada pelo braço e arrastá-la para fora do seu apartamento, porém, antes que pudesse transformar desejo em ação, a porta do escritório foi aberta e Alberto passou por ela.

— O que está acontecendo? Desse jeito, vocês vão acordar o prédio inteiro! Helena, você implorou para que eu a trouxesse comigo, mas me prometeu que se comportaria. — E dirigindo-se a Dimitri: — Peço desculpas, se eu soubesse que o que ela queria mesmo era brigar, eu não teria me deixado convencer.

Mesmo que Alberto demonstrasse um constrangimento genuíno diante do comportamento patético da irmã, Dimitri não suavizou o que diria a seguir:

— Só que você a trouxe, não me disse nada, ademais, inventou que precisava falar pessoalmente comigo. Eu considero isso uma traição, e agora eu quero que, tanto você quanto ela, deem o fora daqui! — exclamou, exaltado.

Alberto se encolheu frente ao ataque verbal, contudo, nem tentou se defender, afinal, Dimitri estava certo no que dizia.

Do outro lado do apartamento, Scarlet despertou com o som das vozes alteradas. Curiosa para saber o que acontecia e estranhando o fato de estar sozinha no quarto, escorregou para fora da cama e se vestiu. Com passos leves, andou na direção das vozes e acabou por entrar na sala, onde se deparou com o senhor Alberto, uma mulher desconhecida e o seu amado.

Os três se dirigiam para a porta, quando a mulher girou o corpo esguio, esticou um braço e tentou tocar o peito de Dimitri. Mas ele esquivou-se, frustrando a intenção dela, que sorriu de leve, como se considerasse aquele recuo algo divertido e engraçado.

Enciumada, Scarlet permaneceu onde estava, analisando a loira bonita devorando explicitamente Dimitri com os olhos. De repente, sua presença foi notada e um par de olhos azuis glaciais pousaram sobre ela, o que a fez engolir em seco. Viu a desconhecida passar pelo vão entre os dois homens, aproximar-se dela e medi-la dos pés à cabeça, sempre mantendo aquele sorrisinho desdenhoso nos lábios pintados de um vermelho vivo.

Cruzando os braços sobre o peito, perguntou:

— Quem é essa mulher, Dimitri?

Ao ouvir a voz dela, Dimitri se virou, porém, antes que tivesse a chance de responder, Helena se adiantou.

— Olha quem se dignou a aparecer... a Bela Adormecida em pessoa! Só que em uma versão... digamos que... — Helena fez uma pausa proposital e logo continuou: — Mais escura! Eu vou me apresentar, porque sei que o Dimitri não fará isso. Sou Helena Garcia, a ex-namorada dele. E você é a Scarlet, a conquista da vez, certo? Vou te dar um conselho, e de graça: aproveita bastante, viu, queridinha? Aproveita enquanto pode, porque ele vai usar e abusar de você, e depois, quando se cansar, vai te dar um pé na bunda. Essa cara de bom moço é só fachada. Na verdade, Dimitri Ulinov não passa de um cafajeste de primeira. Conta para ela, querido — provocou ela, em tom cínico e ofensivo. — Conta como você me obrigou a tirar o bebê que eu esperava.

Fora de controle, Dimitri pegou Helena pelo braço e arrastou-a com ele.

— Eu espero nunca mais ter o desprazer de colocar os meus olhos sobre você! — Nervoso, ele se voltou para um Alberto paralisado, totalmente sem ação, e acrescentou: — Se eu fosse você, como irmão mais velho, interditaria essa maluca e a internaria em um manicômio. Está na cara que a

sua irmã precisa da ajuda de um psiquiatra! — Esbravejava enquanto a puxava com uma mão e abria a porta com a outra.

— Ai, me solta, seu troglodita! Brutamontes! Viu só como ele é? Está vendo como ele trata as mulheres? Ele é um mentiroso! Não se deixe enganar, Scarlet! — acusou Helena, tratando de se desvencilhar do aperto dos dedos de Dimitri enquanto era empurrada para fora do apartamento.

— Dimi?! — o grito de Scarlet chamou a atenção dos três. — Por favor, solte-a — pediu, estremecendo diante da evidente tensão que caíra no ambiente

Por conta da expressão dura de Scarlet e ciente de que poderia ter passado um pouco dos limites, Dimitri largou Helena e empurrou-a para longe. A violinista parou do lado do sofá, passando a esfregar o braço, fulminando-o com o olhar.

Visivelmente alterado, ele encostou a cabeça na madeira da porta e, de olhos fechados, inspirou forte e profundamente, permanecendo ali enquanto ia se acalmando aos poucos.

— Scar, está tarde e o dia foi muito longo para nós dois. Helena e Alberto já estavam de saída. Podemos conversar amanhã, está bem? — pediu, ainda controlando a respiração.

Scarlet nunca o vira tão transtornado. Levou o olhar até ele, que permanecia na mesma posição, e sinalou negativamente com a cabeça. Eles teriam aquela conversa naquele momento, nem que ela tivesse que obrigá-lo a isso. Sabia que não ficaria sossegada ou conseguiria dormir sem obter a resposta para a dúvida que a afligia.

— O que ela acabou de dizer, sobre ter engravidado e abortado o bebê, é verdade? — Scarlet prendeu a respiração, aqueles poucos segundos que antecederiam a resposta lhe parecendo os mais longos de sua vida. Seu coração estava tão acelerado que ela podia jurar que o órgão tinha pulado uma batida.

Olhando-a, Dimitri soltou um suspiro cansado, abaixou os braços em uma postura derrotada e murmurou:

— Sim, é verdade.

Capítulo 19

Diante da confirmação de Dimitri e obedecendo ao seu instinto, Scarlet deu um passo para trás, colocando uma certa distância entre eles. O que sentia era nada além de uma dor quase física esmagando seu peito. Se Helena dizia a verdade sobre um assunto tão sério e delicado como aquele, estaria ela falando a verdade sobre tudo o mais?

— Era sobre isso que vocês discutiam? Sobre o bebê que não tiveram?

— Não exatamente.

Alberto retornou ao interior do apartamento.

— Dimitri, temos que esclarecer esse assunto de uma vez. Eu só concordei em trazer a Helena comigo porque ela me contou o que realmente aconteceu entre os dois e insistiu que precisava conversar com você, pois ainda tinham assuntos em aberto, e como a relação de vocês acabou mal, ela achou que você não a receberia caso viesse sozinha — explicou enquanto fechava a porta atrás de si.

Dimitri estreitou os olhos e encarou Helena.

— O que você andou falando para ele?

Helena levantou o queixo, fitando-o com cinismo.

— O que eu poderia falar, além da verdade? — respondeu com uma pergunta, procurando ganhar tempo.

Ameaçador, Dimitri deu um passo em sua direção.

— E que verdade seria essa?

Helena encolheu-se, e diante da hesitação da irmã, Alberto resolveu que ele mesmo daria a resposta que Dimitri exigia.

— A Helena me disse que vocês se separaram quando você exigiu que ela abortasse a criança, o que ela se recusou terminantemente a fazer. Mas depois de algumas semanas, por causa do estresse e da pressão, ela acabou perdendo o bebê.

A fúria de Dimitri não tinha tamanho quando ele voltou a encarar a loira do outro lado da sala.

— Como você pode ter dito uma coisa dessas para o seu irmão?

Helena deu de ombros.

— Mas foi isso mesmo o que aconteceu, Dimitri! Eu só disse a

verdade — repetiu.

— Dimitri, a Helena me disse que ficou grávida de você, mas que você justificou o aborto dizendo que não queria ser pai, que era muito cedo, por causa da carreira dos dois, e a deixou quando ela se recusou a tirar o bebê. Vai negar que não foi isso o que aconteceu? Caralho, o que ela diz é verdade ou não?

— Em parte, sim — respondeu Dimitri, com raiva.

— Que parte?

— A da gravidez.

Perdendo o controle, Alberto partiu para cima de Dimitri, mas devido à sua alta estatura e força física, não teve muita dificuldade em deter o homem bem mais baixo e franzino.

— Então você admite que fez isso, seu desgraçado?!

— Espera aí, eu não estou admitindo nada! Eu só disse que sim, sua irmã ficou grávida.

— Então...?

— Eu conto ou você conta, Helena?

Ela sugou o ar, ficando vermelha como um pimentão, e puxou o irmão pelo braço.

— E-eu não tenho mais nada a dizer — gaguejou. — Vamos embora daqui, Alberto.

— Ah, não! Você não vai embora daqui coisa nenhuma! Já que começou, agora vamos até o fim! — afirmou Dimitri.

Sem alternativa, Helena parou onde estava, bufando quando ouviu Dimitri começar a falar.

— Eu soube da gravidez da sua irmã por acaso. Estava procurando uns papéis em uma gaveta quando vi o exame. Eu o abri e, nossa, fiquei sem fala, emocionado, então me perguntei o motivo de ela não ter me falado nada, pois a data que constava no exame era de um mês antes. Achei que ela não tinha me contado porque estava esperando o momento certo e deixei isso de lado. Coloquei o ultrassom de volta no lugar e saí do quarto. Diante da situação, não vi razão para não nos casarmos, então resolvi que iria pedi-la em casamento. Eu queria contar para a minha família, mas, antes, comprei um anel para oficializar o noivado, mas na noite em que eu pretendia fazer o pedido, a Helena simplesmente desapareceu.

Sem conseguir se conter, Helena o cortou, com intuito de se defender:

— Está mentindo, Dimitri! Não acredite em nada que ele diz, Alberto!

— Como eu ia dizendo — continuou Dimitri, como se não houvesse sido interrompido. — Sua irmã não deixou nem um recado, um bilhete ou uma mensagem. Não entendi nada e comecei a procurá-la feito um louco. Como eu estava em turnê, só consegui localizá-la várias semanas depois, em Mallorca. Vi a surpresa em seu rosto, deixando claro que não esperava que eu a encontrasse ali. Eu tentei dissuadi-la, fazê-la voltar à razão, mas ela falou que nada que eu dissesse a faria regressar comigo, então eu fiz questão de frisar que não ia desistir do meu filho. Foi nesse momento que a Helena jogou na minha cara que não havia mais filho nenhum, pois o tinha abortado, e fizera isso por exigência do Salvatierra, já que o grande e renomado maestro possuía dois filhos adultos de um casamento anterior e não pretendia ficar com uma mulher grávida de outro.

— O maestro Silvano Salvatierra? — indagou Alberto.

— Ele mesmo — confirmou Dimitri, tenso e incomodado. — Eu preferia não estar contando tudo isso, mas a sua irmã não me deu escolha.

— Eu não posso acreditar nisso... Helena, o que você foi capaz de fazer? O que os nossos pais vão pensar sobre isso? Você nem pensou neles...

Zangada, Helena deu dois passos e parou na frente do irmão.

— Você está acreditando em quem não é nada seu e duvidando de mim, que sou sua irmã? — indagou, fazendo-se de vítima.

Dimitri, no entanto, não tinha terminado...

— Eu não acreditei no que a Helena me disse, pelo menos não em um primeiro momento. Achei que ela tivesse mentido para que eu não brigasse pela custódia do bebê, por isso contratei um detetive e o coloquei atrás dela. Um mês depois, ele retornou com um dossiê completo. Se você quiser, Alberto, eu posso te dizer quando foi e dar os nomes da clínica e do médico que fez o procedimento — concluiu, implacável.

Alberto encontrava-se tão pálido e aturdido que Dimitri temeu que o homem passasse mal a qualquer momento.

— E como eu posso saber que tudo isso é verdade, que você não está inventando? — duvidou Alberto, não querendo acreditar na acusação de Dimitri contra a irmã caçula. Como Helena havia conseguido ocultar toda aquela sujeirada, tanto dele como dos pais de ambos?

— Acreditar em mim ou não, isso é com você, Alberto. Mas que razão eu teria para mentir ou inventar essa história toda? E ainda dizer que tenho

um dossiê que prova justamente tudo o que estou te falando? Ao contrário da sua querida irmãzinha, eu queria ficar com o bebê. — Dirigindo o olhar para Helena, Dimitri sorriu. Devido às circunstâncias, certamente não era o mais apropriado a se fazer, contudo, ele não conseguiu evitar.

Desmascarada, Helena parecia ser capaz de atacá-lo a qualquer instante. Seus olhos azuis soltavam chispas e as mãos estavam crispadas, desejando esganá-lo. Dito e feito.

— Seu desgraçado! — Vermelha de raiva e saindo de onde estava, Helena avançou e partiu para cima de Dimitri.

Quando viu sua mão se erguer para tentar esbofeteá-lo e arrancar o sorriso do seu rosto, Dimitri segurou seu braço no ar e ambos ficaram se encarando.

Sentindo uma raiva absurda da mulher que, além de cometer aquele ato desprezível e horroroso, ainda quis imputá-lo ao Dimitri, Scarlet deu um passo na direção de Helena com a intenção de agarrá-la pelos cabelos, mas foi Alberto que, saindo da letargia em que se encontrava, se meteu entre os dois.

— Basta, Helena! Chega de escândalo! — Seu tom de voz imperativo pegou a violinista de surpresa e a fez parar de imediato. — Depois nos falamos, Dimitri. — De cara fechada e sem dizer mais nada, Alberto pegou a irmã pelo braço e, em questão de segundos, os dois irmãos deixaram o apartamento.

Chocada demais com o que tinha visto e ouvido e sentindo a boca seca, Scarlet foi até a cozinha, tomou um copo de água e ficou ali, empoleirada em uma banqueta por alguns minutos, tentando avaliar a situação. Nos últimos tempos, Dimitri não podia ter sido mais atencioso, cuidadoso e carinhoso com ela. Ao contrário do que a tal Helena afirmara, ele era um homem especial, e disso Scarlet não tinha dúvidas.

Ela o amava com uma loucura que nunca vivera. E tinha confessado o seu amor, entretanto, Dimitri nada dissera. Ele se calara diante de sua declaração espontânea e sincera, e Scarlet não podia negar que esse silêncio a tinha ferido. Respirou fundo a fim de se concentrar. Não queria sentir aquele medo, aquela sensação de incerteza e insegurança, porém, não conseguia evitar. Era difícil admitir, mas as palavras pronunciadas por Helena, somadas às recentes conversas desagradáveis que tivera com a tia, a tinham atingido de uma maneira brutal, e como consequência, feito emergir uma fragilidade até então inédita para ela.

Quando retornou para a sala, olhou para Dimitri em silêncio, sem saber o que dizer. Ele estava de pé, de costas para ela, com as mãos enfiadas nos bolsos dianteiros das calças enquanto olhava o céu escuro e nublado pela

janela aberta. Scarlet observava a rigidez e a tensão de seu corpo, quando, de repente, Dimitri se virou e olhou-a com uma expressão dura. Ela não pôde evitar sentir um frio estranho no estômago, mas, então, ele relaxou a expressão e sorriu.

Scarlet abaixou o rosto e surpreendeu-se ao sentir os dedos dele erguerem o seu queixo. Dimitri a beijou até que ambos ficassem sem fôlego. Enquanto se agarrava a ele em desespero, Scarlet não desejava mais nada, só a boca dele na sua. Os lábios que a princípio se moviam com força, passaram a deixar toques suaves, então Dimitri colou a testa na dela.

Mais tarde, os dois estavam sentados na cama e Dimitri entregava o dossiê para Scarlet.

— Por que quer que eu veja isso? Eu acredito em você — assegurou ela.

— Eu não quero nenhuma sombra de dúvida entre nós.

Chocada demais com o que tinha visto e ouvido e sentindo a boca seca, Scarlet foi até a cozinha, tomou um copo de água e ficou ali, empoleirada em uma banqueta por alguns minutos, tentando avaliar a situação. Respirou fundo a fim de se concentrar. Era difícil admitir, mas as palavras pronunciadas por Helena, somadas às recentes conversas desagradáveis que tivera com a tia, a tinham atingido de uma maneira brutal, e como consequência, feito emergir uma fragilidade até então inédita para ela.

Nos últimos tempos, Dimitri não podia ter sido mais atencioso, cuidadoso e carinhoso com ela. Estivera sempre ao seu lado. Ao contrário do que a tal Helena afirmara, ele era um homem especial, e disso Scarlet não tinha dúvidas. Ela o amava com uma loucura que nunca vivera. Confessara o seu amor, entretanto, Dimitri nada dissera. Ele se calara diante de sua declaração espontânea e sincera, e Scarlet não podia negar que esse silêncio a tinha ferido. Não queria sentir aquele medo, aquela sensação de incerteza e insegurança, porém, não conseguia evitar.

Quando retornou para a sala, olhou para ele em silêncio, sem saber o que dizer. Ele estava de pé, de costas para ela, com as mãos enfiadas nos bolsos dianteiros das calças enquanto olhava o céu escuro e nublado pela janela aberta. Scarlet observava a rigidez e a tensão de seu corpo, quando, de repente, Dimitri se virou e olhou-a com uma expressão dura. Ela não pôde evitar sentir um frio estranho no estômago, mas, então, ele relaxou a expressão e sorriu.

Ela abaixou o rosto e surpreendeu-se ao sentir os dedos dele erguerem o seu queixo. Dimitri a beijou até que ambos ficassem sem fôlego. Enquanto

se agarrava a ele em desespero, Scarlet não desejava mais nada, só a boca dele na sua. Os lábios que a princípio se moviam com força, passaram a deixar toques suaves, então Dimitri colou a testa na dela.

Mais tarde, os dois estavam sentados na cama e Dimitri entregava o dossiê para Scarlet.

— Por que quer que eu veja isso? Eu acredito em você — assegurou ela.

— Eu não quero nenhuma sombra de dúvida entre nós.

Scarlet concordou em ver os documentos.

— Eu sinto muito pelo que houve, Dimi, só não entendi porque você guardou isso — externou, com os papéis em seu colo.

Dimitri suspirou.

— Eu também não sei. Acho que pode ter sido por masoquismo, ou talvez tenha sido para me lembrar do que a Helena fez. E desde aquele dia, prometi a mim mesmo que não permitiria que mais ninguém chegasse tão perto e que eu não seria usado de novo.

— A sua família sabe?

— Não por mim. Eu não consegui contar. Tudo era sórdido e humilhante demais, eu não consegui dividir com mais ninguém — Dimitri passou as mãos em cima dos olhos parecendo cansado e abatido.

Scarlet sentiu o coração apertar ao vê-lo daquele jeito. Já havia notado que o rosto de Dimitri, quase sempre impassível, mostrava as emoções com pequenos gestos, como aquele. Ele teve sua vida assolada por uma situação tão difícil e precisou manter a fachada de que tudo estava bem. Agora, ela conseguia entender os motivos de ele se mostrar, por vezes, contido e fechado, pois aquela era o tipo de situação que poderia, facilmente, arrastar uma pessoa para o fundo do poço, tornando-a descrente e amargurada.

— E você suportou tudo calado e sozinho? Nem o Dennis sabe?

— Não, nem mesmo ele. E como não era do interesse da Helena que mais alguém soubesse, tudo foi feito de uma maneira bem discreta. Ela devia estar com muita raiva de mim para tocar no assunto esta noite.

— É, muita raiva... — murmurou Scarlet, tratando de absorver cada palavra que Dimitri lhe dizia.

— Ela veio até aqui, pois na cabeça fantasiosa dela, achou que teria uma chance de voltarmos, mas ficou furiosa quando eu a rejeitei. Ela não está acostumada, sempre foi a que rejeitava.

Ela o encarou, nervosa e desconfortável.

— As mulheres simplesmente se jogam em cima de você! Primeiro, foi a tal da Jenny, e agora, essa sua ex. — seu tom de voz saiu tenso.

Dimitri achou graça do seu jeitinho ciumento.

— Isso não é verdade, Scar — defendeu-se. — Você se incomodou tanto assim com a Helena?

Irritada, Scarlet cruzou os braços sobre o peito.

— É claro que eu me incomodei. Ela deu em cima de você! Só esse fato já era motivo suficiente para eu enfiar a mão naquela cara cínica dela, agora, imagina como fiquei depois de tudo aquilo que eu ouvi.... Meu Deus! Fez o que fez, mentiu e tentou jogar a culpa em você! Que mau caráter! — explodiu e quando tentou se levantar para sair do quarto, Dimitri a impediu e, colocando ambas as mãos em seus ombros, virou-a para que ela o encarasse.

— A Helena não sabia sobre o detetive e nem que eu tinha um dossiê detalhando tudo. Houve um momento que eu te olhei e você parecia pronta para enfiar os dedos nos olhos dela.

— Eu bem que tentei, mas o Alberto agiu primeiro e tirou a minha chance. Eu fiquei com mais raiva por causa da frustração! — explicou Scarlet, chateada.

— Entendi, mas, mudando de assunto, sabia que você fica ainda mais linda, assim, zangadinha e com ciúmes? — Passando um braço ao redor da cintura estreita dela, ele jogou-a na cama, acompanhando-a na queda.

— Quer parar de me provocar? — indagou Scarlet, e seu lábio inferior salientou-se de maneira petulante, mas a raiva na voz foi substituída pelo mau humor. Sua respiração era curta e rápida.

Dimitri olhou-a com carinho.

— Adoro te provocar, minha gatinha arisca e selvagem — falou devagar e sentiu-a estremecer. — Você não tem motivos para se preocupar com a Helena. Sim, nós tivemos uma história, mas acabou há muito tempo. Eu, assim como você, tenho um passado, e não há um meio de mudar isso.

— É, eu sei... O problema é quando esse passado resolve interferir no presente — admitiu Scarlet.

Dimitri fez um gesto de concordância com a cabeça.

— Existem determinadas situações que não temos como controlar. Fogem de nossas mãos. Como a vinda da Helena aqui hoje. Eu nem mesmo sabia que ela estava na cidade. Na verdade, eu não sei nada a respeito dela há

mais de um ano. Como ela é musicista e nosso mundo não é tão extenso assim, sempre tem uma pessoa ou outra que comenta algo em uma reunião ou festa, mas não me interessa. Da minha parte, não procuro saber sobre sua vida. A Helena faz parte do meu passado, e você, minha pianista linda e briguenta, faz parte do meu presente e do meu futuro. — Sua voz saiu baixa e embargada.

Subitamente, a irritação que ela sentia foi substituída por um misto de alegria e arrependimento. *Ele disse futuro? Foi isso mesmo o que ouvi?*, indagou-se, exultante.

— Eu imagino como o seu reencontro com a Helena, trazendo de volta um passado tão doloroso, deve ter mexido muito com você. — Scarlet sentou-se na cama e olhou para os próprios pés — me sinto até mal por ter sentido ciúmes quando os vi juntos.

— Mexeu sim, não nego, mas não tanto quanto eu pensei e não se preocupe. Eu sei exatamente como você se sentiu. Não deve ter sido muito diferente de como eu me senti quando te vi conversar, tão animadamente, com o *senhor Maravilha*.

Scarlet olhou-o com surpresa.

— Ah, é? Então você está admitindo que ficou com ciúmes do Raul?

Dimitri balançou a cabeça e apressou-se em negar.

— Não foi ciúme! É claro que não! Fui um pouco territorial, admito, mas foi só isso.

— Nada disso! Na minha cartilha, continua sendo ciúmes, Dimi! O que quer dizer que você deve gostar um pouco de mim — concluiu Scarlet, adorando descobrir que havia uma fissura naquela armadura que ele insistia em usar na maior parte do tempo.

Dimitri fingiu ponderar por alguns segundos.

— Hum, tem razão, acho que gosto um pouquinho de você — disse e riu, com a clara intenção de provocá-la.

Scarlet acompanhou-o no riso.

— Eu também gosto de você, mas só esse tiquinho aqui — provocou e uniu o polegar e o indicador, deixando um espaço mínimo entre os dois dedos.

De repente, Dimitri ficou sério.

— Quando discutíamos no escritório, eu falei uma coisa para Helena que, na hora, eu pensei que dizia aquilo para feri-la, mas depois que ela se foi,

eu pensei no que disse e eu sei que não fui leviano. O que falei é a verdade e agora, eu sinto que preciso dizer para você.

Curiosa, Scarlet elevou o corpo, apoiou os cotovelos no colchão e o encarou.

— É algo bom? — indagou e viu Dimitri assentir com um aceno — então, me diz o que é — pediu, mal podendo conter-se, tamanha sua ansiedade.

Ele manteve os olhos dela presos nos dele e fez um carinho na lateral do rosto de Scarlet antes de confessar:

— Eu te amo, Scar. Você é a mulher da minha vida — seu olhar sério varreu o rosto dela, esperando por uma reação à sua declaração.

O coração de Scarlet disparou e sentiu um aperto no peito e, à medida que a pulsação acelerava, mais difícil se tornava oxigenar os pulmões.

— O que você está dizendo? — sussurrou ela.

— Que eu amo você — Dimitri repetiu — é tão difícil assim de acreditar? — Scarlet olhou chocada para ele, ao perceber o real significado das palavras que Dimitri acabara de pronunciar. Limitou-se a encará-lo, incapaz de formular uma resposta — Eu tenho dificuldade de expressar meus sentimentos. Nem mesmo os conhecia, até hoje. Sou péssimo nisso, admito — concluiu, escarnecendo de si mesmo.

— Você me *ama*? — Scarlet ainda estava presa à declaração dele.

— Sim, eu te amo. — Mais uma vez, Dimitri a puxou para si, envolveu-a nos braços e depositou um beijo suave em seus lábios — de verdade — enquanto reafirmava o seu amor, o olhar dele estava carregado de emoção e de uma vulnerabilidade que ela não lembrava de ter visto antes, uma emoção que a fazia sentir-se amada e protegida ao mesmo tempo.

— É que você me pegou de surpresa. Eu também te amo, Dimi — disse ela, olhando fixamente nos olhos dele. Elevou a mão e acariciou seu rosto com as pontas dos dedos, sem poder acreditar que uma pessoa pudesse ser tão feliz.

Satisfeito com o que ouvia, Dimitri começou a rir. Quando esticou os lábios, seu rosto franziu e ruguinhas charmosas se formaram nos cantinhos dos olhos que brilhavam. Então, ele pensou na atitude dela entre seus braços, sempre tão receptiva e apaixonada... Talvez, tivesse sido seu primeiro homem, mas Scarlet fora sua salvação e tê-la ao seu lado, fazia-o sentir-se vivo.

— Hum, será que você tem alguma ideia do que eu quero fazer agora?

Scarlet relaxou e sorriu para ele, com malícia.

— Depois do longo dia que tivemos e que culminou em uma discussão acalorada, eu acho que você quer mesmo é dormir — respondeu, com uma falsa expressão de inocência no rosto bonito, enquanto uma das mãos se imiscuía no vão entre seus corpos, parando ao alcançar o pau dele. Segurando-o, ela passou a acariciá-lo, fazendo movimentos lentos, mas intensificou-os quando sentiu-o começar a enrijecer na sua palma.

— Sua espertinha — Dimitri murmurou e abaixou o rosto, parando a milímetros dos lábios de Scarlet — é óbvio que você sabe, mas, tudo bem, eu digo mesmo assim. O que quero neste momento é me enterrar inteiro dentro de você. O que acha disso?

— O que eu acho? — Scarlet fingiu pensar por uns segundos. — Eu acho que você tem o dom de ler mentes — concluiu, deixando escapar um suspiro. E daquela vez, foi ela que tomou a iniciativa de puxá-lo para um beijo. Dimitri subiu na cama e seu corpo forte, quente e excitado, cobriu o dela.

Capítulo 20

Depois do banho e enquanto esperava Dimitri terminar o dele, Scarlet sentou-se na cama, puxou o notebook, abriu, digitou a senha e entrou no site de busca, mas o ruído da porta do banheiro se abrindo a fez tirar os olhos da tela e um vapor quente mesclado ao cheiro gostoso de sabonete chegou até ela.

Dimitri saiu de lá descalço, com o cabelo úmido preso em um coque, e uma toalha enrolada em torno dos quadris. Ele foi até o armário e pouco depois cruzou o quarto usando apenas uma bermuda. Abriu as portas francesas que davam na sacada e, de olhos fechados, permitiu que o ar fresco da noite tocasse sua pele e preenchesse seus pulmões. Quando se virou, apoiou as mãos no parapeito, e a musculatura rija e desenvolvida do peito e dos braços tatuados chamou atenção de Scarlet, como em todas as vezes que ele a deixava à mostra.

— Perdeu alguma coisa? — indagou ele, e havia um brilho divertido em seus olhos.

Um pouco sem jeito por ter sido flagrada admirando-o abertamente, Scarlet balançou a cabeça e desviou seu foco de cima do corpo de aspecto sólido e harmonioso, mas ficou sem ação quando seus olhos encontraram um sorriso especial, iluminando o resto das feições dele.

Distraída, ela colocou o notebook de lado e umedeceu os lábios, e o gesto impensado fez Dimitri sair de onde estava. Conforme ele caminhava em sua direção, ela se perdia no verde dos olhos dele, os quais nomeou intimamente como *seu mar particular*, e que, dependendo do momento, podia ser revolto, tempestuoso, calmo e sereno. Era fascinante poder vislumbrar tantas emoções refletidas em um único olhar.

— Sabe, pode parecer contraditório, mas, apesar da tristeza pela perda do meu pai, eu me sinto bem. Eu sinto muito a falta dele e vou sentir para sempre, mas sei que seu maior desejo era que eu fosse feliz. Sempre queria o melhor para mim, me incentivava a estudar e correr atrás do meu futuro, e hoje estou fazendo o que nasci para fazer. Parece até que estou vivendo um sonho — murmurou ela, com a voz embargada. Jogou os braços nos ombros dele assim que Dimitri sentou-se ao seu lado na cama. Acariciou seus lábios com a ponta dos dedos e roçou o rosto contra o seu peito. — E agora, eu tenho você, o homem que eu amo.

— Eu entendo você. Aconteceram muitas coisas em um período curto, mas nada como o tempo para amenizar a dor que sente agora — Dimitri

consolou-a, tocando seu rosto. — Eu te amo, Scar. E como o seu pai, eu também quero muito que você seja feliz.

Era simplesmente maravilhoso ter Scarlet daquele jeito, aninhada em seus braços. Era o que Dimitri queria, e não apenas naquele momento, mas para sempre em sua vida. Consequia imaginá-los juntos, ano após ano, com filhos e, quem sabe, um cão deitado no tapete da sala. Seu coração se derretia com a ideia. Não houvera tempo para conversarem sobre o futuro, mas ele sempre soube que quando se casasse, queria ter uns dois filhos, pelo menos. Um casal seria perfeito.

Contudo, era muito cedo para pensar em bebês. Queria poder desfrutar da sua linda mulher um bom tempo antes de pensar em se tornar pai. Ele e Scarlet eram jovens, saudáveis e com um mundo de possibilidades pela frente. A vida seria um pouco agitada com a profissão que tinham, mas seria compensador, no fim das contas. Podia até parecer romântico demais, mas era o que ele desejava, e tudo o que precisava fazer era continuar a ser paciente, para não precipitar o andamento das coisas.

Enquanto se beijavam, as mãos de Scarlet vagavam pelo seu pescoço, peito e abdômen, o que fez sua ereção ficar ainda mais perceptível. Com agilidade, abriu os botões da blusa dela e começou a lambar os seios, rodeando os mamilos intumescidos com a ponta da língua.

Desejando que Dimitri sentisse o mesmo prazer que estava lhe dando, Scarlet roçou os lábios pelo pescoço e pelos ombros fortes, insinuando o corpo sob o dele em um convite silencioso. Com um gemido, ele se afastou apenas o suficiente para se despir e voltou para junto dela, mais do que pronto para amá-la.

O dia amanheceu preguiçoso, e com as janelas fechadas, o quarto escuro ficava convidativo para mais um pouco de sono. Gemendo, Scarlet escorregou para fora da cama e vestiu o robe para cobrir a nudez. Andou até a porta, mas parou no limiar, relutante em sair. Olhou fascinada para o homem adormecido. Dimitri estava esparramado na cama grande, deitado de bruços e com as pernas enroscadas no edredom. O rosto estava voltado para ela, mas coberto pela massa espessa de cabelos ruivos e desgrehados. Um braço descansava sob o travesseiro onde ele apoiava a cabeça, e o outro estava estendido na direção dela. Seus olhos vagaram pelos ombros largos e definidos, desceram pelas costas, passaram pelos quadris estreitos e se detiveram no traseiro pálido e tenso.

Desde a primeira vez deles, ela vinha descobrindo coisas novas, tais como era maravilhoso dormir na companhia do homem que amava e sentir o calor reconfortante que seu corpo oferecia; como as batidas do seu coração a

deixavam apaixonada e o modo como se sentia protegida dos perigos do mundo quando adormecia em seus braços; como o prazer que lhe fora revelado por ele e a maneira como Dimitri a guiava pelos caminhos da sensualidade. De repente, Scarlet arregalou os olhos ao se lembrar do motivo que a levava a sair da cama, em primeiro lugar. Recuando e ainda hesitante, entrou no banheiro.

Cerca de quinze minutos depois da saída dela, Dimitri despertou e foi tendo consciência das coisas aos poucos. Scarlet não estava ao seu lado. Inquieto, percorreu o quarto com o olhar e apurou os ouvidos. Aliviado, escutou o barulho do chuveiro ligado, então desceu da cama e entrou no banheiro.

— Bom dia, minha linda! — exclamou, colocando pasta na escova dental e virando-se para ela.

— Bom dia, meu amor! — Scarlet saudou-o do interior do box, e sem se conter, encarou sua ereção matinal. — Nossa, olhar você excitado e tão bonito desse jeito pela manhã me faz ter umas ideias bem sacanas.

Ele sorriu.

— Nesse caso, eu vou até aí para tomar banho com você.

Scarlet fez que não com a cabeça.

— Eu adoraria ter sua companhia aqui, mas não acho que seria uma boa ideia.

Dimitri acenou, concordando.

— Eu sei — disse com uma careta. — Então, só vou te dar um beijo de bom dia. — Quando a viu hesitar, ele levantou o braço na altura do peito e, mantendo a mão aberta, emendou: — Prometo que não vamos passar disso.

— Tudo bem, pode vir, desde que você cumpra sua promessa. — Scarlet observou Dimitri terminar de escovar os dentes, desligar a torneira e entrar no box.

— Você fica deslumbrante nua e com essa carinha de quem acabou de acordar. — Dimitri puxou-a para si e, segurando-a pelos ombros para mantê-la imóvel, beijou a base do pescoço dela.

— Dimitri, você prometeu! — reclamou Scarlet, esforçando-se para permanecer indiferente aos seus avanços, mas o que sentia por Dimitri tornava a tarefa praticamente impossível.

— Prometi, sim — admitiu, e elevando a cabeça, perguntou: — Como você está se sentindo? Melhor?

— Sim, estou melhor — assegurou Scarlet, mas na verdade seu corpo ainda estava um pouco dolorido. Passara grande parte da noite em claro por causa da maratona de sexo intenso e delicioso com Dimitri, tanto que teve que recorrer à pomada e aos anti-inflamatórios que ele fizera questão de sair para comprar em uma farmácia 24 horas.

Esperava que, com o passar dos dias, acabasse se acostumando com a poderosa sensualidade de Dimitri quando fazia amor com ela. O homem era incansável, possuía uma energia sexual inesgotável. Mas quanto a isso, Scarlet não tinha do que reclamar, já que ele a gastava com ela.

— Quer mesmo que eu fique longe de você?

Scarlet continuou fitando-o nos olhos.

— Neste momento, meu lado prático me diz que sim.

Dimitri olhou cético para ela.

— Relaxa, ainda é cedo — pediu, diminuindo o jato do chuveiro, e no segundo seguinte, ele a erguia do chão. Scarlet prendeu-se aos quadris dele, passou os braços ao redor do seu pescoço e, com um gemido abafado, puxou-o mais para si, correspondendo, com paixão, as exigências daqueles lábios sedentos, as línguas se enroscando num ritmo alucinante.

O beijo e o toque de Dimitri desencadeavam um lado primitivo dela, faziam sua carne vibrar com uma intensidade que não poderia descrever, porque nunca sentira algo assim. Cada nervo de seu corpo ficava em alerta, em expectativa.

— Dimi... por favor... nós vamos nos atrasar. Nosso voo sai às quinze para as onze e são quase oito. Temos que estar no aeroporto uma hora e meia antes do horário, pelo menos.

— Eu adoro sua boca, sabia? — murmurou ele, mordiscando os lábios macios. — É tão sexy...

Scarlet abriu os olhos, surpresa com a excitação que aquilo lhe provocava. Dimitri sorriu, adorando ver cada reação que ela estava tendo, mas não voltou a beijá-la, pois ela tinha razão, não era nem um pouco prudente prosseguir e correr o risco de perderem o avião. Com isso em mente, saiu do box, colocou-a sobre o balcão da pia e se afastou para pegar uma toalha.

— Deixe-me secar você — disse, repuxando os lábios em um meio sorriso, então começou a enxugar os cabelos castanhos dela e fazer o mesmo com os dele em seguida.

Quando terminaram, se encaminharam para os elevadores. Meia hora depois de deixarem o confortável apartamento, com destino ao Aeroporto de

Congonhas, Dimitri permanecia parado no que ele chamava de *o trânsito mais caótico de todo o planeta*. Aquela lentidão e a barulheira dos inúmeros carros, ônibus e motos o deixavam nervoso. Havia meses que não enfrentava um trânsito tão pesado como aquele. Estava mesmo desacostumado.

Olhando pelo espelho retrovisor, ele viu que o Tucson com os seguros estava parado logo atrás deles. Suspirou e resolveu ligar o rádio, em segundos, os acordes de *Ó Fortuna*, de Carl Off, preencheram o interior do carro. Deixou o olhar se desviar da avenida para pousar em Scarlet brevemente, percorrendo-a, enquanto ela mantinha o olhar perdido em algum ponto além da janela. Quando notou que a olhava, ela virou-se, inclinou a cabeça na sua direção e sorriu para ele.

— Você está bem? — Dimitri indagou e puxou seu queixo para que ela pudesse encontrar seus olhos.

— Sim, estou — Scarlet respondeu baixinho, aproximando-se e apoiando a cabeça no ombro dele. — E você?

— Estou um pouco apreensivo. Desde o dia que você me contou o que o Rodney foi capaz de fazer, culminando naquele quase sequestro, eu não paro de pensar na sua segurança.

Um brilho de emoção surgiu nos olhos de Scarlet, que tocou o rosto dele com carinho.

— Vai ficar tudo bem, Dimi. Tudo o que nós podíamos fazer... já foi feito, agora precisamos esperar a justiça fazer a parte dela.

— Eu sei, o problema é que a justiça é lenta, e essa espera me deixa um pouco angustiado. Mas sei também que vou ter que controlar a ansiedade. — Dimitri apertou a mão dela de leve. — Você é especial demais para mim, Scar, e não vou deixar que nada de ruim te aconteça. Não vou permitir que nada fique em nosso caminho — disse com sinceridade.

Dimitri sabia que estava sendo superprotetor, mas o fato de a situação estar indefinida e ainda oferecer perigo para ela fazia com que o medo pairasse sobre eles como uma sombra escura e permanente. Scarlet lhe pertencia, e ele estava determinado a protegê-la, custasse o que custasse.

— Eu sei disso e me sinto segura ao seu lado. — Scarlet abaixou o olhar, ficando pensativa de repente.

— Tem algo mais te incomodando — afirmou Dimitri, unindo as sobrancelhas.

— Não é nada. É só uma dúvida minha.

— Quer me dizer do que se trata? — ele insistiu.

Um pouco apreensiva, Scarlet engoliu a saliva e perguntou:

— Nós vamos assumir que estamos juntos? Quero dizer, publicamente?

Dimitri plantou um beijo suave nos dedos finos e delicados da mão que segurava.

— Não precisamos fazer isso, se você não quiser, mas acho que devemos uma satisfação à nossa família. E, quem sabe, para os amigos mais próximos. O que você acha?

— Eu concordo. Vamos assumir para a nossa família e amigos mais chegados. No meu caso, neste momento, eu só contaria para a minha mãe e para a Emma, mas a dona Laura meio que já sabe sobre nós dois, então... — Scarlet moveu os ombros e mordeu o lábio inferior. — Mas só para constar, o que eu queria mesmo era gritar para o mundo inteiro que Scarlet Pires ama Dimitri Ulinov! — disse e riu alto.

Dimitri acompanhou-a no riso por alguns instantes.

— E quanto ao pessoal que acompanha o Duo, talvez nem vamos precisar falar nada, ao menos por enquanto. De qualquer maneira, eles nos juntaram desde o nosso primeiro dueto — lembrou e fez um trejeito divertido com a boca.

Nesse momento, o trânsito voltou a andar. Colocando o Mercedes em movimento, Dimitri seguiu o fluxo de carros na direção do aeroporto.

Capítulo 21

Poucos minutos antes do embarque, Dimitri ligou para o irmão a fim de avisar que ele e Scarlet estavam retornando para Madrid. De imediato, Dennis se prontificou a pegá-los no aeroporto. Dimitri agradeceu, mas recusou a oferta, afirmando que já tinha transporte para o hotel.

A filial espanhola da *GraSar Personal Security*, empresa de segurança que contratara, tinha enviado um e-mail informando que havia disponibilizado um automóvel e informara os dados pessoais da dupla de guarda-costas que ficaria responsável por escoltá-los enquanto estivessem em turnê pela Europa, contudo, Dimitri preferiu omitir essa parte do irmão, já que considerou que seria melhor contar o que tinha acontecido com ele e Scarlet pessoalmente.

Assim que o avião pousou em solo firme, no fim da manhã do dia seguinte, Scarlet agradeceu aos céus por ainda estar viva. Pegou sua mala de mão e aguardou Dimitri fazer o mesmo. Logo saíram para pegar o restante da bagagem, e quando passaram pelo portão de desembarque, Dimitri notou um homem troncudo, moreno e forte segurando diante de si um cartaz com o logotipo da *GraSar* e seu nome escrito logo abaixo.

Depois das apresentações e de cumprir os trâmites de praxe, os três se encaminharam até a saída. Enquanto um dos seguranças ajeitava as bagagens no porta-malas, Scarlet e Dimitri entravam e se acomodavam no banco de trás do sedan preto, e em questão de minutos o motorista pegava a autoestrada.

— Cansada? — Dimitri perguntou, olhando para Scarlet e achando-a abatida.

A pianista apoiou a cabeça em seu peito.

— Um pouco.

— Falta pouco para chegarmos, e então você vai poder descansar o resto da tarde. Esse voo foi longo e cansativo.

— U-hum — murmurou ela, aconchegando-se mais a ele, quase a ponto de começar a cochilar.

Dimitri calou-se, virou o rosto e ficou observando a paisagem que passava rapidamente pela sua janela.

Chegando ao hotel, os dois se despediram e cada um se dirigiu ao seu respectivo quarto, mas com a promessa de se reencontrarem no início da noite, quando então os ensaios seriam retomados. Mais acostumado com

viagens de longa distância, Dimitri conseguiu dormir uma boa parte dessa; já Scarlet, mal pregou o olho durante as dezesseis horas do voo com escalas. Exausta era pouco para definir o seu estado, mesmo assim, ela não via a hora de contar as novidades para Emma, e acreditava que Dimitri faria o mesmo com o irmão.

Passava das cinco horas da tarde quando Dennis invadiu o quarto do irmão, tanto para revê-lo quanto para colocá-lo a par do que acontecera nos dias em que Dimitri esteve fora.

— Meu Deus do céu! — exclamou Dennis, andando inquieto pelo quarto após ouvir o relato resumido do que acontecera com Scarlet e com o irmão. — Então você enfrentou o cara sozinho? Enlouqueceu, Dimitri? Poderia ter se machucado feio!

Dimitri recostou-se no sofá, elevou os braços e apoiou a cabeça nas mãos, só então voltou a olhar para o irmão, cuja expressão demonstrava tanto aborrecimento quanto espanto.

— Calma, não é para tanto. No fim, deu tudo certo. Só fiquei com os nós dos dedos um pouco inchados, nada que uma bolsa de gelo não resolvesse — disse, no intuito de tranquilizá-lo.

— Menos mal, não é?

— E o que você queria que eu fizesse? Que a deixasse ser levada Deus sabe para onde? — indagou, um pouco desgastado com a reprimenda do irmão, embora soubesse que Dennis o questionava daquela maneira porque se preocupava com ele.

Agitado, Dennis continuou andando pelo quarto, e quando parou, fitou-o com ar de espanto no rosto.

— Sei lá! Que chamasse alguém para ajudar. Você se arriscou demais, algo muito sério poderia ter acontecido. Teve muita sorte de não ter quebrado a mão, para dizer o mínimo!

— Na hora, eu não pensei em nada, só quis impedir o cara de sequestrar a Scarlet. Eu não raciocinei, só agi. Bem, depois disso tudo que te contei, decidi que nenhum desconhecido chegará perto dela outra vez.

Respirando devagar para se acalmar, Dennis balançou a cabeça, concordando.

— Bom, diante da situação, creio que é a melhor coisa a fazer.

Sério, Dimitri trouxe o corpo para frente.

— Contratei uma agência especializada em segurança pessoal, tem

uma equipe pronta para protegê-la até que o caso contra o tal do Rodney seja finalizado e as medidas solicitadas no processo sejam atendidas. Só depois vamos poder relaxar — explicou esfregando as mãos uma na outra.

Intrigado com tudo o que ouvira, e ainda mais pelo fato de Dimitri ter largado tudo e se arriscado pela pianista, Dennis indagou:

— Tem algo mais nessa história e você não está me contando, não é?

Dimitri respirou fundo. Já esperava por aquela pergunta, e como ele e Scarlet haviam decidido contar para a família e os amigos, aquela era a hora de se abrir com o irmão.

— Sim, há. A Scarlet e eu estamos juntos.

Dennis arregalou os olhos e sentou-se na poltrona, encarando o rosto do irmão.

— Então, quer dizer que aquilo que saiu na mídia é verdade? — Dimitri sorriu sem jeito e assentiu com um movimento de cabeça. — Por essa eu não esperava — disse Dennis, mas logo retificou: — Quero dizer, eu torci para acontecer. Confesso que fui um dos que shipparam vocês dois. A Scar é uma ótima garota, e vocês formam um bonito casal.

Desconfiado, Dimitri fitou-o.

— Está falando sério ou está tirando uma com a minha cara?

Dennis fez cara de bravo, e com um soco amigável, empurrou o ombro do irmão.

— É claro que estou sendo sincero, seu chato! — afirmou, rindo.

— Está bem. Eu acredito — Dimitri cedeu.

— Deixa de ser bobo e vem cá. — Dennis levantou-se e puxou Dimitri para um abraço. — Nossos pais vão adorar saber disso.

— Eles vão gostar dela, não vão? — indagou Dimitri, após se desvencilhar do abraço.

— É claro que vão! A Scarlet é linda, talentosa, inteligente e tem esse jeitinho cativante dela. Eu me apaixonei de cara, você é que é lento e levou esse tempo todo para se dar conta da mulher maravilhosa que ela é. E que só tinha olhos para o meu irmãozinho aqui! — declarou, tocando o peito do irmão com um dedo.

— Para, isso dói! — reclamou Dimitri, fingindo sentir dor, mas logo uniu as sobrancelhas e encarou o gêmeo. — E que negócio é esse de você ter se apaixonado por ela?

Dennis se afastou um passo.

— Deixe-me corrigir: eu gostei dela desde a primeira vez que nos vimos, e depois daquele dia, nos tornamos amigos. Só isso, irmão, não vai pensar bobagem. Eu sempre achei que, mesmo vocês dois se bicando no começo, um era perfeito para o outro. Então quer dizer que o meu irmãozinho está apaixonado — zombou e caiu na gargalhada.

— Babaca! — Foi a vez de Dimitri empurrar o irmão. — E sim, eu estou feliz. Muito feliz, para ser sincero. Scarlet é tudo isso que você falou e muito mais. É a mulher da minha vida — confessou, o olhar sonhador, mas logo voltou ao presente. — E mudando de assunto, como foram as coisas na nossa ausência?

— Foram bem. Eu aproveitei bastante o meu tempo, coloquei uns assuntos pendentes em dia. Inclusive, falei com a Mel e ela me disse que os ingressos para a próxima apresentação esgotaram e a procura para os dois shows na Itália cresce mais a cada dia. Pelo jeito, vão lotar — contou, entusiasmado.

— Fantástico. Eu sempre quis tocar no Coliseu. Será a realização de um desejo antigo — Dimitri confessou, animado com a perspectiva de se apresentar em um monumento tão importante como aquele.

— Vai ser simplesmente fenomenal! — exclamou Dennis, e o assunto se voltou para a música, os ensaios e as próximas apresentações.



Um mês depois.

Scarlet vasculhou o salão cheio de gente, à procura de Dimitri. Depois de ele anunciar que estavam juntos, o relacionamento dos dois tinha sido o tópico preferido dos portais de fofoca. Todos estavam curiosos para conhecer a mulher que finalmente tinha conquistado o coração do enigmático violoncelista e metade do Duo Ulinov. E por isso, tinham recebido inúmeros convites para eventos sociais nas cidades por onde o grupo passava.

Depois da apresentação para mais de cinquenta mil pessoas na fantástica Arena de Verona, o grupo desembarcou no Aeroporto Internacional de Roma. Isso havia sido há dois dias e um outro sedan, igual aos anteriores, já os aguardava no meio fio. Deixando o local, seguiram por uma autoestrada, da qual se avistava ao longe uma trilha de pinheiros que apontavam para o céu.

— É a velha Via Appia, onde eram feitas as crucificações no tempo dos romanos — Dimitri explicou. — Essas construções que você vê são

túmulos que contam mais de dois mil anos. O hotel onde ficaremos hospedados, não fica muito longe daqui.

Scarlet assentiu e não pôde deixar de contemplar, embevecida, o caminho que percorriam. Em um dado momento, a estrada se tornou completamente diferente e ela apreciou o perfume que exalava dos pinheiros. Quando o motorista diminuiu a velocidade, Scarlet percebeu que passavam por vários monumentos em pedra e mármore.

Ruínas!, pensou, com uma ponta de excitação. *E estão aí há centenas de séculos!*

Encantada, seguiu acompanhando a paisagem, e como Dimitri advertira, o trajeto não foi longo; poucos minutos depois, estacionavam diante de um majestoso portão de ferro que se abria para um vasto jardim. A fachada o hotel, embora antiga, era muito bem conservada.

Foi um alívio, depois do calor que sentira durante a viagem, entrar naquele hall, cujas largas janelas e o chão de cerâmica asseguravam uma temperatura amena. Suspirava enquanto apreciava a arquitetura e a decoração do lugar, e naquele momento desejava poder tirar ao menos um dia para conhecer os principais pontos turísticos de Roma.

Adoraria passear pelas ruas estreitas, conhecer alguns dos monumentos históricos, talvez visitar um ou dois museus, e jantar em um restaurante pitoresco em um bairro boêmio na companhia de Dimitri. Um passeio romântico naquela cidade seria o máximo, uma lembrança para guardar na memória. Seria maravilhoso aproveitar a oportunidade, afinal, outra igual poderia não se apresentar aos dois tão cedo. O som de vozes se aproximando a trouxe de volta para o presente.

A festa daquela noite tinha sido oferecida pelo patrono das artes, Stefano Franscarelli, em comemoração ao final da turnê do Duo Ulinov na Itália. Na noite seguinte, Dimitri e Dennis gravariam um álbum ao vivo no Coliseu de Roma, então o grupo tiraria três semanas de férias e aproveitaria para ir até Istambul, para comparecer ao evento do aniversário dos trinta anos de casados dos pais dos gêmeos, e só então retomaria sua rotina de shows.

E era esse último compromisso que estava deixando Scarlet apreensiva e ansiosa, uma vez que Dimitri lhe dissera que, nesse dia, ele iria apresentá-la como sua namorada, oficializando assim o compromisso dos dois junto aos demais membros da família.

Apesar do vestido e dos sapatos novos, e dos brincos de diamante e platina que complementavam seu visual, Scarlet sentia-se deslocada, uma estranha entre os outros convidados, que formavam um seleto grupo. Viu

Dimitri parado em uma rodinha de amigos e seu coração falhou uma batida enquanto o observava de longe. Ele parecia relaxado e sexy dentro de um impecável smoking de cor escura. Nunca se cansaria de olhar para ele. Tinha um charme que atraía olhares de admiração por todo o salão. Torceu a boca ao reparar que as mulheres do pequeno grupo disputavam entre si como ganhar sua atenção. Suspirando, aproximou-se e sentiu-se um pouco mais confiante quando ele fixou os olhos nela como se fosse a única mulher que o interessava.

— Aí está ela! Eu estava procurando por você. — Dimitri passou o braço por sua cintura e lhe deu um leve beijo. O brilho sensual nos olhos dele avisava que estava planejando sair da festa assim que possível, e Scarlet começou a compartilhar de sua impaciência. Queria se perder naquele mundo particular de prazer onde se amavam com grande voracidade ou lento erotismo.

— Espero que estejam aproveitando sua passagem pela cidade. — Rogério Gonzalez era um dos amigos mais próximos de Dimitri. Ele e a esposa, Cláudia, tinham cumprimentado Scarlet com genuína alegria e simpatia ao saberem que estavam juntos.

— Com certeza. Roma é maravilhosa, mas os dias aqui passaram rápido demais — respondeu Scarlet, com um sorriso que não se desfez enquanto olhava Dimitri nos olhos, e a expressão no rosto dele fez sua pulsação se acelerar.

— Sei como se sente. Estamos na cidade há quase um mês, mas teremos que regressar ao Brasil na próxima semana. — Rogério riu, acariciando a barriga volumosa da esposa.

— E para quando é o bebê? — Scarlet perguntou à Cláudia com um sorriso simpático.

— Dentro de dois meses, por isso estamos voltando. Daqui a pouco, serei proibida de entrar em um avião — Cláudia resmungou. — Mas nosso primeiro filho atrasou dez dias, então não tenho qualquer esperança de que o número dois chegue na hora. O Rogério está tão animado com o bebê... — contou, o semblante alegre. — Você e Dimitri planejam ter filhos?

Eles não haviam discutido o assunto, e diante daquela pergunta, Scarlet hesitava em como responder. Os olhos dela foram atraídos para a barriga de Cláudia. Sentiu-se animada por imaginar-se na mesma situação. Adoraria ter um bebê com Dimitri. Talvez lhe desse um filho, ou uma filha, uma misturinha dos dois, de pele cor de caramelo, cabelos cacheados, e olhos verdes como os do pai.

— Ainda é muito cedo para pensarmos em filhos, mas eu gostaria muito de ter um bebê no futuro — disse e voltou-se para o namorado.

— E teremos, com certeza — apoiou Dimitri, satisfeito em saber que ela também queria ter filhos, e com ele, ainda mais que o assunto já lhe passara pela cabeça. — Mas como ela disse, no futuro, porque vamos aproveitar e curtir a vida só nós dois por uns bons anos — emendou, e seu sorriso devastador, unido ao brilho de seus olhos, tiveram o poder de deixá-la hipnotizada.

A partir desse momento, a conversa mudou para outros assuntos, logo a banda passou a tocar um ritmo popular e as pessoas começaram a seguir para a pista de dança. Dimitri se dirigiu a ela.

— Quer dançar? — Os olhos dele brilhavam maliciosamente. — Ainda me lembro da última vez que dançamos juntos.

Scarlet sentiu o rosto esquentar, pois se recordava da noite em que discutiram e ela o deixou sozinho e plantado bem no meio do salão.

— Depois, agora preciso retocar o batom, mas não demoro — disse e afastou-se. Ao entrar, viu que, felizmente, o lavabo estava vazio. Pelo menos foi o que pensou a princípio, pois um instante depois, sobressaltou-se ao ver um rosto aparecer ao lado do seu no espelho.

— Olá, Scarlet.

— Jennifer... — Scarlet tentou parecer tranquila, mas, por dentro, ela fervia.

Aquilo parecia até uma conspiração, a fim de minar sua paz interior, bem como sua segurança. Primeiro tinha sido a amarga da tia, depois se deparara com a visita inesperada da ex-namorada e todas as revelações que esta fizera, e agora, essa doida estava na sua frente mais uma vez. Scarlet parecia andar em círculos, contudo, para ser justa, o mundo erudito era relativamente pequeno e muitas pessoas envolvidas nele, direta ou indiretamente, costumavam se topar em festas, premiações e outros tantos eventos ligados à música clássica.

— Eu soube que estava de volta — Jennifer disse, sem preâmbulos. — Admito ter ficado surpresa quando ouvi que você e Dimitri estão juntos. Soube usar bem suas armas — insinuou, olhando-a de cima a baixo.

Absorvendo o que ela dissera, Scarlet sentiu seu rosto ficar vermelho, embora, graças ao seu tom de pele, isso não fosse percebido com facilidade. Impassível, retribuiu o olhar insultuoso, e tinha que admitir que a mulher estava impressionante num vestido de seda preto que moldava as curvas

voluptuosas. Sua maquiagem era pesada, mas assentava bem nela, e os cabelos caíam pelas costas em cachos exuberantes.

Em seu íntimo, Scarlet ficou contente por estar usando o seu melhor vestido. Tinha se espantado com o preço e por pouco não desistiu da compra, mas acabou cedendo ao apelo consumista, afinal, tratava-se de um evento especial, e agora, estava ciente de que Jennifer havia reconhecido que a peça era de um estilista exclusivo.

— Isso não lhe diz respeito — Scarlet finalmente revidou, fazendo um esforço sobre-humano para conseguir manter a calma, pois a raiva que sentia ameaçava sufocá-la.

— Como dizem por aí, tudo o que é novo, é novidade, e quando a novidade passa... — Jennifer deixou a frase no ar, fitando-a com uma confiança capaz de deixar Scarlet balançada.

— Acho que não há razão para esta conversa — disse Scarlet, em tom seco. Jennifer estava sendo sórdida com aquelas insinuações descabidas, mas no fundo estava conseguindo perturbá-la.

— Pobre Scarlet, tão inocente! — Jennifer riu. — Sabia que Dimitri e eu somos amantes? Ou ele escondeu esse segredinho de você? — Fez um beicinho ao ver o ar chocado de Scarlet. — Não se preocupe, querida, o Dimitri sabe ser muito discreto. Refiro-me aos nossos encontros, é claro. — Ergueu as sobrancelhas, fingindo surpresa. — Temos um acordo bem conveniente há anos. Só um aviso... — acrescentou em tom malevolente enquanto examinava a própria aparência no espelho. — Não pense que o interesse dele por você durará para sempre. Dimitri odeia se sentir preso e logo se cansará de ter uma garota inexperiente por perto.

Jennifer saiu do lavabo, deixando Scarlet tão abalada que precisou se apoiar na bancada. Aquilo tudo era mentira, disse a si mesma ao olhar para o próprio reflexo. Dimitri vinha fazendo amor com ela todas as noites nas últimas semanas, teria de ser um super-homem para dormir com a outra também.

Respirando fundo, voltou para a festa e viu Jennifer andando perto da pista de dança, indo na direção de Dimitri. Ficou enjoada ao ver a loira se aproximar dele e murmurar algo em seu ouvido. Não podia negar que havia uma certa familiaridade entre os dois, como se se sentissem totalmente à vontade um com o outro. *A familiaridade de um casal de amantes*, Scarlet pensou, agonizada.

Por favor, Deus, que não seja verdade, pediu, aflita. Seu bom senso dizia que Jennifer estava mentindo. Se quisesse que aquele relacionamento

desse certo, ela teria que confiar no homem que amava. Não podia se deixar ser consumida pelo ciúme e pela incerteza. Dimitri era o amor de sua vida, a outra metade de sua alma. Sem ele, estava incompleta, e já lhe dissera mais de uma vez que a amava, e era nisso que tinha que acreditar.

Com muita força de vontade, Scarlet manteve um sorriso no rosto ao se aproximar de Emma. A amiga havia ficado em dúvida quando soube que se apaixonara pelo violoncelista de cara amarrada e lembrou-a da maneira nada educada que ele a tinha tratado no passado, mas Scarlet assegurou-lhe de que aquele não era o Dimitri que ela conhecia. A rudeza e a frieza eram apenas uma fachada que ele usara para se proteger. No fim, acabou convencendo Emma que Dimitri a amava e a fazia muito feliz, então a violinista não teve opção além de aceitar que o que Scarlet dizia era verdade.

— Se você está com ciúmes da Jennifer, está sendo boba — disse Emma, após seguir seu olhar, que passeou pelo salão. Contudo, Dimitri não estava mais à vista. — Aquela lá não passa de uma oferecida, antipática e arrogante. E não tem um pinga de amor próprio. Vive correndo atrás do Dimitri, e ele dá uns foras nela que até eu fico com vergonha alheia. O pior é que ela não se toca. Espero que, agora que vocês estão juntos, ela tome semancol e pare de passar vergonha.

Scarlet queria muito acreditar no que a amiga dizia, e sentiu o coração pular quando um garçom aproximou-se delas e lhe entregou um pedaço de papel dobrado.

— Que estranho... — murmurou ela, ao terminar de ler a mensagem.

— O que foi? — Emma indagou, curiosa.

— Um bilhete dizendo para eu ir à biblioteca, porque tem algo lá que vai me interessar.

— Hum... concordo. Isso é mesmo estranho. E você vai?

— Eu não sei. De repente tive uma sensação esquisita. Deixa para lá, mas eu vou, sim. Só que não faço ideia de onde fica a biblioteca — disse e voltou a olhar ao redor. — Vem comigo. Nós duas vamos procurar juntas. — Dito isso, Scarlet puxou a amiga pelo braço e, minutos depois, quando tinham quase atingido a porta da biblioteca e estavam perto o suficiente de seu interior, as duas pararam abruptamente.

De costas para a porta, Dimitri segurava Jennifer contra o seu corpo, então ele abaixou a cabeça e a beijou. Uma faca quente cortou o coração de Scarlet. A dor de vê-los abraçados era pior do que qualquer coisa que ela poderia ter imaginado. Seus dedos afundaram no braço de Emma, e com um som estrangulado, virou-se e correu cegamente de volta para o salão.

Capítulo 22

Intrigado, Dimitri entrou no ambiente espaçoso, cujas paredes eram repletas de livros do chão ao teto. Tinha acabado de receber um recado de Scarlet para encontrá-la ali, mas quando olhou em volta, foi Jennifer quem viu parada ao lado da grande escrivadinha.

— Dimitri... — Ela olhou para ele, mas não saiu do lugar. Com a luz do lustre em seus cachos, cintilando e brilhando em torno dela, parecia uma criatura etérea, fantasmagórica. — Eu esperei que você me tirasse para dançar — disse, repuxando os lábios. — Então percebi que a pianista o estava monopolizando e resolvi utilizar um pequeno subterfúgio para que pudéssemos ficar a sós. Espero que não fique bravo comigo — concluiu, toda charmosa.

Estreitando os olhos e assimilando o que ouvira, Dimitri a encarou com frieza.

— Que brincadeira idiota é essa? — vociferou, irado ao se dar conta do que acontecia.

— Eu menti, mas foi porque eu preciso de você — disse Jennifer, com jeito manhoso e voz suave, ao mesmo tempo se afastando da mesa e chegando mais perto dele. — Lembra como era bom quando estávamos juntos?

Dimitri deu um passo atrás, antecipando o próximo movimento dela.

— Quer parar com isso? Você não precisa de mim, Jennifer! E como eu te disse antes, o que quer que tenha havido entre nós, acabou há muito tempo.

Ignorando o rompante dele, a loira deu um passo à frente.

— Eu não sei como você pode dizer uma coisa dessas, porque está errado. — De repente, seu olhar desviou para algo atrás dele, então ela correu para frente e pressionou o corpo contra o de Dimitri, levando as mãos ao seu rosto. Confiança brilhava em seus olhos antes de suas pálpebras se fecharem e seus braços envolverem o pescoço de Dimitri. Ela puxou a cabeça dele para baixo e levantou-se na ponta dos pés para beijá-lo.

— Ei, ficou louca? — questionou ele, irritado. Recuperando-se da surpresa a tempo, Dimitri pegou-a pelos antebraços e moveu-a para longe de si.

— Não fala assim! Eu quero você! — Jennifer sorriu, e havia um brilho perverso em seu olhar.

— Ouça-me... — disse ele. — Eu amo a Scarlet. Ela é a mulher da minha vida, a melhor coisa que já aconteceu comigo. Põe isso nessa sua cabeça oca e vê se me deixa em paz de uma vez por todas!

Jennifer empalideceu e cambaleou para trás como se ele tivesse batido nela.

— Você está me dizendo que ama aquela criatura?

— Com todo o meu coração — disse ele, simplesmente.

— Eu não acredito nisso!

— Não me interessa o que você acredita ou não! — Ansioso para sair dali, Dimitri virou-se para a porta. — Emma?! — No mesmo instante, ele soube que a garota tinha visto e ouvido a maior parte do que acontecera ali dentro nos últimos minutos. *Será que ela estava sozinha?*, perguntou-se, franzindo levemente a testa e olhando na direção do salão.

— Por um péssimo minuto, Dimitri, eu pensei que você tinha perdido o juízo. — Raiva e desprezo queimavam no modo de Emma.

— Onde ela está? — Seu estômago se contraiu e suas mãos se fecharam. Ele sabia o que Scarlet pensaria se tivesse visto Jennifer em seus braços.

— A essa altura, eu imagino que ela deve estar a caminho do hotel — respondeu Emma.

Deixando a biblioteca em disparada, Dimitri se dirigiu à porta de saída. Certamente Scarlet entenderia que Jennifer não significava nada para ele. Seu peito se apertou em um início de pânico. Ela devia estar zangada e magoada por ter visto Jennifer com ele, mas lhe daria pelo menos uma chance de explicar. Atravessou o pátio correndo e foi direto para a rua. Sentiu o coração afundar quando procurou pelo sedan escuro e não o encontrou no local onde deveria estar estacionado.



Scarlet enxugou as lágrimas do rosto com as costas da mão, muito agitada por dentro para prestar atenção ao seu redor. Tudo nela doía; seu corpo, sua alma e, principalmente, seu coração. Sentia que este havia sido esmagado, pisado, dilacerado.

Agoniada, passou a mão pelos olhos quando uma vontade súbita de chorar a invadiu. Como ela pôde ter sido tão tola e cega? Os dois eram amantes. Jennifer não tinha lhe dito isso apenas uma hora atrás? Contudo, ela não quis acreditar. Devia tê-lo chamado quando a viu cochichando algo no

ouvido dele, mas agora era tarde. Voltaria para o hotel e, no dia seguinte, quando não tivesse mais lágrimas para chorar, decidiria o que fazer.

Talvez, devesse retornar ao Brasil após o encerramento da turnê e tentar esquecer do violoncelista alto, tatuado e com um olhar que causava arrepios em sua espinha. Dimitri sempre seria a melhor parte dela. Ela o veria em todos os homens de cabelos longos e ruivos, de barba e olhos verdes. Como conseguiria deixar tudo pelo que lutara durante tantos anos, para trás? Aquilo não era justo!

— Sua idiota! Estúpida! E agora? O que você vai fazer? — perguntou para si mesma, confusa, doída, magoada. Mas era sua culpa se estava morrendo por dentro. Deixou-se ser embalada e seduzida pelo seu sonho. Mas a pior coisa, a mais estúpida e tola que já tinha feito, tinha sido se apaixonar, profunda e loucamente, por Dimitri Ulinov.

Ela nunca tivera uma chance. Seu amor parecia impossível desde o início. Lágrimas quentes ardiam em seus olhos e seu peito doía a cada respiração pesada. Piscando com força, pensou por um instante que imaginara ouvir um grito de Dimitri. Então, ele gritou de novo e ela virou-se para vê-lo andar apressado na sua direção.

— Vá embora! — gritou, ressentida por estar sendo seguida.

— Scarlet, pare! — pediu ele, chegando cada vez mais perto.

Novamente, ela se virou para responder.

— A única coisa que tenho a dizer a você é adeus. Agora, vá embora!

Decidida a ignorá-lo, Scarlet apressou o passo, entrou no elevador e apertou o botão de seu andar várias vezes, com o coração pesando no peito. Precisava ficar sozinha naquela noite. O encontro com Jennifer, vê-los juntos e abraçados depois, tudo a tinha deixado arrasada e resgatado todas as suas inseguranças.

De repente, viu uma mão se colocar entre as portas automáticas, impedindo-as de se fecharem. Ele entrou e ela se manteve em silêncio, sem olhá-lo, mas ciente das olhadelas que Dimitri dava, vez ou outra, em sua direção, até que o elevador parou no andar onde ficavam seus quartos. Scarlet saiu quase correndo e pegou o corredor, parando diante da porta do seu, mas antes de conseguir abri-la, Dimitri a puxou para que ela o encarasse.

— Parece ter perdido o senso de direção. Meu quarto é mais adiante — disse ele, vendo que Scarlet o encarava com olhos arregalados. — Precisamos conversar.

— Eu quero ficar sozinha esta noite. — O orgulho a impedia de

confrontá-lo naquele momento.

Ele considerou puxá-la para os seus braços e beijá-la até vencer as barreiras erguidas, mas Scarlet parecia tão vulnerável que ele admitiu que fazer amor com ela não seria a resposta, nem a solução.

— Como eu disse, nós precisamos conversar — resmungou, mas não a encarou, deixando-a desesperada. Engolindo um soluço, Scarlet tentou abrir a porta.

— Scarlet? — Dimitri a impediu, abraçando-a e virando-a para ele, mas ela tentou se desvencilhar, como se não suportasse seu toque. — Está sendo infantil não me deixando explicar o que realmente aconteceu. Eu não beijei a Jennifer, foi ela quem tentou me beijar. Saltou em cima de mim de repente e me pegou de surpresa!

Subitamente, Scarlet parou de se debater, porém, ficou calada, apenas observando-o por um longo momento, até que não suportou mais e o questionou:

— E por que vocês estavam sozinhos dentro daquela biblioteca?

Dimitri suspirou, ficando irritado. Tocou o queixo dela com ternura, obrigando-a a olhá-lo.

— Eu só fui até lá porque achei que encontraria você! Aquela demente mentiu para mim e me contou o que fez com a maior cara de pau! — retrucou, com o rosto ficando vermelho de raiva.

Scarlet parou um momento para raciocinar.

— Eu também recebi um recado para ir até a biblioteca. Dizia que eu veria algo do meu interesse. Meu Deus! — exclamou, ligando os pontos e dando-se conta do que poderia ter acontecido — Como eu não pensei nisso antes? Ela me disse umas coisas horríveis, mas eu não acreditei na hora, e quando vi vocês dois abraçados, acho que deixei a insegurança me dominar e perdi o controle...

Tenso, Dimitri respirou fundo, sem tirar os olhos de cima de Scarlet.

— E que coisas foram essas?

Perturbada, Scarlet respondeu num quase sussurro:

— Ela me disse que vocês ainda são amantes, que logo você se cansaria de mim, por eu ser muito jovem e inexperiente, mas agora sei que foi tudo um plano para me desestabilizar... Que idiota eu fui... — recriminou-se, sentindo o sangue queimar de raiva nas veias.

— Aquela filha da... — Dimitri passou a mão pela nuca e respirou

fundo, sentindo que uma raiva silenciosa se avolumava dentro dele — Ela tentou te envenenar contra mim, mas a culpa é minha. Eu devia ter sido mais enérgico e cortado seus avanços de uma vez.

— É verdade, a culpa é toda sua! — repetiu Scarlet, socando-o no peito, mas nem que quisesse conseguiria machucá-lo.

— Calma! — Dimitri segurou seu rosto com as duas mãos. — Scar, presta atenção: eu sou um homem, não um moleque, jamais te trairia, muito menos numa festa onde estamos juntos e com um bando de gente que me conhece. Se quisermos que o que temos funcione, precisamos confiar um no outro. — Foi firme, ao mesmo tempo que a olhava com dureza. — E acredita em mim quando eu digo que te amo. Só a você, minha linda... — emendou, suavizando o tom de voz. E quando a viu abaixar a cabeça, colocou um dedo sob seu queixo e a fez voltar a olhar diretamente para ele, para que Scarlet visse a verdade em seus olhos e em sua expressão.

— Tem razão. Fui tão boba. Eu devia saber que você não seria capaz de fazer algo tão baixo. Pensei um monte de bobagens e fiz esse drama todo à toa. Dimi, me desculpa por ter sido crédula e insegura demais — pediu ela, envergonhada e com verdadeiro pesar.

— Não precisa se desculpar. Você foi enganada, assim como eu — com o semblante sério, Dimitri a contradisse. — A Jennifer tentou armar contra nós. Não sei o que ela pensou conseguir com isso. Foi a coisa mais imbecil e idiota que já vi! Mas eu sei o que fazer para resolver essa situação de maneira definitiva. Ela não vai voltar a nos incomodar. Nunca mais. Entendeu? — Scarlet não falou, mas moveu a cabeça, afirmando. — Vem cá — ele chamou e ela foi. — Eu nunca te vi tão linda como esta noite, e esse seu vestido é um verdadeiro convite ao pecado. Mas você já sabia disso, não é? — Com uma piscadinha maliciosa, Dimitri tocou sua bochecha com carinho.

Scarlet sorriu, ainda sem jeito, e com o braço de Dimitri envolvendo a parte de trás de sua cintura, deixou-se guiar pelo corredor, minutos depois, ambos adentraram a suíte dele.

Capítulo 23

— Está acontecendo mesmo! — exclamou Scarlet, sentindo o ritmo do coração se alterar. — É tudo tão surreal! Quando eu poderia imaginar que este dia chegaria? Que eu poderia sonhar com algo tão grandioso? — perguntou-se, sentindo um arrepio seguido de um frio na barriga.

Emma arregalou os olhos e virou-se na direção da pianista.

— É real, sim! Estamos há poucos minutos de nos apresentar no Coliseu de Roma! — disse, eufórica, compartilhando do entusiasmo da amiga.

— Eu nem sei o que dizer. Estou impactada, arrebatada! — Scarlet falou, com um sorriso que iluminava todo o seu rosto.

— Esta também é minha primeira vez aqui, e estou tão feliz que não caibo em mim! Mas, mudando de assunto, você e o Dimitri... fizeram as pazes ontem? Pergunto porque, do jeito que você saiu da festa, rápida feito um foguete, achei que o homem não teria a menor chance de conseguir se explicar — esclareceu Emma, diante do olhar interrogativo que Scarlet lhe deu.

Olhando para a violinista, o sorriso de Scarlet foi morrendo aos poucos e a bÍlis ameaçou lhe subir pela garganta quando reviveu a cena horrorosa que presenciara dentro daquela biblioteca.

— Eu me senti tão mal que acabei agindo por impulso. Devia ter ficado e lidado com a situação de uma maneira mais madura, e não fugir feito uma garotinha insegura e assustada. Ficar teria me poupado de sentimentos ruins, pensamentos idiotas e uma cena de ciúmes para lá de patética. — Parou um instante e suspirou. — Dimitri foi atrás de mim e não sossegou até me explicar o que de fato aconteceu.

Balançando a cabeça, Emma falou:

— Bom, se ele não tivesse conseguido esclarecer a situação, de qualquer maneira, eu teria te contado, porque fiquei lá e ouvi tudinho o que foi dito depois que você saiu correndo. Só confirmei que eu estava certa ao te dizer que estava sendo boba em sentir ciúmes daquela oferecida.

— Agora eu sei disso. O Dimitri me garantiu que a Jennifer não vai mais se meter entre nós. E eu acreditei nele. Totalmente.

— Isso mesmo. Confiança é tudo, e o Dimitri nunca deu motivos para você não confiar nele. Estou certa?

— Está. Foi bobeira minha, mas graças a Deus já passou — disse Scarlet, o semblante anuviado e um pouco triste.

Percebendo que a deixara chateada, Emma tentou se retratar:

— Desculpe-me por tocar nesse assunto, mas não se cobre tanto, Scar. Depois do que você me contou sobre os absurdos que sua tia falou, do encontro com a tal Helena, a ex-namorada, e agora essa Jennifer aparecendo e tentando armar contra vocês dois... São coisas demais para absorver e abstrair. É para ficar um pouco insegura mesmo. — A ruiva pensou por um momento, então prosseguiu: — Quer saber de uma coisa? Chega de falar desse povo negativo, invejoso e que só quer ver a infelicidade dos outros. Não vale a pena. Vamos falar de coisa boa, alegre, como, por exemplo... Vocês dois fizeram planos para amanhã? Será o nosso último dia aqui em Roma.

Mais tranquila e agradecida pelas palavras de apoio da amiga e pela mudança de assunto, Scarlet apoiou-se na beirada da bancada com a alegria voltando a estampar seu rosto.

— Sim, nós fizemos. Amanhã vamos tirar o dia para conhecer os pontos mais famosos da cidade. Como Dimitri já esteve aqui antes, ele disse que será o meu guia, até comprou os ingressos antecipados para evitarmos filas.

Emma sorriu e bateu palmas, animada.

— Maravilha! Mas seria bom que vocês saíssem do hotel de manhã, cedinho. Você viu que o calor daqui é quase insuportável. Acho que o melhor é fazer uma refeição leve e procurar evitar esse sol cáustico do verão romano. Sei que o Brasil é um país tropical, mas não acho que o calor de lá se compare ao daqui — ponderou, séria.

— Não se preocupe, Emma, eu vou me cuidar — garantiu Scarlet.

— Bem, nesse caso, eu acho que primeiro vocês poderiam fazer uma visita ao Monte Pincio. Ou, quem sabe, à Fontana di Trevi. Depois, conhecer o Fórum e visitar a Igreja de São Pedro. Ah, e não pode esquecer o Panteon e os museus do Vaticano, é claro — completou Emma, exultante.

— Eu gostaria de conhecer todos os lugares que citou, mas não sei se vai dar tempo.

— Se não der, talvez numa próxima vez? Já sei! Na lua de mel de vocês! — Emma sugeriu e piscou para Scarlet.

— Ah, isso ainda está longe de acontecer. Faz pouco tempo que nós assumimos publicamente que estamos juntos. E eu nem conheci os pais dele.

Emma colocou as mãos na cintura e, séria, encarou Scarlet.

— Mas você mesma disse que irá conhecê-los em breve. E pelo que dizem, os Ulinov são do tipo tradicional. Se o Dimitri disse que vai te levar para Istambul nos próximos dias, é porque o negócio é muito sério.

Scarlet mordeu a pontinha do dedo e fitou a amiga com olhar sonhador.

— Você acha mesmo?

— Acho... não. Eu tenho certeza! — Emma reafirmou, enfática.

Nesse momento, duas batidas leves chamaram atenção das musicistas, e um segundo depois, uma cabeça morena apareceu no vão da porta.

— Cinco minutos para o início do último ensaio no palco, meninas! — avisou Daisy, uma das assistentes de produção do grupo.

— Ok, já estamos indo — respondeu Emma, enquanto pegava a caixa que continha o seu violino.

— Então, chegou a hora... Essa noite, pelo que o Dennis falou, estará lotado, Emma. — Scarlet afastou-se da bancada. — Estou nervosa — confessou, agitada.

— Então somos duas. Vem aqui, me dá as mãos. — Scarlet obedeceu e ambas ficaram de frente uma para a outra. — Agora faz como eu: feche os olhos e respire fundo e bem devagar... — incentivou a violinista. — Um... dois... três... — Após repetirem o exercício de respiração por três vezes, Emma apertou levemente as mãos geladas que segurava. — Vai dar tudo certo, Scar — afirmou, tratando de lhe passar confiança.

— Espero que sim — disse Scarlet, um pouco mais controlada. — De Tatuí para o mundo — brincou, segundos antes de deixarem o camarim.



Entregue à música, como se não houvesse ninguém assistindo e envolvida pelos acordes mais marcantes, Scarlet pisava no pedal de efeito de vez em quando e abria os olhos apenas o suficiente para permitir um vislumbre das íris castanhas e cintilantes. Seu tronco movia-se para frente e para trás, seguindo o som intenso e vibrante da melodia, enquanto o público permanecia em completo silêncio, quase em transe hipnótico, deslumbrando-se com o talento e a química do casal que interpretava *Für Elise*, de Ludwig Van Beethoven.

Minutos após o término do dueto, uma Scarlet sorridente agradeceu aos aplausos e retirou-se, retornando nos momentos em que o programa

exigia. Fascinada, acompanhou os movimentos dos gêmeos, observando-os enquanto se posicionavam no centro do palco para darem sequência ao show. A plateia ainda aplaudia, entusiasmada, no instante em que Dennis e Dimitri sentaram-se, ficando lado a lado. Em um entendimento tácito, logo o silêncio passou a reinar quando ambos posicionaram os arcos nas cordas dos violoncelos.

Em um movimento rápido, Dimitri girou o pescoço e piscou para Scarlet, fazendo-a sorrir, apaixonada. Sentindo-se feliz e amada, ela soprou um beijo na direção dele como resposta e incontáveis flashes dispararam ao mesmo tempo, registrando o momento de interação entre eles. Isto a fez recordar-se da intensa repercussão da mídia à notícia, apenas um mês antes, de que ela e Dimitri estavam em uma relação.

A grande maioria retratou o assunto de maneira positiva, desejando o melhor para eles. Centenas de milhares de fãs pelo mundo enviaram mensagens de apoio e elogios ao casal, tanto que a *hashtag* #DimiScar chegou a ser *trending topics* mundial no *Twitter*. É claro que haviam os *haters*, aquelas pessoas que costumavam usar a rede para criticar, falar mal e torcer contra. Mas esses eram minoria e os dois decidiram ignorá-los, focando no mais importante: o amor que sentiam um pelo outro e o fato de estarem muito felizes juntos.

Os primeiros acordes dos violoncelos a trouxeram de volta ao presente e ela piscou algumas vezes antes de voltar a fixar seu olhar no palco. Achava difícil acreditar que tudo aquilo estivesse realmente acontecendo, ainda mais quando as autoridades de Roma raramente autorizavam a realização de concertos dentro do Coliseu, devido à condição delicada da arena de dois mil anos e do espaço limitado para um palco.

Poucos concertos ocorreram dentro do antigo anfiteatro; entre eles, incluíam-se as performances dos ícones da música internacional: Ray Charles, Paul McCartney, e, mais recentemente, do tenor, compositor e produtor italiano Andrea Bocelli. Porém, indo de encontro às expectativas, surpreendentemente houve uma exceção para a gravação do DVD pela gravadora da dupla, nomeado de *Duo Ulinov – Live at Rome Colosseum*.

Scarlet não conseguia tirar os olhos de cima de Dimitri, lindo no seu estilo despojado: cabelos presos em um coque, camisa *slim fit* de cor preta e para fora da calça, um par de jeans desbotado com furos nos joelhos, e uma gravata azul estreita completando a produção. Já Dennis, o mais conservador dos irmãos, mantinha-se elegante, como sempre: cabelos cortados, barba bem-feita, um blazer na cor marrom e de ótimo caimento sobre uma camisa branca social, gravata e calças escuras.

Apesar das diferenças, tanto de estilo quanto de personalidade, a interação e a energia de ambos casavam de uma maneira alucinante, tanto na vida quanto na arte.

Eles prosseguiram com a apresentação tocando a clássica *Oblivion*, de Astor Piazzolla e Gabriel's Oboe, composta por Ennio Morricone. Então, transitaram pelo pop e pelo rock, voltando ao clássico. Dentre as músicas contemporâneas, constavam no programa alguns dos maiores sucessos das bandas U2, Coldplay, Muse, Guns N' Roses, AC/DC, Iron Maiden, Led Zeppelin, The Prodigy, Green Day, Red Hot Chili Peppers e Nirvana. Assim como dos cantores mundialmente famosos Sting, Michael Jackson, Rihanna, Peter Gabriel e Jimi Hendrix. E fecharam o concerto de uma hora e cinquenta minutos com *Air On The G String*, uma peça composta por Johann Sebastian Bach. Tudo isso acontecendo em uma espiral de sentimentos e emoções indescritíveis.

Após tocarem a última nota, Dimitri e Dennis ficaram de pé, cada um segurando seu respectivo instrumento. Ambos sorriram e agradeceram ao público, curvando-se em uma reverência respeitosa, e balançaram a mão livre para a multidão, que os aplaudia em delírio absoluto.

Assistindo à vibração do público, Dimitri não continha a satisfação e a felicidade que o invadiam por finalizar a turnê que idealizara havia um ano e que colocara em prática há pouco menos de seis meses – e que se tornara um sucesso arrebatador e indiscutível.

Por um momento, ele se perguntou como poderia viver sem aquilo, e a resposta, é claro, era que seria impossível. A ovação, de pé, que o grupo recebia era o retorno positivo e estimulante do esforço de muitos. Era o resultado do talento somado ao trabalho em equipe, e todos, sem exceção, tinham sua parte no mérito da turnê.

Desde sempre, a música tinha sido o seu primeiro e grande amor. Dimitri amava o violoncelo tanto quanto amava respirar. E enquanto evocava essas lembranças, seu olhar vagou ao seu redor, detendo-se em Scarlet, que, unindo-se aos demais, os aplaudia com entusiasmo.

No presente, além da música e do violoncelo, havia essa mulher que fazia seu coração bater mais forte, aquela por quem ele seria capaz de fazer qualquer coisa para tê-la sempre ao lado.

Com um último aceno para a plateia, ele deslizou para fora do palco para cair nos braços dela. De sua Scarlet.

— Maravilhoso! Nem tenho palavras para dizer o quanto estou feliz e realizada! — exclamou ela, recebendo-o com um sorriso enorme no rosto. —

Este lugar, esta cidade... Tudo é demais! Confesso que eu estava uma pilha de nervos quando pisei no palco esta noite, mas depois tudo aconteceu de maneira tão espontânea e linda...

Dimitri elevou a mão livre e passou o dorso pelo rosto de sua amada, sentindo o calor e a maciez da pele nos dedos.

— É natural sentir um pouco de nervosismo. Essa atmosfera, o lugar enorme, toda essa energia positiva, tudo isso é fantástico. Mas, como sempre, a senhorita se saiu muito bem lá em cima — elogiou-a, sincero. — E foi ótimo termos comemorado o final da turnê na noite de ontem, porque, agora, vamos ter um tempo só para nós.

— Dimi, você não sabe como é importante para mim ouvir isso de você, saber que realizei uma boa performance — declarou Scarlet, tocada pelas palavras dele. Então, fitou-o, intrigada. — E quanto a comemoração... hum, parece que você tem algo em mente — comentou enquanto se afastava, a fim de olhá-lo nos olhos.

— Você está certa. Eu tenho, sim, mas não vou contar — respondeu ele, com ar de mistério, então sorriu e beijou a pontinha do nariz dela. — Prepare-se, porque amanhã nós vamos sair e perambular pela cidade. Mas, antes... — Fez uma pausa para pegar e enrolar um dos cachos dela no dedo. — Teremos esta noite todinha só para nós. E por falar nisso, acho melhor a gente ir embora logo daqui — disse e olhou-a com malícia.

Scarlet fitou-o com curiosidade, mas relaxou e sorriu enquanto era levada para uma porta lateral, onde encontraram um funcionário do Coliseu que os guiou por uma longa galeria em arco, até alcançarem uma discreta saída que dava para o lado Leste da arena.

No dia seguinte, Scarlet acordou bem cedo, tomou o café da manhã com Dimitri e os dois deixaram o hotel, decididos a aproveitar o tempo que ainda lhes restavam conhecendo uma das mais belas capitais do mundo.

Acomodado no banco de trás do sedan e ao lado de Scarlet, Dimitri indicou ao motorista que os levassem ao bairro onde se concentrava boa parte da vida boêmia romana. Quando o carro parou junto a uma calçada, ele abriu a porta e, estendendo-lhe a mão, ajudou-a a descer.

Escoltados pelos dois seguranças, o casal iniciou a excursão, seguindo o roteiro planejado por ele.

— Que lindo! — disse Scarlet, sem conseguir conter a euforia que a invadia enquanto desciam de mãos dadas e vagarosamente as belas escadarias da Piazza di Spagna.

Atenta, ela observava os quadros e telas que os artistas pintavam e expunham ao longo da escadaria coberta por azaleias, que lhes emprestavam um colorido todo especial. Reparou também nas bancas de bijuterias e nos quiosques de flores. Em seguida, exploraram uma rua estreita que se iniciava junto à escadaria e que parecia envolta num profundo mistério. Seu nome era Via Condotti, uma das ruas principais de Roma e considerada como um dos maiores centros da moda europeia, equivalente à Via Montenapoleone, em Milão, à Rue du Faubourg-Saint-Honoré, em Paris, à Via de 'Tornabuoni, em Florença, ou à Bond Street, em Londres.

Mais tarde e seguindo o Rio Tibre, chegaram à Basílica de São Pedro, grande e tão bela como jamais poderiam ter imaginado. Admiraram com extrema atenção os preciosos afrescos em mármore da Capela Sistina, obra de Michelangelo. Porém, ao voltarem à rua, Scarlet sentiu-se tonta devido à temperatura elevada e apoiou-se numa parede antes que desmaiasse. Mas logo se recompôs, evitando que Dimitri percebesse e interrompesse o passeio.

— O Arco de Constantino — disse ele, tempos depois, apontando para um enorme monumento. — Foi construído em homenagem ao Imperador Constantino, no século IV. — Scarlet contemplou-o, prestando atenção a cada palavra que Dimitri falava. Conhecia por meio dos livros tudo o que ele lhe contava, por isso olhava para tudo com o mais absoluto interesse. — O Fórum Romano — Dimitri anunciou e logo emendou: — Esse lugar servia de palco para César falar ao Senado. E ali está o Capitólio, ou Piazza del Campidoglio, projetada por Michelangelo. Ele pintou a rampa cerimonial e as escadarias que levam ao altar — continuou, ficando sério por alguns instantes, mas depois dando um sorriso. — Quer ir até o Panteão? É um dos monumentos mais belos da Antiguidade, e também um dos mais bem conservados.

— Então, vamos lá! — Scarlet exclamou, animada.

— Está bem, só que agora nós vamos almoçar, e tanto o Panteão quanto a Fontana di Trevi, considerada a fonte mais linda do mundo, ficarão para mais tarde — disse ele, olhando para ela.

— Ótima ideia. Estou ficando com fome. — Scarlet fez uma careta. Ainda se sentia um pouco atordoada por causa do forte calor, e assustou-se quando consultou o relógio em seu pulso e viu que já eram quase três horas da tarde. Haviam mesmo perdido a noção do tempo.

— Nós podemos almoçar em um daqueles restaurantes simpáticos, com cadeiras nas calçadas — sugeriu Dimitri. Porém, ao virar-se e dar o primeiro passo, sentiu que Scarlet o impedia de prosseguir, então parou, e arqueando uma sobrancelha, perguntou: — O que foi?

Como estava contra o sol, Scarlet colocou uma das mãos em concha

logo acima dos olhos, como uma cabaninha, para fazer sombra e poder enxergá-lo melhor.

— Antes de continuarmos, eu queria te agradecer pelo passeio. Estou adorando cada minuto, Dimi. Todos esses monumentos históricos, as praças, as fontes... tudo é tão lindo. E conhecê-los é ainda mais especial porque estou com você.

Devagar, Dimitri voltou a se aproximar dela.

— Não precisa me agradecer. Eu queria poder te mostrar muito mais. Tem tanto ainda para conhecer e explorar. Mas, infelizmente, desta vez nós não teremos tempo suficiente — disse ele, fazendo um trejeito com a boca.

— Está tudo bem, Dimi. Eu sempre soube que não seria possível conhecer tudo de uma vez. Estou conhecendo os principais. E é como diz aquele ditado: *“Roma não foi feita em um único dia”*. — Scarlet sorriu ao lembrar-se da sugestão de Emma. — Quem sabe, em uma outra ocasião, nós não voltamos e continuamos com a nossa excursão?

— Ótima ideia. É claro que podemos fazer isso, mas eu gostaria que você considerasse o dia de hoje como uma gotinha no oceano, comparado a tudo o que ainda teremos pela frente. Quero te mostrar os lugares e as cidades que eu já conheço, e os que não conheço, nós vamos conhecer juntos.

— Mal posso esperar — disse ela, olhando para ele e tocando sua barba com as pontas dos dedos. — Eu te amo tanto que você nem acreditaria. Acompanhar o grupo em turnê durante os últimos meses foi maravilhoso. Eu realizei um sonho antigo e dei início a uma carreira internacional fazendo o que mais amo fazer. Sei que ainda tenho muito que aprender e viver, mas vou amar ainda mais cada passo dessa minha caminhada tendo você ao meu lado.

Emocionado, Dimitri beijou-a ternamente nos lábios, e ao se afastar, emoldurou o rosto de Scarlet com as duas mãos.

— Por toda a minha vida eu sonhei em encontrar alguém para amar e que me amasse pelo que sou. Hoje, eu sou um homem feliz e completo por ter encontrado esse alguém. Você, Scar — sussurrou ele, beijando-a nos lábios, de novo e de novo.

Embora a situação do perseguidor famigerado seguisse indefinida e aguardando uma posição da justiça, e que, para se sentirem seguros tivessem que contar com a presença constante de seguranças escoltando-os aonde quer que fossem, Scarlet e Dimitri procuravam permanecer firmes, otimistas e confiantes, alimentando, dia após dia, a esperança de que tudo se resolveria muito em breve.

Diante dessa real possibilidade, muniram-se de fé e paciência, pois a vida não parava e eles precisavam seguir em frente. Cientes de que um era a força, a paz e o alento do outro, estavam decididos, ainda que com certa cautela, viver da melhor maneira possível e seguir avançando na carreira que ambos escolheram, porque o amor imenso que os unia era único, e a cada dia que passava, tornava-se inabalável.

Capítulo 24

Dimitri foi até a espaçosa e bem equipada cozinha, abriu a geladeira e pegou uma cerveja, então olhou pela janela. Com o fim da turnê, resolveu tirar uns dias para ele e Scarlet passarem a sós. Para tal, falou com um amigo e este lhe emprestou sua casa naquela ilha paradisíaca, que fazia parte de um famoso arquipélago do Oceano Pacífico.

Tinham chegado de helicóptero, há uma semana, e aproveitaram ao máximo aqueles dias de calmaria, de uma paz absoluta, de observar o horizonte límpido, a vastidão do mar e a exuberância da paisagem. Nenhum barulho de carro, confusão de gente ou poluição. Mas, acima de tudo, Dimitri adorava estar com Scarlet.

Passar aqueles dias em um lugar lindo e longe de tudo era o que realmente precisavam depois de meses intensos, viagens, quartos de hotel, ensaios e apresentações. Dimitri amava demais o que fazia, mas de vez em quando era muito bom dar uma parada, recarregar as energias e retornar com o ânimo renovado. Porém, como tudo o que é bom dura pouco, não demoraria para que eles tivessem que entrar em um avião e voltar para o continente.

Dennis também viajara, com sua última conquista, mas que não era nada sério, segundo ele, para algum lugar no Caribe. E Emma resolvera passar esses dias de recesso em Londres, na casa dos pais do namorado.

Enquanto apreciava o gosto levemente amargo da bebida, Dimitri desviou os olhos para a praia. Scarlet se encontrava próxima da água, os pés descalços. Estava sexy dentro de um vestidinho de verão e com seus cachos ondulando ao sabor do vento.

Ele a mantinha sob cuidadosa vigilância e instruíra os seguranças a fazerem o mesmo. Não queria correr nenhum risco depois do que acontecera no Brasil. Ali, estavam seguros, mas, por via das dúvidas, manteve a mesma equipe de segurança que os acompanhara na segunda parte da turnê.

Scarlet aceitava ser cuidada, mas deixava claro que se sentia incomodada. De vez em quando, desafiava-o, e ele se fingia aborrecido, mas sabia que ela fazia isso apenas para provocá-lo.

Suspirou ao recordar que, há poucos minutos, desligara o telefone depois de conversar com o doutor Borges, mas infelizmente o advogado não tinha boas notícias para lhe transmitir, pelo contrário.

Edgar de Souza, o homem que tentara sequestrá-la no cemitério, voltou atrás ao que dissera logo após sua prisão e recusou-se a incriminar

Rodney, assim as coisas se complicaram e não foi possível acusá-lo como o mandante, colocando em risco as medidas preventivas solicitadas.

Reiterando a promessa de seguir mantendo contato e informá-lo tão logo houvesse algum desdobramento no caso, o advogado cortou a ligação. Mas Dimitri estava insatisfeito. Precisava de resultados. Queria que o homem que atentara contra Scarlet e que a perseguira por mais de um ano, mesmo estando atrás das grades, pagasse pelos seus crimes e que lhe fosse impedido, de uma vez por todas, tentar contatá-la por meio de seus comparsas.

Distraído, relanceou o olhar de volta à praia, onde Scarlet permanecia observando as ondas de águas translúcidas se chocarem com a areia muito branca. De vez em quando, ela erguia uma das mãos para afastar os cachos do rosto, apenas para serem soprados pelo vento e retornarem ao mesmo lugar. Continuou a observá-la por alguns minutos, até mover o olhar para onde um dos seguranças se encontrava, a uma certa distância dela.

Enfiou a mão no bolso do short e puxou o celular, que vibrava. Olhou a tela, franziu a testa ao não reconhecer o número e, sem atender, desligou, depois empurrou o aparelho de volta ao bolso. Deixando a casa, atravessou a varanda e saiu para a praia.

Bastavam apenas algumas dezenas de passos para chegar ao mar, e enquanto caminhava, Dimitri viu Scarlet virar-se em sua direção, sorrir e segurar os cachos revoltos com uma das mãos, enquanto, com a outra, acenava para ele.

— Dimi... — murmurou Scarlet, sem conter a euforia que a invadia sempre que ele se aproximava.

O sorriso franco de Dimitri teve um efeito dominó, atingindo todas as partes de seu corpo, e, ao chegar, ele envolveu seu rosto com as mãos e plantou um beijo úmido em seus lábios.

— Eu vou dar um mergulho. Quer me fazer companhia? — indagou ele, após se afastar um passo e tirar a camiseta.

Scarlet negou com a cabeça.

— Eu já mergulhei mais cedo. Prefiro ficar aqui, tomar um pouco de sol, antes que se ponha, e apreciar essa vista maravilhosa — disse, observando-o fazer uma bola com a peça de roupa e entregá-la para ela em seguida.

— Eu não demoro — Dimitri avisou e se virou, mas Scarlet o chamou, fazendo-o voltar. — O que foi? Mudou de ideia?

— Não, mas você passou protetor?

— Putz! Esqueci o filtro solar em cima do balcão da cozinha.

— Não pode esquecer, Dimi — repreendeu-o Scarlet, séria. — Você sabe que precisa cuidar dessa sua pele. Pele clara e cheia de sardas como a sua queima muito fácil. Está com sorte, porque coloquei dois na minha bolsinha. Um para o meu tom de pele e um para o seu.

Dimitri alçou uma sobrancelha, admirado.

— Que mulher prevenida — elogiou, sincero.

— E sou mesmo. Eu tenho que cuidar do que é meu, já que o senhor vive se esquecendo de se proteger — comentou Scarlet, toda faceira. — Espera um pouquinho, eu vou pegar e ajudo a passar nos lugares em que você não alcança.

Dito isso, ela afastou-se, mas dois minutos depois, já estava de volta.

Num short preto e curto, com os ombros largos e o peito nu musculoso, Dimitri estava magnífico, e, como sempre, Scarlet reagiu à visão de sua masculinidade poderosa. Virando o rosto para esconder a expressão, tirou a tampa e apertou o frasco, colocando uma boa quantidade do protetor na palma da mão, começando a espalhar nas costas dele e na parte de trás dos ombros, enquanto Dimitri passava no rosto, braços, peito e pernas.

— Obrigado por cuidar tão bem de mim — ele agradeceu ao terminar, sorriu para ela e lhe deu um selinho, então correu na direção do mar, perdendo-se nas águas límpidas, calmas e com ótima temperatura.

Scarlet ficou olhando-o nadar por alguns minutos e flutuar por um tempo de costas. Levando o olhar para além dele, viu que havia vários barcos e algumas balsas à distância. Então, tirou o vestido, ficando com o biquíni listrado nas cores amarelo, laranja, branco, vermelho e azul que colocara por baixo antes de sair de casa.

Acomodada numa espreguiçadeira, sob a sombra do guarda-sol, puxou o frasco de protetor solar para o seu tom de pele de dentro da bolsinha de plástico grosso e transparente, começando a passá-lo no corpo, mas sempre mantendo o foco no mar à sua frente. Ao terminar, guardou o frasco, fechou os olhos e tentou relaxar. Embora houvesse mais pessoas na praia, elas estavam longe, então era como se aquele pedaço de areia fosse só deles.

Distraída, não fazia ideia de quanto tempo estivera de olhos fechados quando ouviu a voz de Dimitri a questionando:

— Sonhando com o paraíso, Scar?

Rápida, ela abriu os olhos, sentindo a pulsação acelerar. Dimitri estava de pé na sua frente, com o peito levemente bronzeado, exposto e forrado com

uma camada de pelinhos que tinham tendência a ondular. O tecido molhado do short emoldurava as coxas musculosas, e ele tinha gotas de água escorrendo por todo o corpo.

— Eu não preciso sonhar, o paraíso está bem diante de mim — murmurou ela, e o viu sorrir de lado e estreitar os olhos, passeando o olhar quente pelo corpo dela, pensando no quanto sua namorada era linda e resplandecente. Incapaz de resistir, inclinou-se e lhe beijou a curva do pescoço, uma de suas muitas partes deliciosas.

— Dimitri! — exclamou Scarlet, mas quando ele se afastou, olhando-a de maneira interrogativa, ela ergueu o queixo e soltou uma risada, pois tinha adorado aquela sua atitude descontraída e espontânea, algo incomum para alguém contido como ele, ainda mais por estarem em um local público. Já vinha notando que, nos últimos tempos, Dimitri não estava tão rígido consigo mesmo, ao menos enquanto estava com ela.

Ele se sentou na espreguiçadeira perto da dela, pensando que o empregado que pusera as espreguiçadeiras na praia devia achar que os dois queriam ficar perto o bastante para poderem se tocar, no que não se enganara.

— Temos que estar em Istambul em dois dias — subitamente ele anunciou. — Isso quer dizer que o helicóptero deve vir nos pegar amanhã, por volta das duas da tarde. Depois, vamos viajar para a casa dos meus pais.

Espantada, Scarlet virou o rosto para ele.

— Eu achei que ficaríamos mais uns dias aqui...

Consternado, ele negou.

— Sinto muito, mas não vai ser possível. Como eu te disse outro dia, temos que estar presentes no aniversário de casamento deles. Ao contrário dos anos anteriores, neste eles querem reunir a família e os amigos mais próximos em uma festa íntima. E como estão completando bodas de pérola, como disse minha mãe, resolveram aproveitar para renovar os votos. — Dimitri a estudou com cuidado. — Você ficou preocupada porque vai conhecê-los?

Com um movimento de cabeça, Scarlet confessou:

— Sim, e estou um pouco nervosa com esse encontro.

— Eu entendo, Scar, mas você não tem motivos para se preocupar. Meus pais são pessoas ótimas — argumentou Dimitri.

— Eu não duvido disso, Dimi, mas e se mesmo assim seus pais não gostarem de mim? Se acharem que eu não sou...

Acreditando saber o que ela ia dizer, Dimitri apressou-se em colocar

um dedo sobre seus lábios, impedindo-a de continuar.

— Nem complete a frase — falou em tom imperioso, mas logo suavizou a voz: — Meu anjo, como alguém poderia não gostar de você? — indagou, olhando-a e tocando seu rosto com carinho. — Escuta, sei que sou suspeito, mas eu te garanto que você vai poder descobrir o que estou dizendo por si mesma quando eu te apresentar aos dois.

— Espero que sim, mas sei que vou ficar ansiosa até esse momento chegar — Scarlet disse e tentou sorrir, sem sucesso.

— Scar, eu te amo. Meus pais me amam. E eles desejam o melhor para mim. E o melhor para mim é você, meu amor. Então... — Ele deu de ombros, deixando subtendido o resto da frase.

— Está bem, consegui me convencer. — Dessa vez Scarlet sorriu de verdade e procurou relaxar, afinal, de nada adiantava se angustiar antes da hora.

Empático, Dimitri pegou sua mão.

— Eu vou estar do seu lado e vai correr tudo bem — afirmou com segurança. — O que você acha de voltar para casa, trocar de roupa e sair para comer no centro?

Anuindo com um aceno, Scarlet respondeu:

— Ótima ideia! Estou ficando com fome.

— Eu também. — Dimitri levantou-se e estendeu a mão para ajudá-la. — E depois, eu tenho uma surpresa para você — afirmou e piscou para ela.

— Verdade? — Scarlet o olhou intrigada, mas aceitou a mão oferecida e levantou-se enquanto via-o fazer um gesto afirmativo com a cabeça.

Depois de sacudir a toalha, ela pegou o vestido que deixara dobrado sob a espreguiçadeira e voltou a colocá-lo sob o olhar guloso de Dimitri. Juntou suas coisas e ele pegou a camiseta embolada, mas não a vestiu. Então, dedos fortes se entrelaçaram nos dela, enquanto ele a conduzia até a escadaria feita de pedras que dava na varanda da frente da grande casa. Rodeada por palmeiras e erguida sobre uma pequena elevação, o imóvel era uma construção magnífica, com sua arquitetura aberta, tetos altos e varandas arejadas. Scarlet ficou impressionada desde a primeira vez que colocou os olhos nela. Porém, antes de entrar, Dimitri parou e sua boca se abriu em um meio sorriso.

— O que foi? Por que você está me olhando assim?

Ele não respondeu e continuou fitando-a. O brilho esverdeado dos

seus lindos olhos tirou o fôlego dela. Parecia que Scarlet podia sentir o calor deles na pele de seus ombros, penetrando no tecido leve do seu vestido na altura dos mamilos, que, sensíveis, responderam, ficando durinhos.

Então, os olhos dela foram atraídos para a boca dele, desceram para o peito, abdômen e mais abaixo... Subitamente, o ar entre eles estava carregado de tensão sexual. Dimitri segurou seu rosto entre as mãos, com a respiração ficando mais intensa.

— Diga que sou o homem da sua vida — pediu, selvagem. — Admita — exigiu, e seu tom de voz baixo e profundo causou um efeito devastador no corpo dela, contudo, Scarlet nem precisava pensar muito para saber o que causava tal sensação.

— Você sabe que é! — ela admitiu, com o coração aos pulos e os olhos brilhantes sob os últimos raios do sol, que começava a esconder-se na linha do horizonte. — Eu te amo mais do que posso dizer!

Inflamado e viciado na boca dela, Dimitri voltou a beijá-la, buscando-a sem parar, num desejo que não parava de crescer. Estava contente por saber que aquela mulher esplêndida em seus braços era dele. Por fim, ao se separarem, ele respirou fundo.

— Respondendo àquela sua pergunta, eu estava me lembrando do momento em que eu soube que você tinha capturado meu coração — disse, os olhos fixos na palma da mão dela, mas ergueu a cabeça para encará-la e continuou: — Eu soube que havia me apaixonado na noite em que nos beijamos pela primeira vez. Depois, você ficou com ciúmes e me deixou plantado bem no meio do salão. — Inclinando-se, cheirou seus cabelos, e ao se afastar, emendou: — Você é a mulher mais linda, guerreira e exuberante que eu já vi, e me impressionou desde o início.

Scarlet estudou-o com espanto, mas logo sorriu.

— Oh, Dimi... Que lindo! — Lágrimas saltaram de seus olhos úmidos. — Pois saiba que nada teria o mesmo significado se você não estivesse aqui, compartilhando tudo isso comigo.

— Nunca a deixarei escapar. Eu não suportaria perder você — confessou ele, apertando de leve os dedos dela.

— Não vou a lugar nenhum. Eu também não aguentaria ficar sem você — assegurou Scarlet, retribuindo o aperto da mão dele.

Mais tarde e após jantarem em um hotel local, com ela escolhendo um prato leve, já que vinha tendo, o que acreditava, alguns problemas de estômago desde a sua passagem por Roma, os dois passearam pela ilha de

mãos dadas, apreciando o fim da tarde, que se despedia e deixava a noite chegar de mansinho. Contudo, precisaram retornar para casa quando Scarlet reclamou de cansaço e sonolência, o que parecia estranho para ela, uma vez que havia dormido a noite inteira e não se esforçara durante o dia. Mesmo assim, achou melhor tomar um banho rápido e tirar uma soneca, antes de se recolher de fato.

Enquanto ela descansava, Dimitri permanecia na sala, ouvindo música e apreciando um excelente conhaque, até que resolveu que era hora de ir para cama. Então, subindo as escadarias, entrou na suíte principal a fim de fazer companhia à sua amada. Tirou as sandálias de couro, despiu a camiseta e as calças e deitou-se ao lado dela. Não pretendia acordá-la, mas ao vê-la tão linda e desejável, resolveu que lhe daria um beijo de boa noite e nada mais.

Lábios quentes, úmidos e macios deixavam uma trilha ardente de beijos nos seus ombros e braços. Sonolenta, Scarlet mexeu o corpo escultural, arqueando-se sedutoramente, e entreabriu os olhos para ver Dimitri movendo-se sob os lençóis.

— Essa é uma maneira maravilhosa de despertar — murmurou, com a voz áspera por ter acabado de acordar. Rolou na cama para ficar deitada de costas e ergueu uma das mãos, passando-a pela massa espessa de cabelos ruivos.

As palavras e a carícia fizeram Dimitri erguer a cabeça, apenas o suficiente para ver o rosto dela e se deparar com o castanho de seus olhos.

— Está se sentindo melhor? — ele quis saber.

— U-hum. Estou me sentindo bem e descansada.

— Isso é bom. — Riu baixinho, enquanto os lábios viajaram pelas suas costas, pescoço, face e chegaram ao ouvido. Dimitri mordeu o lóbulo e lambeu-o em seguida, mas sua risada foi diminuindo à medida que Scarlet correspondia às carícias.

Jogando-se para frente, ela envolveu os braços ao redor do pescoço dele, derrubando-o de costas no colchão. Com um movimento ágil, deitou-se em cima dele e sorriu, o sorriso iluminando todo o seu rosto.

Dimitri passou os braços em volta dela e beijou-a com uma paixão quase brutal, fazendo Scarlet perder o fôlego. Então, pegou-a no colo, saiu do quarto e andou até o piano, posicionado num canto extremo da sala.

Esticou os lábios em um sorriso quando chegou à sua mente a recordação do momento em que ela descobrira que havia um piano de cauda da marca alemã *Steinweg* naquela sala. Scarlet ficara simplesmente encantada,

e como ele levava o seu inseparável violoncelo, ambos tinham tocado juntos algumas vezes por simples prazer e amor à música.

Deslizando-a devagar por seu corpo, livrou-a da camisolinha e da calcinha. Então, ele a pegou e imobilizou, pressionando suas costas contra o instrumento, mantendo-a com os braços abertos e estendidos para fora, antes que de sugar firmemente um dos seus mamilos, o que fez Scarlet gemer alto, uma corrente elétrica sendo enviada dos seios ao clitóris, provocando um tremor em suas entranhas.

Levantando a cabeça, Dimitri reivindicou sua boca com a dele com uma fúria apaixonada.

— Vire-se — comandou momentos depois, e uma Scarlet ficou de bruços, com as mãos soltas ao lado do corpo.

Dimitri tomou conta de cada nádega, amassou-as e passou as mãos pela pele. Sua expressão era impassível, mas ela podia ver no reflexo do espelho colocado estrategicamente na parede em frente ao piano que seus olhos brilhavam de excitação, e um rubor em seu rosto deixava claro que ele se encontrava tão afetado pelo tesão quanto ela.

— Ajoelhe-se na banquetta do piano, mas continue de costas para mim — comandou, novamente, e Scarlet obedeceu sem pensar, assumindo a posição sobre si mesma, ficando de cabeça baixa no banquinho, à espera. Ele avançou lentamente, fascinado pelo contraste entre eles, tanto nos tons de pele quanto no formato dos corpos; o dele era atlético, musculoso e forte, enquanto o dela era suave, feminino e gracioso, mais ainda quando estava posicionada submetendo-se à sua vontade.

Diante da tensão que vinha dela, dos seios que balançavam de maneira voluptuosa e da respiração pesada, ele sentiu uma forte e dolorida fisgada na virilha, por isso puxou o ar com força, a fim de se manter sob controle.

— Fique quietinha. Eu quero fazer isso do jeito certo — instruiu.

— Não sei se consigo... — arquejou Scarlet.

— Consegue, sim — encorajou-a, deslizando as mãos pelo corpo dela. Detendo-se nos vincos que ficavam logo acima das nádegas, ele segurou-a com firmeza. Seus polegares separaram as bochechas e o ar morno correu de volta contra a umidade da pele.

Seus dedos começaram a explorar sua fenda de cima para baixo, massageando-a, lubrificando-a, adicionando a ela um prazer intenso. Aumentando a pressão, ele atraiu suas nádegas para si, e, inclinando-se, apertou seu rosto no meio das suas coxas e a beijou ali. Um beijo profundo e

intenso, sorvendo-a com vontade, adorando sentir o corpo sinuoso estremecer. E era ele quem proporcionava isso a ela.

A língua dele pousou diretamente na boceta de Scarlet e exigiu todo o seu autocontrole para ficar parada, o prazer borbulhando dentro dela, tornando-se cada vez mais difícil de suportar. Com os fios da barba friccionando contra a pele sensível, uma sensação gritante a tomou quando a língua escorregou por suas dobras, acariciando-a, lambendo-a e aprofundando-se em seu centro. Scarlet sentia os tremores reveladores de quem estava prestes a explodir em uma escala que ela ainda não tinha experimentado.

Implacável e alternando entre lambar, sugar e penetrar em seu interior, Dimitri a fez nadar em prazer, sobre ondas de calor, necessidade e tensão. A pressão dos dedos nas nádegas dela era intensa, e uma explosão de sangue correu, indo se acumular em seu clitóris. Instintivamente, ela encorajou-o, arqueando-se, e como recompensa, Dimitri acariciou-a devagar, enquanto, com gentileza, a boca seguia estabelecendo o contato com o seu sexo quente e úmido, fazendo seu corpo todo formigar com a deliciosa exploração.

— Quer que eu pare? — murmurou ele, levantando a cabeça e detendo-se, apenas para torturá-la um pouquinho.

Grunhindo impaciente, Scarlet ameaçou, arquejando:

— Você será um homem morto se parar agora!

Rindo baixinho e com uma mão aberta, ele puxou o pescoço dela para trás, obrigando-a a olhá-lo, enquanto os dedos da outra mão tomavam o lugar que sua boca ocupara.

— Eu só continuo se você me disser o quanto me quer.

Scarlet recusou-se a falar, mas nem precisava, dava para ver a confusão em sua expressão.

— Diga, Scar — insistiu Dimitri, e por um único instante ele usou a língua outra vez, mas só o suficiente para estimular o clitóris durinho.

— Muito! — Scarlet quase gritou. — Eu te quero muito!

Satisfeito com a resposta, Dimitri continuou a adorá-la, reverenciá-la, com os lábios, a língua e os dedos.

Agarrando-se desesperadamente às laterais do piano, Scarlet apertou as coxas, prendendo a cabeça dele entre elas. Inebriada de desejo, ela já não conseguia pensar, só estava consciente do calor que tinha entre as pernas e das carícias que a deixavam louca, alucinada, totalmente, fora de si. Abaixou a cabeça e inspirou o ar. Além de sua excitação, ela identificou o aroma da

colônia mesclada ao suor dele, e essa mistura de odores era mágica, transformando-se em um poderoso afrodisíaco.

Mordeu o lábio quando uma torrente de emoção a oprimiu e sentiu-se um pouco envergonhada do quanto estava excitada, a ponto de suas coxas ficarem molhadas e escorregadias com seus sucos. E quando a mão úmida dele aumentou a intensidade por sua carne e as sensações incontroláveis atingiram o ápice, ela soltou um grito visceral de prazer e libertação, com onda após onda de puro êxtase a percorrendo, deixando-a trêmula e ofegante, em completo abandono.

Com um braço ao redor dos ombros dela, Dimitri deleitou-se com a visão de sua mulher em pleno gozo, e quando percebeu que os tremores de seu corpo diminuía, afastou-se para pegar um preservativo de cima da mesinha encostada na parede. Com gestos ágeis e seguros, despiu a cueca *boxer*, retirou a camisinha da embalagem, desenrolou-a, envolveu seu pau com ela e regressou ao lugar onde tinha deixado Scarlet ajoelhada, de braços e com o tronco apoiado na tampa do piano, o rosto virado para o lado e os braços abertos.

Determinado, ele andou até ela, posicionou-se e pegou-a por trás. Tenso como um arco, penetrou-a, indo mais fundo, alcançando o limite absoluto até preenchê-la com sua rigidez ardente e pulsante.

Um gemido escapou dos lábios entreabertos de Scarlet, uma sensação de plenitude e consumação a tomando no instante em que Dimitri começou a se mover. Devagar, no começo, logo suas arremetidas foram ficando cada vez mais rápidas, tornando-se frenéticas, até que os dois alcançaram o orgasmo, praticamente ao mesmo tempo.

Capítulo 25

Era um começo de tarde ensolarado e agradável. O movimento estava tranquilo, portanto, ainda era possível curtir a calma da redondeza. Mais cedo, quando Dimitri acordou, já era quase meio-dia. Olhou para o lado e viu Scarlet adormecida, então resolveu deixá-la descansar um pouco mais, afinal, a pobrezinha tinha ido dormir muito tarde. Levantou-se e decidiu ir até a praia para dar um último mergulho. Uma hora depois, estava de volta, e havia acabado de cruzar a soleira da porta de entrada quando ouviu a voz dela questionar:

— Então, como estava o mar?

Arregalando os olhos, Dimitri observou-a com grande interesse, já que Scarlet usava apenas um colar e um par de brincos. Ele gostava de saber que, ao ficarem ali completamente sozinhos por vários dias, ela se sentia à vontade para transitar sem roupas pela casa e na presença dele. Scarlet lhe dissera uma vez que era algo libertador; na ocasião, ele apenas sorriu e não discordou.

— Tranquilo, mas eu acho que devia ter ficado mais tempo na cama, onde as coisas não seriam tão calmas assim — respondeu, insinuante, mas como ele logo percebeu, a namorada não estava em clima de romance.

— Devia mesmo era ter me acordado. Eu teria ido com você — reclamou ela, cruzando os braços e fazendo biquinho.

Frente daquela demonstração de descontentamento, Dimitri tocou sua bochecha, com leveza e carinho.

— E eu teria adorado a sua companhia. — Como Scarlet não falou nada, colocou dois dedos sob o seu queixo e virou seu rosto para que ela olhasse diretamente para ele. — Não fica assim, meu amor. Como nós fomos dormir muito tarde, eu fiquei com pena de te acordar. Achei que seria melhor deixar você descansar, já que teremos várias horas de voo mais tarde. — Calou-se e esperou que ela falasse algo, mas diante de uma Scarlet muda, ele emendou: — Eu prometo que, na próxima vez, te chamo. Tudo bem?

— Está bem, desta vez passa — cedeu ela, descruzando os braços. — Faz tempo que você saiu?

— Não muito, acho que faz uma hora.

— Entendi. — Scarlet pressionou a mão sobre o estômago. — Será que tem algo na geladeira, além de cerveja? — indagou, mudando de assunto e entrando na cozinha. Foi até o refrigerador, abriu a porta e enfiou a cabeça lá dentro.

Logo atrás, vinha Dimitri, parando e apoiando o corpo no balcão, de onde passou a admirar aquele corpo moreno e perfeitamente esculpido.

Intrigada com o silêncio dele, Scarlet olhou sobre os ombros.

— Antes de sair, eu preparei o café da manhã e deixei a bandeja na mesinha do quarto — comentou Dimitri.

— E estava uma delícia, tanto que comi tudo, só que agora eu queria outra coisa... — disse ela, com o olhar vagando pelas prateleiras.

— E o que seria essa outra coisa?

Scarlet moveu os ombros.

— O pior é que eu não sei... Alguma coisa doce ou azedinha...

Dimitri acertou a postura e limpou a garganta.

— Eu acho que vi um iogurte aí dentro, mas você vai ter que se curvar, porque está na parte de trás da prateleira — indicou, tratando de se manter sério.

Scarlet assentiu e inclinou-se para frente, então Dimitri pôde apreciar cada centímetro dela. Diante da visão daquela bundinha deliciosamente firme e empinada, ele sentiu seu pau começar a pressionar o tecido do short ainda úmido e foi incapaz de segurar um gemido.

Com um suspiro, Scarlet endireitou-se e os cachos dos cabelos castanhos moveram-se quando ela se virou para ele, tentando parecer irritada.

— Mentiroso! Não tem nenhum iogurte aqui. Fez de propósito, só para ficar me olhando. — E lançou um olhar fulminante e acusador para Dimitri, que levantou os braços.

— Culpado! — admitiu e sorriu, com os olhos percorrendo o corpo dela como uma carícia.

Scarlet não retribuiu o sorriso, mas, no íntimo, apreciava a maneira intensa e quente que ele tinha de fitá-la. Dimitri sempre fazia isso, e em todas as vezes ela se sentia a mulher mais bonita e amada do mundo. No entanto, ele tentou enganá-la, e essa atitude merecia uma pequena revanche.

Não vou deixá-lo sem uma resposta, pensou, fechando a porta da geladeira. E com um quê de malícia no belo rosto, aproximou-se e pressionou o corpo nu contra o dele, então, ficou nas pontas dos pés e o beijou.

— Quando é mesmo que temos que partir?

Dimitri deslizou as mãos pela pele acetinada das suas costas, amassou a bunda redonda e durinha, e, puxando-a para si, encaixou mais os quadris.

— Pela programação que me deram, nós temos uns quarenta minutos até o helicóptero chegar — murmurou, abaixando a cabeça e depositando um beijo numa área sensível do pescoço dela.

A carícia suave causou tremores involuntários em seu corpo, mas Scarlet juntou os lábios e esforçou-se para não demonstrar o quanto o toque dos lábios dele em sua pele nua a tinha afetado, ainda mais sentindo o quão ele estava excitado. Ela deu um passo para trás e falou:

— É uma pena, mas quarenta minutos é o tempo que vou levar para colocar todas as minhas coisas dentro das malas. — Devagar, passou os dedos pelo peito largo e exposto, fingindo-se chateada. — Caso contrário, poderíamos nos divertir um pouco antes de irmos embora. Mas nós teremos outras oportunidades — provocou e olhou-o de uma maneira bem sedutora.

Girando o corpo e ciente de que Dimitri acompanhava cada um dos seus movimentos, Scarlet deixou a cozinha, e exagerando no balanço dos quadris, subiu as escadarias. E foi com os lábios esticados em um pequeno sorriso vitorioso que ela adentrou o principal quarto da casa.

Dimitri sentiu o corpo reagir à provocação, e soltando uma imprecação, subiu os degraus de dois em dois, indo atrás dela.



No dia em que aconteceria a reunião na casa dos pais de Dimitri, ele pediu ao motorista que parasse, no fim da tarde, diante de um grande portão preto de ferro trabalhado. Quando este o fez, ele abriu a porta e estendeu a mão para ajudar Scarlet a descer do carro. Olhando em volta, percebeu que tudo ali estava no mais completo silêncio, exceto pelo barulho do vento balançando as folhas das árvores.

Depois de deixarem o Aeroporto Internacional de Istanbul, Atatürk, haviam viajado por quase duas horas até chegarem à casa antiga, em estilo otomano e com três andares. No térreo havia uma garagem, um belo jardim de inverno e um terraço. No primeiro andar ficava uma espaçosa sala de estar, uma cozinha de ótimo tamanho, a suíte principal e um quarto de hóspedes. O terceiro andar era composto de uma suíte, um escritório, uma pequena sala e uma linda varanda. Ficava em uma rua sossegada no início do bairro Nişantaşı, na parte europeia da capital da Turquia.

Quando seus olhos se cruzaram com os dela, Dimitri percebeu que Scarlet tinha ares de estar nervosa, então agarrou sua mão e fez um gesto com a cabeça, acompanhado por um sorriso. Estava determinado a lhe transmitir toda tranquilidade e segurança possível.

— Pronta? — indagou, a ponto de atravessarem o portão.

Scarlet olhou para ele e respirou fundo.

— Pronta — disse e balançou a cabeça com energia, simulando uma calma que estava longe de sentir. Por dentro, o coração subia por sua garganta e a ansiedade a comia viva. *E seja o que Deus quiser*, completou, intimista.

Mais tarde, quando Dimitri acabava de fazer as apresentações, Scarlet pôde relaxar ao se dar conta de que, como ele lhe garantira, não havia um motivo real para todo aquele seu nervosismo, porém, ela não foi capaz de evitar sentir-se apreensiva até o instante em que conheceu os pais dele. E o surpreendente é que foram necessários apenas uma troca de olhares, alguns sorrisos e frases para que a simpatia e as boas-vindas do casal Antonya e Sergei Ulinov fossem estendidas a ela, o que acalmou a pianista instantaneamente.

Em poucos minutos, Scarlet compreendeu que se tratava de um casal que transmitia carinho, afeição e amor. Confirmando o que Dimitri havia lhe dito, ambos asseguraram que estavam contentes pelo filho, deixando claro que o que mais desejavam na vida era a sua felicidade. E Dimitri não disfarçava seus sentimentos. Estava em seu semblante, nos olhos, sorriso e gestos como se sentia em estar ao lado dela e por oficializar a relação deles naquela mesma noite.

O aceno de Dennis do outro lado da sala chamou a atenção de Scarlet, mas não demorou muito para o músico sorridente, juntar-se a eles. Quebrado o gelo e o rápido desconforto inicial, todos se sentaram à enorme mesa para conversarem até que o jantar começasse a ser servido.

— Dimi, você falou com ela sobre aquele assunto? — Scarlet questionou em um tom de voz baixo, para que apenas ele a escutasse, ao mesmo tempo em que olhava na direção de Melissa Andrade, a agente do grupo, sentada na outra extremidade da longa mesa.

Dimitri apresentara uma para a outra, via Skype, havia um par de meses, mas só agora surgira a oportunidade de as duas se conhecerem pessoalmente. Como agente e amiga pessoal de Dimitri, os pais dele fizeram questão de convidá-la, e ao contrário da irmã, Scarlet e Melissa se deram bem logo de cara. A agente era uma mulher admirável, o tipo de pessoa que batalhava pelo que queria, muito correta, generosa e profissional.

— Sim. Eu falei para ela resolver a situação com a irmã, e depois que a Melissa me contou como foi a conversa entre as duas, eu não creio que a Jennifer volte a nos incomodar — garantiu Dimitri, no mesmo tom.

Em dúvida, Scarlet virou a cabeça para ele.

— Como você pode ter tanta certeza?

— A Melissa sustenta a irmã mais nova e o sobrinho. Todo mês, ela deposita um valor na conta da Jennifer, e ameaçou cortar esse *benefício* caso a irmã continue nos importunando. E a Mel foi mais longe ainda: proibiu-a até mesmo de ir aos eventos em que nós dois formos convidados. Portanto, ela não terá outra opção, a não ser se afastar.

— Isso seria ótimo. Depois do que ela tentou fazer, não quero vê-la nem pintada de ouro. Sou capaz de arrancar aquele cabelo falso dela — disse, rangendo os dentes. — Mas você acha que a Jennifer vai obedecer a Melissa?

Dimitri chegou mais perto, quase a ponto de colar os lábios na orelha dela.

— Desde que a irmã engravidou e o pai não assumiu o bebê, a Mel tomou para si a responsabilidade de cuidar da criança. Os pais delas já morreram, então, são só as duas. A Jennifer nunca parou em nenhum emprego, e se quiser que a irmã continue a bancá-los, tanto a si quanto o menino, ela vai ter que se tocar e ficar na dela, caso contrário terá que se virar e arrumar um trabalho. E eu duvido que ela faça isso, está acostumada demais a ser sustentada para dar adeus à boa vida.

— Entendi — Scarlet disse simplesmente, evitando verbalizar o que realmente pensava sobre pessoas que se aproveitavam da generosidade das outras. Pelo que acabara de ouvir, Jennifer usava o amor da irmã pelo sobrinho para obter uma vida de regalias para si mesma.

— Está mais sossegada, agora que conheceu os dois? — Dimitri quis saber, estudando as feições dela.

— Sim, estou. E antes que você me diga “*eu falei*”, adianto que você estava coberto de razão. Percebi, por mim mesma, que seus pais são o máximo. Amei muito conhecê-los — assumiu Scarlet, com os olhos brilhando. Ali, naquela casa e ao lado do amor de sua vida, rodeados pela família dele, ela sentia-se capaz de transbordar de felicidade a qualquer momento.

Epílogo

Desde a noite em que oficializaram o namoro, passara-se pouco mais de um ano e meio, e, naquele momento, Scarlet irradiava uma felicidade difícil de conter. Seus olhos brilhavam de alegria, pois estava a ponto de unir-se em matrimônio ao homem bonito, famoso e que amava mais do que tudo na vida. De pé, em frente ao espelho, ela sorria ao admirar o reflexo de sua figura esguia vestida de branco.

— Não é por ser minha filha, mas você é a noiva mais linda que eu já vi. Seu pai teria adorado poder te levar até o altar — lamentou Laura, com a voz embargada.

Fazia seis meses que Dimitri e Scarlet tinham voltado a tocar no assunto e decidiram que era o momento de chamar a mãe dela para morar com eles. Por isso, Dimitri adquiriu uma casa de bom tamanho no mesmo bairro em que seus pais viviam, em Istambul.

— Eu sinto muito a falta dele, ainda mais neste momento da minha vida. — Scarlet ergueu a mão até o cantinho do olho e secou uma lágrima furtiva. — Mas onde quer que ele esteja, eu sei que está feliz por saber que consegui realizar o meu sonho de me tornar uma pianista reconhecida e que estou para concretizar outro sonho me casando com o homem que eu amo.

— Eu penso o mesmo que você. — E sem tirar os olhos da filha, Laura continuou: — Mas acho melhor nós pararmos por aqui. Esta nostalgia toda vai nos fazer chorar e eu não quero que você borre essa sua maquiagem perfeita — disse e sorriu, apesar de sentir o peito apertado.

Scarlet anuiu com um gesto e pegou o buquê que a mãe lhe estendia. Virou-se, respirou fundo e deixou o quarto.

Enquanto isso, na igreja lindamente decorada, Dimitri aguardava sua chegada, bem como os familiares, amigos e demais convidados.

— Nervoso? — indagou seu pai, observando o filho esfregar uma mão na outra.

— Um pouco, mas estou bem — respondeu Dimitri, balançando os ombros na esperança de descontraír os músculos tensos do pescoço. — Eu estou feliz, porque hoje vou me casar com a mulher que amo mais do que tudo nesta vida e, se houver, na próxima também.

Quando os músicos contratados começaram a tocar *Ave Maria*, de Gounod, acompanhados pela soprano Susana Callas, um burburinho tomou conta do lugar e centenas de cabeças viraram quase ao mesmo tempo para

olharem na direção da entrada. Rostos ansiosos ficaram à espera da abertura das portas duplas e da aparição da noiva, a qualquer momento.

Não demorou para Scarlet adentrar a igreja de braço dado com Dennis. Um mês antes, durante uma conversa onde discutiam os últimos detalhes da cerimônia, alguém perguntou quem faria o papel do pai dela. Sem perceber, Scarlet olhou para o local onde Dennis estava sentado, e este imediatamente se prontificou, como seu amigo e futuro cunhado, a levá-la ao altar e entregá-la ao irmão gêmeo.

Assim, a cerimônia foi realizada, tão linda quanto emocionante. Durante a recepção, Dimitri liberou seu lado mais possessivo não saindo, em momento algum, do lado de Scarlet.

— Você é a razão para eu acordar pelas manhãs e seguir em frente. Você ilumina a minha vida com o seu sorriso. Quero passar o tempo que me resta ao seu lado, Scarlet — declarou em dado momento, beijando-a, para em seguida serem chamados para a valsa dos noivos.

Horas mais tarde, quando finalmente encontravam-se sozinhos na suíte do hotel que fora reservada para passarem a noite de núpcias, antes de pegarem o voo para Bahamas, na manhã do dia seguinte, o olhar dele encontrou o dela, causando uma descarga elétrica de excitação, e Dimitri experimentou uma sensação poderosa de desejo. Logo viram-se no interior do quarto, às escuras, sentindo pele contra pele, em um esforço para se despirem sem quebrar o beijo ou deixarem de se tocar.

Scarlet arqueou-se para alcançar o fecho do vestido, e sem dizer nada, Dimitri a virou e ajudou-a a tirá-lo, em seguida, ele fez amor com ela com uma paixão desesperada, beijando e acariciando cada centímetro do corpo da esposa, sem se permitir pensar em outra coisa senão em possuí-la de todas as maneiras possíveis.

Em resposta, Scarlet o amou com uma sensualidade ambiciosa e deliciosamente desinibida, mordendo seu ombro e aprisionando sua cintura com a pressão poderosa das pernas, tão excitada e insaciável quanto o marido. E a conexão entre eles era tão forte que sentiam que suas almas haviam se tocado.

Uma semana depois, Dimitri e Scarlet estavam na primeira parte de sua lua de mel, em uma ilha paradisíaca nas Bahamas, e tinham acabado de retornar de um passeio de barco que levava quase toda a manhã. Após se refrescar, Scarlet resolveu descansar por alguns minutos antes de saírem para almoçar, num restaurante próximo ao resort e especializado em frutos do mar.

Enquanto Dimitri respondia alguns e-mails pelo notebook, ela

relaxava em uma espreguiçadeira no terraço, apreciando a magnífica vista. De repente, o celular dele tocou, e, curiosa, Scarlet girou o pescoço para vê-lo pegar o aparelho e atender à chamada. Como de onde estava não conseguia ouvir nada ou identificar com quem o marido conversava, ela voltou a apreciar a paisagem.

Pouco tempo depois, Dimitri apareceu no terraço e apoiou-se na balaustrada. Estranhando o fato de ele ter ficado com o olhar perdido logo depois de receber aquela chamada, Scarlet questionou-o:

— O que foi, Dimi? Algum problema?

Ele se virou e lhe lançou um olhar assustado, então meneou a cabeça, negando.

— Pelo contrário. Acabei de receber uma ótima notícia.

— Conte-me! Que notícia? — indagou Scarlet, bastante interessada.

— Eu estava falando com o Doutor Borges. Ele me disse que o resultado do processo saiu — contou Dimitri, e pegando-a pelos ombros, ajudou-a a se levantar. Carinhoso, abraçou a esposa. — Acabou, meu amor. A sombra escura que pairava sobre as nossas cabeças se dissipou, já não existe mais.

Dimitri seguiu explicando que, diante das graves acusações que teria de responder e aconselhado por seu advogado, Edgar concordou em depor contra Rodney. Ao prestar o depoimento, ele descreveu, com riqueza de detalhes, como haviam idealizado todo o plano contra Scarlet e entregou um celular contendo dezenas de mensagens, escritas e de áudio, onde os dois falavam sobre os telefonemas mudos no meio da noite, os envios dos arranjos das rosas azuis, bem com o planejamento do sequestro ao descobrirem que ela retornaria ao Brasil para o enterro do pai.

O celular com as mensagens foi anexado ao caso, e após finalizado o inquérito, este foi enviado ao Ministério Público. Vários meses se passaram enquanto o processo era analisado, e, por fim, as medidas preventivas solicitadas foram acatadas e colocadas em prática. Em vista disso, Rodney ficava impossibilitado de seguir atormentando-a.

Levou bastante tempo, mas só de saber que aquele pesadelo que a angustiara por anos a fio tinha acabado, Scarlet sentia-se leve, como se uma tonelada tivesse sido retirada de seus ombros. Ela mal se lembrava de quando sentira uma paz como a que se instalara em seu coração naquele momento.

— Esperei tanto por essa notícia. Depois do que aconteceu, tudo mudou e eu nunca mais fui a mesma, mas quando você entrou na minha vida,

importou-se, cuidou de mim e me mostrou o amor verdadeiro, eu voltei a me sentir segura outra vez.

Dimitri envolveu as mãos dela entre as dele.

— Eu te amo. Faria tudo de novo, se necessário. Não há ninguém nesse mundo que signifique mais para mim do que você.

Emocionada, Scarlet olhou-o, e em sua mente vislumbrava com alegria o caminho por onde a vida a conduzia: a carreira ia muito bem, acabara de se casar, e agora recebia a notícia de que o bandido do Rodney não voltaria a atormentá-la. O que mais poderia desejar? Já se sentia uma mulher feliz e realizada. Pelo menos, isso foi o que ela pensou...

Depois anos depois.

Em um pequeno recesso entre uma turnê e outra, Scarlet combinou de ir até o centro da cidade para almoçar com Emma. Já há algum tempo não faziam isso, e como Dimitri tinha um compromisso de trabalho naquela tarde, ela decidiu que aproveitaria o tempo, passeando e conversando. Terminado o almoço, Scarlet recebeu uma mensagem da recepcionista da clínica de sua médica ginecologista pedindo que ela fosse até lá, se possível, naquela tarde. No dia anterior, ela havia comparecido a uma consulta, pois andava sentindo alguns incômodos que não considerava normais.

— Scarlet, nós já temos a análise do seu sangue. — A doutora Eliana retirou os óculos de grau e pousou-os sobre o exame, causando um rufar forte no coração de sua paciente e elevando seu nervosismo ao limite. — E o resultado confirma a sua gravidez.

Respira... respira...

Seu comando levou uns três segundos para chegar até os pulmões e Scarlet precisou puxar o ar com mais força, enquanto a médica começava a discorrer sobre os cuidados que ela precisaria tomar dali em diante. Por um minuto inteiro, ela ficou estática, olhando para a mulher mais velha sem esboçar qualquer reação.

Não acredito que estou grávida.

Uma vez, em Roma, Scarlet chegara a pensar que tinha engravidado; seu período estava atrasado, ela sentia um cansaço constante e seu estômago não andava nada bem. Mas quando decidiu comprar um teste para sair de dúvidas, sua menstruação resolveu aparecer, então soube que não passara de um alarme falso.

Embora estivesse ciente de que aquele não era o momento ideal para ter um bebê, por vários fatores, entre eles, o fato de ainda ser muito jovem, de

estar no início de sua carreira e do seu namoro com Dimitri ter pouco mais de seis meses, quando descobriu que não estava grávida, sentiu algo estranho, como uma perda. Enquanto não tinha certeza, foi inevitável criar fantasias em sua cabeça, mesmo que a possibilidade, na época, a tivesse deixado apavorada.

— Aqui... — Ouviu a doutora Eliana dizer, mas ainda estava um pouco aérea. E só quando as batidas fortes do coração do seu bebê ecoaram dentro do consultório foi que ela finalmente admitiu que estava mesmo acontecendo. Era real. Dimitri e ela haviam gerado uma vida que crescia em seu ventre. A constatação desse fato fez seus olhos se encherem de lágrimas, começando a descer sem controle por suas bochechas. — Um pequeno coração, mas que bate com muita força — emendou a médica, vendo como sua paciente estava emocionada.

Quanto mais ouvia aquelas batidas, mais Scarlet se convencia do quão forte era a vida dentro dela. Sua expressão mudou de surpresa para radiante, e ela mal podia esperar para contar a novidade para Dimitri.

— Posso ouvir o coraçãozinho outra vez? — pediu e sorriu, lacrimejante.

Quando Scarlet deixou a clínica, levava uma cópia do ultrassom na bolsa. No instante em que avistou o shopping, decidiu que pararia, pois queria ir a uma loja específica, a fim de adquirir alguns itens. Uma hora depois, cruzava a soleira da porta de entrada de sua casa com uma mão pousada na barriga. Seu coração palpitava e uma corrente de entusiasmo a invadiu, pois estava a poucos minutos de revelar ao pai a existência do bebê. Tinha acabado de colocar a bolsa sobre o aparador quando o viu entrar na sala, vindo do quarto, ir até ela e lhe dar um selinho.

— Oi, amor — Dimitri saudou-a ao se afastar. — Está tudo bem?

— Tudo ótimo. E como foi o seu encontro com a Melissa? Você está mesmo decidido a gravar o DVD com a Orquestra Sinfônica de Roma?

— Ainda faltam alguns detalhes para acertarmos, mas tudo indica que sim — respondeu ele. — E o que você tem aí? — questionou, os olhos sobre a sacola nas mãos dela.

— Dei uma passadinha no shopping e vi algo que me fez lembrar de você — respondeu Scarlet, puxando uma caixa quadrada de dentro dela.

— Um presente para mim? Que dia é hoje? — intrigado, Dimitri uniu as sobrancelhas. *Será que esqueci alguma data especial?*, perguntou-se, apreensivo.

— É só uma lembrancinha — Scarlet tranquilizou-o. Em seguida, pegou sua mão e o guiou até o sofá, onde se sentaram lado a lado. — Tenho certeza de que você vai gostar.

Dimitri voltou a olhar para a esposa enquanto desfazia o laço que envolvia o seu presente. Colocou a fita de lado e abriu a tampa devagar. Ansiosa, Scarlet remexeu-se no assento quando viu o papel de seda ser retirado, deixando à mostra um cartão onde ela fizera uma declaração.

— Leia em voz alta — instruiu.

Depois de limpar a garganta, Dimitri assim o fez:

— Dimi, desde que nos conhecemos, o destino pareceu conspirar para que nós chegássemos a este momento. Fortaleceu o sentimento que existia dentro de nós, selou nossos corpos e uniu nossas almas. O nosso casamento foi o momento mais bonito da minha vida. Eu tinha você, a minha carreira e a nossa casa. Eu passei a acreditar que possuía tudo o que sempre desejei, mas isso foi só até perceber que eu poderia ter mais. E esse “mais” é tão importante que é capaz de mudar as nossas vidas para sempre, e de maneira irreversível. — Ele fez uma pausa antes de continuar. — A partir de hoje, um mais um não será dois, e sim três, porque dentro de mim batem dois corações por você. Parabéns, meu amor, você vai ser papai!

Dimitri prendeu a respiração por alguns instantes, parecia não compreender totalmente o significado do que acabara de ler.

— Isso é sério? — perguntou, a expressão aturdida.

Igualmente emocionada, Scarlet apontou para a caixa na mão dele.

— A resposta está aí dentro...

Dimitri abaixou a cabeça e olhou o interior da caixa. Pegou o par de sapatinhos brancos, um *body* da mesma cor e, por fim, o exame de ultrassom que Scarlet fizera mais cedo, então voltou a encará-la com os olhos marejados, revelando uma faceta incrivelmente terna.

— É sério mesmo... Eu vou ser pai... — Sem conseguir se conter, ele estreitou a esposa nos braços, e antes que se dessem conta, eles riam felizes enquanto rodopiavam pela sala.



Depois de cinco turnês mundiais, apresentando-se nos maiores e mais famosos palcos do mundo, Dimitri começou a pensar em dar um tempo, pois com a gravidez de Scarlet, ele não queria seguir viajando tanto como antes. E a notícia acabou sendo a motivação que ele precisava para tomar a decisão

final. Com isso em mente, pediu uma reunião com os demais membros do grupo, e tanto Dennis quanto Emma receberam bem suas explicações.

Ele havia ponderado por vários dias e decidiu que precisava estar mais presente para Scarlet, e era seu desejo acompanhá-la durante toda a gestação e o começo da vida do bebê que teriam, afinal, estavam tocando há mais de quatro anos e quase não haviam tido um período bom de descanso por todo esse tempo. Por fim, ficou acordado que o hiato seria de dois anos, quando então os quatro voltariam a se reunir; nesse ínterim, poderiam se dedicar a outros projetos.

Dennis e Emma decidiram criar um canal no YouTube, onde postariam os vídeos que gravariam juntos. Como não queria e não podia ficar parado, Dimitri pensou em tirar alguns antigos projetos da gaveta e os colocar em prática. Poderia pensar em aceitar, ainda que de maneira esporádica, alguns dos vários convites que recebera nos últimos tempos para se apresentar como solista em orquestras. Também era seu desejo gravar um DVD interpretando *As Quatro Estações*, de Vivaldi, com um maestro que admirava e acompanhado por uma orquestra. Sempre quis fazer algo do tipo, mas nunca tivera tempo para se dedicar a um projeto como esse.

Os meses se passaram e Scarlet deu à luz a uma linda menina. Na noite em que a filha do casal de musicistas completou um ano e quatro meses de vida, o grupo se reuniu para o show de abertura que marcaria o retorno do *Duo Ulinov*.

Com os dois tocando no palco, dava para sentir as faíscas no ar, pois estavam no limite, alimentando-se da música e colorindo o mundo com sua energia, entusiasmo e alegria de viver que sempre os caracterizaram. Além da presença de Scarlet e Emma, Dimitri convidou vários artistas famosos para se apresentarem com eles. Iniciariam a turnê com seis apresentações na Itália, com as entradas esgotadas assim que o show foi anunciado, rendendo ao grupo quase um milhão de euros.

Estavam ansiosos para realizar sua melhor performance, e em cada novo concerto, a dupla mantinha o pique musical renovado. O ambiente dos bastidores era amigável, e nos intervalos, Dimitri, Scarlet e a pequena Pérola podiam ser vistos passeando pela cidade. De bem com a vida, Dimitri até aceitou dar entrevistas para falar sobre a nova turnê, algo que evitara até então.

Ao fim do primeiro show e enquanto a via inclinar-se para ajeitar a filha dentro do carrinho, Dimitri observava a mulher, embevecido. Scarlet estava extremamente linda em um vestido verde leve, com os cachos presos em um coque elegante no alto da cabeça e de saltos. Cada movimento, cada

olhar e cada gesto dela fazia seu coração transbordar de emoção.

Quando Scarlet levantou lentamente a cabeça e olhou para ele, Dimitri sentiu-se o homem mais feliz do mundo. Scarlet e Pérola eram sua família, duas pessoas pelas quais ele seria capaz de dar a própria vida. Uma hora depois, entravam no apartamento, e quando a bebê dormiu, Scarlet depositou-a com cuidado no berço e acariciou seu cabelo castanho e ondulado nas pontas enquanto a olhava com amor, e Dimitri simplesmente não conseguia parar de admirá-las.

— Está lindo, Dimi — disse ela, após voltarem para a sala, acomodada no confortável sofá e com um sorriso sensual nos lábios carnudos.

Dentro de um terno escuro e bem cortado, uma camisa branca por baixo e com os primeiros botões abertos, Dimitri estava realmente de tirar o fôlego, e a elegância do traje fazia um contraste maravilhoso com os longos cabelos presos, o rosto salpicado de sardas e a barba cheia, dando-lhe um aspecto viril e um tanto selvagem.

Elevando uma sobrancelha, ele a olhou, mas logo se concentrou em servir duas doses de bebida no aparador e, quando se aproximou da esposa, ofereceu-lhe uma copa.

— Eu andei pensando e cheguei à conclusão que sou um homem de muita sorte; amo o que faço para viver, a mulher da minha vida é talentosa, companheira, linda, sensual... e, além de todas essas qualidades, me deu uma filha bela e saudável. — Dimitri tinha um brilho especial nos olhos. — Brindemos à vida, meu amor — concluiu e sorriu charmoso quando Scarlet retribuiu o sorriso, imitando-o e tocando sua taça com a dele.

FIM.

Sobre a autora

Angie Mello é mãe solo de dois rapazes. Leitora assídua desde a adolescência, quando não está escrevendo, gosta de estar em família, ver filmes, documentários, séries e apreciar boas músicas.

ACOMPANHE A AUTORA NAS REDES SOCIAIS

[FACEBOOK PERFIL](#)

[FANPAGE](#)

[WATTPAD PERFIL](#)

TWITTER: @angiemello

Não esqueça de deixar uma avaliação. Ela é muito importante, pois além de impulsionar a obra, ajuda a autora a se dedicar à criação de novas histórias.

Conheça outros títulos da autora



Sonhos Enlaçados

Spin Off de Do que são feitos os sonhos

Bonito, imponente e sério, Enrico é o único homem capaz de fazer o mundo de Alana balançar com apenas um olhar, mas eles não têm nada em comum, pelo contrário, não poderiam ser mais diferentes.

Enrico perdeu os pais em um acidente de carro numa noite chuvosa, e desde então sua vida mudou e ele nunca mais foi o mesmo. Marcado pela tragédia e sendo o mais velho de três irmãos, abriu mão de seus sonhos e aspirações para trabalhar, sustentar a casa e manter a família unida.

Vários anos depois, é traído da pior maneira possível, o que o torna um homem desiludido e amargurado. Quando sua irmã mais nova se apaixona por um homem mais velho, ele conhece Alana e sente-se bastante mexido, porém, a situação em que se encontram é delicada e ambos batem de frente logo de cara.

Ela o despreza e ele não a suporta, mas a antipatia mútua não impede que uma forte atração surja entre os dois, pegando-os de surpresa.

Agora, Alana e Enrico terão que tomar uma decisão: reprimir o que sentem ou viver uma paixão tão indesejada quando avassaladora.



Do que são feitos os sonhos

George é um dedicado pai de família, tem duas ótimas filhas, um casamento estável e uma carreira invejável. Fez fortuna como empresário e está sempre em busca de novos empreendimentos. Porém, ainda que sua vida semelhe à perfeição, nem tudo é o que parece.

Ele não é um homem feliz. Seu casamento com Maristela, uma socialite que segue uma rotina rígida, sem espaço para imprevistos ou surpresas, há muito acabou. Disposta a tudo para manter as aparências, a mulher nunca mediu esforços para mantê-lo ao seu lado. No passado, George cedeu às suas chantagens por amor às filhas, as duas pessoas a quem mais ama na vida.

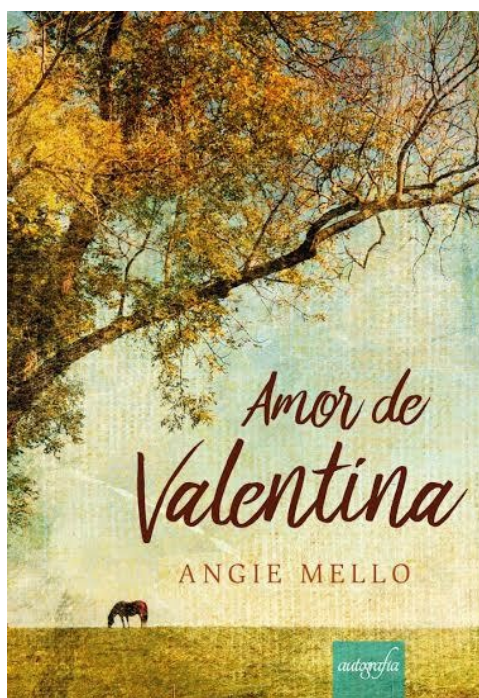
Durante uma viagem a trabalho, conhece Isabella, uma jovem simples e com menos da metade de sua idade, mas que mexe com ele a ponto de fazê-lo se perguntar se seu destino é mesmo permanecer preso a um casamento de conveniência ou se ainda não é tarde demais e ele tem direito à felicidade.

Órfã desde os nove anos de idade, Bella é a mais nova de três irmãos, por isso sempre foi superprotegida, tanto por Eros, o do meio, quanto por Enrico, o mais velho. Estudiosa e determinada, batalhou muito para cursar Pedagogia, um sonho que alimentava desde a infância. A conclusão do curso torna Bella o maior motivo de orgulho de Enrico, que abriu mão de seus próprios sonhos e aspirações para trabalhar e sustentar a casa, e assim manter a família unida.

Em um fim de tarde, no caminho para casa, um acidente acontece e Bella se depara com George, um homem cujo estilo e aparência são diferentes das pessoas com quem convive. Apesar das diferenças, logo Bella se vê fascinada por seu olhar intenso, intrigada pela áurea de mistério que o envolve e por seu charme maduro.

Uma mulher obsessiva e que não está disposta a perder, dois irmãos mais velhos e protetores, diferença de idade e classe social são alguns dos obstáculos contra os quais ambos terão que lutar para defender seu amor.

Embarque na história de Bella e George e venha descobrir *Do que são feitos os sonhos*.



Amor de Valentina

Um acidente, duas vidas que se cruzam.

Valentina Valdez, 27 anos, mulher independente e profissional competente. Depois da morte do pai decide que é tempo de tentar um recomeço e deixa a cidade onde vive, se candidatando a uma vaga de veterinária em Goiânia. Durante o trajeto, perde o controle do carro e sofre um acidente. Por coincidência, é socorrida pelo dono da fazenda para onde se dirigia, a fim de fazer a entrevista.

Matheus Zanetti, 31 anos, é um fazendeiro bem sucedido e possuidor de um haras. Um homem determinado e seguro do que quer para si. Se fez sozinho à custa de muito trabalho, esforço e dedicação. Seu maior sonho é encontrar a mulher da sua vida e constituir uma família.

Será que o destino, que os unirá em um mesmo lugar, vai conseguir provar para Valentina, que ela está enganada quanto ao que pensa sobre o amor? E Matheus? encontrará nela, a mulher com quem poderá dividir seus sonhos, sua vida e seu futuro?



Laços de Pedra

Ele escolheu fugir. Ela não teve opção a não ser ficar.

Arthur Zanetti. 28 anos. Motoqueiro. Cowboy. Pegador.

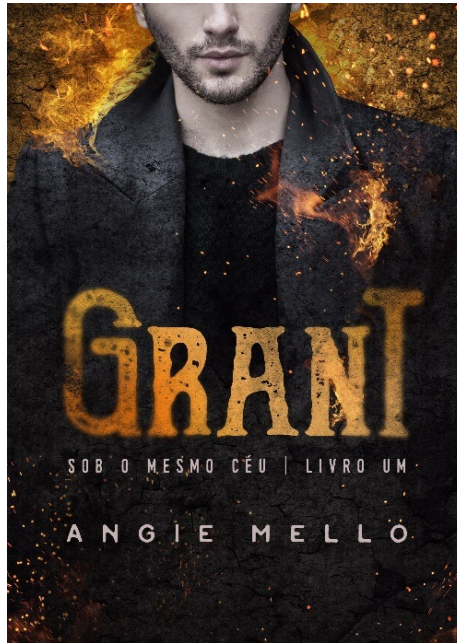
Depois de ter causado o acidente onde o irmão gêmeo sai gravemente ferido, abandona sua vida na fazenda, por não conseguir lidar com a culpa. Se foi sem saber que deixaria para trás, muito mais que um coração partido. Vários anos depois ele está de volta, a pedido do pai, que após sofrer um infarto, não está em condições de seguir cuidando dos negócios da família.

Victória Ventura. 26 anos. Engenheira Agrônoma. Mãe solo.

Ela sabe o que é ser abandonada. Foi deixada para trás por quem jurou que ficaria sempre ao seu lado. Ferida, levou muito tempo para que voltasse a confiar e a abrir o coração, porém, quando decide se dar uma nova chance, um diagnóstico inesperado muda tudo e ela sai em busca do passado. Pouco tempo depois, este retorna, reivindicando o que acredita possuir por direito: seu coração e seu filho.

Em meio a segredos, mentiras, conflitos, culpas e ressentimentos, a confirmação de que a química entre eles ainda está lá, mais forte do que nunca e é explosiva.

Arthur e Victória têm todos os motivos para permanecerem separados e apenas um, capaz de uni-los. Será que a paixão que sentem, será forte o suficiente para que fiquem juntos?



Grant – Série Sob o mesmo céu - Livro I

Grant Collins. Policial. 28 anos.

Vítima de uma traição sórdida, é enviado para a prisão. Após conseguir sua liberdade, com a ajuda do amigo e advogado Trent Campbell, decide que é seu dever ir atrás do chefe da operação que investigava antes de ser incriminado e condenado injustamente. Sua intenção é desbaratar a rede de tráfico humano montada pelo algoz e seus comparsas, enviando todos para o mesmo inferno de onde acaba de sair, a prisão de San Quentin. Devido a uma ameaça feita contra sua família, Grant se vê obrigado a deixar a cidade de San Diego e decide se mudar para Nova York, onde, sem muitas opções, se torna um faz-tudo para poder sobreviver, mas que não o impede de continuar seguindo as pistas que o levarão ao seu único propósito: obter reparação e justiça.

Danna Green. Dona de Casa. 34 anos.

Ela vive um casamento de fachada em uma luxuosa mansão nos Hamptons, sob o domínio de um marido controlador, possessivo e arrogante que não ama ninguém além de si mesmo. Sempre foi tratada como sua escrava pessoal, na cama e fora dela. Quando sente que não pode mais suportar, Danna toma a maior decisão de sua vida e inicia uma luta em busca da própria identidade.

O destino unirá essas duas almas. Ele anseia por esquecer os fantasmas do passado. Ela deseja sair de um casamento fracassado. Grant & Danna, um casal improvável em busca de libertação e um recomeço.

“Todos nós vivemos debaixo do mesmo céu.”



Aaron – Série Sob o mesmo céu – livro II

Tudo o que Aaron desejava, era terminar os estudos, se divertir com os amigos e curtir o seu início de namoro com a bela Amy. Porém, as coisas nem sempre saem como se quer, e ele vê sua vida tomar um rumo diferente do planejado. Devido a um acontecimento trágico do passado, Aaron se torna alvo de um amor materno obsessivo. Sentindo-se incapaz de suportar a situação sufocante e opressora dentro de casa, decide se alistar no Corpo de Fuzileiros Navais dos Estados Unidos.

Após o período de treinamento, é enviado para um país em conflito, em uma missão de reconhecimento, onde a patrulha da qual fazia parte sofre um atentado e todos são dados como mortos em combate.

Dois anos se passam, e Aaron, que sobreviveu ao ataque por milagre, é resgatado, mas não é mais o mesmo rapaz despreocupado de antes. Regressou com cicatrizes no corpo e na alma, e sem grande parte das lembranças dos últimos quatro anos de sua vida. Resgataram o seu corpo, mas será possível fazer o mesmo com a sua mente e o seu coração?

Segredos, conflitos, drama e paixão são os tópicos desta história de superação e amor.

“Todos nós vivemos debaixo do mesmo céu”



Theo – Série Sob o mesmo céu – livro III

Theodoro Zanetti – Advogado – Divorciado

Quando jovem, Theo saiu Brasil a fim de tentar a sorte no exterior. A cidade escolhida foi Nova York, onde aterrissou em busca do “sonho americano”. Uma vez na cidade, terminou seus estudos na área de Direito, casou-se com sua namorada, Sienna, e viu Aaron, seu único filho, nascer. Anos se passam. Segredos são revelados e traições descobertas. Desiludido, pede o divórcio e passa a acreditar que é hora de mudar. Nostálgico e sentindo falta de sua terra natal, toma a decisão de regressar ao Brasil para tentar se reconectar com suas origens.

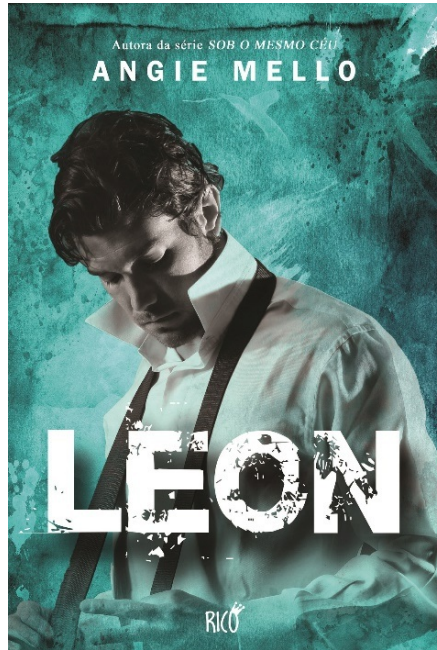
Isadora Meirelles – Fazendeira – Viúva

Isadora casou-se com Ricardo Medeiros, porém, não foi um casamento feliz. Logo após a lua de mel, se deu conta do quanto o marido era um homem possessivo e abusivo. Viciado em jogo e no turfe, perdia o que tinha e o que não tinha. Com dez anos de casada, ela enviúva e passa a criar seus dois filhos, tocar a fazenda e cuidar dos negócios sozinha. Totalmente dedicada ao trabalho e à família, relacionamentos sérios não estão em seus planos, muito menos voltar a se casar.

Um homem e uma mulher que levam na bagagem histórias de desamor, traição e decepção. O que será que o destino ainda tem reservado para eles? Existe uma idade limite para encontrar e viver um grande amor?

Uma história repleta de intensas emoções. Ciúmes, sexo, amor, chantagem, obsessão, reviravoltas e recomeços.

“Todos nós vivemos debaixo do mesmo céu.”



Leon – Série Sob o mesmo céu – livro IV

Ele sofreu duas perdas irreparáveis e tão dolorosas que desejou deixar de respirar.

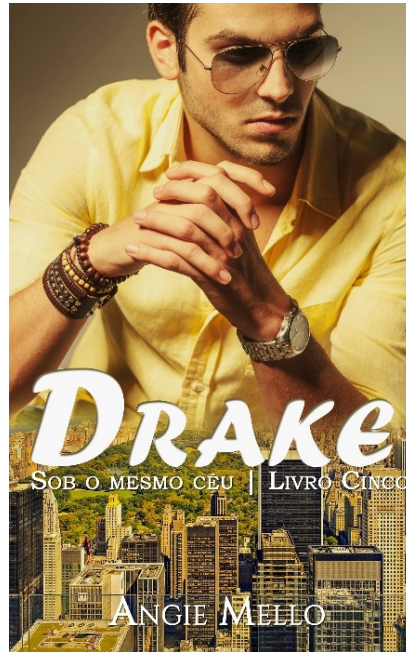
Leon vê Melissa, sua esposa grávida de sete meses, ser usada como escudo durante um assalto. Depois da morte do bandido por um atirador de elite, sua pressão arterial sobe a um nível assustador. É socorrida, mas entra em colapso. Uma cesariana de emergência é feita, mas tanto Melissa quanto o bebê não resistem e morrem. Após o enterro da mulher e do filho, e não conseguindo permanecer na cidade onde se casou, fez planos e sonhou com um futuro feliz, Leon sobe em sua moto e foge, passando a viver como um ermitão, numa cabana afastada, por três longos anos.

Um determinado dia, ele recebe uma carta da mãe, implorando pelo seu retorno, pois o senhor Jethro Carter, seu pai e com quem não mantém uma boa relação, foi diagnosticado com uma doença fatal e tem pouco tempo de vida. Leon reluta, mas, ao mesmo tempo, se pergunta se não chegou a hora de voltar e retomar sua vida e seu trabalho. No passado, foi um dos melhores e mais requisitados guarda-costas, acostumado a custodiar ricos e famosos, altos executivos e políticos.

Decide regressar à cidade. Revê a mãe e tem uma conversa com o pai. Pouco tempo depois, seu caminho se cruza com o de uma morena bonita, de grandes olhos castanhos e pernas compridas. Zayla e Leon sentem a forte atração que um exerce sobre o outro, desde o primeiro momento, porém, ambos têm seus próprios motivos para não estarem à procura de um novo relacionamento.

Uma história de superação, paixão, intrigas e amor. Prepare-se para suspirar da primeira até a última página.

“Todos nós vivemos sob o mesmo céu”



Drake – Série Sob o Mesmo Céu – Livro V

Drake é um jovem responsável, honesto e trabalhador. Criado só pela mãe, não chegou a conhecer o pai, nem mesmo sabe o nome do homem que o gerou. Essa situação indefinida em sua vida é algo que ainda não conseguiu superar. Dono de um temperamento introspectivo, é adepto dos esportes e tem um apego especial pela prática do boxe, pois é onde consegue extravasar o estresse do seu trabalho e manter o equilíbrio físico e mental.

Há cerca de um ano, mantém um relacionamento com Yasmin, a filha mais nova de um poderoso magnata preconceituoso e controlador. Porém, num determinado dia, a jovem termina o namoro dos dois alegando que, se não o deixar, o pai a expulsa de casa e tira seu nome do testamento. Decepcionado, com o coração partido e acreditando ter sido apenas um brinquedo para uma garota mimada, Drake decide aceitar o inevitável e segue em frente, determinado a esquecê-la.

Contudo, as coisas nem sempre são como parecem ser. Quando parte para a Espanha custodiando um alto executivo, coincidentemente também seu amigo de treino, Drake não faz ideia de que está muito perto de reencontrar a mulher que tanto anseia esquecer e que, por fim, a verdade virá à tona.

“Todos nós vivemos sob o mesmo céu”